

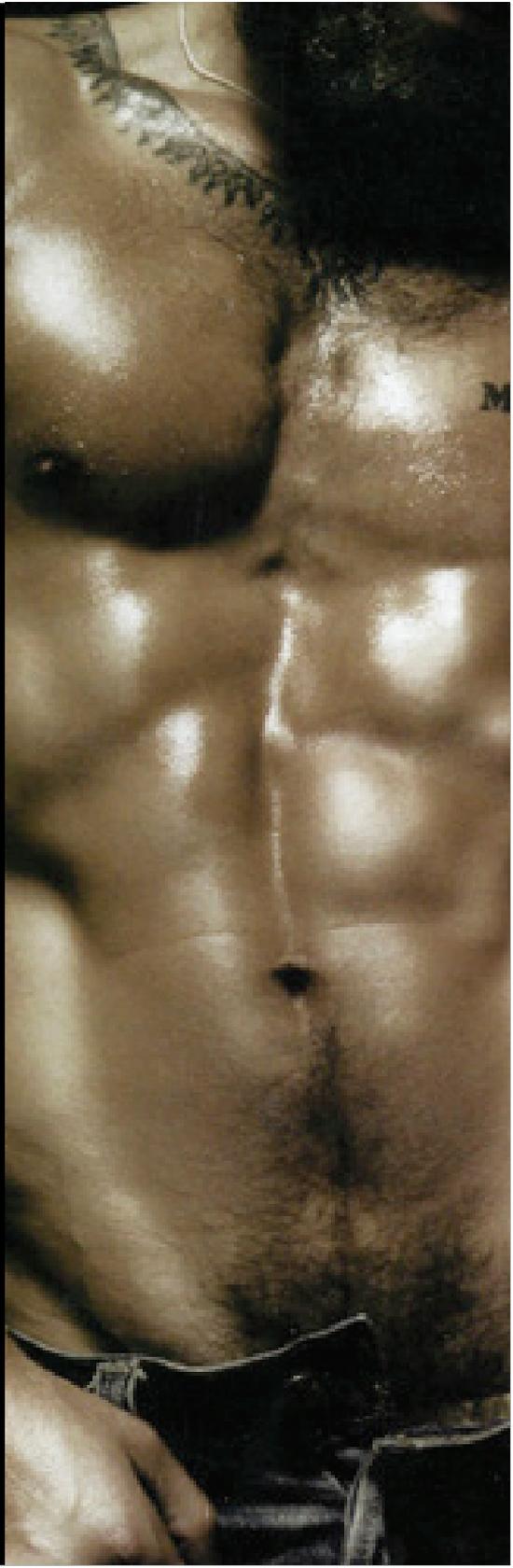
FELIPE VIERO KOLINSKI MACHADO

HOMENS QUE SE VEEM

masculinidades
nas revistas

Junior
e
Men'sHealth
PORTUGAL


editora **UFOP**



HOMENS QUE SE VEEM
Masculinidades nas
revistas *Junior* e *Men's Health Portugal*



UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto

Reitora

Cláudia Aparecida Marlière de Lima

Vice-Reitor

Hermínio Arias Nalini Jr.



editora**UFOP**

Diretor Executivo

Prof. Frederico de Mello Brandão Tavares

Coordenador Editorial

Daniel Ribeiro Pires

Assessor da Editora

Alvimar Ambrósio

Diretoria

André Luís Carvalho (Coord. de Comunicação Institucional)

Marcos Eduardo Carvalho Gonçalves Knupp (PROEX)

Paulo de Tarso A. Castro (Presidente do Conselho Editorial)

Sérgio Francisco de Aquino (PROPP)

Tânia Rossi Garbin (PROGRAD)

Conselho Editorial

Profa. Dra. Débora Cristina Lopez

Profa. Dra. Elisângela Martins Leal

Prof. Dr. José Luiz Vila Real Gonçalves

Prof. Dr. José Rubens Lima Jardimino

Profa. Dra. Lisandra Brandino de Oliveira

Prof. Dr. Paulo de Tarso Amorim Castro

Felipe Viero Kolinski Machado

HOMENS QUE SE VEEM
Masculinidades nas
revistas *Junior* e *Men's Health Portugal*

1ª Edição

Ouro Preto
2018



© EDUFOP

Coordenação Editorial

Daniel Ribeiro Pires

Capa

Equipe Editora UFOP

Fotomontagem com a Imagem 06 (pág.166)

Diagramação

Pollyanna Assis

Revisão

Ciro Mendes

Lívia Moreira

Rosangela Zanetti

Ficha Catalográfica

(Elaborado por: Elton Ferreira de Mattos - CRB6-2824, SISBIN/UFOP)

M149h Machado, Felipe Viero Kolinski.
Homens que se veem : masculinidades nas revistas Junior e
Men's Health Portugal / Felipe Viero Kolinski Machado. – Ouro
Preto : Editora UFOP, 2018.
268 p. : il. : color.

1. Imagem corporal. 2. Revistas. 3. Jornalismo. 4. Etnografia.
I. Título.

CDU: 391.01

ISBN 978-85-288-0366-2

Esta obra foi selecionada pelo Conselho Editorial da Editora UFOP, a partir do Edital nº 002/2017, após avaliação por pareceristas *ad hoc*.

Todos os direitos reservados à Editora UFOP. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, arquivada ou transmitida por qualquer meio ou forma sem prévia permissão por escrito da Editora.

A originalidade dos conteúdos e o uso de imagens são de responsabilidade dos autores da obra.

EDITORA UFOP

Campus Morro do Cruzeiro

Centro de Comunicação, 2º andar

Ouro Preto / MG, 35400-000

www.editora.ufop.br / editora@ufop.edu.br

(31) 3559-1463

*Dedico este livro a minha mãe, Jane, amiga e parceira,
sem a qual nada disso seria possível.
Dedico também ao Carlos, pelo amor, pelo
companheirismo e pelos sonhos.
Dedico, ainda, a todas e a todos que ousam
aventurar-se para além do preestabelecido. Que suas
jornadas sejam felizes!*

*Onde há poder, ele se exerce.
Ninguém é, propriamente falando, seu titular;
e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada
direção, com uns de um lado e outros do outro;
não se sabe ao certo quem o detém;
mas se sabe quem não o possui.*

(Michel Foucault. Microfísica do poder.)

SUMÁRIO

11	APRESENTAÇÃO
15	PRELIMINARES
	CAPÍTULO 1
23	PORQUE NINGUÉM NASCE HOMEM, MAS SE TORNA, E PORQUE OS GAYS NÃO SÃO HOMENS
25	1.1 Dos sexos “naturalmente” dados aos gêneros consequentemente permitidos...
42	1.2 ... e às sexualidades possíveis
49	1.3 Dos retalhos que se costuram em identidades
	CAPÍTULO 2
65	A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DOS CORPOS
68	2.1 Sobre a fluidez dos corpos
75	2.2 Somos todos <i>Frankenstein</i>
	CAPÍTULO 3
85	DOS CAMINHOS VIVIDOS ÀS PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS ENCONTRADAS: COMO ESTUDEI <i>JUNIOR</i> E <i>MH PORTUGAL</i>
90	3.1 Sobre as formas então possíveis de desenvolver essa pesquisa
112	3.2 Sobre as revistas: segmentações de mercado e constituição em dispositivos
119	3.3 Quem é <i>Junior</i> na fila do pão (ou na banca de revista)?
127	3.4 <i>Men's Health Portugal</i> e o prazer de ser homem
	CAPÍTULO 4
137	HOMENS DE PAPEL: MASCULINIDADES EM <i>JUNIOR</i> E <i>MH PORTUGAL</i>
140	4.1 Gozando em frente ao espelho: chegou a sua vez de pavonear um corpo espetacular!

- 159 4.2 Cópia da cópia: performando o masculino como um eterno
Drag King
- 179 4.3 Porque o tamanho e a quantidade importam: sobre como ser
um verdadeiro predador sexual
- 197 4.4 Vidas para além do centro: possibilidades e impossibilidades
da existência e da compreensão dos outros corpos

CAPÍTULO 5

- 231 PARA FINALIZAR
- 239 POSFÁCIO
- 241 REFERÊNCIAS
- 259 APÊNDICE – *CORPUS* DE REFERÊNCIA
- 265 SOBRE O AUTOR

APRESENTAÇÃO

Nos meus percursos diários a pé pela minha cidade – Lisboa –, paro frequentemente em quiosques para ver as novidades da imprensa. Sempre me espantaram as representações das mulheres nas capas das revistas ditas femininas, com o seu culto da juventude e duma beleza com marcas de raça e classe bem definidas. Ao lado delas, as revistas ditas “para homens”, no sentido heteronormativo do termo: imagens de mulheres objetificadas, versões sexualizadas das primeiras.

A partir dos finais do século XX, comecei a reparar na novidade das revistas masculinas. Masculinas e para homens. O que mais me espantava era a repetição, mês após mês, da imagem do mesmo tipo de homem. Invariavelmente jovem adulto, quando muito na casa dos quarenta; invariavelmente de tronco nu; invariavelmente musculado, ainda que sem exagero, com um foco claríssimo nos abdominais e, invariavelmente, acompanhado de frases sobre a milagrosa receita para a transformação rápida do corpo e os efeitos desta na conquista amorosa e sexual. Rapidez e conquista: como numa guerra, a ser travada, antes do mais, consigo mesmo. Mas sem dificuldade de maior, como convém aos tempos modernos do desejo a satisfazer “já”.

Nalgum canto do quiosque ou então *on-line*, as revistas para homens *gay* não diferiam muito daquelas – o tronco nu, os abdominais. Diferiam, sim, nas representações do imaginário em torno do homem que servia de modelo, objeto de desejo e não apenas de projeção, pois tinham de apelar à fantasia sexual do consumidor, que não se satisfaz apenas com o corpo, precisando também de todo um cenário e de todo um script, como convém ao imaginário erótico.

A entrada dos homens no campo da representação dos seus corpos – como objeto de desejo de outros homens, ou como objeto de projeção, digamos, narcísica – não é da mesma ordem que a objetificação das mulheres. Pensá-lo seria aceitar uma falsa simetria, que

não corresponde às assimetrias de gênero. O homem-objeto-de-desejo do universo *gay* é, tendencialmente, um “igual”, num campo sexual, a ele próprio marginalizado e subalternizado. O homem-projeção do universo masculino heterossexual é um modelo de reafirmação da hegemonia masculina preexistente.

Tanto no universo *gay*, como no universo heterossexual, os corpos representados falam de outras arenas de privilégio. No caso do homem-objeto-de-desejo, ele pode pertencer a identificações de classe e raça, por exemplo, claramente subalternas, e apropriadas como fantasia de hiper-masculinidade. No caso do homem-projeção, são essas identidades subalternas que são elididas, dando-se primazia à representação do branco de classe média, com sinais de poder de consumo e de sucesso profissional.

Afasto-me sempre dos quiosques com a clara sensação de que há qualquer coisa de errado na percepção – que circula na sociedade – de que teríamos passado por uma grande transformação, que consistiria na criação (“finalmente!”, suspiram alguns e algumas) do homem como objeto de desejo (auto ou hétero) e do corpo masculino como estética e eroticamente apreciável. É que não me parece que seja assim. As representações da corporalidade masculina repetem demasiado as convenções da hegemonia: o homem como músculo, potência e força laboral e sexual, “dono do pedaço”.

Há, sim, uma transformação relevante: o corpo masculino como vitrine do sucesso, do (auto)domínio conquistador do estilo de vida, parte indissociável da figura hegemónica da cultura capitalista contemporânea, a do homem empresarialmente bem-sucedido. Já não basta ser branco, de (pelo menos) classe média, e fazer dinheiro. Já não basta o privilégio recebido, herdado, para triunfar. É preciso também que o corpo não só revele a capacidade de conquista sexual dos outros, como é preciso o complemento puritano do homem do capitalismo, a conquista “de si”, o trabalho do corpo e da aparência, na luta contra a gordura e o envelhecimento. *Gay* ou hétero – porque as revistas masculinas supostamente hétero são consumidas também por *gays* em processo de autoconstrução corporal (e os editores sabem-no sem o assumirem) –, as revistas

falam-nos mais sobre o aggiornamento da masculinidade hegemónica e a sua interseccionalidade com outros níveis de diferenciação social, do que sobre qualquer transformação da masculinidade segundo ideais de igualdade de género.

Professor Doutor Miguel Vale de Almeida

Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA) - ISCTE-IUL

Lisboa, Portugal

PRELIMINARES

*Young man, there's no need to feel down
I said, young man, pick yourself off the ground
I said, young man, cause you're in a new town
There's no need to be unhappy
Young man, there's a place you can go
I said, young man, when you're short on your dough
You can stay there, and I'm sure you will find
Many ways to have a good time
It's fun to stay at the Y-M-C-A
It's fun to stay at the Y-M-C-A*

(Village People. Y.M.C.A.)

*Every man wants to be a macho, macho man
To have the kind of body always in demand
Joggin' in the mornings, go, man, go
Workouts in the health spa, muscles grow
You can best believe me
He's a macho man
Glad he took you down with anyone you can
Hey, hey, hey, hey, hey
Macho, macho man (macho man, yeah)
I gotta be a macho man (I gotta be a)
Macho, macho man, yeah
I gotta be a macho (ow!)*

(Village People. Macho man.)

Village People, grupo estado-unidense que teve início na década de setenta e que emplacou hits como *Y.M.C.A* e *Macho Man* (epígrafes dessa seção), dialoga diretamente com alguns dos temas evocados ao longo da pesquisa que inspira este livro.

O grupo, cujo nome faz alusão ao *Village*, reduto *gay* de Nova York, aciona, em suas canções e em suas apresentações, diferentes elementos que dizem de questões de gênero e de sexualidade e, mais especificamente, de masculinidades e de homossexualidade.

Em *Y.M.C.A*, é feito um convite a um jovem homem para que ele vá a um lugar onde possa se sentir bem e onde possa se sentir acolhido. Ao se afirmar que não há razões para que esse sujeito sintase-se infeliz, é dito que lá, ao sair com outros caras, ele seguramente vivenciará bons momentos. Para isso, bastaria deixar o orgulho de lado e perceber que todos precisam de alguém que lhes dê suporte. Em *Macho Man*, por sua vez, à medida que se exalta um corpo musculoso e viril, de um homem forte e que reúne atributos que lhe confeririam poder, diz-se que todos os homens desejam ser machos e, por conseguinte, ascender a esse lugar hegemônico.

No que se refere as *performances* do grupo, outrossim, índices fortemente relacionados ao universo masculino (e a uma masculinidade hiperbólica, vale ressaltar), tais como corpos fortes e peludos e fantasias de policial, de *cowboy* e de bombeiro, por exemplo, compõem um contexto que, justamente pelo exagero, contribui para o questionamento e para a desconstrução de uma masculinidade dominante e pretensamente “natural”.

Nesse texto, de uma maneira análoga, propõe-se que, com base no jornalismo e no jornalismo de revista e tendo em vista os corpos ali constituídos, as masculinidades então inteligíveis (BUTLER, 2012) e as sexualidades nesse cenário permitidas possam refletir sobre que vidas, de fato, podem importar (BUTLER, 1993; 2000) e em relação às quais delas o pranto é interdito (BUTLER, 2015).

Cabe salientar que a pesquisa aqui relatada foi sendo continuamente modificada ao passo em que era produzida. Tal qual será exposto mais detalhadamente no capítulo três desse relato, a pergunta norteadora, os veículos a serem estudados e o campo foram sofrendo alterações mediante as

possibilidades (e as impossibilidades) que iam se descortinando. Foi com base nos avanços próprios de uma pesquisa (com esse tempo de desenvolvimento e de maturação), nos diálogos estabelecidos com referenciais teóricos importantes, com colegas e com professores, no acesso (ou na falta dele) a instantes que se pretendiam observar e, ainda, no fechamento de revistas escolhidas para estudar, que se chegou até aqui.

Ao final dessa trajetória, portanto, a questão norteadora desta pesquisa passou a ser percebida, tendo em vista o discurso de seus agentes, os instantes que se conseguiram acompanhar e o produto final veiculado, quais sentidos sobre masculinidades são movimentados e constituídos pelas/nas revistas *Junior* e *Men's Health Portugal*.

Frente a isso, igualmente à forma dos objetivos específicos, almejou-se também compreender (especialmente nas falas de editores, de repórteres e de fotógrafos) como as questões editoriais e de justificativas da empresa de comunicação e como as discussões acerca dos gêneros e das sexualidades impactavam-nos. Até que ponto tais sujeitos se identificavam com as personagens então construídas? Até que ponto eles se identificavam com os leitores? O que, para eles, representava trabalhar naqueles lugares? O que significava integrar ou segregar determinados indivíduos e delimitar quais corpos deveriam pesar?

Ao tomar *Junior* e *Men's Health Portugal* como dispositivos discursivos das masculinidades (FISCHER, 2002; PRADO; 2009) e, ainda, observar os pontos de aproximação e de afastamento entre a única revista *gay* (de caráter jornalístico e impresso), em circulação no Brasil e a maior revista masculina (e heterossexual) do mundo, também se constituiu como um relevante objetivo específico.

Do ponto de vista teórico e metodológico, realizar um movimento de apropriação de importantes referenciais provenientes de estudos feministas, de estudos sobre masculinidades e da *teoria queer* configurou-se como meta assim como tentar empreender uma pesquisa que, no campo jornalístico e inspirada na etnografia e apoiada em todo esse arcabouço, pudesse pensar as revistas masculinas estudadas a partir dali.

Este livro, também, justifica-se por outros motivos fundamentais. Em

janeiro de 2018, o Grupo *Gay* da Bahia (GGB) divulgou a versão mais recente de seu relatório anual sobre os assassinatos de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais no país (GGB, 2018).

De acordo com os dados ali apresentados, ao longo de 2017, 445 pessoas perderam a vida por motivações homofóbicas e transfóbicas no Brasil, o que significa, conforme destacado, que, a cada dezenove horas, um/uma LGBT foi barbaramente atacado/a e assassinado/a. Desse número total, 194 vítimas eram *gays*, 191 eram trans (travestis e transexuais), 43 eram lésbicas e 5 eram bissexuais. Doze heterossexuais, ainda, por relacionarem-se com transexuais, por serem parentes/amigos das vítimas, por terem sido confundidos com LGBTs ou por terem tentado proteger quem era atacado/a, também foram assassinados (GGB, 2018).

As 445 mortes representam o maior número desde que as informações começaram a ser coletadas, há 37 anos. O relatório, ainda, expõe que 30% dos assassinatos foram realizados com armas de fogo, que 25% foram com armas brancas e que requintes de crueldade, tais como tortura, apedrejamento e queima dos corpos, foram uma constante (GGB, 2018).

O relatório explicita, ainda, que as travestis e que as transexuais são o grupo proporcionalmente mais vulnerável. Uma mulher trans tem, de acordo com o relatório, vinte e duas vezes mais chance de ser assassinada do que um homem cisgênero *gay*, por exemplo. Segundo informações, aliás, mais da metade dos crimes cometidos contra transexuais acontece no Brasil. Em comparação com outros países, convém ressaltar que o Brasil é o lugar, segundo os dados, onde mais morrem pessoas em função de orientação sexual/identidade de gênero, inclusive quando em relação aos treze países em que há pena de morte contra a população LGBT (GGB, 2018).

Esse contexto descrito corrobora para que se demonstre que, face à violência de gênero e aos crimes homofóbicos e transfóbicos, é premente que tais acontecimentos e reverberações não sejam ignorados, uma vez que o silêncio é, também, uma das possíveis formas de cumplicidade.

O discurso científico, dentro do qual esta pesquisa e este livro se inserem, ao ser coletivamente legitimado para abordar as mais variadas searas e, é importantíssimo salientar, ao ser, em grande parte, financiado com

verbas públicas, deve, justamente por isso, fazê-lo de forma socialmente engajada e politicamente envolvida. Há que se pensar a ciência como um dos caminhos e espaços possíveis para que se construa uma sociedade mais digna e mais igualitária.

Atravessando todo esse trabalho, diferentes pesquisas, da área da comunicação e de áreas afins, que se aproximam dessa proposta e do meu lugar de fala, são acionadas tanto com o intuito de estabelecerem diálogos comigo quanto com o de mostrar aquilo que até então vem sendo discutido e pensado. Um dos objetivos da tese de doutorado que resultou neste livro, afinal, também foi o de contribuir para que tais assuntos ganhassem ainda mais vez e mais voz nas ciências sociais aplicadas, na comunicação, no jornalismo e nos estudos de mídia.

A pesquisa, cuja descrição está presente nestas páginas, desenvolvida ao longo de quatro anos, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e com bolsa PDSE/CAPES e que permitiu minha estada durante onze meses junto ao Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA/ISCTE-IUL), em Lisboa, Portugal, diz, sim, de uma necessidade coletiva de refletir sobre os sexos, os gêneros, as sexualidades e as vidas, e também de outras necessidades.

Eve Kosofsky Sedwick (2007), ao ponderar sobre o armário, dentro do qual muitos sujeitos alocam suas identidades homossexuais, lembra que, mesmo para aqueles que se percebem como “assumidos”, em alguma medida e em algum contexto, sempre é possível que se volte a esse lugar e que essa identidade estigmatizada (GOFFMAN, 2004) seja camuflada em relação a um chefe, a um familiar ou a um condutor de *uber*. O entrar e o sair do armário é uma constante na vida daqueles que desafiam os padrões de gênero e de sexualidade.

É mister dizer que a pesquisa também é sempre subjetiva. E deve ser. Como pesquisador posso, e devo, ponderar sobre aquilo que afeta a mim e aos meus, sobre aquilo que, baseado em minhas experiências, julgo ser pertinente. É sendo *gay*, por exemplo, que vivencio o que representa, em dado contexto, compor um lugar que é, naquilo que se refere a uma masculinidade hegemônica (CONNELL, 2003; CONNELL; MESSERSCHMIDT,

2013; KIMMEL, 1998) e a uma heterossexualidade compulsória (RICH, 2010), o de uma minoria. É com as pesquisas que se discutem tais pontos e, também, com as injúrias (ERIBON, 2008) e com as agressões vividas desde a infância, com o preconceito e com o receio, que percebo o que é ser/estar uma identidade estigmatizada, o que é ser alocado, sob os prismas já mencionados, em uma posição subalterna.

É nesse sentido, pois, que dar vazão a essas páginas representa, em minha trajetória como sujeito e como pesquisador, um processo muito importante de autodescoberta e de fortalecimento. Foi com os referenciais aqui elencados, com as vivências e com as reflexões sobre o campo e com as discussões com os pares que pude crescer de múltiplas formas. E serei sempre grato por isso.

CAPÍTULO 1

PORQUE NINGUÉM NASCE HOMEM, MAS SE TORNA, E PORQUE OS GAYS NÃO SÃO HOMENS

*He'll eat nutritious high protein and swallow raw eggs.
Try to build up his shoulders, his chest, arms and legs.
Such an effort if he only knew of my plan.
In just seven days, oh baby, I can make you a man
He'll do press-ups, and chin-ups, do the snatch, clean and jerk.
He thinks dynamic tension must be hard work.
Such strenuous living I just don't understand
When in just seven days, oh baby, I can make you a man*

(Rocky Horror Picture Show)

No musical estado-unidense *Rocky Horror Picture Show*, a exemplo do que faz o doutor Victor Frankenstein, no texto de Mary Shelley, a personagem Frank-N-Furter, igualmente cientista, dá vida a uma criatura. Se, no romance de 1818, contudo, o novo ser correspondia a um monstro, na produção cinematográfica de 1975, ele consistia em um homem jovem, louro, musculoso e bronzeado. Frank-N-Furter, na verdade, descobre o segredo da vida produzindo-a com o objetivo, talvez menos nobre (mas seguramente mais prazeroso) de ter um amante.

No trecho/epígrafe reproduzido acima, no qual *Rocky* é exposto a uma plateia interessada, Frank afirma que, mediante dada dieta e dados exercícios físicos, em apenas sete dias, um homem poderia ser produzido (em um discurso que, conforme será discutido em outra seção, aproxima-se muito daquele presente na revista *Men's Health*), ou seja, nos próprios termos de quem o cria, o fato de *Rocky* ter sido “gerado” com determinadas caracte-

rísticas fisiológicas/biológicas não seria uma garantia absoluta de que ele viria a ser um homem. Nesse caso específico, a masculinidade de *Rocky* seria adquirida mediante a produção de um tipo de corpo ideal, ou seja, um corpo construído pela presença de músculos e pela ausência de gorduras, e de uma performance de gênero viril e máscula. A própria personagem de Frank, por sua vez, ao romper com um binarismo no que se refere às identidades de gênero (*I'm just a Sweet Transvestite from Transsexual, Transylvania*), dá a ver que masculino e feminino são categorias bem mais complexas do que faz crer o limitado discurso essencialista.

“Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino” (BEAUVOIR, 1967, p. 09). Ao ensinar que ninguém nasce mulher, mas sim se torna, Simone de Beauvoir (1967) empreende uma desnaturalização feminista do gênero.

Movimento semelhante é realizado por Monique Wittig (2010) quando diz que as lésbicas não são mulheres, uma vez que a categoria mulher corresponderia a um produto de uma sociedade patriarcal, centrada em uma lógica heterossexual e reprodutiva, a qual relegaria às mulheres um lugar subalterno. Nesse sentido, ao romper com o lugar ao qual elas deveriam estar submetidas, as lésbicas passariam a compor outro grupo de sujeitos.

Paul B. Preciado¹ (2014), na esteira das proposições de Beauvoir e de Wittig, lembrará que, se, por um lado, tais afirmações sacudiram as discussões sobre gêneros e sexualidades em relação à mulher, até meados dos anos noventa, o mesmo não teria sido feito em relação ao homem. Na voz de Preciado (2014), o feminismo empreendido por Beauvoir teria fracassado ao não avançar sobre as masculinidades, não as percebendo também como construções sociais e tecnológicas, e a afirmação de Wittig teria levado mais de vinte anos para se voltar, igualmente, aos *gays*. É indo em uma

¹ Alguns dos pesquisadores e das pesquisadoras que aciono aqui, tais como Paul B. Preciado, Raewyn Connell e Jack Halberstam, são transexuais, adotando, atualmente, nomes diferentes daqueles que adotavam no momento da publicação das obras aqui referidas. Ao longo do livro, portanto, adotarei os nomes contemporâneos, nomes que dizem da identidade de gênero desses indivíduos e que considero fundamental ser respeitada.

direção semelhante que Arnaud Baubérot (2013, p. 189) dirá que ninguém nasce viril, mas se torna viril e, subvertendo Beauvoir (1967), reformulará sua máxima.

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico é capaz de definir a forma que assume dentro da sociedade o macho humano; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o homem e o super-homem que chamamos de viril.

Nessa primeira parte do livro, portanto, com base em uma bibliografia que inclui as teorias feministas, os estudos sobre as masculinidades e a teoria *queer*, em um movimento teórico e político, aborda-se a desconstrução de uma lógica binária e embotadora de sexos, de gêneros, de desejos e de sexualidades.

É com base nisso, pois, que se afirma que ninguém nasce homem, mas sim se torna. A identidade de gênero, assim como qualquer identificação, se constitui em processo, está sempre sendo produzida, é um contínuo *de-venir*. Diz-se, ainda, coadunando com Wittig (2010), que os *gays* não são homens, uma vez que, ao romperem com a heterossexualidade compulsória (RICH, 2010) que atravessa os seus corpos, eles passam a ocupar lugares distintos daqueles que lhes seriam, a princípio, reservados por uma masculinidade hegemônica (CONNELL, 2003).

1.1 Dos sexos “naturalmente” dados aos gêneros consequentemente permitidos...

O que eu estou sugerindo aqui é que o sexo e o gênero deveriam ser considerados como formas de incorporação prostética que se fazem passar por naturais, mas que, em que se pese, sua resistência anatômico-política, estão sujeitos a processos de transformação e de mudanças constantes

(Paul B. Preciado. *Manifesto contrassexual*. 2014.)

As cotidianas frases “é uma menina” ou “é um menino”, proferidas muitas vezes antes mesmo do nascimento do indivíduo, tal qual lembra Judith Butler (1993), não são enunciados meramente descritivos. John Langshaw Austin (1962) aborda um grupo de enunciados que, tendo passado despercebido ou, então, que sendo ignorado pelos estudiosos da linguagem, faz mais do que apenas dizer. Para esse tipo de expressão linguística que se disfarça, tendo por trás de si não a enunciação de que algo será feito, mas, na verdade, o próprio ato da feitura desse algo, Austin (1962) propõe o termo *performative*. Usando como exemplos o *I do* (eu aceito), dito durante uma cerimônia matrimonial, e o *I name this ship the Queen Elizabeth* (eu batizo esse navio Rainha Elizabeth), dito no rito de inauguração de um navio, Austin (1962) dá a ver que tais frases, tais palavras fazem coisas, geram coisas e performam.

Ao recuperar a obra de Austin, Butler (2012, p. 168) sugere que se perceba na nomeação do sexo “um ato de dominação e de coerção, um ato performativo institucionalizado que cria e legisla a realidade social pela exigência de uma construção discursiva/perceptiva dos corpos segundo os princípios da diferença sexual”.

Por trás da questão “é um menino ou é uma menina?”, “esconde-se um sistema diferenciado que fixa a ordem empírica tornando o corpo inteligível graças à fragmentação ou dissecação dos órgãos” (PRECIADO, 2014, p. 128). A tecnologia sexual, então, seria uma mesa de operações abstrata a qual delimitaria determinadas zonas corporais como sendo reprodutivas e sexuais (pênis e vagina) ao passo que negaria a outras, como a boca ou o ânus, essa condição.

As declarações “é uma menina” ou “é um menino” instauram um processo que, supostamente, deveria ter um rumo definido. Tais frases, mais do que dizer, fazem dos corpos que nomeiam masculinos e femininos, conferindo a determinadas características biológicas o poder de gerar diferenças. “O ato de nomear o corpo acontece no interior de uma lógica que supõe o sexo como um “dado” anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário” (LOURO, 2008, p. 17).

Vale destacar, então, que o termo “natural”, comumente empregado ao se falar em sexo e gênero, torna-se especialmente problemático ao reduzir as diferenças entre homens e mulheres ao biológico. Tanto na esfera cotidiana, como também em determinados espaços da esfera científica, esforça-se para comprovar a ideia de que homens e mulheres seriam tal qual seriam devido a presença de determinado órgão genital ao invés de outro ou devido a quantidade específica de certo hormônio. Esquece-se, entretanto, nesse ínterim, da fundamental informação de que a própria biologia, bem como seu campo de saber, constitui-se não em algo fixo e estável, mas em um “componente dinâmico de nossa existência” (MOORE, 1997, p. 01).

Ao se debruçar sobre a literatura médica, mais especificamente, Thomas Laqueur (2001) constata que, ao passo que na antiguidade clássica haveria uma noção unissexuada do corpo, a partir do século XVIII, esse passa a ser visto como bissexuado tal qual o conhecemos hoje. A mudança radical que então cabe ser compreendida, de ordem epistêmica, diz respeito àquilo que Laqueur (2001) concebe como uma economia corporal genérica de fluidos e órgãos que, em um primeiro momento, toma o corpo feminino como sendo uma versão inferior do masculino e que, posteriormente, dá lugar a uma biologia completamente distinta. De um eixo vertical, portanto, asseverado por gradações (vagina e útero, por exemplo, seriam como que um pênis não desenvolvido) chega-se ao um eixo horizontal que opõe, em pontos extremos (e com um enorme vazio entre si), homem e mulher e que torna suas diferenças biológicas (sexuais) essenciais. Naquele primeiro momento, os ovários não eram sequer nominados. E é, justamente, ao nomear a carne, que a linguagem inventa o sexo e, com base nisso, fundamenta nesse lugar o espaço que legitima, ainda mais, toda uma série de assimetrias.

Não se trata, aí, de compreender que, em um primeiro momento, não haveria distinções entre os sexos, mas sim de notar que essas diferenças não eram tomadas como sendo causas da biologia (em uma lógica causa/efeito). O corpo, outrora, apesar de ser um marcador, não era tão importante, não assumia a voz da natureza, tal qual passa a assumir com o passar dos séculos. O resultado desse processo “é a nossa ideia de ‘identidade sexual’ –

um eu masculino ou feminino precisamente diferenciado e profundamente enraizado num corpo diferenciado” (NICHOLSON, 2000, p. 21)

Reformuladas dessa maneira, as diferenças entre homens e mulheres seriam dadas desde o nascimento, via enquadramento de sujeitos em duas categorias completamente distintas e estáveis, baseadas então em fatos físicos que seriam inquestionáveis, os quais delimitariam os espaços permitidos (e interditados) aos corpos.

A identidade sexual, entretanto, apesar de vender-se como tal, não consiste “na expressão instintiva da verdade pré-discursiva da carne” mas, ao invés disso, em “um efeito de reinscrição das práticas de gêneros nos corpos” (PRECIADO, 2014, p. 29). Macho/Fêmea e Masculino/Feminino seriam, pois, categorias que dissimulariam o fato de que as diferenças sociais implicariam uma ordem econômica, política e ideológica (WITTIG, 2010). Preciado (2014) sugerirá que o sexo seja pensado como uma tecnologia de dominação heterossexual, a qual agiria ao reduzir o corpo a determinadas e convenientes zonas erógenas tendo sempre em vista uma assimetria de poder entre os gêneros masculino e feminino. Wittig (2010), além disso, constatará que a categoria de sexo corresponde a “um produto da sociedade heterossexual que impõe às mulheres a obrigação absoluta de reproduzir a espécie, quer dizer, reproduzir a sociedade heterossexual” (WITTIG, 2010, p. 26) (tradução livre) e que o sexo, em si, não existiria, haja vista que ele seria um produto da opressão, somente se materializando nas presenças de um opressor e de um oprimido. Butler (1993; 2012) lembrará que o sexo não pode ser tomado como uma descrição estável daquilo que alguém é, mas, ao invés disso, como uma norma pela qual esse alguém é tornado viável e adquire inteligibilidade cultural.

É sob a sombra de um determinismo biológico, entretanto, e ao mesmo tempo desejando combatê-lo, que antropólogas feministas da década de setenta do século XX passaram a ressaltar a importância de se distinguir sexo e gênero (MOORE, 1997). Antes delas, contudo, convém lembrar-se dos importantes trabalhos de Margaret Mead, em 1935, e o de Simone de Beauvoir, em 1949, no que se refere a um questionamento de uma lógica de submissão frente a um biologicismo inescapável.

Margaret Mead, ao realizar trabalho de campo na Nova Guiné na década de trinta, estando entre os *Arapesh* da montanha, os *Mundugumor* do rio e os *Tchambuli* do lago, percebe como, em cada um desses grupos, se dá a padronização daquilo que então chama de temperamento sexual. Mead (2000) observa, ali, entre os *Arapesh* uma personalidade mais maternal no que se refere à família, bem como mais “feminina” (tendo em vista os padrões ocidentais) em seus aspectos sexuais. Entre os *Mundugumor*, ao contrário, constata sujeitos mais agressivos e positivamente sexuados. É com os *Tchambuli*, entretanto, que se depara com (tal qual se tem na nossa sociedade) um contraste entre homens e mulheres. Ali o papel de dirigente e uma personalidade mais fria seriam traços “femininos” enquanto que o temperamento mais afetuoso e sentimentalmente dependente seria mais comumente “masculino”.

Para a antropóloga, por conseguinte, seria impossível negar, frente a essas evidências, o caráter maleável daquilo que se tomava como “natureza humana”. Igualmente, pois, se poderia dizer que muitos, senão todos, os traços “masculinos” e “femininos” estariam tão vinculados ao sexo como o vestuário e o corte de cabelo, sendo variáveis conforme determinado contexto espacial, social e histórico (MEAD, 2000).

Simone de Beauvoir (1967; 1970), por sua vez, argumenta como a mulher, em relação ao homem, sempre foi o outro, sempre teria sido o segundo sexo. Ao passo que o homem, absoluto, poderia se esquecer soberbamente de que, anatomicamente, seria composto por hormônios e testículos, a mulher teria sua subjetividade encerrada em seus ovários e útero, sendo dito que ela pensaria com as glândulas. O macho da espécie, nesse sentido, representaria aquilo que há de afirmativo, de assertivo, ao passo que à fêmea ficaria relegado o espaço da inessência. Mais do que isso, tal qual assevera Beauvoir (1970), ao homem seria conferido o caráter neutro a ponto de se dizer “os homens” para que se refira aos seres humanos em geral.

O importante sistema sexo/gênero viria a ser proposto em 1975, na obra *Tráfico de mulheres*. É apropriando-se dos trabalhos de Lévi-Strauss e de Freud, baseando-se em uma leitura que define como exegética, que Gayle Rubin (1993) dirá que no sistema sexo/gênero, de um lado, existiria

uma matéria-prima (o sexo) e, de outro, algo que seria fruto de um processo de significação (o gênero). O gênero, aí inserido, corresponderia, sumariamente, a uma divisão imposta socialmente a qual objetivaria, dentre outros pontos, delimitar homens e mulheres como sujeitos completamente distintos e, portanto complementares entre si, sufocando, enquanto isso, traços de personalidade andróginos, bem como outras formas de vivências de sexualidades que não fossem a heterossexual e a monogâmica. Segundo Rubin (1993) caberia ao gênero, então, obrigar que o desejo sexual fosse orientado para o outro sexo e, por conseguinte, a opressão da homossexualidade seria “produto do mesmo sistema cujas regras e relações oprimem as mulheres” (RUBIN, 1993, p.15).

O sistema sexo/gênero poderia ser descrito, ainda, como “uma tecnologia social que assegura a subordinação das mulheres aos homens, sua constituição como elementos passivos no intercâmbio dos grupos sociais, assim como a exploração de seu trabalho” (GARCÍA, 2005, p. 35) (tradução livre).

As limitações da proposta de Rubin (1993), contudo, referem-se à manutenção da dicotomia natureza/cultura, a qual serve de base para o estabelecimento da distinção sexo/gênero e que, via legitimação de uma lógica essencialista (uma vez que, sob essa perspectiva, haveria uma materialidade primeira, a qual estaria salvaguardada do processo de significação), dá o tom a toda uma argumentação que embasa grande parte dos trabalhos teóricos da segunda onda do movimento feminista (NICHOLSON, 2000) e que, ainda contemporaneamente, se faz presente em diferentes ramos do movimento ativista LGBTI (COLLING, 2015).

O termo gênero teria suas raízes na reunião de duas importantes ideias do pensamento ocidental moderno: a primeira a de que existiria, inegavelmente, uma base material da identidade e, a segunda, a de que o caráter humano também é socialmente construído. Nesse sentido, voltando-se contra ao essencialismo do termo sexo, que parecia reduzir tudo a uma questão biológica, o feminismo dos anos sessenta do século XX buscou no gênero uma saída (NICHOLSON, 2000, p. 21).

Sob esse lógica, a identidade tende a ser tomada como sendo, metaforicamente, uma espécie de porta-casacos: “O corpo é visto como um tipo de cabide de pé no qual são jogados diferentes artefatos culturais, especificamente os relativos a personalidade e comportamento” (NICHOLSON, 2000, p. 12). A vantagem, então, para os/as estudiosos/estudiosas, seria tomar o corpo como algo fixo, colhendo os benefícios do determinismo, mas, ao mesmo tempo, deixando brechas para que se perceba a importância da cultura. O cabide/corpo sempre estaria ali, sendo coberto com qualquer acessório/construção social. Não se trataria, pois, de uma visão absolutamente determinista biologicamente, mas sim de um “fundacionismo biológico”, o qual permitiria a coexistência de elementos “naturais” e “culturais” (NICHOLSON, 2000).

Em contrapartida, em um movimento que pode ser compreendido com uma guinada pós-estruturalista dos estudos feministas, a partir da década de oitenta, passa-se a problematizar o sexo como essa unidade constante e invariável, e a noção de poder é deslocada. Para Joan Scott (1995), em um cenário de desigualdade de gênero e no que tange o desenvolvimento de uma teoria crítica e feminista capaz de tencionar o conceito, farse-ia necessário rejeitar, inicialmente, a concepção fixa e permanente de uma oposição binária. Indo ao encontro daquilo que propõe Derrida, Scott (1995) fala em uma desconstrução, revertendo, assim, o caráter naturalizado e imutável de uma hierarquia manifesta pelo corpo/sexo. Propõe, então, que o poder não seja tomado como algo unificado e como emergente de um único polo, mas, inspirando-se em Michel Foucault (2012), seja tomado “como um feixe de relações”, como capilar, sendo proveniente de vários lugares, inclusive dos subalternos.

Scott (1995), pois, aponta a emergência do desenvolvimento de um processo de construção de identidades e de um conjunto de relações que sejam tomadas, politicamente, como formas e possibilidades de resistência, de negação de opressões e de resignificação. Seu conceito de gênero, portanto, ainda sob uma perspectiva histórica, se basearia em duas partes, que apesar de relacionadas precisariam ser tomadas em separado.

Primeiramente o gênero corresponderia a “um elemento constitutivo

de relações sociais baseado nas diferenças entre os sexos” (SCOTT, 1995, p. 86). Distintos elementos, aí inseridos, se inter-relacionariam, tais como símbolos culturalmente disponíveis, conceitos normativos (masculino/feminino) e, importante, a ideia de que existiria uma fixidez inerente ao gênero, impedindo que esse fosse visto como passível de construção/reconstrução plena.

Em segundo lugar Scott (1995, p. 86) dirá que o gênero referir-se-ia a “uma forma primária de dar significados às relações de poder”, ou seja, seria um campo dentro do qual e pelo qual o poder seria articulado, baseando-se, prioritariamente, na oposição masculino/feminino e na legitimação de uma percepção que tomaria essa dicotomia como natural / divina.

Já Judith Butler, em 1990, ao publicar *Gender Trouble*, parte do pressuposto de que, tal qual o gênero, o sexo também é uma construção cultural. Butler não se limitou então a radicalizar uma perspectiva antiessencialista, mas, mais do que isso, partindo de uma reconsideração sobre a oposição entre natureza e cultura, ela teria recusado a habitual transposição disso para o sistema sexo/gênero. “No lugar de tomar o sexo como uma forma de passividade material sobre a qual se edificariam [...] os caracteres genéricos, [Butler] reconsidera o próprio sexo como um lugar a mais ao questionar de uma perspectiva genealógica” (PÉREZ NAVARRO, 2008, p. 113) (tradução livre).

Longe de serem substâncias permanentes, portanto, tais categorias teriam a sua coerência e relação estabelecida a fim de garantir a manutenção daquilo que Adrienne Rich (2010) definiu como “heterossexualidade compulsória”. “Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo está para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual a natureza sexuada ou um sexo natural é produzido e estabelecido como pré-discursivo” (BUTLER, 2012, p. 25).

Em um movimento que visa a demonstrar que o gênero é uma ficção que Butler (2012, p. 46) recupera o caso de Herculine Barbin², dando a ver

²Torna-se importante salientar, tal qual o faz Sara Salih (2012) que, apesar de recuperar a introdução escrita por Foucault dos diários de Herculine, Butler afasta-se de algumas de suas percepções. De acordo com Butler (2012, p. 144), os diários de Herculine representariam uma oportunidade de ver “um

a “impossibilidade sexual de uma identidade”. É Michel Foucault (1982, p. 03) que, a partir do diário de Herculine, indivíduo intersexual francês do século XIX, problematiza como “as teorias biológicas da sexualidade, as concepções jurídicas do indivíduo, as formas de controle administrativo nos Estados Modernos” teriam acarretado a recusa (e a repulsa) à coexistência de dois sexos em um só corpo e a impossibilidade de decisão, por parte desses sujeitos, em deliberarem sobre si próprios.

De acordo com Foucault (1982), durante séculos, concebeu-se a ideia de que indivíduos intersexuais pudessem possuir os dois sexos. “Temos, é verdade, diversos testemunhos de condenações à morte, tanto na antiguidade quanto na Idade Média. Mas temos também uma abundante jurisprudência de tipo totalmente diverso” (FOUCAULT, 1982, p.01). Conforme resgata, em indivíduos nos quais os “sexos” se justapusessem, caberia àqueles que batizavam a criança delimitar “simbolicamente” aquele sexo que deveria ser “mantido” ou vivido. Em sua fase adulta, o sujeito poderia, então, escolher aquilo que desejasse ser, desde que, feita a escolha, não mais voltaria atrás, uma vez que o fazendo seria considerado sodomita.

Sobre Herculine (ou Alexina), Foucault (1982), ao refletir sobre sua vida na escola de freiras, interna, entre mulheres, diz do prazer que ali existiria, por ela, em habitar o que ele concebe como sendo o “limbo feliz da não identidade” e de como a necessidade de se perceber como homem (após um exame médico e descoberta de sua condição) afeta sua subjetividade, acarretando em seu suicídio.

A pergunta feita por Foucault (1982, p. 01), então, é se, de fato, precisaríamos de um “verdadeiro sexo”. “Comum à constância que chega às raias da teimosia, as sociedades do ocidente moderno responderam afirmativamente a essa pergunta.” Socialmente, talvez mais do que subjetivamente, tal qual dá a ver Herculine (e de lá para cá, em uma perspectiva temporal), faz-se necessário possuir um “verdadeiro sexo”, que diga daquilo que realmente somos. A ideia de que “entre sexo e verdade existem relações com-

Foucault contra si mesmo”. Isso porque se, por um lado, em sua história da sexualidade, Foucault sugere que ela estaria sempre situada no interior de matrizes de poder e que uma sexualidade antes da lei seria ilusória, na introdução dos diários de Herculine, o autor pareceria romancear o que define como esse não lugar no qual habitaria Herculine, deixando de reconhecer as relações de poder que constituem e também condenam a jovem.

plexas, obscuras e essenciais” (FOUCAULT, 1982, p. 03) está culturalmente instituída, de modo que, tal qual sugere Foucault (1982), apesar de homens passivos e mulheres viris não se configurarem como uma grave ameaça à ordem estabelecida (em alguns contextos, vale salientar), tais personagens tendem a gerar determinado desconforto, certo incômodo: “há algo de errado, não pode ser normal!”. “Um ‘erro’ entendido no sentido mais tradicionalmente filosófico: um modo de fazer que não se adéqua à realidade; a irregularidade sexual é percebida mais ou menos como pertencendo ao mundo das quimeras” (FOUCAULT, 1982, p. 04).

Tomando, então, o gênero como um contínuo fazer, como um dever e uma atividade, e aproximando-se, tal qual já exposto, da noção de performatividade, com base em Austin (1962), Butler (2012, p. 48) dirá que ele se mostra “performativo no interior do discurso herdado da metafísica da substância – isto é, constituinte da identidade que supostamente é”, consistindo em uma repetição que se dá no corpo, dentro de um quadro regulado e controlado, e que, ao longo do tempo, adquiriria a aparência de uma naturalidade.

Sendo a verdade interna do gênero uma fabricação, e, por conseguinte, sendo o gênero uma fantasia que é replicada nos corpos, ele não pode ser nem verdadeiro e nem falso, mas sim produzido como um “efeito de verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável” (BUTLER, 2012, p. 195). A figura da *drag queen*³, então, será a imagem pela qual Butler (2012) alicerçará sua argumentação.

Ao brincar com a distinção entre a anatomia do performista e o gênero então performado, a *drag* “revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero” (BUTLER, 2012, p. 196). Ao invés de uma norma heterossexual, ter-se-ia no palco a desnaturalização do gênero por meio de uma performance que expõe o princípio da construção.

³ Salih (2012) e Preciado (2014) ressaltam, dentre outras discordâncias com a obra de Butler, as críticas do movimento transgênero em relação ao gênero como performativo e, ao exemplo da *drag Queen*, a partir do apagamento da questão da materialidade dos corpos. Butler teria, então, tanto em *Gender Trouble* quanto em *Bodies that Matter* ignorado toda uma série de processos pelos quais passam os corpos de transexuais (PROSSER, 1998 APUD SALIH, 2012), bem como toda uma série de técnicas de estabilização de gênero e de sexo pelos quais passam os corpos heterossexuais e cisgêneros (PRECIADO, 2014).

A *drag queen*, ao montar-se, cria o seu corpo, dando a ver o caráter não natural e tampouco inquestionável desse, mas a sua plena possibilidade de construção/reconstrução e, então, daquilo que se interpreta como índices de masculino/feminino (BUTLER, 2012; LOURO, 2008). Anna Paula Ven-
cato (2002, p. 46), em pesquisa com *drag queens* em Santa Catarina, sul do Brasil, traz falas de sujeitos da pesquisa que deixam isso muito claro: “Corpo se fabrica [...] não fabriquei um agora?”

A *drag* realiza o que pode ser percebido como uma paródia de gênero (que pode vir a ser subversiva), uma vez que, ao exagerar os traços que marcam o feminino, ela expõe a sua não autenticidade e lembra que, para além dos palcos, todos somos reféns daquilo que Butler (2012) define como gêneros inteligíveis. “Os corpos considerados ‘normais’ e ‘comuns’ são, também, produzidos através de uma série de artefatos, acessórios, gestos e atitudes que uma sociedade arbitrariamente estabeleceu como adequados e legítimos” (LOURO, 2008, p. 87).

No escopo das discussões sobre sexos e gêneros, igualmente há de se refletir, de modo mais particular, sobre as masculinidades, suas dinâmicas e seus reordenamentos. Raewyn Connell é uma das principais estudiosas das masculinidades, possuindo uma extensa obra sobre a temática, cabendo a si o desenvolvimento dos relevantes, e amplamente empregados (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013), conceitos de masculinidades hegemônica e subordinada. O gênero, para Connell (2016, p. 60), é importante salientar, é tido como “uma estrutura de relações sociais na qual as capacidades reprodutivas dos corpos humanos são postas na história e, na qual todos os corpos, férteis ou não, são definidos por sua colocação na arena reprodutiva”. Nesse sentido, para a pesquisadora, a maior parte daquilo que ela chama de ordens de gênero (em referência às maneiras de corporificação social dessas normas) seria patriarcal, ou seja, construiria privilégios aos homens (e a determinados homens, mais especificamente), ao passo que subordinaria mulheres (e também outros grupos de homens).

Em *Masculinities*, seu mais importante texto, destaca que o século XX teria sido marcado por três importantes projetos para uma ciência da masculinidade. O primeiro deles teria sido baseado no conhecimento inspirado

na psicanálise de Freud; o segundo seria relativo à psicologia social e seria centrado na ideia de “papel sexual”; e o terceiro, por sua vez, se referiria aos conhecimentos acerca do masculino advindos das áreas da antropologia, da sociologia e da história (CONNELL, 2003).

Para além de se definir a masculinidade como um objeto, sugere-se que ela possa ser pensada com base em processos e das relações de que os sujeitos vivem suas vidas ligadas aos gêneros. A masculinidade, portanto, poderia ser então descrita como “um lugar nas relações de gênero, como as práticas através das quais homens e mulheres ocupam esse espaço no gênero e os efeitos dessa prática na experiência corporal, na personalidade e na cultura” (CONNELL, 2003, p. 109) (tradução livre).

Ao ponderar que se faria necessário o desenvolvimento de um modelo para a estrutura de gênero que levasse em conta as relações de poder, de produção e vínculos emocionais, Connell (2003) ressalta que não se pode pensar o gênero como algo isolado, de modo que não haveria apenas uma masculinidade, mas múltiplas, atravessadas por questões como etnia, classe social e orientação sexual.

Diferentes grupos de homens têm diferentes posições nessas dinâmicas [...] Estudos sobre homens de classes dominantes [...] mostram uma minoria privilegiada com poder e riqueza impressionantes, enquanto números muito maiores enfrentam pobreza, deslocamento cultural, rupturas de relacionamentos familiares e uma renegociação forçada dos significados de masculinidade (CONNELL, 2016, p. 93).

Inspirando-se na obra de Antonio Gramsci, Connell (2003) pensará as masculinidades em termos de hegemonia, de cumplicidade, de subordinação e de marginalização. De modo geral, Gramsci percebe a hegemonia como se referindo ao domínio de uma classe sobre outra. Para, além disso, a hegemonia em Gramsci ultrapassaria a estrutura econômica, referindo-se também ao plano ético e cultural, dizendo de modos de representação que almejavam à universalidade e, para além de uma coerção, traria imbuída em si a busca pelo consentimento social a um conjunto de normas e de regras (DE MORAES, 2010).

A masculinidade hegemônica, pois, será definida como a configuração de prática de gênero que incorpora a resposta aceita no que se refere à legitimação do patriarcado, garantindo aí a subordinação das mulheres aos homens, bem como de determinados tipos de homens a outros (CONNELL, 2003). Vale ressaltar, ainda, que a masculinidade hegemônica não se configura como normal em um sentido estatístico, uma vez que apenas um pequeno grupo consegue “realizá-la”. Apesar disso, ela é normativa na medida em que “exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

A ideia de uma masculinidade subordinada, igualmente, torna-se interessante, explicitando que nem todos os homens colheriam os dividendos patriarcais da mesma maneira (CONNELL, 1995), tendo em vista que, sendo atravessada por múltiplos aspectos, nem todo homem ocuparia as mesmas posições. A subordinação de homens homossexuais a homens heterossexuais é empregada por Connell (2003) como o principal exemplo, uma vez que, de um ponto de vista da masculinidade hegemônica, aproximando-se da feminilidade, a homossexualidade masculina seria fortemente rechaçada.

Para além de quem ocupa a posição de dominação e para quem ocupa a posição de dominado, Connell (2003) reforça a importância de se considerar a existência dos cúmplices que, apesar de não levarem a cabo o projeto de uma masculinidade hegemônica, beneficiam-se dessa, bem como de se considerar a ideia de uma marginalização que, sob uma lógica autoritária, relegaria determinados grupos a determinados espaços. Connell (2003) emprega como exemplos centrais aí as identidades de classe e de etnia.

Connell e Messerschmidt (2013), em texto no qual repensam o conceito de masculinidade hegemônica, baseando-se em diferentes pesquisas, diferentes contextos e setores que o tomaram como central, destacam que a característica fundamental que se mantinha, após vinte anos de trabalhos, seria a combinação da pluralidade de masculinidades a uma relação hierárquica entre elas.

Em contrapartida, ressaltam que, à luz das críticas acolhidas, o conceito precisaria ser atualizado por quatro fatores: *a natureza das hierarquias de*

gênero, que precisaria ser percebida de modo mais holístico, reconhecendo, por exemplo, uma maior agência dos grupos subordinados; *a geografia das configurações de masculinidade*, pensando-as, então, em diferentes níveis – local, regional e global; *o peso do social no processo de incorporação da masculinidade*, conferindo mais relevância e analisando, com mais cautela, os processos corporais que dizem respeito à masculinidade e, por fim, *a dinâmica das masculinidades*, que diria da fluidez dessa categoria e de suas possibilidades de resignificação, inclusive, dentro da história de vida de um mesmo sujeito (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Distanciando-se de uma perspectiva essencialista, Michael Kimmel (1998) argumenta que as masculinidades são fruto de uma construção social e cultural, que são plurais e variáveis e que, inclusive no curso de vida de um mesmo indivíduo, podem exigir dele diferentes posicionamentos. As masculinidades, pois, constituir-se-iam com base em dois fatores que seriam asseverados por disputas de poder: o primeiro seria em relação às mulheres e, o segundo, em relação aos outros homens (os negros, os velhos, os pobres, os homossexuais). Em ambos os casos, contudo, haveria uma relação hierárquica fortemente marcada. “Assim, dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidades são o sexismo e a homofobia” (KIMMEL, 1998, p. 105).

Outra questão salientada por Kimmel (1998, p. 105) e que convém ser retomada, se refere àquilo que ele percebe como sendo uma invisibilidade. Para Kimmel, as dinâmicas de poder que constituem as masculinidades seriam “invisíveis” aos homens cuja ordem de gênero é mais privilegiada. Retomando a imagem de que os peixes são os últimos a descobrir o oceano, Kimmel (1998) tenta demonstrar que, pelos dividendos colhidos, determinados homens podem se dar ao luxo de obliterarem, em suas vidas diárias, o gênero.

George L. Mosse (2000), por sua vez, ao discutir a imagem do homem, discorre sobre a evolução de um determinado estereótipo que se tornou normativo. Para Mosse (2000), apesar de ser difícil assinalar um momento preciso para o nascimento de um ideal de masculinidade moderna, ele teria ocorrido entre finais do século XVIII e princípios do

século XIX. Por mais que estivessem relacionados ao fortalecimento de uma classe burguesa, muitos dos ideais aristocráticos acerca da virilidade seguiram fortes, manifestando-se em forma de práticas e de rituais, tais como a cavalaria e os duelos, os quais diziam o tipo de homem que se deveria almejar ser. “A honra, segundo a tradição da cavalaria, ia unida ao próprio indivíduo, à sua reputação, categoria e dignidade. Mas o conceito de honra também implicava um ideal de virilidade – ser chamado covarde era o pior insulto” (MOSSE, 2000, p. 24) (tradução livre).

Faz-se, outrossim, importante ressaltar que a masculinidade moderna, tal qual descrita por Mosse (2000), ter-se-ia desenvolvido por oposição à feminilidade. Dessa forma, é flagrante a sua contribuição no que se refere ao desenvolvimento e ao reforço de uma lógica binária e opositiva entre os sexos e entre os gêneros. A própria palavra afeminado, utilizada mais comumente a partir do século XVIII, diz de uma postura imprópria a sujeitos do sexo masculino, marcada pela suavidade e pela delicadeza (MOSSE, 2000).

Ainda que a habilidade e a destreza física já fossem aspectos valorados em estereótipos masculinos precedentes, é a partir desse instante que o corpo masculino passa a ser um referente privilegiado. “À medida que o corpo humano adquiria forma simbólica, sua construção e sua beleza ganhavam uma importância crescente. A masculinidade moderna iria definir a si mesma mediante um ideal de beleza masculina que simbolizaria a virtude” (MOSSE, 2000, p. 10) (tradução livre).

Segundo Mosse (2000), o padrão estético masculino que, então, passa a ser mais valorado é o grego. Retomando a obra de Winckelmann, voltada aos corpos ideais presentes nas pinturas e nas esculturas clássicas, Mosse (2000) salienta como o corpo do homem jovem e musculoso passa a ser aquele que reúne, em si, o poder, a virilidade, a harmonia, a proporção e o autocontrole. Nesse sentido, mesmo que os gregos também tenham dado especial atenção ao aspecto visual, seria nesse contexto, da modernidade, que “o registro visual se secularizou e se difundiu, passando a formar parte do ritmo da vida diária e política” (MOSSE, 2000, p. 42) (tradução livre).

Miguel Vale de Almeida (1995a; 1995b), que desenvolveu pesquisa de caráter etnográfico na aldeia alentejana de Pardais, Portugal, destaca que

sua imagem da masculinidade, em campo, teria se dado, especialmente, no contato próximo com seus informantes, homens locais. Consta, então, que, por um lado, para seus sujeitos, masculinidade e feminilidade seriam conceitos de caráter essencialista, os quais teriam no corpo uma manifestação clara da divisão do mundo em dois grupos de sujeitos, homens e mulheres, marcados por características como a atividade e a passividade.

Tal divisão, ainda, seria refletida no espaço doméstico, tido como feminino, e no espaço público, tido como masculino. No café, por exemplo, lugar de socialização masculina, Vale de Almeida (1995a) ressalta o trabalho e a vida sexual como importantes fios condutores das conversas e nas festas, locais de encontro entre homens e mulheres, as posturas diferenciadas mediante os gêneros: das mulheres seria esperado o recato e dos homens a iniciativa. As “garraíadas”, uma versão de tourada, da mesma maneira, corresponderiam a espetáculos públicos que dariam a ver também a *performance* masculina e os valores a ela imbuídos (VALE DE ALMEIDA, 1995b).

Igualmente, contudo, destaca que a masculinidade consiste em um processo construído e vigiado e, também, que corresponde a uma metáfora de poder e capacidade de ação. Indo ao encontro daquilo que propõe Connell (2003), ressalta o caráter móvel da relação entre os homens, bem como o conflito entre masculinidades hegemônicas e subordinadas, que teria seu cerne na submissão das mulheres e na aversão à homossexualidade.

Em campo, pesquisando a prostituição viril em São Paulo nos anos oitenta e coletando dados em observações livres e em entrevistas, itinerantes e profundas, Nestor Perlongher (2008) aponta que essencialmente o que se comercializava naquele cenário era a masculinidade. Um dos exemplos que ilustram a questão era o fato de que, ao assumirem a posição passiva (serem penetrados), os michês aumentavam os seus preços, uma vez que estariam abrindo mão de uma posição de poder privilegiada.

A disputa entre masculinidades hegemônica e subordinadas, outrossim, era claramente manifesta em diversos aspectos, dentre os quais se poderia ressaltar o desejo, o qual seria orientado ao perfeitamente ajustado, àquele que, justamente pelo lugar ocupado, tenderia a se voltar contra à homossexualidade e o sujeito homossexual (MISKOLCI; PELÚCIO, 2008).

Os michês machos, os michês bichas e os michês gays, de Perlongher (2008), também permitem que se observe como se dá, nesse contexto específico, as disputas em torno das práticas de gênero/sexualidade. Os primeiros corresponderiam àqueles sujeitos que, apesar do sexo com outros homens, manteriam intacta a sua “masculinidade”, seriam o tipo mais comum, com posturas e hábitos viris. Os michês bichas, tal qual se pode perceber, teriam uma *performance* de gênero mais feminina, sendo minoritários, enquanto os michês gays se refeririam a outro grupo, algo que poderia ser lido como acompanhantes e que também teriam no aspecto viril uma questão relevante.

Jack Halberstam (2008) aponta que a masculinidade estaria associada a valores de poder e de legitimidade, representando o acesso às heranças, à troca de mulheres e à esperança de privilégio social. Em um importante movimento para os estudos referentes às masculinidades e a uma masculinidade dominante, Halberstam (2008) destacará que ela apenas se torna inteligível como tal quando abandona o corpo do macho branco e de classe média, voltando-se justamente aos corpos de homens e de mulheres negros, latinos e de classes populares. Mais do que isso, Halberstam (2008, p. 268), ao afirmar que “a masculinidade não pertence aos homens, não foi produzida só pelos homens e não expressa corretamente a heterossexualidade dos homens” (tradução livre), demonstrará que a masculinidade prescinde de homens para existir.

Tendo como argumento a tese de que seria mais fácil reconhecer elementos da masculinidade contemporânea por meio da masculinidade feminina, Halberstam (2008) recorre, como exemplo, aos filmes de James Bond, sugerindo que eles trariam, em grande parte, uma masculinidade protética, que teria pouco ou nada a ver com uma virilidade biológica. Dessa forma, demonstra, com base no filme *007 contra GoldenEye*, de 1995, que a masculinidade gay do Agente Q e a masculinidade feminina de M seriam ilustrações precisas da dependência de que as masculinidades dominantes possuíam em relação às minoritárias.

Com o exemplo do *Drag King*, Halberstam (2008) questiona o porquê da feminilidade ser tão passível de encenação, de representação, ao

passo que a masculinidade pareceria a elas resistir. É considerando, pois, a percepção geral do caráter não performativo do gênero masculino, que Halberstam (2008, p. 261) ressalta a dificuldade de desestabilizá-lo. “As representações atuais da masculinidade branca dependem sempre de uma noção relativamente estável da realidade e da naturalidade tanto do corpo do homem como de seus efeitos significantes” (tradução livre).

1.2 ... e às sexualidades possíveis

Trata-se, em suma, de interrogar o caso de uma sociedade que desde há mais de um século se fustiga ruidosamente por sua hipocrisia, fala prolixamente de seu próprio silêncio, obstina-se em detalhar o que não diz, denuncia os poderes que exerce e promete libertar-se das leis que a fazem funcionar.

(Michel Foucault. A história da sexualidade: a vontade de saber.)

Michel Foucault, em 1976, dá início a sua inacabada história da sexualidade, que seria uma história dos discursos sobre ela ou, conforme destaca Preciado (2014, p. 89), “uma história do biopoder”, baseando-se na constatação de que, se por um lado, contemporaneamente, teríamos uma sexualidade contida, muda e hipócrita, em inícios do século XVII, ainda haveria franqueza em relação ao sexo. “As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade” (FOUCAULT, 2011, p. 09). Os corpos, que poderiam então pavonear, teriam sido engolidos por aquilo que Foucault (2011, p. 09) percebe como um crepúsculo, o qual teria culminado nas “monótonas noites da burguesia vitoriana”.

A sexualidade, então, é encerrada dentro do lar, confiscada pela família conjugal e absorvida, tendo em vista a questão da reprodução. O segredo passa a ser reservado ao casal capaz de procriar e sobre a sexualidade, pois, nada mais se teria de relevante a dizer. “O que não é regulado pela geração ou por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei. Nem verbo

também” (FOUCAULT, 2011, p. 10). Para Foucault (2011) não seria uma coincidência que, após séculos de arejamento, o cerceamento em relação à sexualidade ocorresse simultaneamente ao desenvolvimento do capitalismo: tratar-se-ia de algo da nova ordem burguesa, o que também será destacado por Guy Hocquenghem (2009).

Acerca do que seria uma hipótese repressiva, entretanto, Foucault (2011) lançará três dúvidas: A repressão do sexo seria uma evidência histórica? A mecânica do poder que então se instaura seria mesmo de ordem repressiva? E, por fim, o discurso que se volta contra a repressão não seria ele mesmo integrante da rede histórica que pretensamente denunciaria?

Foucault (2011), aí, não dirá que as interdições ao redor do sexo consistiriam em uma ilusão, mas que, ao invés disso, todos os elementos negativos agrupados pela hipótese repressiva (proibição, censura, negação) seriam “somente peças que têm uma função local e tática discursiva numa técnica de poder, numa vontade de saber que estão longe de se reduzirem a isso” (FOUCAULT, 2011, p. 18-19). O controle sobre os indivíduos, pois, não se daria de forma negativa, mas, ao invés disso, de maneira positiva, impondo sobre o corpo uma gama restrita de possibilidades através da sexualidade (WEEKS, 2000). Tratar-se-ia de um biopoder que consistiria na gestão calculista da vida, que sujeitaria os corpos e que submeteria as populações, tal qual será discutido profundamente mais adiante.

É com a base na proliferação dos discursos sobre o sexo, a partir do século XVII, que Foucault (2011) alicerçará suas reflexões. A Contra Reforma e a relevância que passa a adquirir para a Igreja o rito da confissão servem como exemplo privilegiado para observar o que será tomado por Foucault (2011), posteriormente, como *scientia sexualis*, ou seja, um procedimento que, opondo-se a *ars erotica*, a qual buscaria a verdade sobre o sexo a partir do prazer, visaria a extraí-la pelas vias do discurso. Seria assim que o sujeito do ocidente teria se convertido em um animal confidente. “O sexo, segundo a nova pastoral, não deve mais ser mencionado sem prudência; mas seus aspectos, suas correlações, seus efeitos devem ser seguidos até as mais finas ramificações” (FOUCAULT, 2011, p. 25). Trata-se da obtenção de prazer por meio da discursivização das práticas e do desenvolvimento de um saber-poder.

Apenas depois do século XVIII, entretanto, é que nasceria uma “incitação política, econômica, técnica a falar sobre o sexo” (FOUCAULT, 2011, p. 30). Pela primeira vez, então, uma sociedade perceberá que seu futuro e fortuna estariam ligados às maneiras pelas quais cada cidadão usa o sexo.

Toda essa explosão discursiva (cabe ressaltar) não poderia ser percebida apenas sob uma mirada quantitativa. Até o final do século XVIII, três grandes códigos explícitos regeriam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil, cabendo a eles delimitar as fronteiras entre o lícito e o ilícito, tendo invariavelmente como base as relações matrimoniais. Aquilo que disso fosse um desvio seria, claro, marcado por uma abominação particular, mas seria percebido “apenas como uma forma extrema do contra-a-lei” (FOUCAULT, 2011, p. 45).

A partir daí, contudo, acontecem duas modificações. Em primeiro lugar, há “um movimento centrífugo em relação à monogamia heterossexual” (FOUCAULT, 2011, p. 45) e, em contrapartida, passa-se a interrogar cada vez mais aquelas personagens as quais, não estando aí englobadas, deveriam “fazer a difícil confissão daquilo que são” (FOUCAULT, 2011, p. 45).

A sexualidade, enfim, pode ser compreendida como um dispositivo que objetivaria dizer (determinada) verdade sobre o sexo, o qual abarcaria a história, vinculando a confissão da pastoral cristã à escuta clínica, que englobaria o dispositivo da aliança (o qual se referiria ao sistema de matrimônio e à transmissão de nomes e de bens) e que teria no corpo uma peça fundamental a ser utilizada. “O dispositivo da sexualidade tem, como razão de ser [...] penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global” (FOUCAULT, 2011, p. 118)

Foucault (2011) identifica, nesse cenário, quatro unidades estratégicas que, a partir do século XVIII, ligariam “uma variedade de práticas e técnicas de poder” (WEEKS, 2000, p. 36). A histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de reprodução e a psiquiatrização do prazer perverso, ao voltarem-se, respectivamente, ao corpo das mulheres, o qual teria que ser analisado, qualifica-

do e desqualificado tendo em vista sua saturação sexual, à necessidade de controle dos impulsos sexuais infantis, à preocupação política e coletiva em relação aos nascimentos e às anomalias visariam, fundamentalmente, a expor a “verdade” sobre o sexo.

De modo mais específico acerca da homossexualidade pode-se recuperar Mary McIntosh (1968) a fim de ressaltar que a conceituação dessa enquanto condição é resultado de um viés etnocêntrico e que a sua delimitação como categoria é relativamente recente. Conforme lembra Jeffrey Weeks (2000), de modo mais específico, os termos heterossexual e homossexual teriam sido concebidos por Karl Kertbeny, escritor austro-húngaro, e foram usados pela primeira vez publicamente, por ele, em 1869, em uma tentativa de colocar em pauta, na Alemanha, que estava em vias de unificação, uma reforma sexual e, em específico, a revogação das leis antissodomitas. Segundo Weeks (2000), tratar-se-ia de uma campanha que, depois sendo assumida pela disciplina da sexologia (discurso médico/científico), culminaria na definição das atividades sexuais entre iguais como um escape à sexualidade normal e específica de um tipo determinado de indivíduo. Em 1870, Carl Westphal, ao analisar diferentes casos de pacientes, homens e mulheres que teriam posturas e/ou desejos opostos àqueles que seriam esperados, aponta a homossexualidade como uma categoria médica específica, percebendo-a como uma sensação sexual contrária (WESTPHAL, s/d). Da sodomia, portanto, correspondendo a um ato interdito e o seu autor a um sujeito jurídico, teria se passado ao homossexual do século XIX, um indivíduo com uma identidade própria “um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa” (FOUCAULT, 2011, p. 50).

Fundamental de ser retomada, igualmente, no que se refere a um questionamento da heterossexualidade como paradigma hegemônico, é a obra *Le désir homosexuel*, publicada em 1972 por Guy Hocquenghem, compreendida como um dos textos fundantes do que viria a ser, posteriormente, percebido como *teoria queer*. “É o primeiro diagnóstico crítico acerca da relação entre capitalismo e heterossexualidade realizado por um maricas

que não oculta sua condição de escória social e anormal para começar a falar” (PRECIADO, 2009, p. 138) (tradução livre).

Hocquenghem (2009) dá início ao seu texto apontando como não haveria, de fato, desejo hétero e homossexual, mas sim desejo, explicitando que tal cisão e valoração apenas se dariam em um segundo momento, mediante manipulações às quais seriam submetidas. “A sociedade capitalista fabrica o homossexual como produz o proletário, suscitando, a cada momento, seu próprio limite. A homossexualidade é uma fabricação do mundo normal” (HOCQUENGHEM, 2009, p. 23) (tradução livre). Afirma, ainda, que o temor e o desejo gerados pela homossexualidade expõem que ela se referiria a muito mais do que o mero relacionamento entre iguais, estando, sua sublimação, no cerne do desenvolvimento de nosso modelo político e econômico.

Se, por um lado, a reprodução heterossexual se assentaria em um modelo de relação vertical, na qual homens e mulheres desempenhariam papéis específicos e limitados, a homossexualidade demonstra outra possibilidade de organização coletiva, a qual poderia ser, por exemplo, mais horizontal. Seria a sublimação homossexual, assim, que garantiria a coesão social que é continuamente ameaçada.

Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010), a quem recorre Hocquenghem (2009), destacam, em *O Anti-Édipo*, como a nossa sociedade, falocêntrica, teria procedido de uma vasta privatização dos órgãos, sendo o ânus o primeiro a ser colocado fora do campo social. “O ânus desempenha para os órgãos o papel que o narcisismo desempenhava para a constituição dos indivíduos: é a fonte de energia de que nascem o sistema sexual e a opressão que faz reinar sobre o desejo” (HOCQUENGHEM, 2009, p. 73-74) (tradução livre).

Em *Terror Anal*, posfácio da edição espanhola do livro de Hocquenghem (2009), Preciado (2009) traz uma parábola sobre nossas origens. No início, teríamos sido um emaranhado de líquidos e de sólidos, recobertos pela pele, a qual se abriria em dois orifícios: a boca e o ânus. O medo, então, de que toda a pele se convertesse em órgão sexual, teria feito com que os corpos buscassem formas de controle. Foi preciso, aí, fechar o ânus, para sublimar os desejos, assim como foi preciso fechar a terra comum, para definir a propriedade privada. “Fechar o ânus para que a energia sexual

que poderia fluir através dele se convertesse em honrada e saudável camaradagem viril, em intercâmbio linguístico, em comunicação, em imprensa, em publicidade, em capital” (PRECIADO, 2009, p. 136) (tradução livre). A Igreja, também movida pelo medo, teria encontrado uma forma limpa de castrar o ânus: ao passo que colocava um dólar nos ânus dos meninos, afirmava que assim é que se chegaria à posição de proprietário de mulheres, de filhos, de nações. “Posto a disposição dos poderes públicos, o ânus foi costurado e selado. Assim nasceu o corpo privado” (PRECIADO, 2009, p. 136) (tradução livre). Os corpos dos homens heterossexuais, portanto, seriam resultantes de um ânus castrado e, apesar de se apresentarem como dominadores, não passariam de mutilações.

Tal qual lembram Javier Sáez e Sejo Carrascosa (2014), o ânus é um lugar vazio das marcas de gênero, o qual desafiaria a lógica do binarismo sexual e mito da cópula heterossexual reprodutiva. Ao mesmo tempo, contudo, o ânus seria fundamental na constituição do sistema sexo/gênero e na organização das diferentes sexualidades. “Ser um homem (e ser heterossexual) não parece depender tanto de ter genitais masculinos ou de manter práticas sexuais pênis/vagina, mas de manter o ânus sempre cerrado à penetração” (SÁEZ; CARRASCOSA, 2014, p. 172) (tradução livre).

Preciado (2014) aponta três características do ânus que o alçam a uma posição central no que se refere a uma desconstrução sexual: ele está além dos limites anatômicos da diferenciação sexual, haja vista que todos nós temos um; ele, apesar de não figurar da lista dos pontos colocados como orgásticos, é um centro produtor de prazer e, por fim, não tendo sobre si os fantasmas da reprodução ou da relação romântica, ele gera benefícios que ultrapassam uma economia heterocentrada. “Pelo ânus o sistema tradicional da representação sexo/gênero vai à merda” (PRECIADO, 2014, p. 32). Trata-se, aí, tal qual sugerem Sáez e Carrascosa (2014), como proposta política de ação, de reivindicar o orgulho passivo, a fim de justamente subverter o dispositivo da sexualidade que nos produz.

Monique Wittig (2010), em conferência de 1978, e em texto publicado posteriormente, em 1980, afirma que os discursos que oprimiriam as lésbicas, as mulheres e os homens homossexuais tomariam a heterossexu-

alidade como única base possível sobre a qual poderia se assentar uma sociedade. Ao permitirem apenas a significação por meio de seus termos, tais discursos negariam, desde um primeiro momento, a criação de categorias próprias. Apresentando-se como um dado anterior e como uma evidência, o pensamento heterossexual proporia uma interpretação totalizadora do real, sendo incapaz de conceber um modelo de desenvolvimento no qual a heterossexualidade não fosse ordenadora de processos conscientes e inconscientes. Será nesse sentido que Wittig (2010) dirá que, ao seguirem se definindo como mulheres e como homens, as lésbicas e os *gays* reiterariam a heterossexualidade.

Adrienne Rich (2010), em 1980, de modo semelhante, define a heterossexualidade como sendo uma instituição política que retiraria o poder das mulheres. Ao se fazer compulsória, ela relegaria a experiência lésbica ou ao espaço do desviante ou ao espaço do invisível. Nesse sentido, Rich (2010) defende a emergência de um *continuum lésbico*, o qual, sob seu ponto de vista, não ficando restrito às experiências lésbicas femininas, mas incluindo-as, reuniria ainda uma grande variedade de experiências de identificação entre mulheres, servindo, logo, como forma de empoderamento.

Gayle Rubin (2003, p. 13) ressalta que o sexo, nesse cenário, sempre é visto sob suspeita, sendo previamente culpado, até que se prove o contrário. “Virtualmente todos os comportamentos eróticos são considerados maus a menos que uma razão específica para isentá-los tenha sido estabelecida. As mais aceitas desculpas são o casamento, a reprodução e o amor”.

Será a partir desse lugar que Rubin (2003) aponta que as sociedades ocidentais modernas tendem a avaliar o sexo de acordo com um sistema hierárquico. Heterossexuais, maritais e reprodutivos, estariam sozinhos, então, no topo daquilo que ela define como pirâmide erótica. Abaixo desses, mas ainda resguardados sob os rótulos da moralidade e da dignidade, estariam os demais heterossexuais. A prática da masturbação estaria pairando ambigualmente, entre as fronteiras do aceitável e do inaceitável. Casais homossexuais monogâmicos, ou homoafetivos, em uma já naturalizada prática de nomenclatura higienizadora (RIOS, 2013), estariam no limite da respeitabilidade. Abaixo desses ficariam alocados as lésbicas e os *gays*

promíscuos e/ou que rompem com as *performances* de gênero estabelecidas (o sapatão e a bicha, por exemplo) e, na base da pirâmide, ou seja, sendo as castas sexuais mais abjetas, estariam os sujeitos trans, os profissionais do sexo e os indivíduos fetichistas.

Tal qual se pode perceber, questões como uma saúde mental certificada, comportamentos e práticas dentro de um regime de legalidade e suportes institucionais variados, tenderiam a diminuir conforme se passa do topo à base da pirâmide erótica, tal qual o peso das vidas desses sujeitos (BUTLER, 1993; 2015), dizendo, portanto, tanto dos espaços que podem ser ocupados por nós/eles, quanto de suas/nossas subjetividades.

1.3 Dos retalhos que se costuram em identidades

*Todos me viam como uma menina. Para mim, era um menino.
Havia um abismo entre como me viam e como me sentia.
Adorava as brincadeiras consideradas de menino. Era reprovado.
Gostava de me vestir como os garotos, tentando rivalizar e competir com eles. Era ignorado. Tremia e me apaixonava pelas garotas, mas era impedido de me declarar. Meus sonhos eram ser um super-herói, depois casar com a princesa e ser pai.
Era incompreendido. [...] Certa vez saí só com mamãe.
Tivemos de atravessar a pracinha. Alguém gritou: “Maria-homem! Maria-homem!”. Quis morrer naquela hora. Fiquei lívido.
Fingi que não era comigo. Tentei puxar qualquer conversa para ela não escutar. A voz não saía. Um misto de vergonha e de tristeza me invadiu por fazer mamãe assistir àquele vexame.
O bolo na garganta cresceu. Tentei segurar as lágrimas, que teimavam em sair. Abaixei a cabeça.*

(João W. Nery. Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois.)

Como lembra Didier Eribon (2008), a injúria é mais do que uma fala que descreve. Para além de anunciar aquilo que sou (ou que supostamente pensam que sou), ela não visa a informar algo sobre mim, para mim mesmo.

O objetivo da sentença é expor uma posição de poder subordinada, é dizer que aquele que fala tem o poder de desferir suas palavras sobre mim porque ele me é superior.

Tal qual ressalta Stuart Hall (2000), ao filiar-se a uma perspectiva discursiva e culturalista, a identificação nunca é algo fechado ou concluído, mas, ao invés disso, é o resultado de um contínuo e constante processo. É por não ser determinada, sendo uma construção, que sempre é possível “ganhá-la” ou “perdê-la”, em um sentido de manutenção dessa ou então de seu abandono. “A identidade é um significado cultural e socialmente atribuído” (SILVA, 2000, p. 89).

Indo de encontro, pois, a uma perspectiva essencialista, que tomaria as identidades tendo em vista uma pretensa estabilidade e um invariável núcleo comum, Hall (2000, p. 108) as perceberá pelas suas pluralidades, das suas fraturas e fragmentações, levando em conta que elas são “multiplicamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas”.

Como construções discursivas, faz-se necessário salientar que elas são “produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (HALL, 2000, p. 109). Concordando com Tomas Tadeu da Silva (2000), pode-se dizer que as identidades são contraditórias e inconsistentes, que são relações abertas e atos performativos inacabados, sendo frutos de disputas em torno do poder, da significação e da representação.

Ao acionar Louis Althusser (1970), Hall (2000) definirá a identidade, ainda, como, por um lado, os pontos de sutura entre os discursos e as práticas, os quais nos interpelam como sujeitos, exigindo que ocupemos dados lugares e não outros e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades. Seriam, assim, os “pontos de apego temporário às posições de sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (HALL, 1995 apud HALL, 2000, p. 112).

Apesar de sua natureza ficcional, uma vez que surgem do processo por meio do qual o *self* é narrativizado, vale ressaltar que o caráter político e social da identidade não é de modo algum diminuído. Mesmo que a sua

constituição e a sua cristalização no imaginário coletivo e na história se deem no espaço da fantasia, ela adquire pregnância e é tomada pelos sujeitos como uma essência, como um dado da natureza.

Mais do que o resultado de processos que assinalariam uma unidade sem costuras que a tudo inclui, todavia, as identidades e as diferenças seriam relativas à exclusão. A delimitação daquilo que se é ou (tão importante quanto) daquilo que não se é consiste em um processo mais complexo do que pode parecer em um primeiro instante.

Identidade e diferença sempre dizem de um processo de inclusão e de exclusão, necessitando da demarcação de fronteiras e de parâmetros que digam do “nós” e que também digam do “eles”. “Os pronomes ‘nós’ e ‘eles’ não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcados por relações de poder” (SILVA, 2000, p. 82).

Identidade e diferença, portanto, são frutos de relações sociais, são afirmações que dizem de diferentes grupos, que ocupam diferentes posições, refletindo assimetrias de poder e dando acesso, ou então impedindo acesso, a uma gama de bens simbólicos e materiais. “Elas [identidade e diferença] não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas” (SILVA, 2000, p. 81).

Recorrendo a Derrida, Silva (2000) recupera as formas de classificação que se estruturam ao redor de binarismos e de polarizações. Ao dividir o real em duas classes, invariavelmente atribuem-se privilégios a uma delas, conferindo-lhe uma carga positiva. Mais do que isso, tal qual lembra Beauvoir (1970), acerca das identidades masculina e feminina, às mulheres caberia a posição de segundo sexo, tendo em vista que o lugar da norma, o parâmetro no qual o mundo se estabeleceria, seria o masculino. “A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta nos campos da identidade e da diferença” (SILVA, 2000, p. 83).

A identidade “normal”, então, assume a posição neutra, na qual todas as demais devem se reportar. É nesse sentido que se pode dizer que tal qual a identidade étnica é a negra, e não a branca, a identidade sexualizada é a homossexual, e não a heterossexual. Como bem lembra Hall (2000), sen-

do prática de significação, a identidade está naturalmente sujeita ao jogo da diferença, obedecendo à lógica do mais-que-um. A identificação, pois, ante essa perspectiva, necessita de operações discursivas que delimitem as suas fronteiras, que demarquem os seus limites e, invariavelmente, ao longo desse processo, requer aquilo que lhe é exterior e, justamente por isso, constitutivo. Emergindo dessa disputa, as identidades e as diferenças tendem a ser muito mais reflexo de uma exclusão do que uma *mesmidade* que a tudo incluiria.

Judith Butler (1993; 2000; 2012), ao perceber o sexo como parte de uma prática que, inscrevendo-se nos corpos dos sujeitos, os governa e os controla, sendo, pois, desde sempre, uma instância normativa, discute como suas normas regulatórias atuam em um sentido de corroborar para a delimitação de um imperativo heterossexual. Será nesse sentido que afirmará que aquilo que é de fora, que não corresponde ao que é englobado pela norma vigente (a homossexualidade, no caso), é tomado como um exterior abjeto, digno de repulsa, mas, justamente por isso, constitutivo daquilo que é da ordem do adequado e do hegemônico.

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito (BUTLER, 2000, p. 112).

Convém retomar, então, o conceito de abjeção, oriundo da obra de Julia Kristeva (1982), e que será fundamental para o desenvolvimento dos estudos *queer*. Os corpos à margem, as vidas que ocupariam espaços incômodos, seriam aqueles que, não gerando empatia e ultrapassando as fronteiras do que poderia ser dito “tolerável”, geram o asco. “Assim, não é falta de limpeza ou de saúde que causa a abjeção, mas aquilo que perturba a identidade, o sistema, a ordem. O que não respeita fronteiras, posições, regras. O entre lugar, o ambíguo, o múltiplo” (KRISTEVA, 1982, p. 04) (tradução livre). A abjeção, pois, referir-se-ia ao imoral, ao sinistro e ao sombrio.

Sobre a relação entre o normal e o abjeto, portanto, tratar-se-ia de uma

oposição binária, na qual um elemento seria não só o contrário, mas também aquilo que dá forma ao outro. Seria, assim, nessa zona de instabilidade, na borda e na fronteira, que se constituiria o limite definidor do indivíduo, sendo esse o lugar da temerosa semelhança, pela qual e contra a qual uma identidade será reivindicada.

Erving Goffman (2004) pensa aquilo que compreende como identidades deterioradas baseando-se no conceito de estigma. Ao recuperar a origem grega do termo, dirá que, inicialmente, ele estaria relacionado aos sinais corporais por meio dos quais se evidenciava determinado atributo negativo de alguém. As marcas, então, deixadas por cortes ou por queimaduras delatavam que seu possuidor deveria ser evitado. Contemporaneamente, em um sentido que ainda conserva elementos dessa matriz, o estigma referir-se-ia àquilo que torna um sujeito “inabilitado para a aceitação social plena” (GOFFMAN, 2004, p. 04), não sendo mais restrito (embora também as possa incluir) às evidências corporais.

Ao passo que se estabelece um parâmetro e uma normalidade, o sujeito estigmatizado seria aquele que, ao romper com essa lógica, seria estranho, esquisito, incômodo. “Assim, deixamos de considerá-lo [estigmatizado] criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída” (GOFFMAN, 2004, p. 06).

No que se refere às categorizações do estigma, Goffman (2004) propõe que consideremos três tipos principais: as abominações do corpo, que fariam referência àquilo que, fisicamente, foge à regra; as culpas de caráter individual que, supostamente, estariam mais relacionadas à volição do indivíduo, incluindo questões como o caráter, as crenças e a orientação sexual e, por fim, os estigmas tribais que, envolvendo aspectos étnicos, por exemplo, definiriam toda uma linhagem. Em todas elas, contudo, manter-se-ia um traço comum: a presença de um algo que, ao ali estar, impõe a atenção e, pela sua carga negativa coletivamente atribuída, pode gerar o afastamento dos demais. “Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano” (GOFFMAN, 2004, p. 8).

O estigma, entretanto, traz ainda uma dupla perspectiva que convém ser destacada. Dependendo daquilo a que se refira, o estigmatizado pode

considerar que, ainda de antemão, sua característica distintiva será reconhecida e imediatamente evidente pelos demais ou, ao contrário, que ela não é perceptível e, por conseguinte, pode ser ocultada. “No primeiro caso, está-se lidando com a condição do desacreditado, no segundo com a do desacreditável” (GOFFMAN, 2004, p. 07).

Sedwick (2007, p. 28) assumirá como hipótese que todo um conjunto de posições essenciais no que se refere ao ocidente do século XX, tais como os pares segredo/revelação e privado/público, estariam marcados pela “especificidade histórica da definição homosocial/homossexual, particularmente, mas não exclusivamente, masculina, desde mais ou menos a virada do século”.

Ao questionar a dicotomia que separa *gays* e heterossexuais como tipos diferentes de indivíduos, Sedwick (2007) ressalta que não se trata, aí, de destituí-la, haja vista que, apesar dos custos que acompanha, a dicotomia homens e mulheres/*gays* e lésbicas é percebida pela delimitação “homossexual”, descrevendo, com base nela, suas experiências referentes à sexualidade e à identidade. Igualmente, sob um ponto de vista político, a circunscrição de um grupo atua como importante propulsor no que tange à aquisição de direitos e, correlativamente, à defesa desse universo de sujeitos. Apesar disso, em contrapartida, para além dos próprios homossexuais, a homossexualidade parece, tal qual já exposto com Butler (1993), uma categoria igualmente importante para aqueles que com ela não se identificam e, mais do que isso, a ela se opõe. Por que, por exemplo, a saída do armário é uma coisa tão importante? Se ao sujeito heterossexual jamais se pergunta quando ele se percebeu nessa categoria, ao homossexual, em oposição, faz-se necessário saber quando foi o momento fundante, como se deu a aquisição dessa identidade.

Para as antenas finas da atenção pública, o frescor de cada drama de revelação gay (especialmente involuntária) parece algo ainda mais acentuado em surpresa e prazer, ao invés de envelhecido, pela atmosfera cada vez mais intensa das articulações públicas do (e sobre o) amor que é famoso por não ousar dizer seu nome (SEDWICK, 2007, p. 21).

Em consonância com aquilo que diz Eribon (2008, p. 111), é possível constatar que a homossexualidade é contínua e historicamente referida como algo que escapa à normalidade, constituindo-se na sexualidade e/ou afetividade em que falta algo: “é uma “perversão”, uma “parada” num estágio infantil no desenvolvimento normal do indivíduo e de seus desejos, uma “incapacidade” de reconhecer o outro. A partir de um discurso heterocentrado, baseado em uma mitologia científica, a identidade homossexual é, portanto, desde a sua gênese, negativa. Sendo delimitada pelo outro, corresponde, ainda, à categoria que Jean Paul Sartre (2011) chamou de irrealizável.

Sartre (2011) pergunta de que maneira é possível experimentar os limites objetivos do ser quando é a linguagem que estabelece esses limites. A maneira como o eu seria captado pelos demais e, portanto, aí definido, jamais corresponderia plenamente ao modo como esse eu é percebido e vivenciado por mim mesmo. Fala-se aqui, então, não de abstrações, mas de um conjunto de estruturas que são um concreto absoluto, de características que não são plenamente possíveis de realização no sujeito. “Trata-se de existências perfeitamente reais; mas aqueles indivíduos para quem são realmente dados tais caracteres não são esses caracteres; e eu, que sou esses caracteres, não posso realizá-los” (SARTRE, 2011, p. 646). O que somos para o outro é diferente daquilo que somos para nós mesmos.

Apesar disso, os irrealizáveis seriam “irrealizáveis a realizar”, apresentando-se e impondo-se ao sujeito dessa forma, a luz de algum projeto que vise a realizá-los. Simone de Beauvoir (1990), ao refletir acerca da identidade dos velhos e ao retomar a categoria dos irrealizáveis de Sartre (2011), dirá que a velhice é tal qual é a partir dos costumes, dos comportamentos e do vocabulário designados por outros. Apesar de ter de assumir essa realidade, entretanto, ela jamais coincidirá com o real que um velho assume. “A velhice é um além de minha vida, do qual não posso ter nenhuma experiência interior” (BEAUVOIR, 1990, p. 357).

Eribon (2008, p. 78) constata, nesse mesmo sentido, que a subjetividade *gay* é inferiorizada justamente por ser produzida por uma sociedade heteronormativa. Não haveria uma subjetividade primeira que

então seria deformada. “A subjetividade e essa marca social são apenas um”. O sujeito se constitui pela interpelação como tal, e a identidade se constrói nesse processo, de modo que ambos são frutos das estruturas sociais que oprimiriam os homossexuais.

Ressaltar que nossa cultura estrutura-se ao redor de um paradigma heteronormativo é mais do que dizer que ela é apenas heterossexual, é dar a ver que o privilégio heterossexual reside no fato de que a cultura heterossexual se apresenta, de forma totalizante, como sociedade. Proposto por Michael Warner, em 1991, o conceito de heteronormatividade corresponderia “àquelas instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que não apenas fazem com que a heterossexualidade pareça coerente – ou seja, organizada como sexualidade – mas também que seja privilegiada” (BERLANT; WARNER, 2002, p. 230). A heteronormatividade, ao definir a heterossexualidade como natural e ao seccionar os sujeitos entre heterossexuais e não heterossexuais, diz quem é normal e quem não é. A fronteira que se estabelece aí, conforme já visto, separa as vidas que pesam daquelas que geram apenas o asco (BUTLER, 1993; 2000).

A homofobia, nesse contexto, é apenas uma consequência lógica de todo um processo que incita o ódio à determinada diferença. De acordo com Daniel Borrillo (2010, p. 13), seria uma manifestação arbitrária que “consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal”. Tendo em vista a sua “dissidente” orientação sexual, o sujeito homossexual é percebido sob os rótulos do excêntrico e do extravagante e posicionado à distância, fora do universo do qual fazem parte as pessoas. “À semelhança do negro, do judeu ou de qualquer estrangeiro, o homossexual é sempre o outro, o diferente, aquele com quem é impensável qualquer identificação” (BORRILLO, 2010, p. 14).

Ao passo que se delega a homossexualidade ao espaço do ilícito, a homofobia é participante ativa no que se refere à configuração da heterossexualidade como padrão natural de conduta, bem como de dicotomias e de binarismos que marcam as configurações de gênero. Conforme lembra Byrne Fone (2000), nesse sentido, a homofobia representa o ris-

co de desestabilização que a homossexualidade pode gerar, perturbando convenções sociais, políticas e econômicas, bem como as *performances* de gênero esperadas de homens e de mulheres.

“À semelhança de qualquer forma de exclusão, a homofobia não se limita a constatar uma diferença: ela a interpreta e tira suas conclusões materiais” (BORRILLO, 2010, p. 16). Nesse sentido, seja pela violência da injúria, seja pelos ataques físicos contra homossexuais, ao ser responsável por sua “falha”, uma condenação moral e coletiva faz-se necessária. “Aceita na esfera íntima da vida privada, a homossexualidade torna-se insuportável ao reivindicar, publicamente, sua equivalência à heterossexualidade” (BORRILLO, 2010, p. 17).

Lorde Alfred Douglas, em famoso poema intitulado *Two Loves*, que viria a constar como prova de sua relação afetiva e sexual com Oscar Wilde, sendo acionado no julgamento que o condenou por pederastia na Inglaterra do século XIX, fazia referência à homossexualidade como “o amor que não ousa dizer o seu nome”. Um amor, portanto, cuja voz é tolhida.

Sobre a saída e/ou não saída do armário, tal qual se viu com Sedwick (2007), há toda uma gama de ambiguidades. Ao passo que, por um lado, exige-se dos sujeitos homossexuais que seja dita “a verdade” sobre a sua condição, igualmente se condena a propagação da informação: “e quem está interessado em sua vida íntima?”. Faz-se necessário, então, refletir sobre os espaços de fala desses sujeitos subalternos, bem como questionar: poderiam eles falar? E, se sim, através de que maneiras poderiam, tal qual sugere Eribon (2008), passar da sujeição à subjetivação, moldando suas existências específicas e cultivando suas diferenças?

Para Gayatri Chakravorty Spivak (2010), o subalterno referir-se-ia às “camadas mais baixas da sociedade, constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK APUD ALMEIDA, 2010, p. 12). Ao questionar, entretanto, se poderia o subalterno falar, Spivak (2010) dá a ver que nenhum ato de resistência poderia ocorrer em nome do subalterno sem que houvesse uma imbricação desse ato em um discurso hegemônico. Argumentando que

a produção intelectual ocidental é cúmplice dos interesses econômicos e políticos desse lugar, Spivak (2010, p. 20) dirá que “algumas das críticas mais radicais produzidas pelo Ocidente hoje são o resultado de um desejo interessado em manter o sujeito do Ocidente, ou o Ocidente como Sujeito”.

De acordo com Spivak (2010), Foucault e Deleuze, em fala específica, afirmavam que os oprimidos, mediante oportunidade e criação de uma política de alianças, poderiam falar e conhecer suas condições. A partir daí é que lança a questão que fundamenta sua obra: “no outro lado da divisão internacional do trabalho do capital socializado, dentro e fora do circuito da violência epistêmica da lei e educação imperialistas, complementando um texto econômico anterior, *pode o subalterno falar?*” (SPIVAK, 2010, p. 54).

Spivak (2010) volta, então, sua atenção às mulheres indianas e à imolação das viúvas e, quando conta a história de Bhubaneswari Bhaduri, ressalta que essa mulher não apenas não pode falar, como também não encontra, quando busca, os meios para se fazer ouvir. Acerca da imolação, trata-se do *sati*, sacrifício por meio do qual, ao subir à pira funerária do marido morto e ao imolar-se sobre ela, a mulher estaria se libertando de seu corpo feminino. A abolição do ritual pelos britânicos foi percebida, então, como uma situação em que “homens brancos” estariam salvando “mulheres de cor” de outros “homens de cor”. Sobre Bhubaneswari Bhaduri, Spivak (2010) relata que a jovem, ao suicidar-se, na década de 20, deixa pairando no ar a dúvida sobre suas motivações. Apenas depois se descobriu que, sendo membro de um grupo envolvido na luta pela independência da Índia, ela teria recebido como missão realizar um assassinato político. Não conseguindo fazê-lo, contudo, e tendo em vista a confiança depositada, optou por tirar a própria vida.

Uma série de trabalhos produzidos a partir de um lugar de fala marginal, escritos em grande parte por *gays* e lésbicas envolvidos em movimentos ativistas e também acadêmicos, ao tomarem a palavra para si, propõe que se reflita sobre o lugar dos subalternos pelo ponto de vista deles próprios. Ao deslocarem a injúria e ao erguerem-se sobre ela para falar, tal perspectiva propicia um questionamento radical dos processos de subjetivação (PRECIADO, 2009).

A enunciação científica passa assim bruscamente da terceira pessoa do singular (o cientista que fala do “homossexual”) para duas articulações locais: a enunciação na primeira pessoa (“Eu o homossexual”) e a segunda pessoa do plural (“Vocês os heterossexuais”, “São vocês os que têm medo”) (PRECIADO, 2009, p. 159) (tradução livre).

No que se refere ao contexto de seu desenvolvimento, pode-se dizer que as origens do que se concebe como teoria *queer* estariam ligadas à segunda onda feminista, ao movimento negro do sul dos Estados Unidos e, mais especificamente, à postura da população em geral frente aos homossexuais que, em um cenário de epidemia de AIDS e pelo medo da contaminação, eram percebidos como grupo abjeto cuja repulsa era recomendada e estimulada (*queer nation*)⁴. De um ponto de vista teórico e metodológico, ainda, ela seria herdeira do encontro dos estudos culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, tendo como aspecto importante a desconstrução das noções clássicas de sujeito e de identidade (MISKOLCI, 2007; 2012).

Queer, que em inglês remete a uma ofensa, a um xingamento, comumente dirigido àqueles que rompem com padrões de gênero/sexualidade (seria algo como estranho, esquisito), é então recuperado e ressignificado por aqueles que o recebiam na forma de injúria. Conforme lembra García (2005), a palavra *queer* traz em sua enunciação imbricada a carga de violência e de discriminação exercida pela sociedade heterossexista contra os sujeitos “desviantes”.

Teresa de Lauretis (1991), a quem se atribui o emprego inicial do termo *queer*, defenderá o seu uso como tentativa de perturbar a complacência da cômoda e bem estabelecida fórmula “estudos gays e lésbicos”. Mais do que isso, tal qual argumenta David Halperin (2007, p. 135) (tradução livre), Lauretis pretendia “introduzir no discurso monolítico, homogeneizante, da diferença (homos)sexual uma problemática de múltiplas diferenças e destacar tudo o que há de perverso no projeto de teorizar o prazer e o desejo sexuais”.

⁴Sobre a epidemia da AIDS, na década de oitenta, e sobre a relação que então se estabelece com a população gay, ver Perlongher (1987).

A ideia seria, por meio de trabalhos aí alocados, estabelecer formas de resistência à homogeneização cultural e aos discursos dominantes de uma cultura heteronormativa. A *Queer Theory*, pois, traria imbricada a dupla ênfase de um trabalho conceitual e especulativo envolvido na produção de um discurso e, ao mesmo tempo, na desconstrução e crítica necessária de nossos próprios discursos e de nossos silenciamentos (DE LAURETIS, 1991).

Tomada como perspectiva teórica e política, a teoria *queer* consolida-se ao estabelecer sua crítica tendo em vista um modelo de hegemonia heteronormativa e os binarismos (hétero/homo; homem/mulher; integrado/excluído) que o chancelam. Conforme lembra García (2005), ao considerar a sexualidade como um campo aberto de relações de poder e como uma dispersão de pontos de dominação e de resistência, a teoria *queer* propõe que a resistência se dê em múltiplos espaços articulados e políticos. Tal qual diz Preciado (2009) trata-se de um espaço de empoderamento e de mobilização revolucionária.

Para Louro (2008), o *queer* seria o raro e o esquisito, o corpo estranho que perturba e que fascina, o sujeito cuja *performance* de gênero rompe com aquilo que se estabelecería como convencional e cuja sexualidade dá a ver outras possibilidades existentes e continuamente camufladas. “É o excêntrico que não deseja ser integrado e muito menos tolerado. *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referência” (LOURO, 2008, p. 07).

Larissa Pelúcio (2014), ao falar sobre as apropriações e ressignificações da teoria *queer* no Brasil, menciona que, ao contrário do que acontece em países de língua inglesa, a expressão *queer* não feriria, por aqui, os ouvidos alheios, chegando a soar suave. E é nesse sentido que, não com o intuito de realizar uma tradução da perspectiva teórica e política, mas, ao invés disso, almejando a um movimento antropofágico, propõe um outro termo que, em português, dê a ver aquilo a que se pretende. “Assumir que falamos a partir das margens, das beiras pouco assépticas, dos orifícios e dos interditos fica muito mais constrangedor quando, ao invés de usarmos o polidamente sonoro *queer*, nos assumimos como teóricas e teóricos cu” (PELÚCIO, 2014, p. 04).

Em uma comparação com o movimento *gay*/lésbico tradicional, pode-se dizer que mais do que lutar por uma forma de integração aos padrões, a teoria *queer* visaria, justamente, a estabelecer uma crítica a um regime heteronormativo de verdade, que mais do que opor sujeitos hétero/homossexuais, oprimia indivíduos normais e anormais. Para além de uma defesa da homossexualidade, portanto, configurar-se-ia como uma negação “dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção” (MISKOLCI, 2012, p. 25). Indo ao encontro daquilo que menciona Warner (1991), vale destacar que o *queer* tem o efeito de apontar, para além da intolerância, um campo de normalização como local privilegiado da violência a qual, voltando-se aos sujeitos, segrega vidas entre aquelas que valem e aqueles que não valem. E corpos, entre aqueles que pesam e aqueles que não pesam (BUTLER, 1993).

CAPÍTULO 2

A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DOS CORPOS

Seu drama não era o drama do peso, mas da leveza. O que se abatera sobre ela não era um fardo, mas a insustentável leveza do ser.

(Milan Kundera. A insustentável leveza do ser.)

Como, pois, podemos pensar a matéria dos corpos como uma espécie de materialização governada por normas regulatórias — normas que têm a finalidade de assegurar o funcionamento da hegemonia heterossexual na formação daquilo que pode ser legitimamente considerado como um corpo viável? Como essa materialização da norma na formação corporal produz um domínio de corpos abjetos, um campo de deformação, o qual, ao deixar de ser considerado como plenamente humano, reforça aquelas normas regulatórias? Que questionamento esse domínio excluído e abjeto produz relativamente à hegemonia simbólica? Esse questionamento poderia forçar uma rearticulação radical daquilo que pode ser legitimamente considerado como corpos que pesam, como formas de viver que contam como “vida”, como vidas que vale a pena proteger, como vidas que vale a pena salvar, como vidas que vale a pena prantear?

(Judith Butler. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo.)

Milan Kundera (2008), ao versar sobre a insustentável leveza do ser, discorre acerca do fardo que nos vergaria e, simultaneamente, nos conferiria materialidade, aproximando-nos da terra e tornando nossa existência mais real, bem como problematiza a leveza que nos libertaria e, indissociavelmente, nos tornaria insignificantes, capazes de flutuar.

Segundo Kundera (2008), o drama de uma vida sempre pode ser explicado pela metáfora do peso. Ao recorrer à poesia amorosa, destaca que, em um cenário de relação sexual, por exemplo, estar sob o peso do parceiro poderia representar a realização vital mais intensa. Em contrapartida, e as

falas cotidianas nos explicitam essa relação, diz-se comumente que se tem um fardo sobre os ombros: igualmente um peso, portanto, mas com o qual se joga, podendo-se ganhar ou perder.

Einmal ist keinmal. Uma vez não conta. As coisas não se repetem, tudo acontece apenas uma vez. Nunca se entra duas vezes em um mesmo rio. “A história é tão leve quanto a vida do indivíduo, insustentavelmente leve, leve como uma pluma, como uma poeira que voa, como uma coisa que vai desaparecer amanhã” (KUNDERA, 2008, p. 219).

Para Kundera (2008), pois, a contradição pesado/leve seria a mais misteriosa e a mais ambígua de todas as contradições, sendo a partir dela que se estabeleceriam as vidas dos sujeitos. Judith Butler fala de um outro lugar. Sua extensa obra acadêmica, promotora de uma importante cisão no que tange os estudos de gênero e de sexualidade, a teoria feminista e a teoria *queer*, muito daí devedora, contudo, também aborda a questão do peso e da leveza.

Em *Bodies that matter*, de 1993, Butler sugere que percebamos os corpos e as vidas dos indivíduos como tendo pesos e importâncias variáveis, sendo, por consequência dos espaços por eles ocupados, dignos ou indignos de pranto. Ao elencar as questões que se fazem presentes no contexto da discussão da materialidade dos corpos, Butler (1993; 2000) reitera suas posições já expressas em *Gender Trouble* acerca do caráter construído das categorias de sexo e de gênero bem como da percepção desse último como um contínuo fazer, como sendo performativo. Destaca, ainda, no que se refere ao processo de aquisição de uma identidade, que esse sujeito, ao assumir uma norma corporal, um sexo e um gênero, o faz mediante um conjunto de paradigmas que sustentam um imperativo cisgenerificado e heterossexista. Tratar-se-ia, portanto, de uma matriz que é, desde a sua gênese, excludente e produtora de sujeitos estigmatizados, de vidas abjetas ou, em outros termos, de corpos com menor peso.

Uma identidade que pode ser dita normativa e normalizada, ou seja, que segue, tal qual o esperado, a rota sexo/gênero/desejo, apenas se consolida mediante o espectro de uma identidade que está fora dessa estrutura hegemônica. Os não sujeitos, habitantes dessas zonas inóspitas, tornam-se

essenciais no que tange o estabelecimento dessa fronteira e do limite definidor do domínio do sujeito.

Neste sentido, pois, o sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, um exterior abjeto que está, afinal, “dentro” do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio (BUTLER, 2000, p. 155, 156).

Os crimes de ódio a *gays*, a lésbicas, a bissexuais, a travestis, a transexuais e a intersexuais, vivenciados na carne e acompanhados diariamente pelos veículos de comunicação, explicitam que os corpos que se opõem à heterossexualidade compulsória (RICH, 2010) e aos gêneros inteligíveis (BUTLER, 2012) sofrem repressões simbólicas e físicas contínuas. Corpos que importam menos e vidas pelas quais o choro é sufocado. Em *Quadros de Guerra*, Butler (2015) dá continuidade à discussão acerca daqueles que são passíveis ou não de luto. As vidas precárias, assim, diriam de corpos que, expostos a forças articuladas política e socialmente, ao serem alocados em espaços que não aqueles esperados/legitimados, valem menos.

Os sujeitos são constituídos mediante normas que, quando repetidas, produzem e deslocam os termos por meio dos quais eles são reconhecidos. Essas condições normativas para a produção dos indivíduos geram uma ontologia historicamente contingente, de modo que nossa própria capacidade de discernir e nomear o “ser” depende de paradigmas que facilitem esse reconhecimento (BUTLER, 2015).

Carlos Mendonça (2016), ao abordar a textualização no assassinato de homossexuais, travestis e transexuais, expõe como é perceptível a conversão do corpo, nesses casos, em um lugar de julgamento e de sentença. “Uma morte espetáculo, praticada sob um ponto de vista, um ritual onde o corpo sacrificado é exposto para servir de lição. Uma população destinada à morte na via pública, uma gente que não importa em vida” (MENDONÇA, 2016, p. 09).

Entre os ambíguos peso e leveza, tem-se aqui uma série de corpos relegados ao espaço daquilo com o que, pela não compreensão e pela ignorância, não se consegue estabelecer empatia. Sujeitos que, como sugere Butler

(2015), dificilmente são reconhecidos como vidas. Corpos com uma insustentável leveza, estranhos, raros, esquisitos, *queers*, enfim, com os quais não se percebe semelhança.

2.1 Sobre a fluidez dos corpos

*Meu corpo não é meu corpo,
é ilusão de outro ser.
Sabe a arte de esconder-me
e é de tal modo sagaz
que a mim de mim ele oculta.
Meu corpo, não é meu agente,
meu envelope selado,
meu revólver assustado,
tornou-se meu carcereiro,
me sabe mais que me sei.*

(Carlos Drummond de Andrade. As contradições do corpo.)

Os corpos, de certa forma, não existem. Tal qual sugere Butler (1993), não há um corpo que possa ser dito anterior à significação ou que ainda não seja signo. Os corpos são, na realidade, invariavelmente, um efeito dessa significação, uma produção da linguagem que, para além da mimese, teria efeito produtivo, constitutivo e performativo. “Nesse sentido, o que constitui a fixidez do corpo, seus contornos, seus movimentos, será plenamente material, mas a materialidade será repensada como o efeito do poder, como o efeito mais produtivo do poder” (BUTLER, 2000). Não há, por conseguinte, uma materialidade que não seja constituída no interior de uma norma reguladora por meio da qual e dentro da qual os corpos possam ser compreendidos e assimilados.

Ao contrário daquilo que pode parecer quando em face dessa materialidade física, torna-se essencial ressaltar que o corpo não corresponde a uma natureza incontestável ou universal. “O corpo parece evidente, mas definitivamente, nada é mais inapreensível. Ele nunca é um dado indis-

cutível, mas o efeito de uma construção social e cultural” (LE BRETON, 2013, p. 18).

Para além de um conjunto de órgãos e de tecidos, dispostos de forma ordenada, o corpo é “uma estrutura simbólica, superfície de projeção passível de unir as mais variadas formas culturais” (LE BRETON, 2007, p. 29). O significante corpo compreende uma gama de elementos, referindo-se a distintas questões, seja em face de diferentes culturas e momentos, tal qual é dado nos variados trabalhos de caráter etnográfico e histórico, seja diante de distintas demandas de um mesmo contexto sociocultural.

Maurice Leenhardt, em importante texto da área da antropologia, desenvolvido na década de 1940, em Nova Caledônia, então território ultramarino francês, é um dos pesquisadores que lança luz sobre esse tópico. Leenhardt (1997) descobre que, com os Canaques, não existem termos singulares que façam referência aos órgãos ou ao corpo em geral. Tratando-se de um modelo social comunitário, os mesmos componentes que designavam partes do corpo, serviam para que se nomeassem também elementos da vegetação. Assim sendo, aquilo que envolvia a superfície, por exemplo, correspondendo tanto à pele quanto à crosta, recebia o nome de *kara. Ju*, por sua vez, referir-se-ia tanto às partes rígidas do corpo, tais como o esqueleto, quanto ao cerne da madeira e aos fragmentos de corais, enquanto *pié* indicaria tanto os músculos quanto a polpa dos frutos. O termo *karo*, sob essa mesma lógica, faria referência ao corpo, mas, para além dele, diria de uma estrutura cuja extensão era cabível a outros objetos. Assim sendo, *karo rhe* significaria o corpo da água; *karo boe*, o corpo da noite; *karo kamo*, a pessoa.

Ao retomar falas cotidianas dos Canaques, Leenhardt (1997) lembra de um ancião que protesta ante o recrutamento de seu filho, ainda jovem, para o trabalho pesado, dizendo que os braços daquele ainda eram água. “Não fala em sentido figurado. O menino, sob seus olhos, é igual ao broto da árvore, aquoso primeiro, e logo, com o tempo, lenhoso e duro” (LEENHARDT, 1997, p. 40) (tradução livre).

No modelo de sociedade tradicional descrito por Leenhardt (1997), no qual o estatuto das pessoas estaria subordinado ao coletivo, as dimensões de indivíduo e grupo mesclam-se e o corpo, por conseguinte, não opera

como um elemento de cisão, tal qual se observa em nossa conjuntura. Se, para nós, as fronteiras do corpo são aquilo que nos limitam e nos distinguem dos demais, em contextos como os dos Canaques, esse corpo, que, então, não é o mesmo nosso, consiste no elemento de ligação da energia coletiva. “De uma sociedade para a outra, a caracterização da relação do homem com o corpo e a definição dos constituintes da carne do indivíduo são dados culturais cuja variabilidade é infinita” (LE BRETON, 2007, p. 30).

Os textos de Jacques Gélis (2008) e de Alain Corbin (2008), por outro lado, ao serem aqui acionados, contribuem para que a questão do corpo possa ser observada a partir de um outro lugar. Ao problematizar o corpo no contexto da Igreja, Gélis (2008) ressalta como esse, estando no centro do mistério cristão, converte-se em referência para seus seguidores nos séculos modernos. Como única religião que inscreveu seu deus na forma humana, tendo esse passado, em terra, pelos processos de nascimento, de crescimento e de morte, o Cristianismo fundou-se sobre a aquisição e a perda de um corpo.

Corpo de Cristo que comemos, que se revela a partir do real e da carne. Pão que converte e salva os corpos. Corpo magnificado do Filho encarnado, do encontro do Verbo com a Carne. Corpo glorioso do Cristo da Ressurreição. Corpo torturado do Cristo da Paixão, cujo símbolo é em toda parte a cruz, lembra o sacrifício pela redenção da humanidade. Corpo em migalhas da grande legião dos santos. Corpo maravilhoso dos eleitos no Juízo Final. Presença obsedante do corpo, dos corpos (GÉLIS, 2008, p. 19-20).

Como lugar privilegiado do ambíguo, contudo, o corpo assume, nessa narrativa, ao mesmo tempo, o espaço do sagrado e do profano, podendo ser elevado a uma alta dignidade, tal qual exposto, e constituindo-se em sujeito da história ou, em contrapartida, ser percebido como aquilo que traz o risco da perdição. Conforme ressalta Gélis (2008), ao reforçar as desconfianças medievais ao redor do corpo, a Contra-Reforma contribuiu para que ele fosse tomado como a abominável veste da alma. O corpo, então, passa a ser aquilo que reúne o pecado e, ainda, como aquilo que traz o pecado na

forma de um devir. Aquele corpo santo e adorado coexiste com os corpos depreciados, cujo controle se faz necessário por uma série de precauções e de condenações.

Como sugere Corbin (2008), a valoração da virgindade e da continência e as práticas da dominação do corpo pela mortificação são pontos que bem ilustram esse aspecto. A virgindade, ao ser encarada como um estado (integridade da carne) e como uma virtude (abstinência dos prazeres provenientes do ato venéreo), constitui-se em elemento de distinção que confere àquelas (sim, pois aqui se fala de corpos femininos) que sustentam glórias em um outro plano. “Por todas essas razões, a virgem é fonte de graças e perfeição da beleza. Ela emite uma espécie de fulgor. Sua pureza interior se reflete no exterior” (CORBIN, 2008, p. 70). Práticas como o silêncio e o jejum, que dizem de um domínio de si, ou ainda a autoflagelação, pelo uso do cilício, muito comum ao longo do século XIX, dão a ver igualmente essa necessidade de uma expurgação e de um apagamento desse corpo. Corbin (2008, p. 84), ao retomar um trecho da autobiografia da escritora francesa George Sand, no momento em que ela era interna em um convento, torna isso mais evidente e convém ser retomado. “Eu usava em volta do pescoço [...] um rosário de filigrana que me arranhava, como um cilício. Eu sentia o frescor das gotas de meu sangue e, em vez de dor, o que eu sentia era uma sensação agradável [...] meu corpo estava insensível, ele não existia mais.”

Para além dos pontos levantados na recuperação dessas obras que, dizendo de outros tempos e de outros espaços, mostram a complexidade que estrutura a questão do corpo como objeto de reflexão, há que se ponderar, igualmente, sobre as múltiplas tensões que, em nosso contexto, assinalam e constituem os corpos dos sujeitos.

Sendo “o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída” (LE BRETON, 2007, p. 7), o corpo é aquilo que fundamenta, desde uma primeira instância, uma existência individual e coletiva, sendo o traço mais visível dos atores sociais. Indo ao encontro das proposições de Le Breton (2013), é possível observar que o lugar que delegamos ao corpo contemporaneamente é consequência da ascensão de um modelo social que privilegia uma visão laica, herdeira de uma matriz

positivista, no que se refere às formas de percepção da natureza. Igualmente, é fruto de dada ordem que delega ao saber científico e médico uma primazia naquilo que tange as compreensões da vida como um todo.

O nosso corpo, moderno e ocidental, pertence a uma lógica por meio da qual esse é visto como um elemento de separação. Retomando Durkheim (1996), o corpo configura-se em fator de individualização, ou seja, como limite que se interpõe entre mim e o mundo e entre mim e os demais. O ator está encerrado em sua corporalidade. Em um cenário de desestabilizações e de crise de grandes narrativas, o corpo tenta resistir e é alçado à plataforma por meio da qual a identidade é estruturada e um verdadeiro eu pode ser expresso. Mas será que ele resiste?

Em *Adeus ao corpo*, Le Breton (2003) mostra como que, paradoxalmente, o advento de uma cultura somática, que delega cada vez mais atenção ao corpo, tende, justamente, a esvaziá-lo. Dentre um mar de possibilidades de modificações e de transformações corporais, de melhora de si e de provisoriedade física, somos todos passageiros de corpos fluidos. “Não é mais o caso de contentar-se com o corpo que se tem, mas de modificar suas bases para completá-lo ou torná-lo conforme a ideia de que dele se faz” (LE BRETON, 2003, p. 22).

Nesse sentido, marcas corporais como *piercings* e tatuagens fazem dos corpos telas passíveis de fabricação de determinada estética e de desenvolvimento e construção de uma autoimagem. “A marca é um limite simbólico desenhado sobre a pele, fixa um batente na busca de significado e de identidade, é uma espécie de assinatura de si pela qual o indivíduo se afirma em uma identidade escolhida” (LE BRETON, 2003, p. 40).

O *bodybuilder*, igualmente, diz de uma prática de configuração e de aquisição identitária que se dá pela continuada e persistente modificação corporal. Se, conforme já exposto, as *drag queens*, de Butler (2012), dão a ver o caráter performativo e imitativo do gênero, poder-se-ia dizer que o *bodybuilder* também expõe, em outros palcos, que corpos são diuturnamente produzidos.

Entre o camarim das festas LGBT e as academias de ginástica e entre uma identidade que desafia um padrão heteronormativo e outra que nele

se insere (quando falamos de homens que praticam o *bodybuilding*, mais especificamente), esses sujeitos “se montam”. “Entre a multidão de passantes, os *bodybuilders* destacam-se por sua forma de andar: braços afastados, cabeça enfiada no pescoço, peito abaulado, rigidez, balanço mecânico. O *bodybuilder* não anda, ele conduz seu corpo exibindo-o como um objeto imponente (COURTINE, 2005, p. 82).

O *bodybuilder*, por meio de dieta rigorosa e treinos repetitivos, constrói um corpo “que lhe permite permanecer senhor de si ou pelo menos produzir sinceramente a ilusão de ser enfim ele mesmo” (LE BRETON, 2003, p. 43). No *pain*, no *gain*. Lema comumente ouvido ou percebido por *hashtags* no *Instagram*, diz de uma obstinação típica dos *bodybuilders*. Sem dor, sem ganho. Uma dieta rica em proteínas, mas não raras vezes pobre no que se refere ao paladar, e uma série de dores musculares que acompanham a hipertrofia salientam, para esses sujeitos, o que é mais válido e o que, para si, é relevante.

Sônia Weidner Maluf (2002), por sua vez, ao analisar o filme *Todo sobre mi madre*, de Pedro Almodóvar, recupera a fala de uma das personagens, a travesti Agrado. Em dado momento, Agrado diz: “tudo o que tenho de verdadeiro são meus sentimentos e os litros de silicone que me pesam toneladas”. Em seu percurso de aquisição de sua identidade de gênero (e aqui vale salientar que se parte da premissa de que todas as identidades são adquiridas, constituindo-se em processo e em devir), Agrado constrói seu corpo e, em seu discurso, a noção de autenticidade se dá pelo desejo de possuir aquele corpo com o qual existe uma identificação. “É a partir das transformações feitas em seu corpo, e principalmente da fala sobre esse corpo, que só ganha existência enquanto corpo do qual se fala, que Agrado aparece como sujeito” (MALUF, 2002, p. 146).

Em *Testo Yonqui*, Paul B. Preciado (2008) desenvolve um ensaio corporal. Apresentado como uma autoficção, a obra consiste na narrativa do processo de intoxicação ou autoadministração voluntária de testosterona sintética por parte de Preciado, que se autodefinia, naquele momento, como “*biomujer*”.

Esse princípio de auto-cobaia como modo de produção de saber e de transformação política, expulso das narrativas dominantes da filosofia contemporânea, resultará decisivo na construção de práticas e de discursos do feminismo, dos movimentos de liberação das minorias sexuais, raciais e políticas. Tratar-se-á, recorrendo à expressão de Donna Haraway, de uma forma modesta, corporal, implicada e responsável, de fazer política. Aquele que quer ser sujeito do político que comece por ser rata de seu próprio laboratório (PRECIADO, 2008, p. 248) (tradução livre).

Segundo Preciado (2008), foi durante o século XX que se deu a materialização farmacopornográfica, sendo então que a psicologia, a sexologia e a endocrinologia teriam estabelecido suas autoridades, convertendo conceitos como masculinidade e feminilidade e heterossexualidade e homossexualidade em “realidades tangíveis, em substâncias químicas, em moléculas comercializáveis, em corpos, em biotipos humanos, em bens de intercâmbio manejáveis pelas multinacionais farmacêuticas” (PRECIADO, 2008, p. 23) (tradução livre).

Dessa maneira, o que existiriam hoje seriam subjetividades toxicopornográficas, ou seja, subjetividades definidas com base nas substâncias que dominariam os organismos, nas próteses cibernéticas e nos desejos farmacopornográficos, havendo, por exemplo, sujeitos *prozac*, sujeitos silicone e sujeitos heterovaginais.

Ao se deparar com a descrição técnica presente na bula do *testogel*, adesivo que aplicava e a partir do qual acedia à droga, Preciado (2008) expõe como que, para o laboratório, era óbvio que o usuário seria um homem cuja produção hormonal estaria abaixo do esperado, bem como que se trataria de um heterossexual, tendo em vista a necessidade de se tomarem certos cuidados no que se referiria ao contato cutâneo com uma eventual parceira mulher. Nesse cenário, então, Preciado (2008, p. 51) questiona qual a noção de homem que ali estava sendo empregada: “Mas essa noção de homem faz referência a uma definição cromossômica (XY), genital (que possui pênis e testículos bem diferenciados) ou legal (que a menção homem aparece na carteira de identidade)?” (tradução livre).

Ao ressaltar que a condição legal para que pudesse acessar a testosterona era abdicar à identidade feminina, Preciado (2008) sugere que pensemos masculinidade e feminilidade como ficções médicas, retroativamente relacionadas às moléculas as quais dizem respeito, e como técnicas do corpo.

Se é possível falar com Judith Butler de uma produção performativa de gênero, há que se indicar que aquilo que é imitado aqui não é unicamente uma representação teatral ou um código semiótico, mas também a totalidade biológica do vivente (PRECIADO, 2008, p. 130) (tradução livre).

O corpo, nesse cenário, consistiria em uma prótese política viva, em um produto das tecnologias farmacopornográficas que, ao ser domado, domesticado, poria sua *potentia gaudendi* (capacidade de ter e de dar prazer) a serviço do capital e, finalmente, “uma interface tecno-orgânica, um sistema tecnovivo segmentado e territorializado por diferentes modelos políticos” (PRECIADO, 2008, p. 94) (tradução livre).

2.2 Somos todos *Frankenstein*

Meu Deus! Sua pele amarelada mal cobria a trama de músculos e artérias; seus cabelos, de um negro lustroso, eram abundantes; seus dentes, de uma brancura perolada. Esses caprichos só faziam criar um contraste ainda mais horrendo com seus olhos úmidos - que pareciam ter quase a mesma cor das órbitas, de um branco sombrio, nas quais se encaixavam —, com sua compleição murcha e com seus lábios retilíneos e negros.

(Mary Shelley. *Frankenstein*.)

Mary Shelley (2002), em seu romance epistolar precursor da ficção científica, narra a saga de uma criatura produzida pelo médico Victor Frankenstein. Naquele livro, reproduzido *ad nauseam* em toda uma extensa filmografia, o moderno Prometeu era fruto de restos de cadáveres.

“Quem seria capaz de imaginar os horrores do meu trabalho árduo e secreto enquanto eu chapinava na umidade infecta dos túmulos ou torturava animais vivos, a fim de dar vida ao barro inanimado?” (SHELLEY, 2002, p. 67).

Para além de toda uma gama de questões éticas, morais e religiosas suscitadas pela obra, o aspecto dela que dialoga com esse texto, e que a faz ser aqui cabível, refere-se à constituição de um corpo, à costura de partes aleatórias a fim de construir algo singular e ao fechamento de uma identidade a partir de retalhos.

Em *Síndrome de Frankenstein*, David Le Breton (2005, p. 64) lembra que “nas culturas ocidentais, o corpo humano está fundado num fechamento da carne sobre ela mesma e sobre a humanidade intrínseca e única dessa matéria que traça para o homem seu rosto e sua forma”. O corpo, portanto, não apenas é a fronteira do sujeito, conforme já mencionado, como, para além disso, gera uma igualdade com aquele que o possui. Ora, em um cenário de grande visibilidade do corpo e de exposição de si, eu sou aquilo que mostro, sou o corpo que ostento. A condição do homem, pois, é corpórea. Mas os corpos, como ensina Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2001), são de passagem.

Impulsionados pela ideia de que os corpos são plásticos e passíveis de continuadas modificações mediante o empenho, a dedicação e o investimento de cada um, os sujeitos lançam-se em uma busca de si por meio de retoques, de reconstruções, de rearticulações por meio dos quais reorganizam sua estrutura física e mesmo fisiológica. “Se o homem não existe senão através das formas corporais que o colocam no mundo, toda modificação de sua forma engaja uma outra definição de sua humanidade” (LE BRETON, 2005, p. 64-65). Há que se perguntar, pois, de que novos sujeitos e de que corpos está se falando.

Ao discutir o imperativo ascético, Francisco Ortega (2008) lembra que, apesar de todas as civilizações possuírem mecanismos que davam a ver um cuidado de si com vistas a uma evolução, a relação dessas práticas com cada cultura poderia variar. É recorrendo a Richard Valantasis (1995) e a Michel Foucault (2006), que Ortega (2008) define a ascese como sendo aquela

performance que visa a inaugurar uma nova subjetividade e a produzir um distinto universo simbólico e, ainda, como o conjunto de exercícios que, sancionados e/ou impostos pela norma hegemônica, tem por meta atingir um determinado objetivo espiritual.

Como proposições, nesse sentido, Ortega (2008) sugere que se perceba que em oposição às práticas ascéticas da antiguidade e às práticas ascéticas cristãs, promotoras de uma nova subjetividade, portanto, a contemporânea bioascese acarretaria o assujeitamento e o disciplinamento do indivíduo. Ascese e bioascese trariam práticas semelhantes, porém com metas justapostas e processos de subjetivação díspares.

Tanto na ascese clássica quanto na cristã, apesar de suas singularidades, o asceta buscaria uma diferenciação que se daria por uma subjetividade a ser adquirida, dizendo de um abandono de uma identidade e da aquisição de outra, assim como delimitaria e reestruturaria as suas relações sociais, de modo que o próprio *status quo* poderia vir a ser questionado. Representando, ainda, um fenômeno social e político que é amplo e abrangente, a ascese envolveria a participação da comunidade, levando em conta suas aspirações, mas (e isso é importante ressaltar) consistiria também em um exercício de vontade, ou seja, teria no elemento volitivo uma questão que é muito cara.

Nas práticas bioascéticas, por outro lado, o que orienta o empenho do sujeito é a uniformidade, ou seja, o desejo de ser percebido como integrado dentro de um padrão físico e estético dominante, em uma lógica de conformismo. A busca pelo corpo almejado, pois, não apenas suplantaria a relação com o mundo e com os demais como, mediante uma lógica narcisista, controlaria o sujeito e se interporia a sua vontade.

As práticas ascéticas traziam imbricada uma visão dualista da existência, sendo levadas a cabo visando, invariavelmente, ao desenvolvimento do corpo e do espírito. A dietética, então, inserida no contexto da antiguidade clássica, estaria “subordinada ao princípio geral da estética da existência, do cuidado de si, no qual o equilíbrio corporal é uma das condições principais da justa hierarquia da alma, um equilíbrio que se reflete no equilíbrio da *polis*” (ORTEGA, 2008, p. 24).

Indo ao encontro daquilo que lembra Foucault (1984), o regime representaria, aí, toda uma arte de viver, cobrindo diferentes setores como a alimentação, as atividades físicas, o sono e as relações sexuais, sendo muito mais do que um conjunto de medidas profiláticas ou de cura. Tratar-se-ia de “uma maneira de se constituir como um sujeito que tem por seu corpo o cuidado justo, necessário e suficiente [...] uma questão ao mesmo tempo de saúde e de moral” (FOUCAULT, 1984, p. 137).

Cabe, então, retomar as discussões acerca do cuidado de si. Foucault (1985), ao falar sobre o desenvolvimento de uma cultura de si, ressalta como é perceptível, com base nos textos dos dois primeiros séculos, para além de interdições sobre atos, em específico os sexuais, uma insistência sobre os cuidados que se deveria ter consigo mesmo. Tratar-se-ia, tendo em vista as análises de Foucault (1985, p. 47), de uma “intensificação da relação consigo pela qual o sujeito se constitui enquanto sujeito de seus atos”.

Nesse contexto, Foucault (1985) aborda a questão do individualismo, sugerindo então que se perceba a diferença entre três pontos, que mesmo relacionados e podendo ou não coexistir, distinguem-se entre si: uma atitude individualista, cujo valor absoluto está centrado no sujeito e na percepção da independência desse com as instituições e com o coletivo; a valoração de uma vida privada onde o “privado” faz referência às relações familiares e patrimoniais e, finalmente, a percepção das práticas que envolvem o cuidado de si como sendo uma forma de evolução e de crescimento.

Ao falar, respectivamente, nas aristocracias militares e nas classes burguesas do século XIX, Foucault (1985) salienta que, no primeiro exemplo, tem-se uma situação em que o sujeito deve se constituir pelos seus próprios atos, mas sem que com isso ganhe grande relevância a sua vida privada ou os cuidados para consigo, enquanto que, no segundo, a vida privada, e familiar, representaria uma questão de grande valoração, motivo pelo qual o sujeito, individualmente, tenderia a ser apagado.

No movimento ascético clássico e cristão, apesar do reforço do desenvolvimento de uma lógica de um cuidado consigo mesmo, tal qual já mencionado, não existe uma ruptura com o coletivo. “O indivíduo envolvido na prática ascética saberá como se comportar e cumprirá seus deveres enquan-

to membro da comunidade humana. O cuidado de si induz a condutas que permitem o cuidado dos outros” (ORTEGA, 2008, p. 26).

A cultura de si pode ser definida, então, como aquela em que “a arte da existência [...] se encontra dominada pelo princípio segundo o qual é preciso ter cuidados consigo; é esse princípio do cuidado de si que fundamenta a sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a sua prática” (FOUCAULT, 1985, p. 49).

Se, então, em face das ascetes clássica e cristã, o corpo “era submetido [...] a uma dietética que tinha por objetivo a sua superação e sua transcendência como prova de habilitação para a vida pública, de intimidade com a divindade ou da derrota da nossa condição mortal” (ORTEGA, 2008, p. 43), na bioescese contemporânea, o corpo desempenha um fim em si mesmo, não sendo mais uma base do cuidado de si, mas sim o objetivo para o qual o sujeito vive.

Falando de corpo, falamos invariavelmente dos poderes que o atravessam e o constituem. Judith Revel (2005), em texto em que se discutem os conceitos essenciais na obra foucaultiana, lembra que as pesquisas do autor buscaram justamente compreender como se havia passado de uma concepção de poder – na qual o corpo, a fim de ter tornado dócil, era espaço de punições – para uma outra, em que um poder positivo agia sobre as vidas dos sujeitos.

Em *Vigiar e Punir*, Foucault (1987) argumenta que foi durante a época clássica que se percebeu no corpo um alvo privilegiado do poder. Baseando-se na obra *O Homem Máquina*, de La Mettrie, Foucault (1987, p. 118) sugere que percebamos, no cruzamento daquilo que vê como uma redução materialista da alma e uma teoria geral do adestramento, uma ideia de docilidade: “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”.

Foucault (1987) diz então que, apesar de não ser uma novidade o fato de o corpo ser espaço de investimento do poder, a escala em que isso passa a ser feito, o objeto do controle e a sua modalidade se dão de outra forma a partir do século XVIII. Do corpo encarado como massa, passa-se a trabalhá-lo de modo mais detalhado; de uma atenção maior dada ao compor-

tamento e à linguagem, chega-se ao controle dos gestos; da organização interna, institui-se uma coerção que, ininterruptamente, tutela minuciosamente os corpos.

Tais métodos, ao se realizar a sujeição das forças dos corpos e ao impor-lhes uma relação de docilidade/utilidade, constituem-se naquilo que pode ser chamado de disciplina. “A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, e corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)” (FOUCAULT, 1987, p. 119).

Seria nesse cenário que, para Foucault (2015), teria se percebido ser mais eficaz vigiar do que punir e no qual o poder teria passado a ser exercido de uma outra forma: capilarizado, ele atuaria no nível dos sujeitos. “O século XVIII encontrou um regime por assim dizer sináptico de poder, de seu exercício no corpo social, e não sobre o corpo social.” (FOUCAULT, 2015, p. 215).

Em sua série de livros sobre a história da sexualidade, interrompida em seu terceiro volume, por ocasião de sua morte, Foucault aborda a noção de biopoder. Segundo Foucault (2011), durante muito tempo, foi privilégio do poder soberano um direito de dispor sobre a vida e sobre a morte. “Sem dúvida ele derivava do *patria potestas* que concedia ao pai da família romano o direito de ‘dispor’ da vida de seus filhos e de seus escravos; podia retirar-lhes a vida, já que a tinha ‘dado’” (FOUCAULT, 2011, p. 147).

Uma profunda transformação, então, teria se dado de um poder cuja principal lógica era a do confisco, fosse do tempo, dos corpos ou das vidas, ter-se-ia passado a um cenário no qual, de maneira diferente, ele era empreendido: “Um poder destinado a produzir forças, a fazê-las crescer e a ordená-las mais do que a barrá-las, dobrá-las ou destruí-las” (FOUCAULT, 2011, p. 148).

O biopoder, portanto, consistiria em uma forma de poder que se sustenta ao gerir, positivamente, a vida dos indivíduos, desenvolvendo regulações e exercendo, sobre elas, um intenso controle. “As guerras já não se travam em nome do soberano a ser defendido, travam-se em nome da existência de todos; populações inteiras são levadas à destruição mútua

em nome da necessidade de viver. Os massacres se tornaram vitais” (FOUCAULT, 2011, p. 149). Daí, segundo Foucault (2015, p. 239), viria justamente a força desse poder.

Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo – como se começa a conhecer – e também a nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz. Se foi possível constituir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares. E a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico.

O biopoder teria se desenvolvido, assim, a partir do século XVII, em duas formas principais. A primeira delas, a *anátomo-política do corpo humano*, que seria centrada na percepção desse corpo como sendo uma máquina. Tal qual já discutido em *Vigiar e Punir* e exposto anteriormente, referir-se-ia às disciplinas a partir das quais se tentaria extrair a maior utilidade do corpo, tornando-o dócil. A segunda, uma *biopolítica da população*, por sua vez, desenvolvida posteriormente, em finais do século XVIII, diria respeito ao corpo-espécie, como suporte de processos biológicos passíveis de serem controlados, tais como a natalidade, a reprodução, a longevidade e a mortalidade.

Ao investir sobre a vida, o biopoder teria sido indispensável para a consolidação do capitalismo, uma vez que a inserção de corpos controlados no sistema produtivo, assim como a submissão dos índices demográficos às suas necessidades, teriam sido elementos essenciais no que se refere à manutenção de sua estrutura.

Pela primeira vez na história, sem dúvida, o biológico refletiu-se no político; o fato de viver não é mais esse sustentáculo inacessível que só emerge de tempos em tempos, no acaso da morte e de sua fatalidade: cai, em parte, no campo de controle do saber e de intervenção do poder (FOUCAULT, 2011, p. 155).

Baseando-se no biopoder foucaultiano e tendo em vista as práticas

contemporâneas da bioascese, Ortega (2008, p. 30) sugere que se fale em uma biossociabilidade, compreendendo-a como “uma forma de sociabilidade apolítica constituída por grupos de interesses privados, não mais reunidos segundo critérios de agrupamentos tradicionais [...] mas segundo critérios de saúde, *performances* corporais, doenças específicas, longevidade, entre outros”.

Na biossociabilidade, diferentemente do que acontecia na biopolítica de Michel Foucault, “criam-se novos critérios de mérito e de reconhecimento, novos valores com base em regras higiênicas, regimes de ocupação de tempo, criação de modelos ideais de sujeito baseados no desempenho físico” (ORTEGA, 2008, p. 31).

Trata-se de uma cultura que, indo ao encontro das percepções de Jurandir Freire Costa (2005), pode ser delimitada como somática, na qual o corpo passa ser um referente privilegiado no que concerne à construção identitária, sendo, afinal, por meio de sua materialidade que se buscaria compreender a natureza da vida psíquica e das condutas éticas.

Para Costa (2005) o culto ao corpo, base da bioascese, estaria condicionado, principalmente, a dois fatores específicos: o remapeamento cognitivo do corpo físico e a invasão da cultura pela moral do espetáculo.

No primeiro caso, tratar-se-ia de compreender que o progresso de determinados campos do saber, bem como mudanças de ordem epistemológica de outros, foi crucial para que o corpo fosse alçado à posição central que ostenta hoje. O desenvolvimento científico nas áreas da saúde e nas áreas humanas e sociais, um desinvestimento nos temas políticos tradicionais e as transformações sofridas pela religiosidade ocidental servem então como exemplos. No segundo caso, em contrapartida, corresponderia a perceber que, ao passo que são levados a observar o mundo pela lógica do espetáculo, os indivíduos são pressionados a fazer parte dele, copiando os modos de ser e de estar no mundo daqueles que são admirados. “A imitação, contudo, não pode ir longe. A maioria nem pode ostentar as riquezas, o poder político, os dotes artísticos ou a formação intelectual dos famosos [...] resta, então, em se contentar em imitar o que eles têm de acessível a qualquer um, a aparência corporal” (COSTA, 2005, p. 230).

Sob a visão de Gilles Lipovetsky (2005), o narcisismo contemporâneo, pois, seria fruto do advento de um novo imaginário social sobre o corpo. Retomando Le Breton (2007, p. 11), pode-se dizer que “procura-se o segredo perdido do corpo. Torná-lo não um lugar de exclusão, mas o da inclusão, que não seja mais o que interrompe, distinguindo o indivíduo e separando-o dos outros, mas o conector que o une aos outros”.

Em face de uma multiplicidade de corpos que seguem a norma, deve-se buscar a invisibilidade pela integração. O corpo não deve destoar. As marcas depreciativas devem ser apagadas. “O corpo estranho se torna corpo estrangeiro e o estigma social funciona com maior ou menor evidência conforme o grau de visibilidade da deficiência” (LE BRETON, 2007, p. 50).

Há, conforme sugere Paula Sibilia (2004, p. 68), um pavor da carne. Em um cenário em que se enaltece o corpo e no qual a identidade se estrutura ao redor dessa representação material e do cuidado de si, cresce um desprezo por aquilo que denota a condição física desse. “É precisamente a condição carnal e material do corpo humano, a sua viscosidade orgânica e biológica, que se tornou o alvo de uma rejeição ativa nas sociedades ocidentais dos inícios do século XXI”.

Tal qual já discutido em pesquisa desenvolvida anteriormente (KOLINSKI MACHADO, 2013), na qual se buscou compreender como, em mais de quarenta anos de jornalismo, a revista brasileira *Veja* abordou a velhice, constata-se um discurso que tende a converter o sujeito em responsável absoluto sobre o seu corpo. Com base em Guita Grin Debert (1999), naquela ocasião, percebeu-se que o discurso jornalístico analisado contribuiu para um processo de reprivatização da velhice. Tendo em vista, agora, o campo que será exposto nas próximas seções, igualmente observa-se a percepção de que o corpo, sendo plástico, é capaz de ser construído mediante empenho e dedicação de seu portador.

“O indivíduo se constitui como autônomo e responsável, interiorizando o discurso do risco. O corpo e o *self* são modelados pelo olhar censurador do outro que leva à introjeção da retórica do risco, resultando na constituição de um indivíduo responsável” (ORTEGA, 2008, p. 33). Como

empreendedores de nossas vidas e gestores de nossa corporalidade, é estabelecido um capital-aparência, pelo qual, de antemão, somos julgados. Pouco importa, pois, aquilo que sou. Vale aquilo que mostro ser. “A ação da aparência coloca o ator sob o olhar apreciativo do outro e, principalmente, na tabela do preconceito que o fixa de antemão numa categoria social ou moral” (LE BRETON, 2007, p. 78).

A velhice e a gordura, por exemplo, configuram-se, pois, em desvios de conduta, em falhas morais, em trágicas consequências de hábitos e de práticas inadequadas. O discurso de que apenas envelhece quem quer, uma vez que, mediante alimentação regrada e hábitos saudáveis, o corpo manter-se-ia jovem, ilustra essa lógica.

“A ideologia da saúde e da perfeição corporal nos faz acreditar que uma saúde pobre se deriva exclusivamente de uma falha de caráter, um defeito de personalidade, uma fraqueza individual, uma falta de vontade” (ORTEGA, 2008, p. 47). As taxas de colesterol dominam os assuntos cotidianos. Os índices de gordura são sabidos de cor, a fim de serem minimizados a cada nova medição. Os músculos, sem qualquer outra utilidade que não seja a atenção dos olhares, simbolizam o empenho e a dedicação.

O corpo apenas é aceito mediante a ideia de que ele pode sofrer as mais variadas metamorfoses, moldando-se ao interesse daquele que a ele se dedica. O corpo é sempre um devir, é sempre um rascunho daquilo que pode vir a ser. Como sugere Le Breton (2003, p. 22) trata-se de conceber esse corpo como “acessório de pessoa, artefato de presença, implicando em uma enenação de si que alimenta uma vontade de se reapropriar de sua existência, de criar uma identidade provisória mais favorável”.

A obsessão pelo *corpo-espetacular*, ou seja, aquele que reuniria em si as características que, naquele momento, fossem privilegiadas, faz com que os corpos cotidianos, sendo desconhecidos, sejam violentados e desrespeitados em suas particularidades, sejam objetos de uma verdadeira guerra. Conforme ressalta Ortega (2008, p. 39), delinea-se um contexto no qual a ilusão de saúde conta mais do que a saúde em si e em que o *looking good* (parecer bem) vale mais do que o *feeling good* (sentir-se bem). “A aparência é o que conta, como testemunha a longa lista de doenças decorrentes da

procura do corpo perfeito: artrites degenerativa, cirroses, hipertensão, problemas cardiovasculares, ortorexia nervosa”.

Em vista dessa lógica, em que ser/mostrar um corpo-espetacular converte-se em imperativo, uma série de compulsões e de transtornos, tais como a bulimia, a anorexia e a vigorexia, denota a angústia gerada por uma busca que nunca possui um fim. “Raras vezes, no ocidente, inventamos uma maneira tão leviana de lidar com o corpo humano, contando com a convivência dos humilhados e ofendidos” (COSTA, 2005, p. 231).

“O tabu que se colocava sobre a sexualidade desloca-se agora para o açúcar, as gorduras e as taxas de colesterol. Os tabus passaram da cama para a mesa. O glutão sente-se, com frequência, mais culpado que o adúltero” (ORTEGA, 2008, p. 41). A busca por um corpo “perfeito” e “saudável” (seria mesmo a saúde a meta?), cujas marcas demonstrem nosso empenho e dedicação, cuja aparência, ao mesmo tempo, nos diferencie de corpos deficientes e nos faça passar como que integrados dentre os corpos que pesam, contudo, nunca é apenas uma escolha. “O interesse febril que dedicamos ao corpo não é de modo algum espontâneo e livre, é a resposta a imperativos sociais como a linha, a forma, o orgasmo, etc. (LE BRETON, 2007, p. 85).

CAPÍTULO 3

DOS CAMINHOS VIVIDOS ÀS PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS ENCONTRADAS: COMO ESTUDEI *JUNIOR* E *MH PORTUGAL*

Uma viagem é definida, no dicionário, como um deslocamento entre lugares relativamente distantes e, em geral, supõe-se que tal distância se refira ao espaço, eventualmente ao tempo. Mas talvez se possa pensar, também, em uma distância cultural, naquela que se representa como diferença, naquele ou naquilo que é estranho, no outro distanciado e longínquo. A metáfora da viagem interessa-me para refletir não apenas sobre os percursos, as trajetórias e o trânsito entre lugares/ culturas ou posições-de-sujeito, mas, também, para refletir sobre partidas e chegadas. Importa-me o movimento e também os encontros, as misturas, os desencontros.

(Guacira Lopes Louro. Um corpo estranho.)

A metáfora da viagem, empregada por Guacira Lopes Louro (2008), serve, em seu texto, para que se pense sobre os viajantes pós-modernos, sujeitos que, em sua concepção, referir-se-iam àqueles indivíduos os quais, no curso não linear de suas vidas, deixar-se-iam envolver por todas as possibilidades percebidas ao longo de seus caminhos. Para Louro (2008, p. 23), seriam aqueles que saboreariam “intensamente o inesperado, as sensações e as imagens, os encontros e os conflitos, talvez por adivinharem que a trajetória em que estão metidos não é linear, nem ascensional, nem constantemente progressiva” (LOURO, 2008, p. 23).

Louro (2008), então, faz menção aos indivíduos que “desviariam” de uma rota pressuposta naquilo que se refere aos gêneros e às sexualidades. Ainda no começo deste livro, aliás, essa metáfora foi acionada tal qual é sugerida pela autora. Nesse momento, por outro lado, ao empregar essa imagem, faz-se referência ao caminho vivenciado no processo de escrita, e de reescrita, deste trabalho. Viagem essa que, igualmente não linear, diz de

um processo muito particular que é a minha constituição como pesquisador e de minha inscrição em dada ordem do saber.

O saber, vale então lembrar, é subjetivo, tal qual a ciência também o é. Leonardo Boff (1998, p. 09), ao defender que todo o ponto de vista é a vista de determinado ponto, ressalta que “cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam”.

Neste terceiro capítulo, pois, discuto o percurso tomado, responsável por trazer essa pesquisa até aqui. No que tange à metodologia, abordam-se as referências norteadoras sobre as quais todo este trabalho se embasou e, no que se refere ao campo que foi possível realizar, apontam-se as saias justas sentidas e os jogos de cintura necessários (BONETTI; FLEISCHER, 2007) para que os objetivos fossem alcançados. Igualmente, discutem-se, com maior ênfase na questão da segmentação, a revista e o jornalismo daí advindo e, finalmente, apresentam-se *Junior* e *Men's Health Portugal* (*MH Portugal*), as revistas então lidas, interpretadas e estudadas.

3.1 Sobre as formas então possíveis de desenvolver essa pesquisa

Então ali estava o segredo de uma relação social muito importante (a relação entre amigos formais), dada por acaso, enquanto descobria outras coisas. Ela mostrava de modo iniludível a fragilidade do meu trabalho e da capacidade de exercer o meu ofício corretamente. Por outro lado, ela revelava a contingência do ofício do etnólogo, pois os dados, por assim dizer, caem do céu como os pingos de chuva. Cabe ao etnólogo não só apará-los, como conduzi-los em enxurrada para o oceano das teorias correntes. De modo muito nitido, verifiquei que uma cultura e um informante são como cartolas de um mágico: tira-se alguma coisa (uma regra) que faz sentido num dia; no outro, só conseguimos fitas coloridas de baixo valor.

(Roberto da Matta. O ofício do etnólogo ou como ter anthropological blues.)

Inicialmente, *Junior e Men's Health Portugal (MH Portugal)* não consistiam nas revistas a serem estudadas na pesquisa aqui relatada. Para entender como elas vieram a ser, e como esta pesquisa tomou a forma que possui hoje, faz-se necessário salientar alguns pontos.

Em um primeiro momento, na altura em que ingressei no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGC-COM), da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em 2013, a perspectiva era que *TRIP* e *TPM* fossem as revistas acompanhadas. A pergunta feita naquele instante, então, tinha um caráter demasiadamente de verificabilidade: perceber, no acompanhamento de suas práticas e nas análises de seus discursos, até que ponto as revistas *TRIP* e *TPM* rompiam com um regime heteronormativo de verdade e, efetivamente, mobilizavam sentidos plurais acerca dos gêneros e das sexualidades. A pesquisa mostrava-se coerente tendo em vista que, apesar de serem voltadas, respectivamente, a homens heterossexuais e a mulheres heterossexuais, as publicações possuíam certas especificidades, tais como: beijo homossexual em sua capa e edição especial sobre diversidade sexual (*TRIP*), visibilidade de sujeitos transgêneros (*TRIP*), campanhas críticas a um padrão estético hegemônico do corpo feminino (*TPM*) e uma coluna fixa sobre homossexualidade feminina (*TPM*).

Com o transcorrer do doutorado, entretanto, percebeu-se que o corpo passou a assumir uma posição cada vez mais importante tendo em vista as revistas com as quais se travava contato e, ainda, levando em conta outras revistas que eram acompanhadas. Assim, com o intuito de estabelecer uma aproximação talvez mais apropriada, pensou-se em buscar veículos que, para além do fato de abordarem questões relativas aos gêneros e às sexualidades, tivessem no corpo masculino um ponto central.

Junior, então única revista brasileira impressa, de caráter jornalístico, voltada ao público *gay* e *Men's Health Brasil*, revista pertencente a uma rede internacional, a versão nacional da principal revista masculina (e heterossexual) do mundo, com uma forte ênfase na saúde/estética do homem, foram as escolhidas.

Tendo em vista a crise financeira atravessada pelos periódicos brasileiros (e internacionais) e compreendendo que um veículo impresso voltado às minorias, e que não pertencesse a um grande grupo editorial, passaria por dificuldades ainda maiores, acreditei que seria prudente estar em *Junior* e em contato com seus produtores o mais breve possível.

Mediante telefonema para a revista, em outubro de 2014, (o contato era ainda o do escritório da Editora *Mix Brasil*), descobri que, desde meados daquele ano, *Junior* não mais possuía uma redação física. As reuniões presenciais, quando necessárias, se davam em outros espaços (públicos ou mesmo privados) e a revista era produzida mediante o contato direto do então editor, Hélio Filho, com os repórteres, com os fotógrafos e com os demais profissionais envolvidos. A possibilidade de desenvolver uma observação na redação, portanto, já estava descartada.

Obtive o telefone pessoal de Hélio e uma primeira conversa com ele se deu naquele mesmo dia. Mostrando-se receptivo, o editor de *Junior* declarou que, provavelmente, entre os dias 16 e 22 de dezembro de 2014, haveria uma reunião de pauta presencial, a possibilidade de um ensaio fotográfico e, ainda, processos de apuração para reportagens, aos quais eu poderia ter acesso. Sobre entrevistas com ele e com os demais profissionais, Hélio disse que não haveria problemas em realizá-las, que todos colaborariam: “São todas bichas ótimas” (informação verbal).

Conforme os dias passaram, entrei novamente em contato com Hélio, a fim de confirmar as datas e obter os contatos dos demais profissionais, para que as entrevistas fossem marcadas e para que os processos de apuração, a serem acompanhados, fossem acordados. Descobri, naquele momento, que Hélio havia sofrido um acidente, quebrado a perna e que em função de sua indisponibilidade de locomoção não apenas não haveria a reunião presencial, como também as apurações e os ensaios fotográficos teriam de ser adiados. A edição iria atrasar e, por conseguinte, não haveria o que se observar. Combinei, ainda assim, a ida para São Paulo na data prevista, as entrevistas com ele, com os repórteres e com um fotógrafo (cujos contatos nesse momento obtive) e, caso acontecesse, o acom-

panhamento de alguma entrevista ou outra forma de apuração. Naquela semana, realizei entrevistas com seis profissionais da revista⁵.

Em abril de 2015, mudei-me para Lisboa, a fim de realizar um estágio doutoral, com bolsa CAPES-PDSE, sob a supervisão do professor Miguel Vale de Almeida. Em uma primeira reunião com Miguel, decidiu-se que seria interessante, uma vez que estava em Portugal, havia tempo hábil para tanto e que a revista *Men's Health* possuía uma edição portuguesa, tentar realizar ali uma parte do campo. Foi durante esse período (e enquanto se tentava acesso à redação e aos profissionais de *Men's Health Portugal*) que a revista *Junior* e a revista *Men's Health Brasil*, nos meses de maio e de dezembro de 2015⁶, encerraram, respectivamente, suas atividades. Foi, portanto, em face dessa conjuntura que os dados de *Junior* ficaram circunscritos àqueles obtidos em dezembro de 2014 e que se substituiu *MH Brasil* por *MH Portugal*.

⁵ Os profissionais de *Junior* entrevistados foram os jornalistas Hélio Filho (editor e *publisher* de *Junior*), Nelson Neto (repórter), Gean Gonçalves (repórter), Felype Falcão (repórter e anteriormente editor) e Gabriel Lucas (fotógrafo). Irving Alves (repórter) cancelou a entrevista agendada e respondeu às questões solicitadas por e-mail. Todos assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, tal qual será mencionado ainda nessa seção, concordando com a utilização das informações obtidas, bem como com a divulgação de seus nomes verdadeiros, para a realização deste trabalho e posterior produções de caráter acadêmico-intelectual.

⁶ *Junior* teve seu último número, o 66, veiculado em maio de 2015. De acordo com Hélio Filho (informação verbal), seu último editor e *publisher*, o fechamento da revista teria sido necessário devido a atual crise no mercado editorial, aliado a um contrato da distribuidora que teria passado a exigir 52% do valor de capa. As condições draconianas que se impuseram, tal qual definiu Hélio, teriam tornado a continuidade da publicação inviável e, a fim de que o leitor fosse respeitado, optou-se pelo fechamento da revista. Sobre um projeto de continuidade, houve negociações com outro grupo, mas essas não teriam sido bem-sucedidas. *Mais Junior: A revista do homem contemporâneo* teve seu primeiro número lançado em outubro de 2015 (e ainda está em circulação, sendo, atualmente, a única revista impressa de caráter jornalístico voltada ao público gay no Brasil). Pertencendo ao *Grupo Liberado Junior de Comunicação*, ao se apresentar, em seu site oficial, a revista não menciona qualquer relação com *Junior*. Realizou-se contato com a revista, a fim de, talvez, integrá-la nessa pesquisa. Tendo em vista, contudo, um posicionamento reticente de seu diretor de redação no que se referia à realização de uma pesquisa acadêmica sobre o veículo, sob o argumento de que eles ainda estariam se posicionando no mercado e, para além disso, a percepção de que não se poderia falar em *Junior* e em *Mais Junior* como sendo uma continuidade (ninguém da equipe anterior, por exemplo, migrou para o novo veículo) optou-se por, de fato, manter como dados dessa pesquisa aqueles obtidos com *Junior* em 2014. *Men's Health Brasil*, por sua vez, produzida e veiculada no Brasil pela Editora Abril, foi fechada em dezembro de 2015, juntamente com as revistas *Playboy* e *Women's Health Brasil*. A época, Abril teria informado que o encerramento das atividades das revistas teria se dado devido à “continuidade à estratégia de reposicionar-se focando e dirigindo esforços e investimentos às necessidades dos leitores e do mercado”. Na carta do editor de seu último número (116), são apresentados dados relativos à prática de atividades físicas e aos “bons” hábitos alimentares da população brasileira, a fim de aproximar tal contexto da ideologia da revista. As razões para seu fechamento não são mencionadas, mas um “até daqui a pouco”, presente inclusive na forma de título, dá a ver uma expectativa de que a revista não fosse definitivamente fechada.

É importante, ainda, ressaltar como se deu a delimitação dos textos e das imagens de *Junior e de MH Portugal* que aqui serão referidos como materiais a serem analisados. Antes do contato com os informantes desta pesquisa, eu já possuía alguns exemplares de *Junior* e foi, a partir deles, que se deram as entrevistas sobre a revista, em dezembro de 2014. Naquele momento, editor, repórteres e fotógrafo, igualmente, mencionaram outras reportagens e outros ensaios que lhes pareceram relevantes. Essas edições citadas foram obtidas com Felype Falcão que, além de colaborador de *Junior*, mantinha em sua casa as edições antigas da revista, a fim de vendê-las a leitores interessados. O *corpus* acionado, portanto, consiste em cerca de 30 edições não contínuas de *Junior*, as quais representam cerca de 50% do total de revistas veiculadas entre 2007 e 2015. Em *MH Portugal*, por outro lado, os exemplares acessados referem-se aos que foram veiculados ao longo de minha estada em Lisboa (12 meses) e, da mesma forma, aos que foram mencionados em entrevistas e que conseguimos acesso (outras duas edições).

Aqui, acredita-se, é cabível que se faça um esclarecimento no que se refere à aproximação de duas revistas que, para além de guardarem muitas diferenças entre si, são produzidas e veiculadas em distintos países. Vale salientar que, apesar de não existir uma negação da importância desse contexto, bem como dos contextos em que vivem os sujeitos acessados, indo ao encontro de Connell (2016, p. 94), as masculinidades são percebidas aqui como “padrões socialmente construídos de práticas de gênero”, os quais seriam criados “por meio de um processo histórico e com dimensões globais”.

Não se trata, então, de apagar as especificidades do local e daquilo que lhe é particular. As pesquisas de Miguel Vale de Almeida (1995a, 1995b), em Pardais, interior de Portugal, e de Nestor Perlongher (2008), em São Paulo, ambas já expostas, bem como a de Fernando Seffner (2003) que, por rede postal integrada, composta por homens de todo o Brasil, discutia as representações da masculinidade bissexual, dão a ver a importância daquilo que Connell e Messerschmidt (2013) definem como a geografia das configurações de masculinidade. A proposta, ali, seria compreender que as masculinidades podem ser analisadas em diferentes níveis: o local,

que faria referência às interações face a face; o regional, que diria de uma masculinidade que se constrói no nível da cultura ou do estado-nação e, finalmente, o global, que se dá em arenas transnacionais e na mídia.

As ligações entre esses níveis não apenas existem, mas podem ser importantes nas políticas de gênero. Instituições globais pressionam ordens de gênero regionais e locais, ao passo que ordens de gênero regionais fornecem materiais culturais adotados ou retrabalhados em arenas globais e também modelos de masculinidade que podem ser importantes para as dinâmicas de gênero locais (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2003, p. 267).

Igualmente, ao considerar que os produtos analisados consistiam em veículos midiáticos mais abrangentes dentro de seu escopo de leitores (*Junior*, por exemplo, em sua edição digital, era vendida para diferentes países (FILHO, 2014), seus profissionais aderiam (e aderem, no caso de *MH*) a pretensão de uma certa “globalidade” e ainda que *MH*, especificamente, estivesse presente, de modo muito semelhante, em sessenta países, possuindo quarenta e uma edições (*MEN’S HEALTH MIDIA KIT* 2016), acreditou-se ainda mais fortemente na coerência dessa escolha.

O contato inicial com a equipe de *Men’s Health Portugal* foi feito ainda em abril de 2015, tão logo cheguei a Lisboa e decidi que seria interessante empreender parte do campo junto à revista portuguesa. Um e-mail, contendo informações sobre a pesquisa e agendando uma primeira conversa, foi enviado a Pedro Lucas, diretor da publicação.

Essa primeira entrevista aconteceu no dia 09 de junho de 2015. Naquele momento, além da entrevista com Pedro Lucas, foi apresentada detalhadamente a pesquisa e também o interesse em acompanhar as rotinas produtivas da revista e realizar entrevistas com os demais profissionais envolvidos em sua produção. Pedro se comprometeu em fazer o possível para contribuir com a coleta de dados, prontificando-se entrar em contato com a administração da *Motorpress* (editora que na época publicava *MH* em Portugal) para autorizar a minha presença na redação, alegando ainda que, se dependesse dele, não haveria impedimentos para o desenvolvimento do meu trabalho.

Passados alguns dias, Pedro Lucas me informou por e-mail que, infelizmente, a administração da *Motorpress* não havia autorizado minha permanência na redação da revista *Men's Health Portugal*, ainda que por curto espaço de tempo. Apesar disso aceitou uma solicitação minha no dia da entrevista.

Nos meses de abril e de maio de 2015 que antecederam a primeira ida à sede da *Motorpress*, ao adquirir um exemplar da revista e acompanhá-la pelas redes sociais (*Facebook e Instagram*) já havia me certificado de um concurso que a revista promoveria para eleger um leitor para ser a capa da edição de julho. A última etapa do concurso *Corpo Men's Health 2015* dar-se-ia em 25 de junho, no *Evolution Lisboa Hotel*. Seria o momento da apresentação dos pré-selecionados à imprensa e revelação do vitorioso. Pedro Lucas, então, autorizou a minha presença desde o início daquela tarde para acompanhar o evento e realizar, mediante disponibilidade, entrevistas com os finalistas.

Consegui então entrevistar cinco finalistas, agendei entrevistas com três membros do júri envolvido no processo de escolha e, ainda, estabeleci contato com Tiago Varzim, jornalista de *Men's Health Portugal*, que estava fazendo a cobertura para a revista. No entanto, até dezembro, não consegui mais retomar o contato com a revista. Foram vários e-mails enviados e sem resposta, vários telefonemas atendidos por funcionários que não resultavam em nenhum retorno posterior.

Mediante aproximação do término do estágio doutoral no exterior e levando em conta a informação recente de que a edição brasileira da revista *Men's Health* havia encerrado suas atividades, optei por ir à sede da *Motorpress* sem aviso prévio. Lá chegando, dirigi-me à equipe de segurança, solicitando conversar com Pedro Lucas, identificando-me por Felipe Viero, o doutorando brasileiro, e informando-o de que só sairia dali depois que me recebesse, não importando quanto tempo levasse.

Pedro Lucas, mais uma vez, recebeu-me em sua sala. Era uma sala pequena, com uma claraboia e uma mesa com três cadeiras, sendo uma para si e as outras para seus convidados. Fiquei em pé. Na primeira vez em que lá estive, em função do calor que fazia, lembro que transpirava muito. Nesse segundo dia, cerca de seis meses depois, a despeito

do frio, eu transpirava da mesma forma. Expliquei, então, gentilmente, que tendo em vista os e-mails e telefonemas ignorados e que, em função da necessidade de dar continuidade a minha pesquisa, estava ali para falar com ele. Disse que gostaria de entrevistar os profissionais da revista, de acompanhar algum ensaio fotográfico, de acompanhar algum treino seu, que fosse descrito em seu *blog*⁷ e que, ainda, seria interessante conseguir conversar com António Raminhos, Pedro Fernandes e Luís Filipe Borges, apresentadores de televisão que estavam passando pelo desafio da revista⁸.

Pedro, igualmente gentil, disse que eu poderia conversar com os jornalistas (Tiago Varzim, João Parreira e Ana Dória) durante seus horários de expediente, mas que qualquer ensaio, independentemente da modelo ou do modelo fotográfico, não poderia ser acompanhado sob a justificativa de que minha presença poderia gerar constrangimento a eles. Pedro disse ainda que, apesar de não entender bem o que eu queria observar, permitir-me-ia assistir a um de seus treinos ainda naquele mês e que não poderia me ajudar em relação aos apresentadores. Pedro alegou que a revista não poderia exigir mais nada desses sujeitos e que não lhes solicitaria mais essa demanda.

O treino de *crossfit* de Pedro Lucas aconteceu em 03 de dezembro de 2015, no centro desportivo *Crossfit Alvalade*. As entrevistas com os jornalistas de *Men's Health Portugal* ocorreram em 25 de janeiro de 2016, em uma sala de reuniões da *Motorpress*. Naquela ocasião conversei com João

⁷ Pedro Lucas possuía um blog chamado About Men, ligado à revista, no qual, dentre outras postagens, descrevia suas atividades físicas. Tal qual foi exposto na entrevista realizada com ele, Lucas (2015) teria lançado o desafio 3 vezes por semana, incitando a população portuguesa a abandonar o sedentarismo. “O blog entrou então para dar um exemplo. E está a correr bem. Todos percebem que o diretor da MH está a dar o exemplo, que ele representa aquilo que escreve no blog e que escreve na revista”. O blog é mencionado na revista, mas representa um material que, estando disponível on-line (<http://aboutmen.menshealth.com.pt>), lhe é exterior.

⁸ Conforme será comentado ainda nessa seção, *Men's Health Portugal* possuía (e ainda possui) uma prática que lhe é peculiar, no cenário das edições internacionais de MH, que consiste em desafiar famosos do país (estilistas, atores, apresentadores de televisão) para que estes, mediante treino intenso e acompanhamento profissional, transformassem seus corpos em determinado espaço de tempo. Seria um “antes” e “depois”. Ainda no primeiro semestre de 2015 descobriu-se que três apresentadores de televisão (António Raminhos, Pedro Fernandes e Luís Filipe Borges) estavam passando por esse processo. A particularidade, então, era que para além do fato de serem humoristas (e de então haver um caráter cômico que se fazia presente), os três desafiados possuíam, ao contrário de alguns daqueles que já estiveram em seus lugares, corpos que eram muito distantes dos padrões constituídos/almejados pela revista. Esse desafio, portanto, de modo mais específico, possuía um nível maior de complexidade.

Parreira e, posteriormente, com Ana Dória. Tiago Varzim não estava na redação e respondeu às perguntas, posteriormente, por *e-mail*. Apesar da negativa de Lucas sobre o acompanhamento de um ensaio fotográfico, nas redes sociais, consegui o contato de um dos principais fotógrafos da revista. A entrevista com Gonçalo Claro ocorreu em um café, no dia 28 de janeiro de 2016. Na ocasião, Gonçalo disse que faria ensaios para MH na semana posterior, que acreditava não haver problemas com a minha presença no instante das fotografias e que, a fim de me ajudar, conversaria com Pedro Lucas. Apesar de, no momento da entrevista, mostrar-se otimista e disposto, Gonçalo não retomou contato e tampouco respondeu quando questionado sobre o que havia acontecido.

Considerando que António Raminhos, Pedro Fernandes e Luís Filipe Borges são pessoas públicas, obter os seus contatos (e ser respondido) não foi tarefa fácil, contudo consegui, por meio de assessorias de comunicação e jornalistas, os telefones e/ou e-mails deles. Mediante isso, em 20 de janeiro de 2016, Raminhos permitiu-me acompanhá-lo em seu treino e, ainda, obtive uma entrevista com ele e sua *personal trainer*. Fernandes e seu treinador, em 22 de janeiro, concederam-me entrevistas, mas não autorizaram o acompanhamento do treino. Borges cancelou a entrevista agendada e não remarcou, então não obtive sucesso com ele.

Assim, como as revistas passaram por um processo de mudança (passando de *TRIP* e de *TPM* para *Junior* e para *Men's Health Portugal*, respectivamente) e eu teria de continuar a desenvolver o meu trabalho, as perspectivas metodológicas a serem acionadas igualmente foram sendo moldadas conforme as possibilidades (e as impossibilidades) de acesso àquilo que se pretendia observar.

Tendo em vista que, desde o início desta pesquisa, havia um interesse em acessar, para além do discurso das publicações, as práticas dos agentes envolvidos em sua produção, assim percebeu-se, na etnografia, uma inspiração apropriada para que o campo pudesse ser realizado. Apesar das dificuldades descritas, tal inspiração venceu os percalços e constituiu este trabalho.

Vale salientar aqui que não sou antropólogo e que não tenho, por conseguinte, uma formação específica capaz de definir-me como tal. Para bus-

car uma apropriação responsável acerca da etnografia, estudei textos considerados essenciais para a área que se mostraram basilares para minha tese em construção, travei contato com pesquisadores e colegas desse campo e realizei meu estágio de doutoramento ao longo de quase 12 meses, junto ao Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), sob a supervisão do antropólogo Miguel Vale de Almeida.

A etnografia (cabe aqui destacar) está relacionada àquilo que se compreende como uma Antropologia Moderna, que tem em Franz Boas e em Bronislaw Malinowski seus fundadores. No momento em que a Antropologia ainda era fortemente influenciada por correntes, como o positivismo e o determinismo geográfico, passou-se, então, à percepção de que se faz necessário romper com o preestabelecido, buscando empreender, efetivamente, um exercício de alteridade. Franz Boas (2004), nesse sentido, ao sugerir que se perceba o outro com base em seus próprios valores, sem tomar a relação com nossa cultura em termos de atraso/avanço, rompe com toda uma lógica etnocêntrica, dando origem ao relativismo cultural. “Frequentemente me pergunto que vantagens nossa ‘boa sociedade’ possui sobre aquela dos ‘selvagens’ e descubro, quanto mais vejo de seus costumes, que não temos o direito de olhá-los de cima para baixo” (BOAS, 2004, p. 09).

Os Argonautas do Pacífico Ocidental, publicado pela primeira vez em 1922, por Malinowski, é considerado a primeira experiência etnográfica, correspondendo ao relato (e reflexão) sobre o campo do autor, realizado entre 1914 e 1918 nas Ilhas Trobriand. Acerca do método etnográfico, Malinowski (1978) argumenta que, nesse tipo de trabalho, o autor da pesquisa é, ao mesmo tempo, cronista e historiador. Sobre as fontes consultadas, nesse sentido, salienta que elas não corresponderiam a documentos fixos e concretos, mas a comportamentos e a memórias, fluidos, de sujeitos vivos, o que aumentaria seu grau de complexidade e dubiedade. “Na Etnografia, a distância entre o material informativo bruto [...] e a apresentação final confirmada dos resultados é, frequentemente, enorme (MALINOWSKI, 1978, p. 19)”.

Um diário no sentido estrito do termo vê essa questão a partir de um lugar específico. O texto, que consiste nos diários de campo, brutos, produzidos por Malinowski, enquanto estava nas Ilhas Trobriand, foi publicado

postumamente pela sua esposa, gerando grandes questionamentos, inclusive sobre o direito que ela teria (ou não teria) de torná-los acessíveis ao público. Na obra, constata-se um etnógrafo, muitas vezes, cansado e perturbado frente aos seus informantes. “Esforcei-me por afastar os olhos do livro e mal pude acreditar que estava entre selvagens neolíticos e sentado aqui pacificamente enquanto coisas terríveis ocorriam lá [na Europa]” (MALINOWSKI, 1997, p. 88). A revelação dos desejos sexuais por nativos aparece, igualmente, como algo presente no campo do pesquisador. Elementos diferentes daqueles presentes em *Os Argonautas* e que, apesar do incômodo gerado em muitos de seus seguidores, expõem um pesquisador que é humano e que, em campo, produz a partir das vicissitudes enfrentadas e dos preconceitos que traz em si, desejando, em alguns instantes, apenas “pegar um barco e cair fora” dali (MALINOWSKI, 1997, p. 100).

Importante para o etnógrafo, ainda, estaria o fato de, apesar de realizar estudos prévios, saber como rever suas teorias, problemas e hipóteses, abandonando-os, se preciso fosse, a partir daquilo que fosse sendo exposto pelo seu campo e pelos seus sujeitos. É escuso dizer, então, que, sem fazer isso, o trabalho perderia suas riquezas e reais possibilidades de encontro com o outro, principal exercício proposto pela prática antropológica.

Na esteira das reflexões sobre a etnografia, a obra de Clifford Geertz ocupa, igualmente, uma posição importante, uma vez que se tem na figura do antropólogo estadunidense o fundador da Antropologia Hermenêutica. Com base em Weber, Geertz (2008) assume um conceito semiótico de cultura, percebendo-a como a teia de significados que, apesar de tecida pelo próprio homem, amarra-o. A antropologia, aí percebida, não deveria ser vista como uma ciência experimental à procura de leis, mas como uma ciência interpretativa. Recuperando Gilbert Ryle, Geertz (2008) dirá então que a etnografia deve ser tida como uma descrição densa.

Fazer etnografia consiste principalmente em, além da seleção de informantes, da transcrição de textos, do mapeamento de campos e mesmo da produção de um diário, tomar como objeto “uma hierarquia estratificada de estruturas significantes” (GEERTZ, 2008, p. 05), percebendo-as e interpretando-as a partir do seu contexto de ocorrência.

A análise de um etnógrafo, pois, seria escolher entre as estruturas de significação e, a modelo do que é feito por um crítico literário em seu labor, determinar sua base social e relevância. Para isso, ele enfrentaria uma diversidade de realidades complexas e sobrepostas, que precisaria, primeiramente, de compreender para, depois, falar sobre.

Fazer a etnografia é como tentar ler [...] um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 2008, p. 07).

Seguindo as propostas de Geertz (2008), pode-se ressaltar que não cabe ao etnógrafo ocupar o lugar daquele que é observado, mas sim compreender suas práticas, entender seus discursos. A cultura, assim, sendo vista como o sistema entrelaçado de símbolos, seria, em suma, um contexto, no qual acontecimentos e comportamentos poderiam ser descritos de forma inteligível, ou seja, com densidade. A cultura do outro, por sua vez, que é em geral observada, deveria ser colocada no quadro geral de sua banalidade, o que corresponderia a desmistificar a ideia do diferente como exótico e tentar observar seus fenômenos percebendo sua normalidade, mas sem retirar daí sua singularidade.

O etnógrafo, portanto, escreve e, ao escrever, anotando o discurso social, transforma acontecimento em leituras e interpretações. “Resumindo, os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. (Por definição, somente um “nativo” faz a interpretação em primeira mão: é a *sua* cultura.)” (GEERTZ, 2008, p. 11). Três características estariam relacionadas à descrição etnográfica, quando aí percebida: ela é interpretativa, o que ela interpreta é o fluxo do discurso social, e a interpretação envolvida consiste em tentar fixar o dito de forma a poder recuperá-lo posteriormente; igualmente, como sugere Geertz (2008), ela é microscópica, ou seja, seus assuntos são pequenos (conversas cotidianas, acontecimentos triviais), mas realiza, a partir deles, interpretações mais abstratas e gerais; ela é subjetiva, ao mesmo tempo, deve se apoiar, por

exemplo, em um arcabouço teórico, a fim de permitir que seja percebida uma continuidade e/ou correlação a acontecimentos que podem soar isolados. “Em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo – isto é, sobre o papel da cultura na vida humana” (GEERTZ, 2008, p. 19).

Tendo em vista a discussão da subjetividade na pesquisa antropológica, bem como o temor de se aceitar plenamente o caráter fenomenológico dessa, Roberto Da Matta (1978) fala que tal medo representa um modo de não assumir integralmente o ofício do etnólogo (ou etnógrafo). Ir a campo (ou vestir a capa do etnólogo), para Da Matta (1978), pressuporia então empreender uma dupla tarefa. Primeiramente, em um movimento original da Antropologia, tratar-se-ia de converter o exótico em familiar, reduzindo e transformando aquilo que soa diferente, estranho, em algo que, em nossa cultura, seja inteligível. E, em um segundo instante, correspondendo mais propriamente a uma ação que Da Matta (1978, p. 5) percebe como contemporânea, a transformação do familiar em exótico. Seria, pois, uma espécie de autoexorcismo, uma vez que não se trataria mais de olhar o “selvagem” tendo em vista um conjunto de práticas postas como “primitivas” que se desejaria inventariar, mas de percebê-las em nós mesmos.

Em ambas as transformações (exótico/familiar e familiar/exótico), contudo, estariam presentes tanto aqueles princípios guias, de natureza pragmática, quanto o *anthropological blues*, na forma de sentimentos que se configuram em dados sistemáticos do campo. “É como se na escola graduada tivessem nos ensinado tudo [...] e jamais nos tivessem prevenido que a situação etnográfica não é realizada num vazio e que tanto lá quanto aqui se pode ouvir o *anthropological blues* (DA MATTA, 1978, p. 08).”

Como sugere Cláudia Lago (2008), a relação entre antropologia e jornalismo de um ponto de vista formal, remonta ao início do século XX e ao desenvolvimento da Escola de Chicago, reconhecida pelos estudos dos meios urbanos e sua relação com a mídia, envolvendo pesquisas de caráter etnográfico.

A obra da socióloga estadunidense Gaye Tuchman, em especial o livro *Making news: a study in the construction of reality*, publicado pela

primeira vez em 1978, como resultado de seu doutoramento, é continuamente mencionada como importante referência no que tange estudos de produção noticiosa e análises no cenário das redações. Em sua pesquisa, resultado de um processo de observação que se estendeu de 1966 a 1976 (de modo não contínuo), Tuchman (1983) acompanhou as rotinas produtivas de um canal de televisão, de três jornais e da sala de redação de uma prefeitura, realizando, ainda, entrevistas, com repórteres e com ativistas feministas (tendo em vista que a cobertura do movimento feminista compôs também o seu campo).

Orientando-se com base em sua problemática central (que seria perceber em que medida os meios contribuiriam para a construção do real e de que forma as suas rotinas determinariam as notícias), Tuchman (1983) concluiu que os jornalistas trabalhariam sob a pressão do fator tempo, o qual, pelos meios, tende a ser convertido em algo ordenado e delimitado. A notícia, então, ao passo que pretenderia dizer sobre o real, tenderia a corroborar para a sua construção, uma vez que, mediante impossibilidade de se mostrar tudo, optar-se-ia pelo que mostrar e pelo como mostrar.

Isabel Travancas (2006) que, em sua dissertação de mestrado, pesquisa o mundo dos jornalistas, a fim de perceber as identidades desses profissionais, aponta diferentes elementos a fim de discutir como se deu, em seu trabalho, e como pode se dá, em pesquisas semelhantes, as relações desse campo específico. Além dos “instrumentos” que considera pertinentes à obtenção de dados neste tipo de pesquisa (observação participante e entrevistas em profundidade), Travancas (2006) aponta a especificidade de, sendo também jornalista, estabelecer relações com seus informantes e, ainda, de saber como escutar aquilo que é dito e olhar aquilo que é presenciado.

Alfredo Vizeu (2014), em pesquisa cujo objetivo consistia em estudar como as rotinas produtivas de um telejornal influenciavam os jornalistas no momento de decidir o que seria e o que não seria notícia, ressalta que fatores como o tempo, a coadunação com as políticas da empresa de comunicação, o caráter espetacular das imagens e das informações em geral e uma imagem intuitiva da audiência, em seu campo, mostraram-se como questões preponderantes.

O trabalho de Marcia Veiga da Silva (2014), acerca dos modos de produção das notícias, sendo importante inspiração e referência para pesquisa que aqui se aborda, convém igualmente ser retomado. Ao acompanhar a rotina de um telejornal, ao longo de três meses, Silva (2014) constata que o jornalismo possui gênero e seria o masculino, considerando, pois, a visão do real que é dominante e reproduzindo “relações de gênero e poder hegemonicamente prevalecentes na cultura e conhecimentos sociais historicamente produzidos em determinadas instâncias de poder” (SILVA, 2014, p. 331).

No cenário das redações e com base naquilo que ali se observa e reproduz em seus diários de campo, Silva (2014) dá a ver que, além de corpos masculinos e femininos, o gênero masculino, no jornalismo, é dado pelas relações hierárquicas que seccionam sujeitos, valores e notícias.

Acionada pela comunicação (e pelo jornalismo, mais especificamente), a abordagem etnográfica torna-se cabível, então, quando as respostas aos questionamentos do trabalho empreendido se encontram nas rotinas dos profissionais envolvidos na feitura da informação, em suas práticas e em seus discursos.

Os estudos de *newsmaking*, portanto, trariam como característica comum a observação participante, ou seja, a presença do pesquisador nos instantes em que as ideologias são acionadas e convertidas em notícias e em visões de mundo consideradas adequadas às audiências (WOLF, 1999).

Essa abordagem articula-se, principalmente, dentro de dois limites: a cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e dos processos produtivos. As conexões e as relações existentes entre os dois aspectos constituem o ponto central deste tipo de pesquisa (WOLF, 1999, p. 188).

Outra das vantagens desses trabalhos na área da comunicação (e no ambiente das redações) refere-se ao fato de permitir que se observe aquilo que pode ser percebido em termos de crise, ou seja, nos momentos de rupturas em que se reorganizam determinados padrões e/ou rotinas, dando a ver o caráter não automático desse processo.

Em se tratando de *newsmaking*, ainda, cabe perceber que tal perspectiva consiste em uma hipótese e não em uma teoria, a qual compreende, seguindo uma lógica construcionista, as notícias como não sendo reflexos da realidade e, tampouco, a prática jornalística como isenta de subjetividade e disputas ideológicas. Ao contrário daquilo que fazia a teoria do espelho, a hipótese do *newsmaking*, pois, orientar-se-ia para o momento da produção, estudando como diferentes questões, tais como valores pessoais, princípios da empresa, constrangimentos organizacionais e condições orçamentárias, atuam, moldando a prática dos profissionais (WOLF, 1999).

Para Mauro Wolf (1999), sobre o *newsmaking*, os dados para a execução do trabalho podem ser coletados de diferentes formas, tais como acompanhamento sistemático do que acontece (e registro em diários) e conversas informais ou mesmo longas entrevistas com os informantes.

A observação participante, a qual exigiria a presença do pesquisador nas redações e em momentos de apuração da notícia, estaria ligada ao processo de se colocar em contato com o outro, deixando-se envolver nesse percurso. O diário de campo, espaço de registros, de memórias e de sensações, então, configurar-se-ia em um importante aliado nas pesquisas pretendidas.

Sobre a pesquisa antropológica/etnográfica, quando relacionada ao jornalismo, há ainda que se pesar determinados elementos. Um deles, conforme salientam Lago (2005), Travancas (2006) e Vizeu (2014), se refere ao seu caráter autorreferencial, uma vez que não raramente trata-se de jornalistas/pesquisadores que estudam seus pares. O autoexorcismo de Da Matta (1978) e a assunção da subjetividade inerente à pesquisa não podem então ser ignorados.

Nesse sentido, um aspecto importante a ser levantado dentro do escopo das reflexões, quando do uso do método antropológico, refere-se à condição de duplicidade do pesquisador (jornalista pesquisando jornalismo), muitas vezes presente. Essa condição não é um impeditivo da pesquisa, mas um dado que deve ser pesado conjuntamente às escolhas teórico-metodológicas (LAGO, 2005, p. 61-62).

Ingressar em uma redação, contudo, a fim de que se possam acompanhar as rotinas produtivas de um veículo jornalístico, não é uma tarefa simples. E isso já era sabido previamente, por contato com pesquisadores e colegas que empreenderam esse tipo de trabalho e por relatos das pesquisas etnográficas de modo geral⁹. O contato com os informantes, especialmente quando dado em ambientes institucionalizados e formais, sempre é um processo muito delicado. Além das questões gerais, contudo, questões específicas, próprias do contexto em que cada pesquisa se desenvolve, dão o tom de como será, e se será possível estabelecer algum tipo de relação.

Falando especificamente de *Junior*, é relevante destacar que, ali, o contato com os sujeitos da pesquisa pareceu se mostrar facilitado em função de uma orientação sexual comum. O fato de sermos todos *gays* (eu e todos os profissionais de *Junior* então entrevistados) contribuiu, acredito, para que as entrevistas se dessem de uma forma muito mais espontânea, informal, e em lugares como bares ou mesmo nas casas desses sujeitos.

Um certo flerte, manifestado na forma de comentários ou de elogios, também atravessou algumas dessas entrevistas, reforçando ainda mais a impressão de que uma identidade *gay* comum, bem como uma forma de sociabilidade aproximada, tiveram importância considerável no que se refere ao acesso aos sujeitos.

A diferença frente ao contato com os profissionais de *MH Portugal*, então, foi gritante. As entrevistas, com exceção daquela realizada com o fotógrafo, que ocorreu em uma cafeteria, sempre se deram no ambiente da redação, no qual tive acesso autorizado. O contato, tal qual igualmente já foi exposto, foi interrompido de diferentes formas e apenas retomado depois de muita insistência. Um desconforto por parte de alguns entrevistados, ainda, ao se questionar sobre a discussão de uma orientação e/ou prática sexual que não fosse a heterossexual pela revista foi também perceptível.

⁹ Isabel Travanças (2006) e Marcia Veiga da Silva (2014) salientam algumas dessas dificuldades. Travanças (2008), por exemplo, fala do desafio que é tentar, frente a uma rotina atribulada, entrevistar os jornalistas em seus espaços de trabalho. Silva (2014), por sua vez, comenta dos apelidos que recebeu em seu campo: DOI-CODI, em alusão ao órgão fiscalizador da imprensa durante a ditadura militar no Brasil, e Super-Nani, personagem de programa de televisão que, junto aos pais, objetiva educar as crianças. O livro *Entre saias justas e jogos de cintura*, organizado por Alinne Bonetti e Soraya Fleischer (2007), explicitando as peculiaridades e as vicissitudes, encontradas em campo, por doze antropólogas, fornece igualmente um rico material naquilo que se refere aos desafios desse tipo de pesquisa.

As entrevistas, aliás, acabaram se configurando como uma das principais formas de acesso aos dados que aqui serão discutidos e analisados. Tendo em vista que a redação de *Junior* já não existia quando se empreendeu este trabalho, que a revista encerrou suas atividades quando eu ainda estava em Portugal, impossibilitando, por conseguinte, um retorno para acompanhar suas práticas, e que em *Men's Health Portugal* esse acesso foi vetado, recorrer a entrevistas em profundidade pareceu o melhor caminho a seguir.

Conforme ensina Edgar Morin (2000), a entrevista pode, de modo geral, ser tomada como toda a comunicação pessoal cujo objetivo principal consista em alcançar determinada informação, envolvendo, então, tanto aquela praticada pelo jornalismo quanto aquela empreendida pelas ciências sociais. A questão de fundo que as distinguiria, pois, se referiria à natureza da informação em questão e ao público ao qual ela seria dirigida. Se, por um lado, a informação desejada pelas ciências sociais faz parte de um sistema que é metodológico, hipotético e verificador, voltando-se a uma comunidade específica (os pares), a informação da mídia de massa possui uma finalidade espetacular, sendo dirigida a grandes audiências.

Stela Guedes Caputo (2006, p. 28), por sua vez, ao falar sobre a técnica da entrevista e ao propor compreendê-la, baseando-se na teoria, na prática e na experiência, utiliza a palavra aproximação para descrever a ação empreendida tanto por pesquisador quanto por jornalista. Relata, então, que a entrevista consiste na “aproximação que o jornalista e o pesquisador (ou outro profissional) fazem, em dada realidade, a partir de um determinado assunto e também a partir de seu próprio olhar, utilizando como instrumento perguntas dirigidas a um ou a mais indivíduos”.

Cremilda Medina (2008), primeiramente, define a entrevista jornalística como sendo uma técnica de obtenção de informação, a qual recorreria ao particular, valendo-se, portanto, de uma fonte individualizada, capaz de lhe creditar valor, sem que exista, aí, uma preocupação de cunho científico. Por outro lado, ao ser tomada como um diálogo, a entrevista refere-se a uma interpenetração informativa, assinalada e constituída pela troca de sentidos e pelo revezamento das vozes. Nesse caso, portanto, a entrevista atingiria não só “os limites possíveis da in-

ter-relação” (MEDINA, 2008, p. 05), como também a técnica assinalada por uma pauta com perguntas pré-formatadas, capaz de produzir um conhecimento concreto e modificar entrevistador e entrevistado.

Tal qual aponta Travancas (2012), há um crescimento de pesquisas na área da comunicação que empreende um deslocamento de atenção, passando da imprensa (de modo geral) aos jornalistas em si, fazendo com que esses, de entrevistadores em potencial, passem a ser os sujeitos entrevistados. Beatriz Marocco (2012a; 2012b) vem realizando pesquisas que se encaminham nessa direção. Em *O jornalista e a prática: entrevistas*, Marocco (2012a, p. 07) entrevista quatorze jornalistas com o intuito de “elaborar uma teoria sobre o saber que circula nas redações e se dá a ver no desenvolvimento de ações de teoria”.

Para Marocco (2012b, p. 145), a entrevista, então, seria “uma ferramenta do cotidiano do jornalista, apropriada para operar nos níveis epistemológico, metodológico e de tratamento de dados”. Quando pensada fora desse contexto, ao ser tomada como dispositivo capaz de abordar questões sobre o jornalismo, “a entrevista engendra um espaço autônomo, em que se configura e no qual o pesquisador pode explorar as bases da atividade jornalística, do saber que os jornalistas fazem circular ininterruptamente nas redações” (MAROCCO, 2012b, p. 145).

Marocco (2012b, p. 152), ainda, salienta que, dando “acesso ao fluxo contínuo de conduta e as formas materiais de expressão da atividade através de uma descrição familiar ou de um entendimento teórico”, a entrevista se configuraria em uma forma privilegiada de tentar, por meio dela, compreender a prática jornalística.

Robert Darnton (1990, p. 9), abordando as rotinas produtivas do jornal *The New York Times*, quando lá trabalhava como repórter, aponta que o “contexto do trabalho modela o conteúdo da notícia”. Falando, então, da estrutura física do espaço da redação, da distribuição ou “jogo” das matérias, dos cortes nos textos, pelos editores, das relações pessoais entre repórteres e, ainda, de como a relação de hierarquia (em um sentido decrescente, diretor – editor – repórter) modifica os textos, Darnton (1990) assevera que as notícias tendem a assumir todos esses elementos contextuais e fundantes.

Ao comentar sobre matéria que escreveu acerca de um maníaco homicida, Darnton (1990, p. 96) afirma que, depois de concluir seu artigo, ainda na sala de imprensa da delegacia de Manhattan, percebe um grafite: “Toda a notícia que couber a gente publica”. Sobre a frase, Darnton (1990, p. 96) então diria que, além da referência ao espaço físico da página, o grafiteiro estaria dizendo algo mais. “As matérias jornalísticas precisam caber nas concepções culturais prévias relacionadas com a notícia.” Em artigo posterior, refletindo sobre esse mesmo ponto, Christa Berger (2012, p. 716) faz um acréscimo.

Acrescento mais uma variável que imagino estar presente na decisão do que publicar a aprovação do anunciante, indicando que a questão colocada diariamente para o editor é: o que há de novo no mundo que caiba no meu jornal, que caiba nas concepções culturais dos leitores e caiba nos investimentos dos que anunciam suas mercadorias.

Seguindo adiante, acredita-se que há que se ponderar, nesse processo, sobre a relevância que existe no fato de esse mesmo conteúdo a ser publicado caber nas concepções culturais e nos valores pessoais daqueles sujeitos envolvidos na produção desse jornalismo.

Pierre Bourdieu (1997) argumenta que os jornalistas possuem óculos especiais, capaz de verem determinadas coisas, mas não veriam outras. Tais lentes, compostas por um conjunto de elementos que envolvem ideologias pessoais e profissionais, questões práticas que definem as rotinas desses sujeitos e paradigmas sobre os quais se estruturam toda uma sociedade são, então, fundamentais para que os seus olhares sejam lançados ou, então, para que não sejam.

Barbie Zelizer (2000), recorrendo aos estudos literários, propõe que os jornalistas sejam tomados por grupo que tenderia a gerar interpretações coletivas da realidade, agindo como comunidades de memória as quais se estabilizariam, menos por indicadores rígidos da aprendizagem na educação formal e mais por associações informais. Nelson Traquina (2005), aproximando-se dessa discussão, opta, ao se referir aos jornalistas, usar o termo tribo que, apesar de possuir significado semelhante ao de comunidade, re-

aliza um movimento duplo, a saber: por um lado visa a retomar o *bricoleur* leivistraussiano, dando a ver que o jornalista também seria adepto do “faça você mesmo”, operando sob uma lógica que é do concreto. E, ainda, ressaltaria o caráter de homens e de mulheres de ação, pretensamente marcados por uma atitude anti-intelectual.

Em *O nascimento de Joicy*, Fabiana Moraes (2015) conta a história de Joicy, mulher que objetivava, pelo serviço público de saúde, adequar um corpo dito masculino ao feminino que traria dentro de si. No livro, realizado em reportagem vencedora do Prêmio Esso, Moraes (2015) reflete, além da transexualidade e do jornalismo, sobre os limites que se estabelecem entre aquele que escreve e aquele sobre o qual se escreve. Ao propor o subjetivo como um elemento político, Moraes (2015) sugere que se produza e que, cientificamente, se perceba um jornalismo de subjetividade.

Ao se referir à pesquisa científica, mais especificamente, Moraes (2015) aponta que esse ponto vem crescendo em pesquisas de autores que, ao acionarem questões como o discurso, a narrativa e o poder e ao aproximarem-se de áreas como a antropologia, a filosofia e a história, percebem esse elemento subjetivo como algo central. Os trabalhos, então, de Márcio Serelle, sobre a inclusão do eu-jornalista nos textos; de Beatriz Sarlo, que volta sua atenção à narrativa pessoal no contexto do jornalismo e, ainda, de Sylvia Moretzshon que, ao propor que se pense contra os fatos, as aparências sejam contestadas e que, mesmo em face de rotinas e de estruturas, não se apague o elemento criador, seriam então alguns exemplos trazidos por Moraes (2015).

Silva (2014, p. 76), por sua vez, aponta, ainda assim, que “o papel das subjetividades e das visões de mundo dos próprios jornalistas sobre as notícias é pouco explorado nas pesquisas do campo do jornalismo”, tendo em vista que questões, como ideologia da empresa de comunicação e/ou rotinas produtivas, continuam sobrepondo-se a elas na forma de elementos-chave de pesquisas da área.

Para Silva (2014), então, que percebeu, em seu campo, que os elementos subjetivos cruzavam-se, a todo instante, com os valores-notícia, essa subjetividade, apesar de ser continuamente negada, constitui-se em um dos

aspectos centrais da tribo em questão e, portanto, não deve ser esquecido ou relegado a um lugar secundário.

No campo da pesquisa que aqui se reconstitui na forma de livro, ao buscar perceber os sentidos sobre as masculinidades que eram mobilizados e construídos em *Junior* e em *Men's Health Portugal*, percebeu-se como as visões pessoais e os valores particulares dos agentes envolvidos na produção desses veículos foram, então, fundamentais. Conforme será discutido, mais profundamente, na próxima seção, por exemplo, quando Gabriel Lucas (2014), fotógrafo de *Junior*, diz não se perceber como afeminado, ressaltando que, para si, em lugares públicos, não ser tomado como gay consistiria em um elemento positivo; quando Gean Gonçalves (2014), repórter de *Junior*, ao se perceber como afeminado e ao afirmar que não gostaria de ser promotor de um discurso heteronormativo que incidiria violentamente sobre si mesmo; quando Pedro Lucas (2015), diretor de *Men's Health Portugal*, afirma que existem mais brancos do que negros no mundo e não percebe as diferenças que existem entre o que é ser gay e o que é ser transexual, enfim, observa-se como é impossível descolar a prática profissional por eles empreendida de suas concepções acerca da realidade que os envolve e dos lugares que eles ocupam no mundo.

Sobre o desenvolvimento das entrevistas realizadas, ainda, há que se discutir sobre a opção, que vai de encontro a muitos trabalhos de caráter etnográfico, de revelar a identidade dos informantes. Por considerar, entretanto, que, nessa proposta, além das falas dos sujeitos, seria empreendida uma análise das reportagens e das fotografias por eles produzidas e, ainda, tendo em vista que os veículos de comunicação estudados precisariam ser revelados, a fim de que suas peculiaridades pudessem ser levadas em conta, esse anonimato não foi opção. Pouco adiantaria, por exemplo, chamar o repórter por um pseudônimo e, a seguir, precisar revelar sua identidade em função das normas bibliográficas que exigiriam sua citação em uma reportagem por ele escrita. Do mesmo modo, pouco sentido haveria em nominar de forma diferente o diretor de *Men's Health Portugal* se, facilmente, essa informação poderia ser obtida por pesquisa na internet.

A fim de, nesse contexto, buscar ser o mais ético e responsável possível,

revelei essa informação a todos aqueles que entrevistei e, ainda, solicitei que eles assinassem, depois de lerem, um termo de consentimento livre e esclarecido, no qual autorizavam que, para finalidades acadêmicas, suas entrevistas, que foram gravadas, fossem empregadas como dados de pesquisa, sendo atreladas aos seus nomes verdadeiros e não a pseudônimos. Considerando, portanto, que todos os sujeitos envolvidos na pesquisa sabiam das condições em que ela estava sendo feita e, sem exceções, concordaram com elas, acreditei que não haveria razões para sua omissão.

3.2 Sobre as revistas: segmentações de mercado e constituição em dispositivos

*O sol nas bancas de revista
Me enche de alegria e preguiça
Quem lê tanta notícia
Eu vou
Por entre fotos e nomes
Os olhos cheios de cores
O peito cheio de amores vãos
Eu vou
Por que não, por que não
(Caetano Veloso. Alegria, alegria.)*

A revista, o jornalismo dali advindo, a proposta de reflexão acerca dos gêneros e das sexualidades que, nos discursos e práticas são ali engendrados, possuem certas especificidades que convêm ser destacadas. Marília Scalzo (2008, p.11) define a revista como sendo “um veículo de comunicação, um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento”, mas salienta que, apesar de corretas, todas essas definições são também incompletas. “Para começar, atire a primeira pedra quem não tem dó de jogar revistas fora, quem nunca guardou uma publicação, quem nunca pensou em colecionar um título” (SCALZO, 2008, p. 12). Retomando Caño, Scalzo (2008, p. 11) lembra que a revista consiste ainda em uma história de amor com o leitor,

que envolve “confiança, credibilidade, expectativas, idealizações, erros, pedidos de desculpas, acertos, elogios, brigas, reconciliações”.

Uma revista, contudo, possui outras características. Em uma primeira instância, se comparada ao jornal diário, por exemplo, constata-se também pelas próprias rotinas produtivas, textos maiores, mais complexos, muitas vezes com um tom mais opinativo, e a existência de um cuidado maior com a estética e com a diagramação.

Mas, efetivamente, o que caracterizaria uma revista e seu jornalismo? Como destaca Marcia Benetti (2013), indo ao encontro das definições já aqui expostas, a revista possuiria, como elementos diferenciais, ser segmentada, por público e por interesses; ser durável e colecionável; possuir características materiais e gráficas que a distingam (e que a singularizem) e estabelecer uma relação direta com o leitor.

Seguindo nessa direção, Benetti (2013, p. 46) aponta que o jornalismo, de modo mais amplo, estabelece uma ordem hermenêutica, ao passo que utiliza e contribui para gerar quadros interpretativos. As revistas, em específico, ao instaurarem o conhecimento da experiência, “indicam modos de vivenciar o presente, seja pelo estímulo à experimentação ou pela identificação com a experiência de outro, seja pelo conhecimento do que cerca a experiência”. O jornalismo de revista, outrossim, trabalha com uma ontologia das emoções, ou seja, para além da informação em si, ele visa a construir um vínculo afetivo com o leitor em questão. “Aquilo que leio, a revista que assino, a informação que me mantém conectado ao tempo presente (“meu” tempo, “minha” sociedade, “meus” desejos”) constituem indicadores de minha concretude” (BENETTI, 2013, p. 47).

Da revista, então, poder-se-ia dizer que o conhecimento que essa possui acerca de seu leitor e daquilo que ele quer ver/ler constitui-se em um elemento essencial. Conhecendo bem a quem se dirige, a revista interpela quem com ela está em mãos por você (SCALZO, 2008). Como destaca Fátima Ali (2009, p. 32)

A revista, por sua natureza, tem um contrato implícito com o leitor, mais ou menos nos seguintes termos: “prometo que se você ler esta revista, edição após edição, encontrará à sua

disposição o que é importante para você e do seu interesse, vai saber o que quer saber e até o que não sabia que precisava.

Em um contexto no qual o novo é dado pelas redes sociais dos principais veículos, cabe à revista impressa (e em suas versões digitais, naturalmente) a análise detalhada do fato, as vozes dos especialistas e, claro, uma voz que lhe seja própria e que já seja reconhecida pelo seu leitor.

Eric Landowski (1992) discorre acerca do jornal diário. Ainda assim, entretanto, considera-se aqui cabível estabelecer relações entre o que é dito por ele e a revista, veículo específico que aqui analisamos. Ao destacar que o jornal, assim como qualquer empresa, possui uma personalidade jurídica, um estatuto e uma razão social que o distingue e o define perante os demais, Landowski (1992, p. 118) ressalta a necessidade que o veículo possui em ter uma entidade figurativa que seja reconhecida desde o seu título. “É preciso que o jornal se afirme socialmente como um sujeito semiótico.”

Ao contrário da maioria dos bens de consumo, pois, dos quais se exige uma renovação constante do veículo jornalístico, solicita-se a repetição da forma e a manutenção da matriz. Ao passo que, do conteúdo, exige-se a inovação e o ineditismo, a constância de seus outros elementos é imprescindível para a fidelização da audiência.

De algo que pode soar paradoxal em um primeiro momento, assim, chega-se àquilo que Landowski (1992) aponta como sendo uma dupla temporalidade de um produto midiático: a episodicidade da narrativa, manifestada nos relatos cotidianamente descritos e construídos em suas páginas, e a periodicidade do discurso expressa pela recorrência dos modos de enunciação.

A segmentação, igualmente, apresenta-se como uma das questões importantes ao se refletir acerca das revistas e acerca do seu particular fazer. Seguindo as pistas de Frederico Tavares e de Reges Schwaab (2013, p. 28), é possível compreender a revista como “um meio de comunicação cuja relação com a sociedade contribui para a formação de nichos de público a partir de segmentos sociais diversos”.

Dulcilia Buitoni (2013) lembra que, historicamente, as revistas (chamadas *Magazines*, em países de língua inglesa, pela exposição de

mercadorias em suas páginas) consolidaram-se falando a um público genérico. Tavares e Schwaab (2013) apontam que a primeira revista, publicada em 1663, na Alemanha, teria sido *Edificantes Discussões Mensais*, reunindo temas variados em torno de uma perspectiva comum: a teologia. Com mais recursos gráficos e aproximando-se mais daquilo que se toma hoje como revista, ao publicar crônicas, anedotas e poesias, contudo, seria possível perceber na francesa *Mercúrio Galante*, de 1672, uma origem mais precisa. *Mercúrio para Senhoras*, em 1693, ao incluir modelos de roupas e de bordados, teria sido, então, a primeira revista a se voltar especificamente às mulheres.

Ainda que lidas, sobretudo, por homens (tendo em vista, inclusive, que a poucas mulheres era ofertada a alfabetização), não se poderia falar, em termos contemporâneos, de uma imprensa que fosse segmentada ao público masculino e nem de uma primeira segmentação pelo gênero. “[...] essa primeira divisão masculina/feminina não se sustenta como segmentação, até porque a distinção era entre publicações de interesse geral e os nascentes periódicos femininos” (BUITONI, 2013, p. 109), ou seja, ao passo que aos homens seria ofertada toda a informação (a eles tudo deveria importar), às mulheres, por sua vez, um recorte bem específico (e restrito) precisava ser feito. Historicamente, portanto, poder-se-ia dizer que a gênese da segmentação editorial das revistas se daria numa lógica que é patriarcal e que, efetivamente, ao invés de informar o público feminino, visaria mais a entretê-lo dentro de um paradigma julgado conveniente.

Maria Celeste Mira (2001), em importante livro acerca do mercado de revistas e da segmentação, ressalta, com base em pesquisa histórica sobre o veículo, como que se torna flagrante que as grandes fronteiras que delimitavam e delimitam os públicos seriam os gêneros, as gerações e as classes sociais. Segundo Mira (2001), ao passo que se constituíam como alteridades e como uma fatia de mercado a ser explorada, mulheres e jovens passaram a se interessar cada vez mais pelas empresas, inclusive as midiáticas.

Buitoni (2013) dirá que se concebermos a segmentação como sendo a divisão de um grande conjunto, a imprensa feminina seria, atualmen-

te, a que mais exercitaria esse processo. Dos primeiros periódicos sobre moda, do século XIX, até recortes muito mais específicos, ao longo do século XX, para as mulheres foram sendo produzidos veículos variados sobre fotonovelas, decoração, comportamento e relacionamento, saúde e bem-estar. Torna-se essencial ressaltar, entretanto, mais uma vez, que a concepção acerca daquilo que seria de interesse feminino (bem como daquilo que não seria), a partir de uma visada extremamente limitada e inclusive caricata sobre os gêneros, sempre foi uma tônica. A escassez de veículos segmentados ao público lésbico, mesmo em uma esfera internacional, é um importante indicativo da questão: a sexualidade da mulher, na ausência de homens, segue sendo um delicado tabu.

Revistas especificamente voltadas aos homens, por sua vez, foram surgindo mediante uma percepção de que, para além de assuntos “masculinos” como política e economia (*hard news*), o comportamento, o consumo de determinados bens e, claro, (determinado) sexo, diziam de uma masculinidade que precisava ser abarcada pelo mercado.

A segmentação, enfim, como bem lembra Buitoni (2013), pressupõe divisão, grupos e um trabalho analítico e conceitual que se faz presente no momento da produção jornalística. Pensar a segmentação, nesse sentido, pressupõe tomá-la, para além de uma estratégia de *marketing*, como um fenômeno que diz de ecologias socioculturais. Buitoni (2013) aponta a existência de duas formas fundamentais de segmentação: por assunto, que diria da temática da revista em si (moda, automóveis, esportes), e por participação de um conjunto maior, em referência à operação, empreendida pela empresa de comunicação, em que as “variáveis básicas”, como gênero, classe social e faixa etária, entrecruzam-se, compondo um novo projeto (tal como uma revista feminina voltada ao público adolescente de classe popular ou uma revista masculina para homens, de classe alta, com idade média entre 20 e 50 anos e que discuta saúde e comportamento).

Avançando nesse sentido, Buitoni (2013) lembra que, ao passo que a cultura de massa tenda a gerar uma homogeneização do público, a segmentação traz implicada uma diferenciação que se dá em consonâncias

grupais. “Segmentar é separar para melhor compartilhar. Separar também é focar: uma aliança do racional com o desejo” (BUITONI, 2013, p. 118).

Retornando a Benetti (2013, p. 47), é possível perceber que o jornalismo, pela credibilidade associada ao seu discurso, produz conhecimento acerca do tempo presente tendo em vista uma ideia de adequação, a partir de um lugar de fala que diz aos sujeitos as formas corretas de se viver. “Ao final, esses parâmetros são o grande conhecimento produzido pelo jornalismo; no caso das revistas, são guias normativos de comportamento [...] e guias incessantemente renovados de estilo e de gosto.”

É com Zygmunt Bauman, então, que se torna possível observar o fenômeno que marca esse cenário de uma forma mais ampla. De acordo com o sociólogo, em uma busca obstinada por manuais que lhes digam como ser, os sujeitos (e, aqui, os leitores) procuram por alquimistas que podem lhes fornecer garantias, transformando “a incerteza da base em preciosa autossegurança” (BAUMAN, 1998, p. 221). Tratar-se-ia de um período líquido, repleto de anseios, uma era de especialistas em identificar os problemas e em restaurar as personalidades.

O que se veria, aí, seria um “surto de aconselhamento” (BAUMAN, 1998, p. 221) no qual os indivíduos não mais precisariam de “pregadores para lhes dizer da fraqueza do homem e da insuficiência dos recursos humanos” (BAUMAN, 1998, p. 222), mas clamariam, avidamente, por reafirmações daquilo que podem fazer e, principalmente, do modo como fazê-lo. E é nessa conjuntura que a mídia ocupa seu quinhão.

Rosa Maria Bueno Fischer (2002), ao discutir o que denomina como sendo o dispositivo pedagógico da mídia, salienta como a televisão, mais especificamente, sendo partícipe do processo de constituição de subjetividades, age no sentido de ensinar aos seus públicos os modos de ser e de se estar na cultura. Fischer (2002), então, diz que, na forma de aparatos discursivos e não discursivos, esse dispositivo incitaria continuamente um discurso sobre si mesmo e uma permanente revelação de si próprio.

Aidar Prado (2009), coadunando com essa perspectiva, e aproximando-se ainda mais da discussão que fazemos aqui, fala de um cenário no qual os enunciadores midiáticos (em especial as revistas), percebidos tam-

bém como dispositivos, criam verdadeiros mapas cognitivos que, ao reunirem as vozes dos especialistas de acordo com temáticas-chave, orientam os seus leitores sobre as formas apropriadas de se agir no mundo.

Nesse sentido os enunciadores da mídia impressa são cartógrafos, que traçam mapas dos mundos da cultura midiática, indicando caminhos modalizados que, se seguidos com determinação e força pelos leitores, internautas e espectadores, são ditos levar aos lugares de pertencimento e reconhecimento desejados e anunciados como repletos de valores positivos (PRADO, 2009, p. 39).

Com as dietas mais apropriadas para o ganho de massa muscular, com as dez maneiras de se levar alguém para a cama e com as dicas de como conquistar o *boy* durante a partida de futebol, cria-se uma modalização de dever fazer (PRADO, 2009) e um quadro regulado a partir do qual o leitor deve operar. Na mídia segmentada, tal qual lembra Prado (2009, p. 40) esse contrato estabelecido é ainda mais aprofundado, uma vez que “o enunciador, além de mapear os temas do prazer, do sucesso, da beleza e da moda, também constrói programas para o leitor realizar suas metas passo a passo, com exemplos vivos”.

Junior e *Men's Health Portugal*, veículos que se busca perceber os sentidos movimentados e construídos sobre masculinidades, apresentam-se como revistas masculinas. Ainda que voltadas a homossexuais e a heterossexuais, seus discursos e suas práticas acessados dizem daquilo que se concebe como sendo o homem: o homem que eu devo desejar ter, o homem que eu devo desejar ser, o homem cujo gênero, nos termos de Butler (2012), é inteligível culturalmente.

Nesse sentido, compreendem-se, aqui, *Junior* e *Men's Health* como dispositivos discursivos da masculinidade, ou seja, como aparatos que, inseridos em determinada ordem discursiva, dão a ver quais são as possibilidades (e as impossibilidades) de se ser e de se estar no mundo como *gay* e como homem heterossexual.

A noção de dispositivo trabalhada, assim como fizeram Fischer (2002) e Prado (2009), é aquela presente na obra foucaultiana. Tal qual

destaca Judith Ravel (2005, p. 39), Foucault passa a empregar o termo a partir da década de setenta, referindo-se, inicialmente, aos “operadores materiais do poder, isto é, às técnicas, às estratégias e às formas de assujeitamento utilizadas pelo poder”. Giorgio Agamben (2005, p. 09) lembra que o dispositivo em Foucault referir-se-ia a “um conjunto heterogêneo de elementos que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não linguístico, no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas, etc.”. Agamben (2005) diz, ainda, que o dispositivo sempre possui uma função estratégica, sempre faz parte de uma relação de poderes, sendo algo que inclui, em si, a episteme.

Ao compreender *Junior* e *MH Portugal* como dispositivos discursivos da masculinidade, afirma-se que tais veículos são partícipes de um processo de constituição e de reafirmação de modelos e de padrões, de normas de gênero, os quais atuam/constituem os corpos dos indivíduos. Não se acredita que nas revistas não existam brechas para a produção de outros sentidos. Ao contrário, conforme será discutido mais adiante, é justamente por disputas em torno da significação que outras identidades (e outras masculinidades) podem vir à tona.

3.3 Quem é Junior na fila do pão (ou na banca de revista)?

Você sabe há quanto tempo acompanhamos a efervescência do mercado editorial *gay* no exterior? Anos e anos, morrendo de vontade de fazer uma revista bacana por aqui. Ela seria assumida sem ser militante, sensual sem ser erótica, cheia de homens lindos, com informação para fazer pensar e entreter (FISCHER, 2007A, p. 11).

A gente não é um *Grupo Gay da Bahia*, não é um SOMOS. A *Junior* é comercial, por isso vendemos em banca, por isso precisamos de anúncios. Precisamos vender para continuar fazendo a revista. Uma empresa faz a *Junior*. Ela não é militante partidária, militante terceiro setor. A militância da *Junior* é estar nas bancas, estar ao acesso do homossexual que chega à banca, sendo um revista de bom gosto, que ele vai poder abrir no metrô, sem problema nenhum, uma vez que ela vai ter, no máximo, um homem de cueca (FILHO, 2014).

A revista *Junior* foi fundada em 2007 e, no momento de sua última edição, em maio de 2015, era a única revista de caráter jornalístico, vendida em bancas, destinada ao público *gay* do Brasil¹⁰. Suas origens estão atreladas ao *Festival Mix Brasil*, festival de cinema de diversidade sexual, voltado ao público *gay*, lésbico e simpatizante, ou GLS (em uma sigla concebida pelo próprio festival) e ao *Portal Mix Brasil*, portal informativo voltado, prioritariamente, aos *gays*, ambos criados na década de noventa, por André Fischer, fundador de *Junior*.

Mesmo sem saber exatamente quantos somos e onde estamos, acabamos evidenciando a nossa existência pelo vigor do nosso mercado, que existe e se comporta como tal. Às vezes os sinais têm que ser interpretados nas entrelinhas, às vezes precisam pular na frente de alguns para que possam ser vistos [...] Há tempos esperávamos o momento certo para dar forma a essa revista masculina direcionada ao *gay* brasileiro, onde homens e mulheres de corações e de mentes abertos, independente da orientação sexual, também se sentisse contemplados. Quinze anos depois do nascimento do Festival Mix Brasil de Cinema, treze anos na estrada produzindo o maior portal de interesse GLS da internet, uma rádio web segmentada e outros sites *gays*, chegou a hora do nosso Júnior vir à luz (FISCHER, 2007A, p. 11).

Ao longo de seus nove anos, *Junior* passou por muitas mudanças, envolvendo desde diferentes editoras (*Sapucaia*, *Mix Brasil* e *J7*), editores (Marcelo Cia, Felype Falcão e Hélio Filho) e endereços físicos (sempre em São Paulo, mas inicialmente em um sobrado na Vila Mariana e depois em um apartamento no Arouche), passando por questões como periodicidade (trimestral, bimestral e mensal) e valor de capa e, naturalmente, moldando-se conforme fatores internos e externos. A presença de ensaios eróticos e de reportagens que dissessem de um “universo *gay*”, contudo, sempre foi a tônica do veículo. Algumas falas, como as de Felype Falcão, já editor e, na época das entrevistas, repórter especial, e de Gean Gonçalves, também repórter especial, dão a ver alguns desses pontos.

¹⁰Sobre um histórico da imprensa *gay* no Brasil, ver a tese acadêmica de Ricardo Feitosa (2014), intitulada *Linhas e entrelinhas: homossexualidades, categorias e políticas sexuais e de gênero nos discursos da imprensa gay brasileira*.

Junior é um pouco da personificação de quem a edita. Acho que hoje, por exemplo, se a revista é mais abrangente no aspecto de conteúdo, ela contempla mais extremos, isso não é apenas em função daquilo que aprendemos com o tempo, mas também em função de quem está no comando da revista. Da edição um até a de vinte, eu vejo a *Junior* mais adulta, voltada para um público de vinte e cinco a trinta anos, mais ou menos nessa faixa etária. Falo aqui em aspectos de conteúdo. Entre os números vinte e quarenta, a gente foi mudando, acho que a revista se torna muito mais pop. Acho que ela passa, de fato, a focar no Junior, no *gay* mais jovem, que então é contemplado por assuntos que lhe interessam. Surgem novas editorias, abrimos mais espaço para a noite, para a academia, falamos sobre primeiros beijos, primeiras relações sexuais, jovens que se infectaram com AIDS muito cedo. E acho que da edição quarenta para cá foi quando a gente começou, enfim, a tentar encontrar um ponto de equilíbrio, sendo uma revista mais adulta, mas, ao mesmo tempo, privilegiando conteúdos do Junior. (FALCÃO, 2014).

Aconteceu muita coisa dentro da *Junior*, para mim, desde perceber que ambientes de redação pequena tem uma outra dinâmica de poder e como se constroem as pautas dentro de uma redação pequena, até entender que a gente tem idealismos quando pensa uma revista de minorias, os quais também se diluem nesses conflitos de poder [...] O modo de pensamento do Marcelo Cia [um dos três editores que *Junior* já teve] para a revista, quando eu entrei para a *Junior*, era de pensar um leitor bem jovem, entre dezoito e vinte e dois anos de idade, das classes A e B, que tem, portanto, poder aquisitivo e que tem poder para frequentar e para desfrutar a cidade, um leitor que tem *pink money* [...] Grande parte das matérias que fiz então eram voltadas para beleza, para moda e, nessa fase, matérias de comportamento, essas últimas, naquela época, com um olhar muito exotificante, na minha percepção. (GONÇALVES, 2014).

Junior, relevante destacar, traz a juventude explicitada em seu próprio título. Conforme menciona Fischer (APUD VESCELAU, 2007), acerca do nome da revista, “*Junior* é o teu filho, é o filho que o *gay* não tem, então é um nome de todo homem, mas ele dá essa conotação de ser jovem também. O *gay* de 50 anos quer se sentir com 30”. Indo ao encon-

tro dessa mesma lógica, Hélio Filho (2014) reitera que, “sendo um sonho de todo mundo”, apesar do leitor talvez não possuir a idade vendida por *Junior*, ele compra aquela idade. “A pessoa não tem, mas ela consome aquela idade [...] *Junior* sempre foi *teenager*, jovem, imberbe, colorida”.

Essa relação de aproximação com o público jovem, e com esse ideal de juventude, se reflete em diferentes elementos da revista, tais como na ausência de nudez em seus ensaios, marca que é continuamente reiterada como sendo uma de suas qualidades¹¹. Filho (2014) ressalta que, em *Junior*, o nu explícito sempre foi uma barreira que se desejou manter. “O nosso objetivo nunca foi fazer uma revista erótica explícita [...] Existe a coisa da insinuação, de não mostrar”. Como razões, então, Filho (2014) aponta os fatos de a revista se voltar a um público jovem (incluindo menores de 18 anos e que, pela censura, não poderiam comprar uma revista com nudez) e de ela ser veiculada em um país que é marcado pela intolerância em relação aos homossexuais.

Há um preconceito com a nudez. O brasileiro sai pelado no carnaval. Você vê a Fulana de Tal nua na televisão durante o carnaval. Mas eu não posso colocar na revista pelo pubiano. Porque é o homem. E então entramos no tema da sua pesquisa. Já tive que subir o corte da capa porque eu não podia ir para a banca com os pelos pubianos aparecendo, daquela forma como estavam. Esses dias, por exemplo, eu postei uma fotografia de um close de uma sunga, na página da revista do *Instagram*. E a conta ficou suspensa por um dia, ela foi denunciada. As pessoas são hipócritas. Elas vão olhar o pau de fora escondidas. Mas na revista que elas estão lendo no meio das amigas elas não querem o nu (FILHO, 2014).

Conforme se percebeu com base nas entrevistas realizadas, havia mais suposições do que certezas acerca do perfil dos leitores da revista. A experiência é enunciada, então, por aqueles que a produzem, como fator

¹¹ Tal ressalta Feitosa (2014), a demarcação de um lugar a partir do distanciamento daquilo que se entende como “pornográfico” e uma aproximação daquilo que se compreende como “erótico” é uma marca de diferentes revistas do segmento *gay*, incluindo aí *Junior*; que, a partir desse lugar, visam a legitimar-se como jornalísticas, sendo, apesar de voltadas a uma minoria que é estigmatizada, mais facilmente serem integradas no mercado. Essa postura, que remete a certa “higienização”, vale ressaltar, não é exclusividade da revista, dizendo muito mais de uma ordem que se instaura e que é assimilada pelo veículo e por seus agentes do que de uma posição peculiar.

que dava a ver a quem, de fato, *Junior* chegava, mostrando, inclusive, que ideias iniciais não se sustentavam.

Quando a *Junior* é concebida, a intenção é que ela seja como revistas como *Out* [revista *gay* estado-unidense] como *Têtu* [revista *gay* francesa], revistas voltadas a um público *gay* que gostasse de consumir informação, que tivesse uma escolaridade maior, que tivesse condições financeiras melhores. A ideia era atingir esse público [...] No decorrer da produção da revista, conforme íamos conhecendo o leitor, pelos lugares em que se vendia mais ou menos, pelo público que dava retorno, que escrevia, percebemos que nossos leitores não tinham tanta escolaridade quanto achávamos, nem tinham tanto dinheiro quanto imaginávamos. E percebemos, então, que era um outro cara que era o principal consumidor da nossa informação (FALCÃO, 2014).

É difícil imaginar um perfil específico de leitor. No início eu imaginei que escrevia para garotos muito jovens e moradores das grandes capitais. Mas com o passar do tempo, por meio das cartas e e-mails que nós recebíamos, e também através dos contatos pessoais, eu percebi que o perfil do leitor era, e é, muito variado. Vai de adolescentes a setentões. Eu acredito que isso é decorrente da falta de veículos específicos para *gays* na mídia brasileira. Além disso, vejo um certo padrão de interesses entre a comunidade *gay*. As preocupações com temas ligados a saúde, beleza, moda e tecnologia parecem estar presentes em diversas faixas etárias deste segmento. E isso é o que define o que é ser *gay* para a *Junior*, na minha opinião (ALVES, 2014).

Ao mesmo tempo em que a gente idealiza um leitor, a gente é refém desse leitor. A gente acha que é esse leitor que vai comprar a revista e que, se não fizermos algo pensando em um leitor *gay* que seja heteronormativo, a gente não vai conseguir capitalizar uma revista, afinal a gente sabe que revistas segmentadas para minorias aqui no Brasil ainda têm muita dificuldade em conseguir publicidade [...] Por mais que na hora de pegar a caneta, e escrever a revista, talvez você não esteja pensando nesse leitor, todas as estruturas da revista o denunciam. A gente consegue fugir dele quando um personagem entra na revista, por exemplo, fugindo do mundo dos Jardins (GONÇALVES, 2014).

Junior, ao contrário das edições brasileira e portuguesa da revista *Men's Health*, não possuía um *Media Kit*, ou seja, um documento oficial, um relato de uma pesquisa estatística empreendida que dissesse, especialmente aos seus anunciantes, qual era o público que, de fato, era alcançado pelo veículo. Informações desse caráter, relativas ao Portal *Mix Brasil*, ao qual a revista estava atrelada, foram obtidas¹². Apesar de incluir *Junior*, contudo, não são dados específicos.

A tiragem variava muito, tendo sido da ordem de trinta mil exemplares, no ano de seu lançamento, e, em 2014, tendo chegado a cerca de oito mil. A perspectiva, em dezembro de 2014, era de que, mediante um estudo de redistribuição, essa produção fosse ampliada para vinte mil. A distribuição, aliás, nem sempre alcançava todo o território brasileiro. Muitas vezes a revista em sua versão impressa ficava restrita às capitais e, em outras situações, circulava apenas na região sudeste. Apesar disso, tanto no país quanto fora dele, as edições digitais também eram vendidas, ampliando, conforme destaca Hélio Filho, o perfil de leitores. Nesse instante, inclusive, Filho (2014) diz da importância da existência tanto da versão impressa quanto da versão digital, atendendo às distintas demandas, de distintos públicos.

Eu morei em cidade pequena, no interior do Mato Grosso do Sul. Eu era um dos únicos *gays* assumidos da cidade. Naquela época eu ficava louco pela chegada da revista *TRIP* na cidade, pela chegada da revista da *Jovem PAN*. Eu gostava daquela informação e ela me fazia diferença. Então a gente continua fazendo a revista impressa por isso, porque lá no interior do Ceará eu tenho nem que seja um leitor, alguém que precisa da revista. Então a gente vai seguir fazendo a revista impressa, mas é claro que temos a *Junior* na banca digital. Eu tenho leitores na Zâmbia! Tem

¹²De acordo com informações disponíveis em seu site, o Portal *Mix Brasil* realizava uma pesquisa anual a fim de conhecer os seus usuários. O número de visitantes únicos por mês, no Portal, que incluía a revista *Junior*, girava em torno de oitocentos mil. O perfil dos visitantes, igualmente disponível, com base em pesquisa realizada em 2012, apontava que 94,51% deles eram homens cisgêneros, 5,39% eram mulheres cisgêneros e 0,1% era pessoas trans. Cerca de 80% dos usuários possuíam idade entre 18 e 49 anos e quase 94% se definiam como homossexuais. 36% dos acessos eram de São Paulo, capital, e quase 60% deles ficavam restritos ao eixo RJ/SP. No que tange a escolaridade dos usuários, mais de 50% possuíam curso superior e cerca de 30% eram pós-graduados (<http://mixbrasil.xpg.uol.com.br/mix/anuncie>).

bicha na Zâmbia que lê! O povo é enforcado na África, por ser veado, e eu tô vendendo revista para uma bicha na Zâmbia! Isso é incrível para mim (FILHO, 2014).

Ainda no que se refere às especificidades de *Junior*, convém salientar que, com exceção de Hélio Filho, que era editor e *publisher* do veículo em dezembro de 2014, todos os demais informantes (repórteres e fotógrafo) possuíam outras atividades remuneradas, para além da atuação na revista. Apesar de alguns deles, em dado momento, terem trabalhado exclusivamente em *Junior* no instante desta pesquisa, essa não era mais a situação vivenciada. Os repórteres que ainda escreviam para a revista, o faziam como colaboradores externos e o fotógrafo, que nunca possuiu um vínculo formalizado, era pago mediante trabalho encomendado e produzido. As falas dos sujeitos entrevistados, portanto, explicitam uma relação com o veículo que ultrapassa um laço meramente empregatício. Nelson Neto (2014), que ingressou na revista como estagiário, diz que, ao concluir a graduação e mediante a ausência de verba para contratação de um estagiário ou de um novo repórter, se dispôs a seguir em *Junior* por um salário abaixo do convencional, devido ao fato de querer permanecer ali. Posição semelhante é recorrente.

É isso, é muito de uma paixão. A *Junior* é uma paixão. A *Junior* me deixa rico? Não. Eu não moro bem, querida, eu não moro nos Jardins, eu não tenho um *Maserati*, eu não viajo com o meu dinheiro. Quando eu viajo é como convidado. Não dá dinheiro, ainda. E se der, e eu espero que dê um pouco mais, por favor, comprem revistas, ainda assim eu não vou ficar milionário com a *Junior* porque eu sei da realidade do jornalismo impresso (FILHO, 2014).

Já tivemos redação física, com poucas pessoas. Hoje o ambiente é colaborativo, com pessoas de pontos diferentes da cidade, que escrevem de seus outros trabalhos, de suas residências. E a partir daí a gente forma uma rede que é mais virtual do que física [...] Pouca gente nota isso, mas talvez aquela militância sobre a qual o André escreveu, que estaria escondida na *Junior*, talvez não esteja tão escondida assim. Para nós, repórteres, mantê-la viva é fundamental. É muito importante ter uma representatividade. Por mais que ela

tenha uma série de problemas, seria muito mais triste não termos uma *Junior* [...] A gente tenta se manter unido, apesar de todas as dificuldades pelas quais a revista passa. Todo mundo tem que viver, é claro, mas a gente sempre tentou ser mais compreensivo porque acho que a gente sempre viu a *Junior* como um filho. Um filho que não pode acabar. (GONÇALVES, 2014).

Ainda que se vá abordar a questão do perfil dos entrevistados mais adiante, é válido mencionar, aqui, o fato de que todos os profissionais de *Junior*, aos quais se teve acesso, eram homossexuais¹³. Essa característica, inclusive, aparece nas falas como sendo fundamental.

Eu desconheço se algum heterossexual trabalhou para *Junior* e acho essa possibilidade bastante nula [...] O que eu acho importante ressaltar é que quando, por exemplo, um *gay* escreve para um veículo heterossexual, ele sai da sua sexualidade frágil e migra para uma sexualidade dominante. Quando você é heterossexual e você migra para o lado fraco da força, para a homossexualidade, aí você terá diversos bloqueios sociais [...] e não vai conseguir fazer a pauta. E aí eu posso apontar como um exemplo aquela matéria da Folha de São Paulo, no ano passado, em que se sugeria que não se desse pinta¹⁴ (NETO, 2014).

Não é que precise ser *gay* para trabalhar na *Junior*. Eu tenho um amigo, por exemplo, que ainda era heterossexual quando escreveu matérias sobre turismo, ele ainda não havia se assumido. Mas a gente faz a *Junior* com as nossas paixões, como o nosso dia a dia. Nossos problemas são pauta. Quando eu tenho um problema eu ligo para um psicólogo e isso vira matéria. Porque eu acho, assim, que se eu estou passando por um problema com o meu namorado, um problema de aceitação, enfim, talvez seja a dúvida de um leitor. Como um heterossexual, por exemplo, iria num clube de fisting fazer

¹³ De acordo com Filho (2014), uma lésbica já trabalhou na revista, mas não estava mais ali quando realizei as entrevistas. Igualmente, Filho (2014) ressalta que houve colaboradores heterossexuais, para além de grande parte dos modelos que também o seriam. Apesar disso, todos os profissionais aqui acessados declararam-se homossexuais.

¹⁴ Nelson Neto (2014) refere-se ao texto *Medo de agressão faz gays andarem em grupo em SP*, publicado em fevereiro de 2014, no qual é sugerido, como medida de segurança, “não dar pinta”, tendo em vista que “alguns trejeitos podem atrair a atenção dos criminosos”. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/02/1409547-medo-de-agressao-faz-gays-andarem-em-grupo-em-sp.shtml>.

uma matéria? Como vai colocar uma toalha e ir para uma sauna? Ele até pode ir, até tenho amigos que acho que iriam se divertir, achar ótimo, mas são raras exceções. E existe o conhecimento de causa. Você sendo gay você sabe o que é isso. Ao escrever uma matéria sobre homofobia, você sabe do medo que há em ser agredido (FILHO, 2014).

3.4 *Men's Health Portugal* e o prazer de ser homem

Eu sei que, com tudo o que acontece nas nossas vidas, é fácil os dias passarem por nós e ficarmos perdidos num caminho que não queremos, mas que nos prende pela inércia. Somamos desculpas a erros e aos poucos é a vida que nos ultrapassa, que nos escapa e somos vencidos. É preciso sair da zona de conforto. Como? Motivação, atitude e disciplina. A nossa vida tem de ser a nossa prioridade. Somos Homens, somos mais fortes que a nossa maior desculpa. Todos conseguimos mudar! (LUCAS, 2015A, p. 10).

A revista *Men's Health* foi fundada em 1987, nos Estados Unidos, pelo grupo *Rodale Inc.* Desde seu início, a revista gera uma ruptura no que se refere aos modos de se dirigir ao seu leitor, bem como naquilo que tange ao homem que visa a construir. Tal qual lembra Seixas (2012, p. 28), em dissertação de mestrado realizada sobre a versão brasileira da revista, baseando-se em um discurso já há mais tempo consolidado no segmento feminino, *Men's Health* busca “acessar, através de sua linha editorial, o universo íntimo da vivência e das práticas de masculinidade até então ausentes nas discussões públicas”. Ainda que voltada a um público heterossexual, e ainda que traga o sexo como um forte elemento de sua receita, ao contrário de *Playboy*, por exemplo, que a precede como maior revista masculina do mundo¹⁵, *MH* opera por um deslocamento do desejo que passa, prioritariamente, do corpo da mulher para o corpo do próprio homem: o corpo que se constrói na capa da revista é o corpo que, pretensamente, o leitor deseja/precisa possuir/ser.

¹⁵ Para uma maior contextualização acerca da constituição do segmento masculino de revistas, incluindo aí a revista *Playboy*, então mencionada, ver Mira (2001).

Tendo no corpo que se constrói, portanto, um referencial privilegiado de uma masculinidade que se almeja, *Men's Health*, de modo geral, costura, em suas reportagens e em seus ensaios fotográficos, aquele conjunto de atributos que seus leitores precisam ter para alcançar a uma posição de poder que é dominante.

O desafio pelo qual passou o repórter João Parreira, então, é ilustrativo. De acordo com Parreira (2016), ao propor um artigo em que se mostrasse a vivência da prática física, seu editor, Pedro Lucas, teria lhe desafiado a ser a personagem da matéria e a inspiração para os leitores da revista. Ao passo que descreve o treino executado e a dieta alimentar seguida (ponto a ponto, minuciosamente, a fim de que as indicações pudessem vir a ser seguidas tais quais pelos leitores), o texto vai deixando claro tanto a importância que existe em adquirir aquele corpo quanto o papel central relativo à força de vontade do envolvido no processo. Teria sido assim, então, que o repórter teria passado de “magro a musculado em 90 dias”, tal qual aparece na chamada de capa dessa edição.

Um desafio é um desafio e a *Men's Health* sabe bem como colocá-los. Desta vez decidi primar por algo mais difícil: levar um jornalista ectomorfo à hipertrofia e definição muscular em apenas três meses. A lentidão nos resultados é notória nestes casos, não só pela dificuldade em aumentar o volume muscular, como também pelo (curto) prazo de 90 dias definido para tal. Ainda assim, nada que com grande dedicação e foco não seja possível (PARREIRA, 2013, p. 90).

Imagem 01 – Jornalista MH e corpo de capa.

MH COACH

O SEU MELHOR GUIA PARA FICAR EM FORMA

MELHOR QUE NUNCA!



Após sete anos como jornalista **Men's Health** resolvi colocar em prática tudo o que lhe aconselhamos a nível de treino e de nutrição. E sabe que mais? Sinto orgulho em poder dizer-lhe que foi a melhor decisão da minha vida

POR JOÃO PARREIRA



Fonte: Men's Health Portugal. Lisboa: Editora Motorpress. Ano 12, ed. 147, 2013.

De acordo com as informações presentes em seu *Media Kit* americana, a revista, atualmente, está presente em sessenta países, possuindo mais de quarenta edições ao redor do mundo. Com um público leitor estimado em torno de doze milhões de pessoas, *MH* se configura como a maior publicação de seu segmento.

Em Portugal, no instante do desenvolvimento da pesquisa que culminou neste livro, a revista *Men's Health* era publicada pela *Motorpress Lisboa*, responsável também pela versão feminina da publicação, a *Women's Health Portugal*, além de, também à época, uma série de outros títulos, tais como *Super Interessante*, *Cosmopolitan* e *Auto Hoje*. Em abril de 2015, mês em que cheguei a Portugal, a revista completou seu décimo quarto aniversário naquele país, tendo uma tiragem média da ordem de trinta mil exemplares.

Há uma negociação que é feita com cada país interessado. Aqui a revista veio para a *Motorpress*, mas então é uma questão de negócio, vinculada à empresa norte-americana. Atualmente todas as revistas masculinas portuguesas já fecharam em algum momento, com exceção de *MH*. Em 2001 foram lançadas a *MH*, a *GQ* e a *Máxime*. *Máxime* fechou. *Playboy* abriu e fechou três vezes. Semana passada voltou. Mas não pertence à *Motorpress*. E em setembro vai voltar a *GQ*, que fechou em novembro passado. Atualmente há apenas a *MH* e a *Playboy*. Mas *MH* foi a única que nunca fechou, vencendo preconceitos e, se calhar, ouvindo seus leitores. Esse ano a tiragem baixou um bocadinho, mas é algo que tem acontecido em todo o mundo (LUCAS, 2015).

Tal qual é apresentada na versão portuguesa de seu *Media Kit* (2015), *Men's Health* é uma “revista sobre homens, para homens, escrita para ajudá-los a melhorar a qualidade de vida com informação prática e positiva”. Acerca de seu público de leitores, pesquisas expostas no mesmo documento apontam que eles possuem média etária entre 18 e 44 anos, pertencem às classes A, B e C1 e, naquilo que se refere às profissões, integram quadros médios superiores, sendo trabalhadores qualificados e empregados de serviços e de comércio. Segundo Lucas (2015), ainda, 82% do público seria composto por homens enquanto que 18% seriam por mulheres. Ao serem questionados para quem se dirigem, os profissionais acessados referiam-se, em linhas gerais, a um sujeito que requer ajuda a fim de tornar-se melhor do que aquilo que é e que percebe na revista uma fonte legítima para lhe dizer por onde ir.

Nos voltamos ao homem médio português. E quem é o homem médio português? [...] Daqui nós temos que escrever para um homem que nem sabe muito, nem sabe pouco [...] Tentamos repartir a revista em duas faces distintas daquilo que é o homem, ou seja, o homem que está a começar a descobrir tudo, está a começar a treinar, está a começar a querer comer saudavelmente, está a querer se vestir de outra forma, com mais personalidade, e o homem que já treina há mais tempo mas quer mais, quer ganhar mais músculo ou quer ser mais minucioso na definição muscular, um que já não está, por exemplo, nos pratos saudáveis e nas saladas mas que já quer procurar a proteína, quer ser mais específico. (LUCAS, 2015).

É um leitor que, seja masculino ou até feminino (até há pouco tempo não havia *Women's Health* em Portugal e não tenho dúvidas de que elas também compravam a *MH*), se preocupa com a sua saúde, sem extremismos que ponham em causa o seu bem-estar psicológico. Isto traduz, de forma resumida, o valor essencial da *Men's Health*. Além disso, há sempre inerente uma vontade de querer melhorar, de querer descobrir mais e de fazer melhor. Isso me deixa muito feliz, pessoal e profissionalmente. Identificando-me eu próprio com a revista - e sendo eu um leitor antes de ser jornalista da revista - facilmente sei o que os leitores também esperam (VARZIM, 2016).

Eu tento sempre escrever como se fosse a primeira vez que o leitor estivesse a ler. Na nossa formação, nosso diretor sempre nos disse muito, bateu muito na tecla de que escrevêssemos como se o leitor não soubesse nada de fitness, de nutrição, de suplementação. Então tentamos ser muito simples e muito diretos, incentivá-lo dizendo “faça assim, faça assado, coma assim, coma assado”. Tentamos ensiná-los desde o primeiro passo (DÓRIA, 2016).

Pertencendo a um grupo internacional, a revista *Men's Health* possui certos padrões que, normalmente, são percebidos em todas as suas edições ao redor do mundo. Tanto na entrevista realizada com Miguel Icassatti (2014), à época editor de *Men's Health Brasil*, quanto naquela realizada com Pedro Lucas (2015), diretor da *Men's Health Portugal*, as bases temáticas sobre as quais as edições devem versar são similares, embora não idênticas.

Icassatti (2014) menciona, então, o *fitness*, a saúde, o sexo/relacionamento, os cuidados pessoais, o estilo/moda e a *cabeça de homem* (espaço que envolveria assuntos variados, tais como cultura, lazer, viagens e carreira) como sendo os pilares da edição brasileira da publicação. Lucas (2015), por sua vez, menciona o *fitness*, a nutrição, o sexo, a carreira e a moda/o cuidado pessoal como aquilo em que se sustenta a versão portuguesa de *MH*.

De acordo com Lucas (2015), apesar de existir, especialmente no início de cada versão nacional da revista, uma certa recomendação para que seus editores e/ou diretores adaptem seus conteúdos aos parâmetros internacionais (tendo, por exemplo, 20% do conteúdo sobre alimentação, 20% sobre *fitness*), com o passar do tempo e mediante a consolidação de *MH* em cada país, isso tende a se tornar menos presente.

A Men's Health Portugal existe há muito mais tempo que a *Men's Health Brasil*. Nós começamos também por aí. A marca tenta controlar a revista sempre no início. Acredito que agora a preocupação percentual já não seja tanto uma questão. Eu, por exemplo, vou ao encontro daquilo que o leitor vai procurar na revista e, nos meses, vou variando conforme as estações. Por exemplo, nesses meses, desde abril até agosto, por aí, tenho muito mais *fitness* do que em qualquer outro mês. Porque aqui são os meses de verão e a malta se preocupa em ir para a praia então faz todo o sentido para mim ter mais alimentação e mais treinos nessa altura. Em dezembro, janeiro, fevereiro, começamos a aumentar outros tipos de matéria, mais moda, mais estilo (LUCAS, 2015).

Para as capas, basicamente, seguimos um guideline internacional, que temos que respeitar [...] Geralmente há um fundo branco. Classicamente, aliás, as fotografias das capas de *Men's Health* eram em preto e branco. Nos últimos anos evoluiu para cor, mas sempre com o fundo branco e com o logotipo em vermelho. Volta e meia podemos alterar qualquer coisa, fazer uma nuance. Mas a ideia é manter um padrão para que, ao ver uma capa da *Men's Health* em uma banca, no meio de vinte revistas, o leitor consiga a reconhecer logo. É como um logotipo de uma grande marca (CLARO, 2016).

Tendo em vista de que se trata de uma redação pequena, *Men's Health Portugal*, para além daqueles textos que produz, igualmente veicula materiais das edições estrangeiras da revista que forem considerados pertinentes. A pequena redação, aliás, apareceu como uma justificativa considerada razoável no que se refere a não autorização de minha presença naquele espaço.

A redação é pequena. Temos dois jornalistas, uma designer, quatro ou cinco colaboradores. Aqui temos um homem e uma mulher [repórteres] e agora vai entrar outro. Então serão dois homens e uma mulher e mais uma designer. Mas sim, acho que eles estão cada vez mais a ir ao encontro daquilo que são os parâmetros da revista. As coisas começam a fluir. As pessoas começam a escrever sobre temas de saúde, sobre coisas saudáveis e começam a experimentar e a querer esse estilo de vida. Se calhar, não eram assim antes de vir para cá. Eu já tive estagiários que fumavam imenso e que pararam de fumar. Acabas por se adaptar ao que estás a escrever, até para ter mais conhecimento das coisas [...] E, nesse sentido, eles tendem a ficar também mais próximos dos ideais da MH (LUCAS, 2015).

A *Men's Health* existe em quarenta e cinco países. Existe uma troca de conteúdos entre todas as redações. Eu, por exemplo, posso gostar de um artigo da África do Sul. Então telefono para lá e pergunto se posso usar. Há um intercâmbio de informação. Mas eu diria que isso equivale a 30, 40% da revista. O restante é conteúdo de raiz. Somos nós que andamos a pesquisar temas novos e maneiras novas de falar dos mesmos temas [...] se entras na redação, por exemplo, cada um estará com fones, no seu computador. Eu, nesse momento, estou a fazer três artigos [...] por isso ali, nessa rotina, se estivesses ali, não estarias a fazer nada, porque ninguém iria falar contigo. Não é um tipo de trabalho no qual estamos constantemente a falar uns com os outros (PARREIRA, 2016).

Ainda que guiada por diretrizes internacionais, portanto, e ainda que alimentada, em certa medida, por conteúdos de edições estrangeiras, *Men's Health Portugal* possui práticas e/ou características que a diferenciam, tal

qual pode ser percebido, especialmente, na fala de seu diretor¹⁶. A presença de personalidades famosas nas páginas de *Men's Health Portugal*, é importante salientar, representa uma característica da revista. Os homens que são capa, incluindo aí os que enfrentam o desafio de *MH*, passando por modificações corporais em determinado espaço de tempo, ou mesmo as mulheres que são retratadas, muitas vezes são celebridades portuguesas, facilmente reconhecíveis pelos leitores.

Na entrevista realizada com Icassatti (2014), o então editor de *Men's Health Brasil* aborda a ausência de homens famosos nas capas brasileiras em função do desejo de que seu leitor pudesse, ao se enxergar mais facilmente em indivíduos anônimos, perceber como seria possível transformar-se em alguém como eles, em alguém que possuísse um corpo como aqueles. Lucas (2015), por outro lado, enxerga a questão por outro ponto de vista.

Eu acho que existe no Brasil um potencial do caraças para fazer essas coisas com famosos. Se eu estivesse lá era a primeira coisa que fazia. Mas também, lá está, não conheço bem a realidade. O que sei é que quero ter dois brasileiros na capa, estou à procura. Cauã Raymond e Rodrigo Santoro. A ideia de colocar um famoso na capa dizendo que ele mudou e que, sendo assim, o leitor também pode mudar é muito interessante.

Igualmente, Lucas (2015) ressalta que *Men's Health Portugal* foi a primeira revista a ter a *Mulher MH*. “Muitos países depois gostaram da ideia e a replicaram. Nos Estados Unidos, é só uma página. No Brasil são duas. Aqui nós fazemos de seis a oito, dependendo da personalidade”. A mulher, aliás, atravessa toda a publicação, tal qual será exposto na próxima seção desse texto. Cabe ressaltar, contudo, desde já, que, ao abordar o sexo, *Men's Health Portugal* o faz a partir de um lugar que é o da heterossexualidade, encerrando aí as possíveis vivências de seus leitores.

¹⁶Sobre as semelhanças e as diferenças acerca das edições brasileira e portuguesa de *Men's Health*, ver a dissertação de mestrado de Soraya Maria Januário (2009), intitulada *As masculinidades contemporâneas e a sua representação no media: as revistas de estilo de vida masculina Men's Health com edição em Portugal e no Brasil*, defendida na Universidade Nova de Lisboa.

CAPÍTULO 4

HOMENS DE PAPEL: MASCULINIDADES EM JUNIOR E MH PORTUGAL¹⁷

Um dia vivi a ilusão de que ser homem bastaria
Que o mundo masculino tudo me daria
Do que eu quisesse ter
Que nada, minha porção mulher que até então
se resguardara
É a porção melhor que trago em mim agora
É o que me faz viver

(Gilberto Gil. *Super-homem*.)

Super-homem, canção de Gilberto Gil que abre este capítulo, era a música que tocava no avião que aterrissava em São Paulo, em dezembro de 2014, e que me conduzia ao que seria minha primeira entrada em campo. *Super-homem* fala da ilusão de uma completude daquilo que se define como o mundo masculino. O eu-lírico diz de sua crença, então já abandonada, de que ser homem lhe seria o suficiente. Afirmando estar errado, pois, comenta de sua porção mulher, referindo-se a ela como sendo, na verdade, o melhor que haveria em si. Mas, e cabe aqui perguntar, o que seria exatamente “ser homem”, “mundo masculino” e “porção mulher”?

Conforme já discutido anteriormente neste livro, os sexos e os gêneros são percebidos, aqui, como construções sociais, como produções discursivas. O sexo, na voz de Preciado (2014, p. 79), pode ser delimitado ainda como uma tecnologia biopolítica, um “sistema complexo de estruturas reguladoras que controlam a relação entre os corpos, os instrumentos, as máquinas, os usos e os usuários”. O gênero, tal qual ensinou Butler (2012), pode ser dito performativo, na medida em que consiste em uma fantasia que assume um caráter de verdade mediante uma repetição regulada e contínua que se dá nos corpos dos sujeitos. É um permanente fazer que não se

¹⁷ O título desse capítulo faz referência ao livro *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*, de autoria de Dulcília Schroeder Buitoni, publicado em 1981.

faz de modo solitário, ainda que o outro seja apenas o próprio imaginário (BUTLER, 2016).

O corpo, submetido a um regime heteronormativo de verdade, é seccionado em masculino ou feminino, tendo em vista determinadas características que se apresentam como naturais e a-históricas. Para o sujeito, então, é estabelecido um percurso circunscrito e desejos e espaços permitidos ou interditados. O sujeito, aliás, tal qual explicita Butler (2016), baseando-se em Foucault, apenas existe ao ser produzido por essas normas e pelos discursos que daí advém. “Se diz que as normas nos precedem, que circulam no mundo antes de recair sobre nós. Quando chegam, atuam de maneira muito distinta: as normas deixam uma marca sobre nós e essa marca abre um registro afetivo” (BUTLER, 2016, p. 15) (tradução livre). Os que seguem essa rota pré-traçada tendem a ser considerados gente. Os que dela escapam são vidas menos legítimas (BUTLER, 1993; 2000; 2015).

Seguindo as pistas de Connell (1995; 2003; 2016) e de Kimmel (1998), as masculinidades podem, e devem, ser percebidas tendo em vista as suas pluralidades. Diferentes homens se reportam às masculinidades de formas distintas, a partir de lugares que não são os mesmos. Connell (2016, p. 99), ao dizer que os generais morrem na cama, lembra que “os homens que mais se beneficiam não são os mesmos que pagam pela maioria dos custos desses benefícios”, ou seja, as identidades masculinas, e as masculinidades são categorias abrangentes.

Recorrendo a Halberstam (2008), ainda, é possível perceber que a masculinidade não pertence exclusivamente aos homens, não existe apenas neles e nem apenas por eles, fazendo-se mais explícita, justamente, naqueles corpos que por ela não são englobados, mas que a ela devem, continuamente, se reportar.

Nesse mesmo sentido, Vale de Almeida (1995a, p. 17) lembra que a masculinidade corresponde a um “um processo construído, frágil, vigiado, como forma de ascendência social que pretende ser”. É com base nessa visada que se fala, ainda no título deste capítulo, em homens de papel. Para além do fato de, aqui, buscar-se perceber o masculino nessas revistas impressas, há que se conceber, já previamente, que apesar de tentar reafirmar-se com base em um discurso que tende a apagar essas marcas, a masculini-

dade é fruto de uma construção social, é resultado de disputas em torno da significação e do poder e está em constante constituição e reconfiguração.

Ao perceber as revistas aqui estudadas como dispositivos discursivos das masculinidades, entende-se, tal qual já exposto, que elas, ao se inserirem em dada ordem discursiva (FOUCAULT, 2007), dizem sobre aquilo que é ser homem. *Junior e Men's Health Portugal*, assim, atuam corroborando para que um conjunto de saberes e de práticas acerca dos sexos, dos gêneros e das sexualidades sejam sancionados, ao passo que uma série de outras possibilidades sejam sufocadas. A tutela então volta-se ao corpo dos indivíduos, o qual deve ser moldado mediante aquilo que se compreende como legítimo e adequado.

Fischer (2002) e Prado (2009), conforme já discutido, em suas pesquisas relacionadas, respectivamente, à mídia televisiva e à mídia impressa segmentada, também acionam a noção de dispositivo. Prado (2009), cujos objetos aproximam-se ainda mais daqueles que aqui são estudados, ao perceber a revista como dispositivo, observa que há uma convocação que é feita ao leitor: “há na convocação um ponto nodal e uma palavra de ordem que busca totalizar uma comunicação que se assemelha a um diálogo, mas dele é somente um simulacro” (PRADO, 2009, p. 05).

Nesse cenário, portanto, buscar-se-ia ensinar ao leitor os modos adequados de ser e de estar no mundo, ensinando-o a viver (FISCHER, 2002), modalizando-o “para ser o melhor, para sentir-se bem, bem adaptado no mundo, para se tornar o melhor amante, o melhor profissional, para poder fazer o melhor em termos de sucesso” (PRADO, 2009, p. 07). Ao voltar sua atenção, especificamente, à versão brasileira da revista *Men's Health*, Prado (2009, p. 07) menciona um box que lhe parece sintetizar essa ideia.

Na *Men's Health* de junho 2009 ao lado da Carta do Editor, o enunciador resume o mapa em um box: “Revisão rápida: 5 táticas para você fugir de roubadas na corrida, no trabalho, na cama, na lama, no happy hour”. Cada uma dessas chamadas remete a uma reportagem diferente; em cada uma dessas narrativas o enunciador mostra como o leitor pode fugir de “roubadas”. O que são “roubadas”? São situações em que o leitor perde o “a mais” a que ele é levado a conseguir pelos enunciadores dos dispositivos.

É, portanto, com essas perspectivas teóricas acionadas e tendo em vista aquilo que se obteve em campo e aquilo que se observou pelas revistas veiculadas, que, a fim de perceber quais sentidos sobre as masculinidades são constituídos em *Junior* e em *Men's Health Portugal*, foram desenhadas quatro diferentes categorias analíticas. Tais seções não se pretendem totalizantes, tampouco estanques, tendo em vista que, em alguns casos, entrecruzam-se e que, ainda, para outros pesquisadores ou em face de outras referências/materiais, diferentes segmentações e sentidos poderiam emergir.

Trata-se, assim como foi exposto na seção anterior deste livro, daquilo que, com meus olhos e com meus pés (BOFF, 1998), de formas particulares de se tentar ler e de se tentar interpretar aquilo com o que fui sendo confrontado ao longo dessa trajetória, pareceu plausível de ser proposto.

4.1 Gozando em frente ao espelho: chegou a sua vez de pavonear um corpo espetacular!

*Sob o blusão e a camisa
Os músculos másculos dizem respeito
A quem por direito carrega
Essa Terra nos ombros com todo o respeito
E a deposita a cada dia
Num leito de nuvens suspenso no céu
Tornando-se seu abrigo
Seu guardião, seu amigo
Seu amante fiel*

(Gilberto Gil. *Índigo blue.*)

Quase todos desconhecendo, desrespeitando ou violentando as suas particularidades físicas travam uma guerra encarniçada contra o próprio corpo para torná-lo signo imaginário de um modo de vida ao qual jamais terão acesso. O ciclo mimético se reproduz pela própria inércia e progride aos solavancos, estacando e acelerando, em função do ritmo da moda e da mídia, em matéria de “novidade corporal”. O

ritual de iniciação ao corpo ideal se torna, assim, uma tarefa de Sísifo da qual muito poucos são poupados. De modo geral, ou “se é um corpo-espetacular” ou “se é um João ou Maria Ninguém”. Por esse motivo, crianças, adolescentes e adultos circulam atordoados em torno de academias de ginástica, salões de estética ou consultórios médicos-psiquiátricos, em busca de uma perfeição física eternamente adiada.

(Jurandir Freire Costa. O vestígio e a aura.)

Baseando-se em um imaginário coletivo que inscreve o corpo em um lugar essencial no qual os indivíduos podem alcançar a felicidade e, portanto, uma certa forma de plenitude e de estabilidade frente a uma miríade de anseios e de incertezas, os sujeitos são cobrados com base em uma ilusão de independência. “Ao narcisismo próprio de uma sociedade hedonista da busca do prazer e do consumo desenfreado, foi acrescentado o imperativo da disciplina e do controle corporal, provocando uma ansiedade e um sentimento de ambivalência” (ORTEGA, 2008, p. 38). Assim como lembra Le Breton (2007), apesar de se tratar de uma série de jogos e de discursos loquazes, os quais colocam o corpo em destaque, configurando-se em dispositivos sociais de controle que visam a orientar as formas pelas quais as vidas podem/devem seguir, às pessoas é oferecido um sentimento de autonomia.

Conforme destaca Edvaldo Couto (2012, p. 210), ao assumir o lugar da identidade e do modo de ser, o corpo opera, para os sujeitos, como algo que, camaleônico, ajusta seu portador aos espaços pelos quais ele quer/precisa circular. “As imagens promocionais do corpo mutante, em toda parte, evocam os muitos modos em que esse objeto pode ser manipulado e agenciado, em nome de uma perfeição sempre distante e, talvez, por isso mesmo, cada vez mais desejada”.

Em face das modernas bioasceses (ORTEGA, 2008), sob a lógica na qual se é o corpo que se expõe, cabe a cada um, por meio dos mais variados e arriscados meios disponíveis, alcançar uma aparência que, de fato, diga ao grupo de que se quer participar. Se os corpos são passageiros, moldando-se mediante as demandas do momento, o que lhes dará o formato socialmente aceito, ou então desprezado, será apenas a dedicação de cada um. O olhar

avaliativo dos demais, portanto, assume a voz de principal juiz que, no dia a dia, aponta quem é vencedor e quem não é.

Os corpos com maior peso, nesse cenário, seriam aqueles englobados por uma ordem que é estética e que, para além dela, também é moral. A culpa é um elemento vital. Frente aos concorrentes entrevistados do *Corpo Men's Health 2015* que mencionavam a rigidez de suas dietas e a importância de manter os seus já baixos índices de gordura, o que senti, tendo um pacote de bolachas recheadas na mochila, foi constrangimento.

Há, pois, uma subversão da noção de prazer: tal qual Narciso, o gozo advém do reflexo que se enxerga e, no caso daquilo que se observou em campo, de um corpo robusto e musculoso que se admira. Pavonear um corpo espetacular, conforme se percebeu, seria um bônus que suplantaria os demais obstáculos. Além disso, de revistas masculinas como *Playboy*, nas quais o prazer pela exposição do corpo da mulher era a tônica, ou de *Junior*, em que o prazer se dá pela exposição do corpo do homem, chega-se a um produto como *Men's Health* em que, apesar do sexo ser um dos elementos constitutivos, mais do que isso, o gozo maior é aquele que se dá pelo corpo que se é. Ao afirmar que, se tirasse a camiseta durante a entrevista, ainda teria o “six Pack”, em referência aos seis gomos abdominais obtidos quando participou do desafio da revista, o repórter João Parreira (2016) diz da relevância atribuída a eles e, mais do que isso, de como um lugar de poder é obtido por eles.

Conforme foi possível perceber pelas entrevistas realizadas, pelos instantes acompanhados, pelas edições da revista veiculadas/estudadas e, naturalmente, pelos diferentes trabalhos que se voltaram a objetos semelhantes (JANUÁRIO, 2009; DOS SANTOS; DE OLIVEIRA, 2012; SEIXAS, 2012; DUARTE, 2012), *Men's Health Portugal* possui um acordo explícito com a constituição de um projeto de masculinidade hegemônica, dentro do qual se inscreve a premência de se construir um corpo assinalado por músculos. Um dispositivo que, pedagogicamente, ensina aos seus leitores como ser, estar e viver (FISCHER, 2002). Cabe, então, mencionar a pesquisa de Josimar Duarte (2012, p. 246), sobre os corpos masculinos em *Men's Health*.

O masculino, por sua vez, era apresentado na condição de ser sexualmente ativo, heterossexual, objetivo, bem-sucedido e forte. No entanto, tais características se misturavam a uma *performance* musculosa, associando a condição de ser homem ao sentimento de disciplina, saúde, beleza, sucesso e felicidade.

Retomando Connell (2003), é possível perceber a masculinidade hegemônica como sendo aquela configuração de prática de gênero que, em dado momento, atende aos ideais que reiteram uma posição de dominação de determinado grupo de homens sobre as mulheres e sobre outros grupos de homens. Connell (2003), contudo, destaca que não necessariamente isso significa dizer que os mais poderosos sejam os portadores dessa masculinidade. Assim como menciona, muitas vezes a masculinidade hegemônica se realiza em personalidades famosas (as quais se têm acesso apenas parcialmente) ou ainda em personagens fictícias. Não é preciso muito esforço para lembrar-se de alguns ícones emblemáticos do cinema que atendem a essa demanda. A fala de Parreira (2016), aí, é ilustrativa: “o homem *Men’s Health* é um homem capaz de fazer um bocadinho de tudo e fazendo um bocadinho de tudo é quase um *James Bond*”.

Igualmente acerca da masculinidade hegemônica, Connell (2003) lembra que, apesar de ela também ser sancionada pela violência física (e os dados dos crimes de gênero, da violência doméstica e dos ataques homofóbicos são referenciais concretos), ela se legitima como tal ainda mais por uma dominação que é simbólica. “A hegemonia não significava violência, apesar de poder ser sustentada pela força; significava ascendência alcançada pela cultura, pelas instituições e pela persuasão” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245). Apesar de estatisticamente não ser hegemônica, entretanto, vale ressaltar que ela assume esse posto ao exigir que todos os outros homens, e também mulheres, se dirijam a ela (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

A construção de um corpo espetacular (COSTA, 2005), tal qual se propõe que se perceba o corpo que se constitui em *Men’s Health Portugal*, não preenche plenamente aquilo que Connell (2003) e Kimmel (1998) concebem como sendo a masculinidade hegemônica. Apesar disso cons-

tatou-se que, pelo discurso da revista e daqueles que a produzem, ser/ter aquele modelo corporal é fundamental para que um homem seja alçado a uma posição de poder que é dominante. E, ainda, para que possa ser feliz. Cabe então retomar aquilo que aponta Couto (2012, p. 126): “a urgência dos músculos parece generalizada. Já não diz respeito a um grupo que valoriza a máxima: “Se você é um homem de verdade, deve parecer melhor e maior do que é”. O músculo é um modo de vida.

Nas demais categorias que serão expostas ainda, diferentes elementos serão acionados para mostrar, de modo mais contundente, como, especialmente na constituição de um corpo musculoso, também um projeto de consolidação de um modelo de masculinidade hegemônica é sancionado e desenvolvido por *Men's Health Portugal Junior*, por sua vez, também reserva um espaço central ao corpo e, igualmente, o faz a partir de um lugar que valoriza o músculo. Em ambos os casos, tal qual lembra Jean Jacques Courtine (2013), o músculo aparece como um sinônimo de virilidade, um importante valor que tanto a revista hétero quanto a homossexual se esforçam para comercializar. Parte dos movimentos empreendidos por *Junior*, por conseguinte, poderiam ser englobados aqui, dizendo da constituição desse modelo de corpo espetacular (COSTA, 2005). Contudo, para fins analíticos, aqui será discutida exclusivamente a experiência em *Men's Health Portugal*. Na categoria seguinte, entretanto, tais elementos serão retomados em *Junior* para que se pense, justamente, a presença da musculatura desenvolvida como um elemento distintivo que visa, especialmente lá, a um distanciamento de uma identidade gay marcada pela aproximação do feminino.

O processo de escolha do *Corpo Men's Health 2015 e o desafio pelo qual passaram António Raminhos, Pedro Fernandes e Luís Filipe Borges, todos acompanhados no campo desta pesquisa, dizem de um modelo masculino que se mostra adequado e desejado, que possui no corpo e, em uma certa performatividade de gênero (BUTLER, 2012), elementos centrais e que legitimam todo um conjunto de práticas que deve ser seguido por aqueles que almejam a essa posição privilegiada de saber/poder.*

A escolha de um leitor para ser a capa de um dos números da revista

representa, em *Men's Health Portugal*, um dos acontecimentos mais importantes do ano. Trata-se, conforme o nome do evento sugere, da escolha de um corpo que seja representativo da revista e de seu estilo de vida propagado. De acordo com Lucas (2015), a iniciativa, agora já comum em MHs de outros países, também teria sido portuguesa.

Esse evento, antes, chamava-se *Nova Cara Men's Health*. Tentávamos, então, um corpo não tão musculado, que fosse mais tipo modelo, mas há dois anos mudamos para *Corpo Men's Health* porque achei que o leitor de MH tem de ter um passo mais acima em termos de corpo, ou seja, sem exageros, mas tem que ter um corpo mais musculado, mais definido, mais trabalhado. Não pode ser só um corpo seco, sem músculos. O músculo acaba por ser um dos principais elementos, os abdominais definidos também. O corpo aqui acaba por ser muito importante. Se fosse um corpo banal qualquer um poderia ser capa. E não é assim (LUCAS, 2015).

Com cerca de quatrocentos candidatos, o *Corpo Men's Health 2015* foi escolhido por um júri transversal de diferentes lugares para definir quem poderia e quem não poderia ocupar aquele posto. As etapas seletivas se deram por um *casting*, realizado em Lisboa e no Porto. Em face das fotografias dos candidatos então inscritos, os jurados fizeram uma pré-seleção, chegando a trinta homens, os quais passaram por uma prova física para observar suas habilidades técnicas, por um inquérito sobre nutrição para avaliação de suas dietas e por testes de fotografia para constatação da medida e se o corpo em questão atendia às demandas da seleção. As falas dos integrantes do júri, Miguel Ângelo Barradas, *personal trainer*, de Elsa Gervásio, diretora da agência de modelos *L'Agence*, de Nuno Gama, designer que foi capa de MH, e de Pedro Lucas dizem então o que poderia fazer de um reles corpo o *Corpo Men's Health*.

Para que se seja o Corpo MH não basta apenas treinar. Tem que treinar, tem que comer bem, tem que ter alguns cuidados em termos estéticos [...] O Corpo MH tem de ter uma rotina diária de hábitos saudáveis, afinal, o corpo que temos por fora, enfim, é sinal do corpo que temos por dentro (BARRADAS, 2015).

Procuramos homens musculados, com os abdominais bem definidos, com bons ombros, bons braços, que se veja que fazem trabalhos de ginásio, que fazem desporto e que se preocupem com o culto do corpo. Depois, paralelamente a isso, que tenham uma boa cara e um bom sorriso. Basicamente é isso que buscamos na triagem. Nós agenciamos, depois, o vencedor e alguns do grupo de finalistas, apesar de, em Portugal, não haver um mercado de trabalho muito amplo para eles [...] A questão é que eles são homens muito específicos, com muito corpo, dificilmente cabem nas roupas dos criadores, porque as roupas não são muito grandes (GERVÁSIO, 2015).

É importante, claro, a fotografia do corpo. Isso é uma revista masculina em que o corpo é absolutamente importante, é primordial fazer então uma boa avaliação do corpo, percebendo se a pessoa tem uma boa estrutura, se não é desproporcional. Aqui, então, há uma fronteira entre o halterofilismo e ter um corpo saudável que é muito tênue. O que estamos, então, a avaliar aqui é uma estética saudável em que não se percam os fatores que são importantes: ser elegante, ser bonito, ser proporcional. Mas ser saudável, que é algo importante (GAMA, 2015).

Um corpo que você passe na banca e não note que seja o corpo de um leitor, que você diga “ok, mais uma capa da MH”. Que ninguém diga “esse franguinho é capa da MH?” (LUCAS, 2015).

No dia 25 de junho, os dez candidatos pré-selecionados foram apresentados à imprensa e a convidados. Cheguei, conforme o combinado, ao *Evolution Lisboa Hotel* ainda no início daquela tarde. Inicialmente cumprimentei Pedro Lucas e fiquei próximo dele e de Tiago Varzim, repórter que então vim a conhecer. Enquanto Pedro dava conselhos, orientações aos concorrentes, dicas de como desfilar e, ainda, fazendo piadas acerca do desfile de cuecas (“o teu será um fio dental vermelho!”, disse para um dos concorrentes), eu pensava com quais candidatos eu poderia realizar as entrevistas. A entrevista se deu de modo aleatório, conforme a oportunidade e a acessibilidade do momento. Ao serem questionados sobre o que seria, para eles, ser homem, uma percepção de caráter essencialista foi, em geral, a tônica. Contudo, ressaltaram que o corpo, o musculoso mais especificamente, representa algo importante no que se refere à dada masculinidade que se configura como ideal.

Ser homem? Isso é uma pergunta do caraças [...] Quer dizer, ser homem é ser do sexo masculino! (OLIVEIRA, 2015).

Isso não tem explicação. Isso é muito relativo, cada pessoa tem as suas características, mas a partir do momento em que nascemos do sexo masculino somos um homem, independentemente do caráter, de ter características mais sensíveis. Nasce homem é homem, ponto final (DINIS, 2015).

Falando sobre a *Men's Health*, acho que a questão não é apenas sobre ser homem. Para mim *Men's Health* representa o homem ideal, o homem que tem um equilíbrio na sua alimentação, na sua vida pessoal, na sua vida profissional [...] Acho que o homem ideal é esse e é, de certo modo, atrás disso que eu tento ir todos os dias. Dar de certa forma o exemplo. Claro que há pessoas que gostam de ser de um jeito, há outras que gostam de ser de outro. Gostos não se discutem, mas para mim é desta maneira (FRAGOSO, 2015).

Acho que, para os ideais dessa revista, o homem deve estar em boa forma física. E estar em boa forma implica em ter cuidados com a alimentação, implica na prática regular de atividade física, implica em um modo de vida saudável. Acho que, englobados, todos esses fatores concorrem para um mesmo propósito que é o de viver saudavelmente, viver em harmonia, ser feliz, gostar da vida, num corpo saudável, com hábitos de vida saudáveis. Gostar de si próprio, ter autoestima elevada e cultivar essa autoestima tendo um gosto por se vestir bem, em ter um corpo trabalhado, em fazer um exercício (GAUDÊNCIO, 2015).

Imagem 02 – Capa de Hugo Gaudêncio, Corpo Men's Health 2015.

CORRA MAIS 10 KM E FAÇA TRAILS! 45 DICAS VENCEDORAS PARA O CONSEGUIR!

O PRAZER DE SER HOMEM JULHO 2015

Men's Health

AINDA VAI A TEMPO!
ADEUS BARRIGA
TREINOS DE 15 MINUTOS POR DIA, RESULTADOS RÁPIDOS!

PERCA 5 KG SEM PERDER MÚSCULO!

GANHE ENERGIA
OS SUPLEMENTOS QUE DEVE TOMAR

CONSIGA UNS ABDOMINAIS ASSIM! p. 114

SAÚDE TUDO SOBRE A FERTILIDADE

GRÁTIS!
COM ESTA REVISTA
GUIA DE MÚSCULO E BOA FORMA

VERÃO LOOKS APROVADOS
ELAS QUEREM QUE SE VISTA ASSIM!

"O MELHOR SEXO QUE JA FIZ"
ELAS CONFESSARAM MESMO TUDO!!! p. 66

SE GANHOU HUGO GAUDÊNCIO LEITOR VENCEDOR DO CONCURSO ANO 2015

WWW.MENSHEALTH.COM.PT

4.99€

Fonte: Men's Health. Lisboa: Editora Motorpress. Ano 14, ed. 169. 2015.

Não basta treinar afincadamente e preparar as 7 embalagens de comida ao domingo para se chegar até aqui. A *Men's Health* representa também o ideal de um homem feliz consigo próprio, motivado a ser melhor a cada dia que passa, sempre com um sorriso nos lábios. Esta “combinação perfeita” não é de todo fácil de conseguir. Queremos também que essa

iniciativa sirva como exemplo e motivação para os nossos leitores: queremos que cada dia seja uma nova oportunidade para ficarem ainda mais em forma, para serem ainda mais saudáveis e, acima de tudo, felizes [...] Mais do que o que vemos no espelho, é o que sentimos quando vemos no espelho. Um corpo em forma é o reflexo perfeito de uma mente ainda mais em forma, aliada a uma saúde de ferro (DÓRIA, 2015, p. 100, 101).

Constituir-se em um corpo espetacular (COSTA, 2005), portanto, configura-se em elemento que é essencial ao sujeito que, de acordo com *Men's Health Portugal*, pretende alcançar-se a uma posição hegemônica de masculinidade. Frente ao discurso de que o corpo, plástico, pleno de possibilidades de reconstrução, molda-se de acordo com o empenho de cada um e de que, igualmente, esse corpo masculino dentro dos padrões estéticos vigentes é um sinônimo de saúde, os sujeitos que a ele não aderirem, portando outras possibilidades corporais, não apenas são responsáveis por suas aparências indesejadas como, ainda, o são pelas doenças que lhes assinalarem. Desleixados ou incapazes, esses outros homens (ainda seriam eles homens?) não merecem assumir um lugar de poder privilegiado.

O homem que colocamos na capa é o ideal que todos gostaríamos de atingir. O homem que está ali é um homem acima da média [...] mas, com o conteúdo que temos na revista, mostramos que é possível chegar a isso. Se calhar em mais tempo do que eles, mas conseguimos (PARREIRA, 2016).

A maior parte dos leitores não são essa capa. Quem está na capa está ali como exemplo. Então o leitor chega e diz “ok, quero ser como esse gajo, o que devo fazer?” E está tudo aqui dentro. É para que ele pense que todos nós podemos ser como ele, que todos nós temos essa chance [interessante que, ao dizer nós, você está se colocando no lugar dos homens leitores] sim, o chip [risos]. Mostramos que todos nós podemos ser assim (DÓRIA, 2016).

Os desafios propostos por *Men's Health Portugal*, da mesma maneira, apontam para uma possibilidade/necessidade de mudança. À medida que se assume a relevância de ser/estar determinado corpo, bem como se concebe que todos, ainda que levadas em conta suas peculiaridades, podem tornar-se outros, e outros melhores, novamente se relega a cada um o su-

cesso, ou o fracasso, correspondente ao corpo que se é. Lourenço Ortigão, ator de televisão português, ao longo de três semanas, treinou e modificou hábitos alimentares para estar apto a ser capa da edição de outubro de 2015. A capa, um trecho da reportagem que a acompanha e a fala de Gonçalo Claro, fotógrafo, mostram alguns desses pontos.

Imagem 03 – Capa de *Lourenço Ortigão*.

O PRAZER DE SER HOMEM

SETEMBRO 2015

Men's Health

LOURENÇO ORTIGÃO

CORPO NOVO

Mudamos o ator em 3 semanas. Você também pode! P.58

FANTASIAS QUE ELAS DESEJAM SEXO

E as 8 dicas para ser melhor na cama

MAIS MUSCULO?

BEBE ISTO!

Bônus: 10 exercícios para fazer em sua casa P.28

A DIETA DA ENERGIA

33 alimentos que queimam mais gordura P.48

SALVE A SUA SAUDE

P.38

+

Faça uma 1/2 maratona P.115

Duplica o seu charme

P.88

Viva mais e melhor

60 aventuras que um homem deve fazer P.80

WWW.MENSHALTH.COM.PT

3.50€

Fonte: *Men's Health*. Lisboa: Editora Motorpress. Ano 14, ed. 171. 2015.

Lourenço Ortigão é o *It Boy* de Portugal. Com apenas 26 anos, já tem uma incrível “legião” de fãs femininas e conseguiu o respeito do público masculino. De adolescente já nada tem. O ator português claramente sabe o que quer para si, para a sua carreira e para o seu futuro. Fui conhecendo-o melhor ao longo destes últimos meses e rapidamente concluí que é um homem com perfil cem por cento *Men’s Health*. Aliás, confessou-me ser leitor da revista – assim como da *Coach Men’s Health* – há muitos anos. Digamos que, por tudo o que vai ler de seguida, posso afirmar com orgulho que o Lourenço é um dos nossos, um verdadeiro homem *Men’s Health* (LUCAS, 2015B, p. 71).

O Pedro quer que a fotografia esteja bonita e que o modelo esteja o mais *fit* possível [...] cada capa que sai há aqueles comentários em redes sociais “isso é photoshop!” [...] Com o Lourenço foi assim, uma coisa absurda [...] O rapaz tem um corpo e tem uma alimentação que muita gente não tem, fez um treino funcional para secar, porque ele já tinha uma boa base muscular. E então a verdade é essa! Como não? Com uma boa iluminação, assim o resultado fica bom. Evidentemente Lourenço tem um grande corpo. Agora, se calhar, alguém que não esteja naquela forma, nós, enquanto fotógrafos, temos que saber como tirar proveito daquele corpo, escolhendo outro plano, outra luz (CLARO, 2016).

António Raminhos, Pedro Fernandes e Luís Filipe Borges, em contrapartida, não possuíam, desde o início do desafio, corpos que os aproximassem daquilo que poderia ser dito como um padrão *Men’s Health*. “Nesse momento estamos com três apresentadores de televisão, da RTP. São corpos que não tem nada a ver com a MH e que, se nós conseguíssemos mudar, seria um sucesso muito grande” (LUCAS, 2015). Tanto é verdade que, distanciando-se de Ortigão, por exemplo, o desafio dos três apresentadores de televisão durou cerca de doze meses e, ao ser concluído, não lhes garantiu uma capa, conforme normalmente acontece. A despeito das dificuldades encontradas, entretanto, o discurso normativo é reiterado e a plena possibilidade de mudança (e sua premência) é reforçada. Um trecho da reportagem veiculada, a fala dos desafiados e de Sofia Loureiro, preparadora física de Raminhos, são então cabíveis.

Há um ano fui desafiado por António Raminhos, Luís Filipe Borges e Pedro Fernandes: queriam ter um corpo *Mens Health* mas eu perguntei: para estarem na capa? Não! Não sei. Logo se vê. Se calhar ... Ironias à parte, para mim esse processo que agora “termina” é um excelente exemplo para todos os que criticam quem se cuida e se preocupa com sua qualidade de vida. A verdade é que com menos músculo, mais músculo, o mais importante é que esse trio de malucos conseguiu mudar... tanto, tanto! (LUCAS, 2016, p. 67, 68).

Imagem 04 – “Capa” de Raminhos, Fernandes e Borges.

QUER ESTAR NESTA CAPA? INSCREVA-SE NA PAGINA 100

ESPECIAL 15º ANIVERSÁRIO

Men's Health

ABRIL 2016

QUEIME GORDURA!

ADEUS À BARRIGA EM 4 SEMANAS

15 MELHORES DICAS DE SEMPRE

QUENTE! PEGUE NELA, FECHÉ A PORTA E FAÇAM ISTO P74

FORÇA PURA PEITO E BRAÇOS EM 30 DIAS P52

NOVAS REGRAS DE ESTILO ESPECIAL MODA

MAIS ENERGIA GANHE MASSA MUSCULAR COM ESTES 25 ALIMENTOS

VEJA O ANTES E DEPOIS...

COMO ELES MUDARAM!

- Pedro: já faz maratonas
- Raminhos: 4,7 kg de músculo
- Borges: perdeu 24 kg

INCLUI: GONÇALVES TEDIÉRA

PREÇO: 3,50€



Fonte: *Men's Health*. Lisboa: Editora Motorpress. Ano 15, ed. 178 . 2016.

O ser humano é vaidoso por natureza e quem disser o contrário estará a mentir. Há pessoas que tem mais força de vontade para chegarem a esse objetivo de ter um corpo mais bonito e outras que têm menos. Essas que têm menos, se calhar, usam como desculpas “ah, estou bem assim. Eu gosto de mim com essa barriguinha. Ou gosto de mim assim, muito magrinho”. Eu até acredito que as pessoas gostem delas assim, mas, se calhar, é porque nunca experimentaram algo diferente. Se experimentarem algo diferente vão ser mais felizes ainda (FERNANDES, 2016).

A diferença que há, agora, é que, se calhar, eu gosto de me ver mais. Se eu fosse uma mulher estava sempre a tocar-me, por todo o lado. Sendo homem, gosto de estar a treinar e gosto de ver os resultados [...] Eu odeio ginásio, odeio vir aqui [...] mas reconheço os benefícios, é mais por aí (RAMINHOS, 2016).

A nível de corpo, eu acho que ele já tem um corpo de capa de revista. A nível de tronco, acho que já está ok. As perninhas é que ainda não [risos] (LOUREIRO, 2016).

Sob essa lógica, o corpo que foge de um modelo estético vigente e que, por conseguinte, se afasta de um padrão de masculinidade que se configura dominante tende a ser aquele corpo que é desprezado, que precisa ser deixado para trás.

Tenha Tudo! Peito Definido, Braços Maiores, Pernas Fortes!; Corpo Mais Forte! Quer músculo? Coma Isto!; Peito forte e abdominal ripado!; Mais músculo? Beba isto!; Chegou sua hora! Mude! Transforme a gordura em músculo em 2 meses; Última hora! Deixe de ser magro! 27 exercícios para ganhar músculo ainda nesse verão! Essas são algumas das manchetes de edições de *Men's Health Portugal* que, imperativamente, dizem aos seus leitores da necessidade da constituição de um corpo musculoso e das formas de como fazê-lo.

Abdominais perfeitos, costas de aço, ombros largos e vistosos. Três objetivos ambiciosos, mas perfeitamente plausíveis que estão agora ao alcance das suas mãos. Graças aos treinos que disponibilizamos aqui na revista e, sobretudo, no nosso novo site (SIEGL, 2016, p. 76).

Utilize esses movimentos para retirar os seus músculos da pré-história. Esses exercícios futuristas potenciam o cresci-

mento muscular. Complete o máximo de circuitos que conseguir em 15 minutos com descanso de 60/90 minutos entre séries (MÚSCULOS..., 2015, p. 125).

Nós entendemos a parte de nutrição, a parte de treino, a parte de psicologia, tudo como saúde, como qualidade de vida, como prevenção. É natural que tu olhes para a revista e perceba menos artigos identificados como saúde, mas tudo para nós é um bem estar saudável, é tudo saúde. Relativamente aos corpos, nesse sentido, o homem de MH é um musculado que baste (q.b.), não passamos para aquele tipo de corpo muito musculado. Nós queremos um corpo saudável, trabalhado, definido, que represente mais saúde, não muito musculado (LUCAS, 2015).

Em *Treine como um super-herói*, texto veiculado em agosto de 2015, então, aciona-se imagens, justamente, de figuras emblemáticas que diriam de sujeitos que, de fato, trariam em si aqueles elementos de uma masculinidade dominante.

Os abdominais do Batman, os bíceps do Super-Homem, os glúteos do Capitão América, a agilidade do Homem-Aranha, a força destruidora do Huck e a velocidade do Flash. Quer aproximar-se dos poderes deles? Comece por isto... (TREINE COMO, 2015, p. 54).

Jean-Jacques Courtine (2013, p. 556), ao discorrer sobre o enaltecimento desse modelo cultural de virilidade ancorado nos músculos, fala sobre o processo que compreende essa “inflação contínua do corpo” e a “excrecência muscular extrema de uma masculinidade das aparências”. Abordando mais especificamente o *bodybuilder*, Courtine (2013) lembra que o portador dos músculos não vive no gueto. Ao contrário do gordo que arrastaria seu corpo estigmatizado como aqueles que carregam um fardo, aquele que detém uma musculatura avantajada desfila e, com seu corpo, sinaliza. “Ele [o músculo] é um dos modos privilegiados de visibilidade do corpo masculino no animato urbano das fisionomias, a própria assinatura de hábito viril na multidão.” Se o gênero for tomado, então, como performativo (BUTLER, 2012), tem-se no músculo que se constrói/que se ostenta um forte elemento que diz

de uma masculinidade prostética (PRECIADO, 2014), que se pretende hegemônica (CONNELL, 2003).

Perca Peso! Resultado em 29 dias!; Perca Peso! Ganhe Saúde, menos 6kg em 5 semanas; Especial perca barriga, faça da gordura músculos!; Adeus barriga! Treinos de 15 minutos por dia, resultados rápidos!; Emagreça sem pôr os pés no ginásio; Deixe de ter barriga! Bastam 8 exercícios e 15 minutos por dia.

A gordura, em contrapartida, representa um anátema, tal como é dado em outras manchetes também extraídas de *Men's Health Portugal*. Conforme ressalta Georges Vigarello (2012), que traça uma história da obesidade, a gordura, entretanto, nem sempre foi percebida como uma desvantagem ou mesmo como uma doença. Na Idade Média, como menciona, “as anatomias maciças podiam ser apreciadas [...] como sinal de poderio e de ascendência” (VIGARELLO, 2012, p. 09). O desenvolvimento das sociedades ocidentais, contudo, traz junto de si uma valoração do alongamento de uma silhueta que deve deixar ver a agilidade, a rapidez e, claro, aquilo que passa a ser tomado como belo.

A primeira coisa a esclarecer aqui é que, por uma série de factos que conhece melhor que nós, você ganhou barriga! De homem para homem temos que lembrar que uma das tristezas inerentes ao desenvolvimento da sua barriga é a diminuição do contacto visual com o seu pênis. Não desvalorize esse facto. Pois sabemos que isso o preocupa e que nunca comentou com ninguém. Mas, como sempre, estamos sempre ao seu lado. Como infelizmente não temos um método milagroso para ajudar o tamanho do seu amigo do “piso de baixo”, a solução passa por perder a barriga. Ideias não faltam neste artigo, mas você vai ter de assumir que quer mudar. E que se outrora ter barriga era sinónimo de masculinidade, hoje é sinal de desleixo. Vamos lá apertar o cinto, pois a sua mudança começa agora! (LUCAS, 2015C, p. 63).

Pode rapidamente arruinar o desgaste calórico pós-treino se comer a primeira coisa que lhe aparecer à frente. Deixe-se disso e leve consigo um tupperware com os melhores nutrientes para queimar a gordura a mais. Delicie-se! (COMA... 2015, p. 124).

Quando encontra com uma pessoa no metrô e vê que ela está em forma vê que é uma pessoa que se preocupa, que se cuida [...] Quando vemos um obeso, embora alguns por doença, sabemos que é por desleixo, a maior parte é por desleixo. Eu não acredito que um obeso, uma pessoa que se desilude facilmente com a vida, se olhe no espelho e goste do que vê! O que falta ali é força de vontade para dar a volta. É preciso ajuda, conselhos, pontos de vista diferentes. E, mais uma vez, é aqui que a gente entra (PARREIRA, 2016).

Cuide-se como um homem! Não fique velho e nem careca!; Fique mais atraente! Pareça 10 anos mais jovem em 10 minutos por dia! Comece a viver! Aumente 10 anos a sua vida! A juventude, igualmente, representa um importante valor para *Men's Health*. Ao descolar-se de um determinado estágio do desenvolvimento e ao ser convertida em meta a ser alcançada, a velhice e seus indicativos passam a ser tomados como reflexos de más práticas e não mais como sintomas naturais.

Bem-vindo ao melhor guia de cuidado pessoal masculino. É com orgulho que somos a revista referência nessa área, pois nunca hesitamos em defender que o homem se deve cuidar para se sentir mais bonito, seguro e jovem (CUIDE-SE, 2015, p. 04)

Há algo que preocupe mais os homens do que perder cabelo? Não! Sabemos o que precisa de acrescentar, diminuir e multiplicar na sua rotina diária para ter um resultado excelente. Saiba como travar essa batalha (EQUAÇÃO, 2015, p. 110)

Deixe-me dizer que o ser jovem para sempre se refere à forma do tratamento, ou seja, basicamente queremos dizer que há produtos, que há tratamentos, que há uma série de dicas e de coisas que homem pode fazer no seu dia a dia [...] A juventude, então, está a ir ao encontro completamente daquilo que são os ideais da MH: no cuidado, no treino, na alimentação. Os homens querem ser mais saudáveis, querem viver mais, querem ter mais estilo, querem se sentir melhor com eles mesmos! Querem ter o prazer de ser homem. A juventude para nós, portanto, é nosso porto seguro e aquilo que temos que trabalhar (LUCAS, 2015).

Imagem 05 – *Jovem para sempre.*

MH Guide de si
GUIA DE CUIDADO PESSOAL PARA HOMEM

**JOVEM
PARA
SEMPRE**
#128 DICAS ÚTEIS
PARA HOMENS
MODERNOS

**TENDÊNCIAS
MASCULINAS**
PRODUTOS E
TRATAMENTOS
QUE MELHORAM
MESMO A SUA
IMAGEM

Fonte: *Mens Health*. Lisboa: Editora Motorpress. Ano 14, ed. 168, 2015.

Indo ao encontro do que diz Myriam Moraes Lins de Barros (2004), é possível perceber que ao eleger a juventude como a idade padrão da sociedade contemporânea, associa-se a ela, necessariamente, as noções de desen-

volvimento, evolução e mudança. Igualmente, ao conceber a beleza como sinônimo de juventude e à feiura como sinônimo de velhice, delegam-se espaços prévios às vidas e aos corpos dos sujeitos que ali forem inseridos. Ora, se assumir a máscara da velhice (FEATHERSTONE; HEPWORTH, 1989 APUD DEBERT, 1999), depende de cada um, ninguém optará por aderir a uma identidade que é deteriorada (GOFFMAN, 2004).

Guita Grin Debert (1999), ao discutir a reprivatização da velhice, diz de um processo o qual, ao tomá-la não como condição de determinada etapa, mas como a consequência da inaptidão daquele indivíduo que não conseguiu “manter-se jovem”, consiste em uma responsabilidade de cada um. Para Debert (1999, p. 20-21), pois, combinados, disciplina e hedonismo, nesse cenário de fluidez corpórea, soariam para os sujeitos como meios de se alcançar uma estabilidade.

A publicidade, os manuais de auto-ajuda e as receitas dos especialistas em saúde estão empenhados em mostrar que as imperfeições do corpo não são naturais e nem imutáveis e que, com esforço e trabalho corporal disciplinado, pode-se conquistar a aparência desejada; as rugas ou a flacidez se transformam em indícios de lassitude moral e devem ser tratadas com a ajuda dos cosméticos, da ginástica, das vitaminas, da indústria do lazer.

A juventude, como será percebida nas demais categorias, é algo transversal. A constituição de uma masculinidade válida, tanto em *Men's Health Portugal* quanto em *Junior*, passa necessariamente pela sua manutenção, que se dá tanto pela aparência corporal quanto, mais especificamente, por uma vida sexual ativa e intensa. Para que pavoneiem na mídia, portanto, além de corpos musculosos, há que se ter corpos joviais. Antes disso, entretanto, na categoria seguinte, um projeto de cumplicidade com um modelo hegemônico de masculinidade (CONNELL, 2003), percebido em *Junior*, será mais apropriadamente discutido.

4.2 Cópia da cópia: performando o masculino como um eterno *Drag King*

And I said who
Who do you think you are?
Who do you think you are?
I'm telling the truth now
We're all born naked
And the rest is drag

(RUPAUL. *Born Naked.*)

As performances da masculinidade parecem exigir um tipo diferente de humor e de performance. É difícil fazer da masculinidade o objetivo do camp precisamente, porque, como assinalamos, a masculinidade geralmente se apresenta como não performativa.

(Jack Halberstam. *Masculinidad Femenina.*)

Judith Butler (2012), ao propor que se perceba o gênero como performativo, tal qual já exposto, sugere que ele seja tomado como repetição e como fantasia que ocorre nos corpos dos sujeitos. Para Butler (2012,) não haveria uma verdade, mas sim um feito, o qual resulta de uma imposição de práticas reguladoras que visam a conferir inteligibilidade cultural e pesos aos corpos e às vidas. Trata-se, ainda, de um projeto o qual, inscrevendo-se em uma lógica que toma a heterossexualidade como compulsória (RICH, 2010), traça espaços apriorísticos pelos quais os sujeitos podem, e não podem, circular tendo em vista sanções morais e/ou físicas.

Vale ressaltar, de modo mais contundente, entretanto, que na visão de Butler (2012), não haveria um performer por trás dessa performatividade. A identidade de gênero será dita performativa, ali, uma vez que, ao ser compreendida como uma construção linguística, precede o sujeito individual. Como lembra Sara Salih (2012), a *performance*, em contrapartida, requereria um ator que a executasse, consciente daquilo que estivesse fazendo naquele espaço.

A *Drag Queen*, por conseguinte, converte-se em exemplo caro à discussão, uma vez que, como *performance* de gênero, desfaz a ilusão de que esse seria naturalmente dado. Ao constituir-se parodicamente em uma hipóbole do feminino, a *Drag Queen* revela o caráter imitativo e teatralizado dos gêneros como um todo (BUTLER, 2012; VENCATO, 2002; LOURO, 2008), explicitando que todos nós nascemos nus e que o resto é *Drag*.

Jack Halberstam (2008), por sua vez, ao recorrer ao *Drag King*, figura que, ao performar o masculino, igualmente diz de sua natureza fictícia, aponta, contudo, as diferenças que se dão, por exemplo, entre apresentações de *Queens* e de *kings*, ao passo que, nas primeiras, haveria a presença do exagero; nas segundas, uma *performance* contida seria em geral a regra. A teatralidade, como sugere Halberstam (2008), caminha em sentidos opostos: a ostentação e a espetacularização das *Queens* seriam diretamente proporcionais à moderação e ao controle dos *Kings*, a gesticulação exacerbada contrastaria, aí, fortemente com uma postura que é quase uma “*não performance*”, justamente com o intuito de apagar marcas de uma artificialidade.

Nos concursos observamos uma falta de performatividade dentro das apresentações de *Drag Kings* que pode ser devida ao fato de que a masculinidade dominante dos homens geralmente apresenta a si mesma como um registro do real, evitando o performativo e o artificial (HALBERSTAM, 2008, p. 293) (tradução livre).

Em maio de 2015, no escopo da programação de *Gender Trouble: performance, performatividade e política de gênero*, ocorrido em Lisboa, participei do *workshop* “*Men Conflict*”, no qual os inscritos eram convidados a desenvolver uma *performance* de masculinidade, independentemente de seu gênero e orientação sexual e vivê-la no espaço público. O primeiro desafio foi “trazer de casa roupas associadas à masculinidade”. Inserido em uma estética *gay* e, ao tentar performar o masculino com o intuito de aproximar-me daquilo que se percebe como o heterossexual (e um heterossexual que se inscreve em uma lógica hegemônica de masculinidade), percebi que poucas roupas que encontrei em meu armário cabiam ao projeto. De posse de uma camisa xadrez, entretanto, e com

uma bermuda um bocado mais larga (e com a barra não dobrada, como normalmente uso), ao encarar a personagem, percebi, em mim, “naturalmente”, muitos traços daquela masculinidade que, política e socialmente, eu tanto tentava, em minha vida cotidiana, desconstruir. Interromper as pessoas quando essas estão falando, sob a justificativa de que se tem o que dizer, naquele instante, e precisa ser dito, e sentar-se de uma forma a ocupar mais espaço, com as pernas abertas, foram definidos como alguns dos elementos que poderiam estar presentes em uma *performance* de masculinidade. Aproximando-se daquilo que disse Nelson Neto (2014), repórter de *Junior* que performou Ana Clara para uma matéria da revista, ao realizar um esforço para tornar-me mais masculino, eu (que sempre me percebi tão feminino) consegui observar o quanto de “porções masculinas”, para parafrasear Gil, trazia/trago em mim mesmo. Ao tentar performar um *Drag King*, já há muito realizava essa imitação.

Ainda referindo-se ao caráter performativo/imitativo do gênero, Butler (2012, p. 57) comenta sobre a replicação dos constructos heterossexuais em culturas homossexuais: “Assim, o *gay* é para o hétero não o que uma cópia é para um original, mas, em vez disso, o que uma cópia é para uma cópia”. Em uma tentativa de se aproximar de um ideal daquilo que se concebe como o masculino, e de abandonarem uma posição de subalternidade, muitos *gays* assumem o papel de cúmplices naquilo que se refere à constituição de um lugar hegemônico.

No texto *Machos e Brothers*, Richard Miskolci (2013) realiza uma etnografia com homens que, em espaços de relacionamento virtual, apesar da busca por relações amorosas/sexuais com outros homens, objetivavam manter constituído um status heterossexual. A procura pelo sujeito “discreto”, “não afeminado” e “fora do meio”, assim como a noção de pertença a essas categorias, revelaria um culto à masculinidade hegemônica, convertendo-a em um atributo valorativo, o qual diria da inserção de seu parceiro potencial em uma lógica heteronormativa. “Assim, seu desejo é homoerótico, mas se dirige ao homem “heterossexual” e aos valores e às práticas de uma masculinidade historicamente construída, alçando-os a

uma superioridade em relação aos claramente homossexuais” (MISKOLCI, 2013, p. 317). A fala de Gabriel Lucas (2014), fotógrafo entrevistado, coaduna com essa visão. “Você até pode ver casais *gays*, por exemplo, em que os dois sejam afeminados. Mas eles nunca se acham. Você não se acha afeminado, eu não me acho afeminado”.

Percepção semelhante é notada no texto de Fernando Seffner (2003) que, ao debruçar-se sobre a comunicação estabelecida entre homens bissexuais, em rede postal integrada, aponta que, em dada situação, ao falar em “uma verdadeira relação entre homens”, o remetente estaria se referindo à virilidade como uma condição a qual, ao conferir poder, se mostrava essencial.

O medo de ser afeminado parece ser maior do que o medo de se relacionar sexualmente com outro homem, pois se essa relação for interpretada como uma relação entre machos, poderá então ser vista como algo muito viril, como uma relação entre iguais [...] Na carta, o informante valoriza o fato de ser peludo, ter pernas grossas, pênis grande. As principais qualidades do masculino derivam, então, do fato de ele ser macho. Essa é claramente uma estratégia de regulação da masculinidade hegemônica (SEFFNER, 2003, p. 127).

Connell (2003), ao lembrar que nem todos os homens são capazes de atender completamente aos ideais constitutivos de uma masculinidade hegemônica, tendo em vista que muitos poucos atenderiam às demandas então requisitadas, recorda que isso não significa, necessariamente, um rompimento com esse lugar. Ao se inserirem em uma lógica de apoio a esse projeto, ainda que de fato não o possam incorporar, tais sujeitos assumem uma posição de cumplicidade, levando-o adiante. “As masculinidades que se constroem em formas que aproveitam os dividendos do patriarcado, sem as tensões ou riscos que acarretam estar na vanguarda do patriarcado, são cúmplices” (CONNELL, 2003, p. 120) (tradução livre).

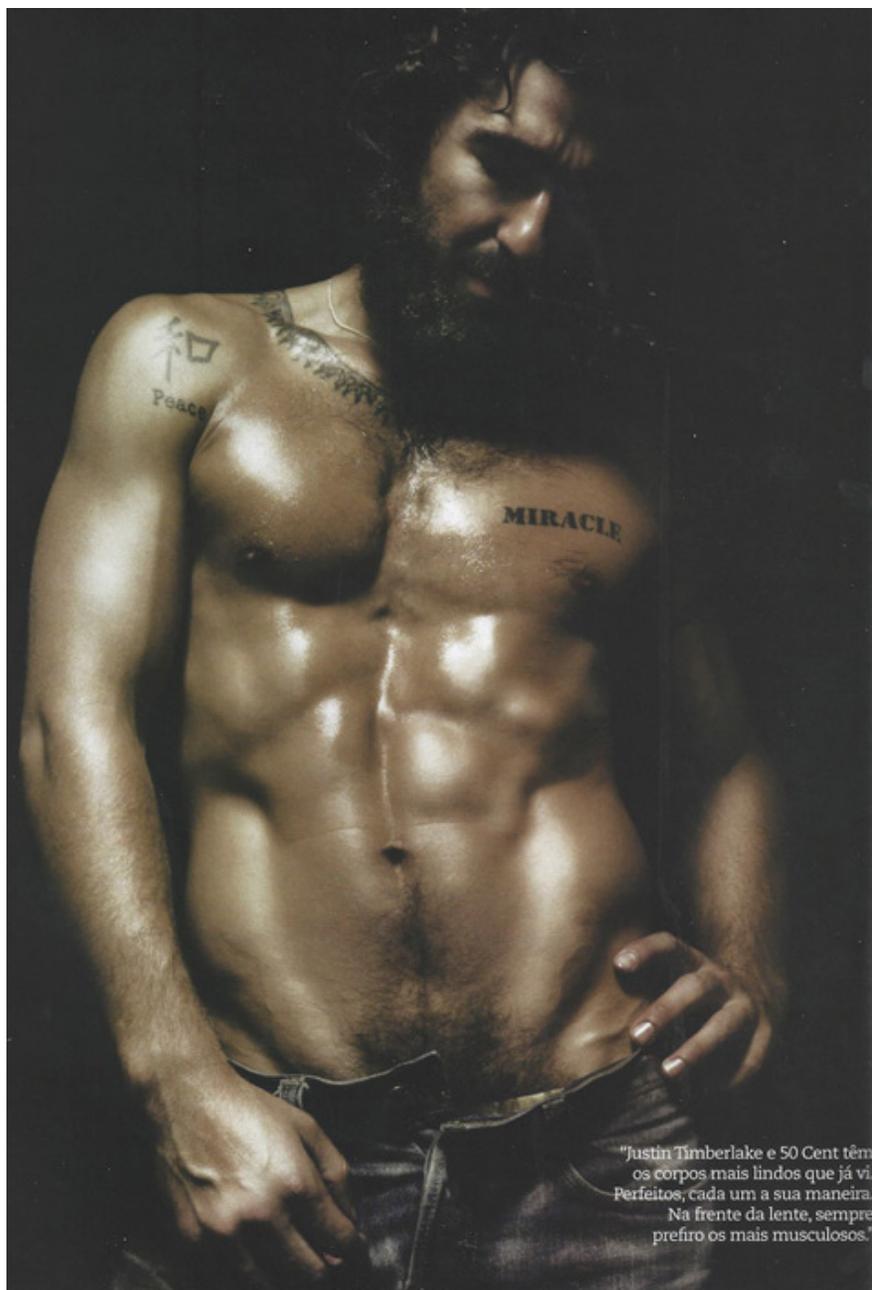
Junior, conforme já exposto na seção anterior, consistia, à época do desenvolvimento do campo desta pesquisa, na única revista jornalística e

impressa, vendida em bancas, destinada ao público gay no Brasil. Baseando-se nas entrevistas com os agentes envolvidos em sua produção (editor, repórteres e fotógrafo), nas leituras dos exemplares acessados e, ainda, nas pesquisas que abordaram esse tema de diferentes lugares (MENDONÇA, 2012; AMARAL, 2013; FEITOSA, 2014; FERREIRA, 2014), observou-se que, mesmo que realizada por gays, e voltada para gays, a masculinidade e, mais do que isso, determinado tipo de masculinidade, se configurava em um dos principais elementos a ser oferecido aos leitores. As falas de Hélio Filho, editor e *publisher* de *Junior*, e de Gabriel Lucas, fotógrafo da revista, assim como alguns ensaios e trechos de textos que os apresentaram, dão o tom.

A masculinidade é o fio condutor da revista porque a gente está escrevendo para homem [...] O leitor não gosta de ver um homem feminino na capa [...] É o espírito de homem macho, homem sexy, o que não exclui uma coisa poética, mas, sim, é um homem sexy, é um homem masculino (FILHO, 2014).

Todo mundo quer se ver como um homem na capa da revista. Na *Men's Health*, por exemplo, todos têm cara de homem, você vê que são homens. Se são héteros, eu não sei, mas tem cara. Quem quer sair na capa de uma revista e ser taxado de bichinha? Ninguém. Não é um preconceito meu, é um preconceito da sociedade. Se não for esse cara, não vende (LUCAS, 2014).

Imagem 06 – Muito macho.



Fonte: *Junior*. São Paulo: Editora Mix Brasil. Ano 03, ed. 15, p. 60, 2010.

Imagem 07 – Entrando no imaginário profundo.



Fonte: *Junior*. São Paulo: Editora Mix Brasil. Ano 06, ed. 44, p. 32, 2012.

Imagem 08 – Em busca da masculinidade perdida



Fonte: *Junior*. São Paulo: Editora Mix Brasil. Ano 06, ed. 46, p. 28, 2012.

Imagem 09 – Porque hoje é dia de rock...



Fonte: Junior. São Paulo: Editora Mix Brasil. Ano 07, ed. 55, 2013.

Aos 30 anos, Joe Oppedisano resolveu que viraria fotógrafo. Sem nenhum tipo de formação técnica, ele deixou para trás a função de editor de moda [...] para se jogar atrás das lentes. E a gente sabe que deu super certo. Hoje Oppedisano assina

ensaios para grandes grifes, capas de CDs e livros babadeiros. O último, *Uncensored*, é um festival de masculinidade, sex appeal e humor irônico, tudo encarnado por astros do pornô. Pedimos ao Joe uma seleção de imagens de homens *in natura*. Venha ver o que ele escolheu... (ALVES, 2010, p. 58)

Em busca de uma masculinidade perdida nos anos da metrosssexualidade, a nova beleza carrega no corpo os atributos mais evidentes do masculino, agora revestidos de sensibilidade e delicadeza – além de alguma austeridade. Tudo aqui perfeitamente personificado pelo modelo Bruno Fernandes. (BRAÇO FORTE, 2012, p. 24).

Uma *performance* de gênero viril, por conseguinte, como é perceptível pelas falas, pelos ensaios e trechos acionados, opera como um dos principais elementos constitutivos de *Junior*. No texto que acompanha as fotografias de Felipe Donatti, por exemplo (imagem 09), o olhar marcante, a voz firme e máscula e corpo de “deus grego” são elementos acionados a fim de compor o imaginário que se vende.

Néstor Perlongher (2008), ao estudar a prostituição masculina na cidade de São Paulo, apontava que, mais do que a prática sexual em si, o que ali se comercializava era a masculinidade. Igualmente, tal qual se observou pelas análises aqui empreendidas, um dos principais valores vendidos em *Junior*, além das imagens dos corpos e dos textos que costuram práticas e questões “gays”, eram atributos viris.

O desejo sexual constituído, tanto no campo de Perlongher (2008), quanto no meu, em relação à revista *Junior*, apesar de dado entre homens, não se dirigiria àqueles cujos traços femininos denunciariam a homossexualidade em si, mas, em oposição, seria voltado aos sujeitos que “discretos” quase não pareceriam (ou mesmo não seriam) *gays*.

Na voz de Perlongher (2008, p. 254) o capital, ao libidinizar o dinheiro e monetarizar as paixões, voltando-se indiscriminadamente a tudo aquilo com possibilidade de ser vendido, solaparia as interdições. Em seu campo, isso se referiria aos heterossexuais que, pelo lucro, transariam com seus clientes. “Os varões lançam seus sexos [...] no mercado da prostituição homossexual; mas não vendem sua alma, já que seu apego aos paradigmas

da normalidade lhes permite – ou, pelo menos, é o que se acredita – alugar apenas seus corpos”.

A revista *Junior* fala de sujeitos que, apesar de, em muitos casos, afastarem-se, em suas vidas pessoais, de um ideal de masculinidade dominante, reiteram-nos em suas práticas profissionais ao serem cúmplices de um projeto que, inserindo-se em dada ordem discursiva, é refém de uma lógica heteronormativa (WARNER, 1991), segrega sujeitos, relegando a um lugar subalterno aqueles que rompem com uma virilidade que se estrutura como norma. Tal discurso, naturalmente, não se professa sem tensões, e as disputas então observadas (vale salientar) dizem muito das posições particulares e das visões subjetivas dos agentes envolvidos em sua produção.

Por mais que você reclame, por mais que você diga que não é o que você quer, quem não quer ver homem bonito? Visualmente é isso que é atraente. E a revista se vende pelo conteúdo e pela imagem (FALCÃO, 2014).

Eu nunca fui um cara com trejeitos afeminados. Eu não gosto de me vestir afeminado. Sou até meio largadão. Pelo que você vê, por exemplo, eu sou completamente diferente de um público da *The Week*. Sou cabeludo, barbudo, tenho horror à tatuagem de estrela (LUCAS, 2014).

Então, não vejo como algo ruim a presença dessa masculinidade no meio *gay*. Aliás, dentro do contexto histórico em que vivemos, eu enxergo isso, talvez, como um grande consolo. Como um consolo para os próprios *gays* que não se aceitam, ou para os *gays* que tem dificuldade em serem aceitos na sociedade, que precisam desse mecanismo de procurar a identidade hétero e a identidade do “macho”. Mas acho que isso vem deixando de ser um Olimpo. Não sou contra, mas ao mesmo tempo sou crítico. Por exemplo, se eu estiver na capa da *Junior*, a revista não será vendida. E ela é um produto, precisa ser vendida [...] Internamente, contudo, existe tudo isso que temos falado. Pensamos naquele leitor que luta para desconstruir isso e, de repente, abrindo a revista, ele percebe que ali dentro há algumas brechas e, também, naquele leitor que vive dentro dessa heteronormatividade machista e aí, de repente, consegue ver um outro mundo, ali dentro. Mas, enfim, temos que entender que isso tudo é vendido (NETO, 2014).

Uma coisa que sempre me incomodou, e é algo muito engraçado, é que a *Junior* talvez escreva, em boa parte, pensando nesse ideal de homem, que é másculo, apesar de quase todos os repórteres não se identificarem com isso. Para quase todos os repórteres, esse cara é, também, mais um desejo. Mas o que queremos impedir é que outras pessoas, que tenham esse desejo pelo macho alfa, desqualifiquem *gays* afeminados, bichinhas, até porque muitos repórteres se identificam assim, também. Então não queremos que isso aconteça. Eu não quero ir à rua e ser desrespeitado por um discurso que eu mesmo criei (GONÇALVES, 2014).

Richard Miskolci e Larissa Pelúcio (2008), ao abordarem a obra de Perlongher (2008), destacam, igualmente, que a compra e a venda não apenas de corpos, mas da virilidade, se configuram ainda em forte elemento no que se refere ao sexo entre homens. Nesse sentido, a presença de uma musculatura desenvolvida, como índice de uma masculinidade hegemônica, igualmente se mostra relevante. “Dorsos fortes, bíceps inchados, membros dilatando o jeans apertado [...] servem agora de identidades iconográficas em sites de relacionamento, em que rapazes viris oferecem seus corpos marcados pelo excesso” (MISKOLCI; PELÚCIO, 2008, p. 18).

Tratar-se-ia de um corpo hiperbólico que denunciaria o desejo de aproximação de determinada *performance* de gênero a qual, distanciando-se de um lugar de subalternidade mas, ao mesmo tempo não podendo ser hegemônica, mostra-se servil e cúmplice.

Grande parte dos homens construídos por *Junior* traz nesse modelo de masculinidade hegemônica uma importante marca, sobretudo em se tratando de ensaios fotográficos. Os corpos hiperbólicos são uma constante. Conforme se percebeu nas falas de jornalistas e fotógrafo, as possibilidades de veiculação de uma capa, por exemplo, com um homem que negue atributos essencialmente masculinos (tais como a força, manifestada por uma musculatura desenvolvida) ou que traga elementos que digam de uma feminilidade (tais como acessórios ou adornos “exagerados”), são muito pequenas. Razões comerciais (anunciantes) e gostos (pessoais e do público) são acionados como justificativas inquestionáveis.

A *Junior* surge, primeiramente, como uma revista de modelos [...] que é esse pessoal malhadíssimo, com corpo perfeito, definido, geralmente sem barba. Até porque, mesmo na moda, a barba é algo que começa a aparecer de uns dois anos para cá [...] O DNA da revista é mais isso, homens mais lisos, mais jovens, com corpos bem definidos, aquela coisa de academia mesmo [...] (FILHO, 2014).

Se você colocar um homem que não tem um corpo definido, na capa, você não vende. Muitos reclamam: “por que vocês não colocam, na capa, um homem mais perto daquilo que nós somos?”. Mas, ao mesmo tempo, nas tentativas que fizemos, de trazer isso que é mais comum, mais fácil de ser encontrado, não foram tentativas bem sucedidas em vendas. É um fato. Não adianta pedir um homem mais perto do “real”, quando o real não vende (FALCÃO, 2014).

A revista nunca vai me pedir uma foto mais feminina. Pelo contrário. Eu sou um fotógrafo que, para eles, é sinônimo de masculinidade. Tanto que, quando o Colbie [Colbie Keller, ator pornô capa da edição 66] foi convidado, na hora eu fui chamado (LUCAS, 2014).

A *Junior* é refém de uma heteronormatividade [...] O modelo que é caracterizado em boa parte das capas não é pensado para que você o olhe e pense em um homem *gay* ou para que o defina como um homem *gay*. Elementos que poderiam defini-lo assim, como a feminilidade ou então elementos que dissessem de uma sensibilidade, marcas gestuais e culturais, enfim, que definiriam esse comportamento, não estão nas capas. Ele é um modelo de um corpo [...] Em *Junior* você tem um relação de desejo que passa pelo querer ser e pelo querer ter. É o desejo de querer ser igual àquele modelo, identificar-se com ele, e de querer tê-lo para si (GONÇALVES, 2014).

Como acentua Gean Gonçalves (2014), ao mesmo tempo em que mostra quais corpos podem/devem ser desejáveis, *Junior*, ainda, diz de um padrão estético o qual deve ser seguido pelos seus leitores. O corpo espetacular (COSTA, 2005) continuamente imposto aos homens de *Men's Health* aqui é mais uma vez acionado. Se lá, entretanto, o era feito a partir da premência de integração a um modelo hegemônico de masculinidade

(o qual, pelo discurso da revista, ao seguir suas dicas, seria algo possível de ser empreendido pelo leitor), em *Junior*, mais ainda, o seria feito para distanciar-se de estigmas que diriam da identidade homossexual (GOF-FMAN, 2004). Considerando-se que a revista é “assumidamente” gay e que, ao comprá-la, o leitor, igualmente, tem de assumir-se como tal, o projeto de adesão a um modelo dominante de masculinidade não pode ser levado a cabo. Diferentes estratégias, contudo, apontam para formas de, ainda que gays, associá-los a um lugar de saber/poder e de uma posição que, aproximando-os do masculino e afastando-os do feminino, possa conferir mais peso aos seus corpos e às suas vidas.

O problema que eu sempre tive com a *Junior* era essa sensação de uma objetificação de todos os nossos corpos. A ideia de que você tem que ir na academia amanhã, tem que conseguir o seu tanquinho, porque esse é o caminho para a sua felicidade. Tudo bem você fazer isso. Mas acho que, ainda mais agora, a gente quer mostrar que há outros caminhos para a felicidade, que há outros caminhos para a sexualidade, que divergem disso. [...] É muito complicado que uma comunidade como a nossa, que já foge de tantos padrões, queira criar outros padrões, para se sentir mais aceita pela sociedade! É meio que um pedido de desculpas: “eu posso ser gay, mas sendo esse cara, sei que vocês vão me perdoar por não ser aquele machão que, não sendo hétero, eu não sou!”. (GONÇALVES, 2014)

Reportagens de diferentes números, inseridas em diferentes editoriais, tais como *Saúde e Beleza*, ensinam aos leitores das revistas as formas corretas de, por exemplo, emagrecer, ganhar mais volume muscular e, então, “esculpir o corpo”, adquirir um “peito delícia” e conquistar uma “barriga chapada capaz de atrair todos os olhares”.

A estética da barriga desperta preocupações em homens de todas as idades. Nesta reportagem, desvendamos como exercícios, alimentação e até cirurgia plástica podem fazer com que ela deixe de ser vilã e torne-se um trunfo do seu corpo (SOARES, 2008, p. 104).

A busca pelo corpo perfeito e uma musculatura de dar inveja tem um preço alto. E muita gente está disposta a pagar por isso fazendo uso de anabolizantes, também chamados de esteroides. É a famosa bomba, substâncias sintéticas derivadas do colesterol que imitam o hormônio masculino testosterona e maximizam seu efeito anabólico, garantindo resultados rápidos para quem quer ostentar músculos inflados. Hoje são receitados até por médicos, o que não garante a ausência de seus efeitos colaterais. Mas seu uso, se acompanhado por médicos, tende a ser menos corrosivo (FILHO, 2009, p. 86).

Para se ter um bumbum durinho, aposte nas fontes de colágeno. Larissa [nutricionista] explica que elas estão principalmente nos alimentos ricos em proteínas de origem animal: carne vermelha, frango e peixe (LUCON, 2010, p. 68).

A entrevista com o fotógrafo Gabriel Lucas se deu em seu apartamento, espaço no qual ele também realizava parte de seus ensaios fotográficos. Lucas (2014) conta que começou a fotografar para *Junior* ao conhecer *H Magazine*, revista lançada pelo grupo em 2012¹⁸, com a qual ele se identificava mais.

Lucas (2014), ao descrever sua prática profissional, bem como ao falar sobre si e sobre suas percepções acerca de corpos e de homens, diz muito sobre um lugar de cumplicidade com um projeto de masculinidade dominante. Ao considerar a virilidade como sendo uma das principais marcas de seus trabalhos, ele diz que é considerado um bom fotógrafo por “deixar os caras dez vezes mais masculinos do que eles realmente são” (LUCAS, 2014). Aliás, para Lucas (2014), em se tratando da produção de fotografias, seja para a revista, seja para outros setores, o seu trabalho consistiria justamente em “deixar os homens mais masculinos” (LUCAS, 2014). Pergunto se, de fato, como eu estava entendendo, ele estava me dizendo que, ao fotografar homens para

¹⁸ MH, “uma revista de homens”, trazia em sua capa um “desaconselhável para menores de 18 anos” e um projeto de, a partir de “homens reais”, buscar homens “com H maiúsculo”, os quais corresponderiam, assim, aos desejos dos leitores. Nas palavras de Hélio Filho (2014), editor desde o seu primeiro número, seria uma revista para o homossexual mais velho e, de um ponto de vista estético, trazia homens que dialogavam com esta proposta: mais pelos, mais barbas, mais idade e ainda mais “virilidade”. “A H era mais sem vergonha, mais madura. Era para um público que [...] sabia que a revista era mais sexual, não apenas sensual” (FILHO, 2014). Posteriormente, tendo em vista razões de mercado e dificuldades em manter, em banca, dois títulos, H passa a integrar Junior na forma de um caderno interno e, ao mesmo tempo, conforme se percebe nas falas de seus produtores, altera um pouco o perfil teenager da revista.

uma revista *gay*, seu principal objetivo seria fazer com que aqueles homens, fossem ou não fossem *gays*, não parecessem sê-lo. A resposta foi afirmativa. “Eu não gostaria de abrir uma revista e ver uma *gayzinha*” (LUCAS, 2014).

Eu não posso apagar uma tatuagem de estrela sem autorização do cara, por exemplo, se for um ensaio pessoal. Agora, sendo para a revista, se eu achar que aquela tatuagem está deixando ele afeminado, eu vou chegar e trocar uma ideia com ele. “Tanto eu, quanto a revista, estamos achando melhor você tirar essa tatuagem porque fica muito feminino”. Infelizmente eles não têm consciência disso, muitos gostam. Eu não gosto, eu acho triste (LUCAS, 2014).

Para o fotógrafo, mais do que a presença de músculos, por exemplo, uma atitude, que passasse masculinidade, seria o mais importante para que um cara fosse considerado “gostoso”. “O cara nem precisa, por exemplo, ter tanquinho. Eu conheço muitos homens que são dez vezes mais interessantes do que outros que têm uma definição muscular. E isso aparece na fotografia” (LUCAS, 2014).

Lucas (2014) ressalta que não gosta de fazer fotografias muito “posadinhas”. “Eu odeio essas fotos com muita ‘bandanazinha’, muito cheia de coisa. Quanto menos você ficar emperiquitando a foto, mais masculina ela vai ficar”. Quando questionado se, por exemplo, faria fotografias de um modelo usando salto alto ou vestido como uma *Drag Queen*, desconstruindo, portanto, essa masculinidade tanto buscada, Lucas (2014) responde que sim. Mas sob dadas condições.

Sim, porque se o cara for másculo vai passar isso. Veja o Alexandre Frota, que fotografou para a *G Magazine*. Ele estava de salto, com roupa de mulher, beijando um outro cara. E ainda assim ele segue macho, mesmo tendo feito aquele filme com a transexual. Para mim, ele segue sendo um homem masculino, macho.

Ao falar sobre o ensaio feito com o apresentador de televisão Franklin David, Lucas (2014) descreveu como se deu o processo e, por quais motivos,

gostou do resultado final. Uma das imagens do ensaio, assim como a descrição que Lucas (2014) faz desse trabalho são então importantes.

Eu disse para o Franklin: “Eu acho que com você vai combinar uma coisa tipo um jipe na estrada. Tipo um forasteiro, que está viajando sem rumo, esse tipo de coisa. Você só com uma calça jeans e uma bota surrada. Mais nada. E também não quero esse seu cabelo assim, muito lindinho, como você costuma usar” [...] Eu deixei ele do jeito que eu quis e hoje ele só quer fazer fotografia comigo [...] Teve uma foto que eu falei para ele [...] “Agora você deita aqui e vai fingir que quebrou sei lá o que debaixo desse jipe e que você está fazendo muita força para arrumar. Eu quero que você contraia o seu bíceps, que contraia seu abdômen, contraia a boca. É força”. Foi o que ele fez e a foto saiu perfeita. Foi a primeira. E ficou perfeita [...] Ficou muito masculino. Eu falei sobre o jeito que ele tinha que andar, para que eu o fotografasse. Eu queria ressaltar que eu não tô dizendo que ele, ou então quem quer que seja, seja afeminado ou não seja. O que estou dizendo é que, seja o modelo mais masculino, ou mais feminino, eu curto deixar todo mundo que eu fotografo mais masculino, por gosto pessoal e por ser aquilo que vende. As pessoas curtem ver um cara com uma expressão masculina em uma foto (LUCAS, 2014).

Ao longo da entrevista, quando perguntado sobre o homem construído em *Junior*, especialmente naquilo que se refere aos ensaios fotográficos, Lucas (2014) disse-me que, anteriormente, os modelos eram mais jovens, “eram mais meninos, paquinhos, tipo você”. Com o passar dos anos, em sua opinião, apareceram os pelos, as barbas, e esse sujeito construído tornou-se ainda mais viril. Acerca dessa entrevista, ainda, é válido salientar que, após terminada, Lucas (2014) disse que gostaria de fazer algumas fotografias minhas. A possibilidade de estar no lugar de um modelo, sendo “dirigido” a fim de alcançar essa *performance* de gênero mais masculina, tanto citada, igualmente, se configurou em importante elemento do campo, demonstrando, por um processo de participação, ainda mais sobre a prática estudada. Lucas (2014) pediu para que eu tirasse minha camiseta e colocasse um boné trazido por ele. Dentre as suas instruções, a firmeza do olhar, a

boca entreaberta e uma postura reta, encolhendo a barriga, deram o tom das fotografias realizadas.

Ainda que, em grande medida, a construção dos corpos masculinos em *Junior* insira-se nesse lugar de cumplicidade frente a um projeto de consolidação de um modelo dominante de masculinidade, as falas de seus produtores, bem como os exemplares da revista acessados, dizem de tentativas de levar essa discussão para outros lugares. Se, por um lado, nos ensaios fotográficos, percebe-se a reafirmação da necessidade de um distanciamento do feminino, frente a valoração de dado masculino e de elementos que o expressem, tais como os músculos e uma *performance viril*, as reportagens operariam como brechas e como respiros, que falariam de vivências e práticas de masculinidade que são mais amplas. Na próxima seção, que abordará os corpos às margens e suas possibilidades (e impossibilidades de representação), isso será novamente abordado.

Eu não vou conseguir colocar na capa uma travesti que se prostitua, que está na pista, que é uma mulher digníssima, batalhadora. Mas quem sabe um dia a revista deixe de ser essa revista de modelos, de desejos, e se transforme em uma revista de reportagens? (GONÇALVES, 2014).

Imagem 10 – Um forasteiro macho e sem rumo.

JUNIOR

revistajunior.com.br
f revistajunior
e @gmix_brasil

A melhor notícia do TV Fama!
FRANKLIN DAVID
tira (quase) tudo

STALKERS
Quando o fim do caso vira um problema

VAGNER DO BBB14
"Gosto de homem rústico e marrento"

CADERNO LACRADO

H
HOMENS E MULHERES
LEMBRA EM ALTA
SÃO PAULO
PRINCIPAL

Evandro Silveira
O homem mais bonito do Brasil

mixbrasil
#59
Ano 7
R\$ 14 | €5

9 779 614 640 071
0 0 5 9 4

- + Ex-namorado de amigo é terreno proibido?
- + Casais gays dançam valsa em baile de Viena
- + HIV: Coquetel para todos, como funciona

Fonte: *Junior*: São Paulo: Editora Mix Brasil. Ano 07, ed. 59, 2013.

Imagem 11 – Participação observativa.



Fonte: Arquivo pessoal

4.3 Porque o tamanho e a quantidade importam: sobre como ser um verdadeiro predador sexual

*I put a spell on you
Because you're mine.
You better stop
The things that you're doin'.
I said "Watch out!
I ain't lyin', yeah!
I ain't gonna take none of your
Foolin' around
I ain't gonna take none of your
Puttin' me down
I put a spell on you
Because you're mine.
All right!*

(Creedence Clearwater Revival. I put a spell on you.)

O verdadeiro homem define-se, antes de tudo, por seu desempenho sexual; além disso, nos termos mais grosseiramente quantitativos, que vão desde o tamanho do pênis até a quantidade de suas conquistas e a frequência de suas relações.

(Marina Castañeda. O machismo invisível.)

Gozando em frente ao espelho e Cópia da cópia, categorias descritas a fim de compreender os dados alcançados ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, apontam para o fato de que, ainda que partindo de diferentes lugares e se dirigindo a diferentes sujeitos, *Men's Health Portugal* e *Junior* articulam-se a fim de corroborar com o desenvolvimento de um projeto de masculinidade hegemônica.

Especialmente naquilo que se referem aos corpos majoritariamente constituídos, as revistas, tomadas como dispositivos discursivos das masculinidades, falam aos seus leitores, didaticamente, sobre como suas vidas podem/devem ser vividas (FISHER, 2002; PRADO, 2009). Ao passo que, na

primeira segmentação descrita, esses ensinamentos envolvem a aquisição de um corpo espetacular (COSTA, 2005); na segunda, de modo mais específico, tratam da reprodução de uma *performance* de gênero viril (que inclui esse corpo, mas não se restringe a ele) a qual, a exemplo daquela estrelada pelo *Drag King*, silencie quaisquer traços que digam de uma feminilidade ou que exponham esse caráter imitativo.

Porque tamanho e quantidade importam, terceira categoria proposta resulta da percepção de que, ainda que se tratando de revistas produzidas e voltadas por/para homens hétero e homossexuais, respectivamente, *Men's Health Portugal* e *Junior* trazem no sexo e, na conquista desse, um elemento essencial. Seja nas relações com mulheres, seja com homens, em cada uma das publicações, percebe-se a relevância que há em sancionar um conjunto de práticas que mostrem aos seus leitores como é premente, estando solteiro, ter o maior número de relações possíveis ou, estando casado, ter uma rotina sexual “saudável”, em que saudável opere, necessariamente, como sinônimo de muito frequente. Ser um predador naquilo que se refere às atividades sexuais, por conseguinte, opera quase que como uma condição *sine qua non* no contrato que se estabelece entre revistas e respectivos leitores. Ser ativo sexualmente é condição para ser alçado à posição de homem.

Sabujos e Farejadores, texto escrito pelo cronista e humorista Luís Coelho (colaborador assíduo de *Men's Health Portugal*), publicado na edição de novembro de 2015, é ilustrativo. Lembrando que “como qualquer bom caçador, quando um homem vai à caça de mulheres, é fundamental levar consigo um parceiro fiel” (COELHO, 2015A, p. 42), Coelho afirma que “estatisticamente, a maioria das miúdas giras leva sempre uma amiga feia para saírem à noite” (COELHO, 2015A, p. 43). Nesse sentido, Coelho (2015A, p. 43) lembra que um “sacrifício” é necessário.

Não poucas vezes, ser um *wingman* implica um grande espírito de sacrifício por parte do seu fiel amigo: é preciso estar psicologicamente preparado para aquelas vezes em que a amiga feia quer mais do que dois dedos de conversa – e não há maior prova de lealdade de um amigo do que aquele que apanha esta bala por si. É aquele amigo que vai

acordar na manhã seguinte ao lado das sobras do seu jantar, com um sorriso nos lábios porque você conseguiu comer o prato principal [...] Nessas circunstâncias, é expressamente proibido mencionar esse acontecimento a qualquer outra pessoa que não tenha lá estado nessa noite. Sim, ele foi até o fim com a feia. Ou com a gorda. Ou com a vesga. Mas fê-lo por si. É um crime que deve imediatamente ser apagado do seu cadastro e é como se nunca tivesse acontecido.

Os textos de Luís Coelho, que escreve quase que mensalmente para *Men's Health Portugal*, em geral nas seções *De Homem para Homem* ou *Sexo + Fantasias*, seriam pretensamente cômicos. Ao voltar sua atenção, em geral, para temas que dizem respeito à sexualidade do leitor, Coelho aciona uma série de elementos que dizem dos lugares que esses sujeitos podem (e devem) ocupar, bem como, nesse cenário, dos lugares relegados às mulheres. *Gentleman* discute, sob uma visão bem peculiar, o que seria o cavalheirismo; *Declaração Particular dos Direitos dos Homens* apresenta, em forma de artigos, os direitos inalienáveis do “género dominante” e *Gatinhas de Companhia* apresenta homens comparados a cães e mulheres, a gatos.

Um cavalheiro não bate numa senhora. Em circunstância alguma. Nunca. Jamais. Claro que é universalmente aceite que todo corpo de uma mulher é uma senhora a exceção do rabo. Para mim, o rabo de uma senhora é como se fosse o meu melhor amigo. E num homem já se pode dar uns tabefes à vontade (COELHO, 2015B, p 65).

Nenhum indivíduo pode ser arbitrariamente preso, detido ou exilado no sofá durante o turno da noite, só porque olhou para o rabo de outra mulher numa escada rolante. Às vezes, com o desnível dos degraus, é impossível não olhar, porque as nádegas delas ficam mesmo ao nível dos olhos [...] Todo homem tem o direito de ter o jantar na mesa quando chega à casa no final de um dia de trabalho. Se não tiver, tem o direito de mandar vir uma pizza. Se a ela não lhe apetecer pizza nesse dia, tivesse preparado o jantar (COELHO, 2015C, p. 55).

Como as mulheres, os gatos só estão com os donos quando

querem, como querem e onde querem. Se tentarmos pegar num gato quando ele não quer, arranha-nos. Se tentarmos pegar numa mulher quando ela não quer, arranha-nos. E vamos presos. Um ponto a favor dos gatos, que podem ser ariscos, mas, ao menos, não são queixinhas [...] Os gatos, como as mulheres, sabem insinuar-se. São mestres em usar as suas fraquezas em vantagem própria. Só vem roçar-se em nós quando querem alguma coisa. Se lhes fazemos uma festinha, começam a ronronar até acreditarmos que eles gostam mesmo de nós e lhes fazemos as vontades todas. Depois borrifam-se. É por isso que os brasileiros lhes chamam gatinhas. Sabem bem com o que contam (COELHO, 2016, p. 38).

Ao abordar o sexo, a revista *Men's Health Portugal* o faz a partir de um lugar no qual a relação entre o homem e a mulher (cisgêneros) corresponde à prática inteligível. Nesse sentido, quaisquer outras possibilidades de vivência sexual, em seu discurso, são apagadas, mediante aquela que, de fato, assume a posição de natural e de esperada. A suposição da heterossexualidade dos leitores torna-se uma baliza. No terreno das imagens e naquilo que se refere à construção dos corpos na revista, determinada performatividade de gênero (BUTLER, 2012) é acionada, ao passo que tantas outras se apagam.

A revista fala para todos. Fala para pretos e fala para brancos e para homens, independentemente. Um leitor homossexual, ou o que for, consegue tirar a mesma utilidade da revista que um heterossexual. Até na parte sexual. Ele consegue se identificar e realizar com o parceiro aquilo que nós, teoricamente, temos no nosso panorama, para um homem e para uma mulher. Portanto acho que eles são suficientemente inteligentes para fazerem essa distinção e perceberem que nós falamos para homens na sua generalidade independentemente daquilo que eles considerem ser a sua tendência sexual (LUCAS, 2015).

O típico homem heterossexual, para quem a revista se volta, não se inspira em um homem que esteja muito sexualizado, então eu pessoalmente evito essa sexualização nos ensaios e, até agora, tem corrido bem. [...] Eu evito mais a nível de pose, de olhar. Não é tanto por ele estar despido. Não é o

corpo, é a atitude. É a *performance* do modelo [...] Às vezes um levantar de cara já traz um componente mais sexual [...] Eu digo, para os fotografados, que quero um olhar forte, quero um olhar masculino, quero que ele marque a presença [...] Quando levantamos ligeiramente a cara, isso é um olhar mais submisso. Pelo menos a meu ver. Poderia ser arrogante, mas dependendo da forma adquire um ar mais submisso. Isso faz com que, por exemplo, se imaginem certas coisas [certas coisas não masculinas, você quer dizer?] isso, certas coisas não heterossexuais. E temos que ter atenção a isso porque, afinal de contas, o nosso nicho é o público heterossexual (CLARO, 2016).

Mais sexo! Você merece, até vai acordar os vizinhos!; 25 desejos que elas querem realizar!; 21 regras escaldantes que ela quer quebrar (e nunca lhe disse)!; Sexo Proibido! Ela vai obrigá-lo a fazer isso na cama!; Loucura! Sexo como quando era solteiro!; Sexo! Na cama com 2500 mulheres! Esse vai ser o mês mais escaldante da sua vida! Essas são chamadas que dizem de uma masculinidade que se constitui por uma lógica heterossexista e que coloca a mulher, necessariamente, em um espaço que é o de uma dominação masculina.

Daniel Welzer-Lang (2001), ao discutir a construção do masculino, o faz em um lugar que a relaciona, assim como o fazem Connell (1995; 2003; 2016) e Kimmel (1998), à dominação de mulheres e a de outros grupos de homens. Para Welzer-Lang (2001), ao exercerem um controle que é individual e também coletivo, que se dá no espaço público e também no privado, sobre as mulheres, os homens garantiriam uma série de privilégios materiais, culturais e simbólicos, divididos patriarcais (CONNELL, 1995), enfim, os quais lhes propiciariam a manutenção de uma posição de poder hegemônica. E uma das principais marcas dessa desigualdade, justamente, seria tentar continuamente escondê-la, como se ela não existisse. “A opressão das mulheres pelos homens é um sistema dinâmico no qual as desigualdades vividas pelas mulheres são os efeitos das vantagens dadas aos homens” (WELZER-LANG, 2001, p. 461).

Ao comentar sobre o sexo, o amor e o relacionamento, na edição brasileira da revista *Men's Health*, Rebeca Seixas (2012) aponta que, em suas

análises, constata uma forte preocupação em relação ao ritual da sedução. Ser capaz de conquistar a mulher desejada, bem como lhe garantir, posteriormente, intensa satisfação sexual, consiste em um desafio a ser entendido e em um troféu a ser conquistado pelo leitor. As dicas da revista, nesse sentido, operam como mapas pelos quais o homem de *MH* pode, de modo seguro, caminhar.

Para Seixas (2012, p. 87), “os enredos sexuais propostos por *Men’s Health*, além de manter a virilidade inquestionável e o controle masculino do que acontece na cama [...], buscam incutir no leitor um sentimento de expertise em relação ao prazer feminino”. Tendo em vista as edições acasadas, bem como as falas de editor, repórteres e fotógrafo envolvidos em sua produção, apreende-se que postura similar se dá na edição portuguesa.

Se há algo comum a qualquer solteiro é a rapidez com que afirmam que este seu status garante acesso VIP ao mundo do sexo. Como não existe compromisso com nenhuma mulher, é possível “picar” o cardápio inteiro sem se preocupar com o pequeno almoço na cama, dizer “amo-te” a toda hora ou ter de provar vezes sem conta que a relação será eterna [...] A mais valia [para os casados] é a facilidade com que trocam a variedade pela qualidade. Quando a relação corre bem, qualquer contratempo desaparece por artes mágicas e, como vivem na mesma casa, acreditamos que a sua mulher esteja sempre pronta para alinhar consigo nas mais variadas brincadeiras sexuais (PARREIRA, 2015A, p. 96).

Até mesmo os homens mais bem casados pensam, nem que seja por um milésimo de segundo, como seria se estivessem com outra mulher. Mas os fins de semana eróticos em segredo deixam logo de ser uma vontade quando se apercebem do que vão perder. A verdade é que estar sozinho não é assim tão entusiasmante [...] Já para não falar no aspeto económico da coisa: um estudo realizado com recém-divorciados revelou que o fim da relação reduziu seu património a menos de um quarto do que seria se nunca tivessem chegado a se casar. Por isso, fazemos serviço público (não precisa de agradecer!) e damos-lhe 25 dicas para evitar uma vida triste de solteirão. Acredite, ainda vai a tempo de salvar o seu casamento! (TEIXEIRA, 2015, p. 98).

Elas confessam-se. Submissão. Exibicionismo. Dominação. Perigo. Depois de lermos as confissões dadas por algumas mulheres, descobrimos os ingredientes que convertem o sexo numa experiência que não conseguem esquecer. Cenários fora do habitual, sexo precipitado, descontrolo selvagem e inclusivamente sexo “puro e duro”. No entanto, elas sentiram-se sempre seguras e no controlo da situação... mesmo quando estavam atadas. E pediram mais! Fique ciente de uma coisa: se estiver suficientemente excitada e confiar em si, ela será capaz de fazer (ou aceitar) propostas que escandalizariam muitos de nós. Elas explicam-lhes tudo ao pormenor e ainda revelam os detalhes... (PARREIRA, 2015B, p. 62).

A vida não lhe parece mais fácil quando tem uma mulher nua e satisfeita a dormir em sua cama? Claro que sim! Estaria a mentir se dissesse o contrário. Para a maioria dos homens, atingir o orgasmo e ver a mulher ao lado feliz é mais do que o suficiente para considerar o sexo excelente. Para elas, o sexo é bom quando você se preocupa com o orgasmo dela e quando sente que existe uma ligação. Há uma grande diferença, certo? Reforce essa intimidade! (LOPES, 2016, p. 92).

A presença da mulher nas páginas de *Men's Health Portugal* e a relação que se estabelece com a presença da mulher na redação da revista, igualmente, são pontos que aparecem nas falas dos sujeitos entrevistados. Para Lucas (2015) e para Varzim (2016) a mulher, em MH, não é objetificada. Ao contrário, ela é lembrada como “rainha” e como “parceira”. A fala de Ana Dória (2016), única repórter mulher de MH Portugal, sobre o perfil que devem possuir aqueles que trabalham na revista, convém também ser retomada, uma vez que diz do modo como a questão do gênero é acionada no contexto da produção.

Nós não utilizamos, e isso é um bocado agressivo dizer, a mulher como um objeto sexual. Para nós a mulher é tida como uma rainha. O que nós pensamos? Imagina um casal que já tem uma relação de 15, 20 anos. Nós tentamos trabalhar em termos de textos uma forma de eles manterem a relação sempre ativa, sempre acesa, acabar com a monotonia da relação, fazer umas férias a dois, enfim. Na moda e na parte sexual, aqui também temos que pensar em dois tipos de homens, o

homem que é solteiro e o homem que já é casado. O homem que já é casado, trabalhamos a parte antimonotonia da relação, tudo por aí, e para o homem que é solteiro, que gosta de sair a noite para conhecer uma miúda, que gosta de ter aqueles casos de uma noite só, também temos que ter esse tipo de artigos (LUCAS, 2015).

A mulher é a parceira, está no mesmo patamar que o homem, sem diminuições de importância ou objetificação do seu papel. Recusamos alimentar preconceitos ou pensamentos retrógrados e conservadores. Igualdade e liberdade acima de tudo, sem que um ou que outro seja superior (VARZIM, 2016).

A primeira coisa que meu diretor [Pedro Lucas] me disse quando entrei na revista foi “Primeiro tens que pensar como um homem. És uma mulher mas chegas aqui e viras o chip para homem”. Nesse sentido, seja um homem ou uma mulher que está ali a trabalhar, o perfil tem de ser o de alguém que pense como um homem [Pronto. E tu estás aqui há cinco anos, o que significa que tens pensando como um homem. Assim, hoje, para ti, o que seria pensar como um homem?] Olha, não sei. Quando eu entrei, por exemplo, peguei muito em artigos de sexo. E, nesse sentido, até dá jeito, porque estou do outro lado [...] Nesse sentido, escrevo como um homem, uma vez que meu texto é para eles, mas com um input de mulher que ao cabo vai ajudar. Em relação ao sexo, foi o tema em que mais vesti a camisola de homem: “Ok, vamos lá ajudar” (DÓRIA, 2016).

Gonçalo Claro (2016), fotógrafo de *Men's Health Portugal* entrevistado, por sua vez, aponta que a mulher, nas páginas da revista, funciona como “um miminho para os homens, afinal, todos os homens gostam de vê-las, e essa é a verdade”. O ensaio de Bárbara Lourenço, mulher MH da edição de março de 2016, e, mais do que isso, o olhar da modelo mostram que se, por um lado, uma certa submissão precisa ser apagada dos corpos masculinos, dos femininos, em contrapartida, ela se configura como um elemento importante a ser buscado.

Depende do olhar, depende da posição, um simples abrir de braço, uma mão na cabeça, isso pode assumir um tom mais sexual. No caso de Ortigão, por exemplo, o braço está erguido. Mas o olhar está forte, está marcando posição. Na minha visão, como já disse, tudo o que assume esse ar mais submisso, assume um ar mais sexual. Talvez mais feminino [...] Na mulher, por outro lado, buscamos que ela seja um pouco teaser, um pouco provocadora. Sexy, sem ser vulgar. Não gostamos de poses muito vulgares. O próprio ambiente, como uma praia, por exemplo, vai ditar a linguagem da fotografia. Mas estando naquele imaginário do que irá agradar a um homem [...] [sobre o olhar submisso, que no homem é evitado...] sim, busca-se às vezes, sim. Se fizer sentido na produção sim. Agora imagina. Se for, por exemplo, o ensaio de uma mulher forte, a fazer exercício, e uma mulher que tenha um corpo incrível, não faz sentido esse olhar submisso. Agora, se for uma mulher sexy, voluptuosa, como a da edição de fevereiro, já faz mais sentido que exista esse olhar (CLARRO, 2016).

Imagem 12 – De joelhos.

REVISTA 100% ÚTIL

MARÇO 2016

Men's Health



FIQUE EM FORMA

VEJA RESULTADOS EM 28 DIAS!

- ▶ 16 exercícios para recomeçar a treinar
- ▶ Braços fortes!
- ▶ Novas ideias para ficar definido

#21

REGRAS ESCALDANTES QUE ELA QUER QUEBRAR!
(E NUNCA LHE DISSE)

P91

QUER MUSCULO? COMA ISTO!

Plano semanal de nutrição para ganhar volume P58



ATENÇÃO!

Para Bárbara Lourenço, você precisa disto...

PAULO PIRES UM NOVO CORPO

Como se preparou para a capa aos 49 anos!

BLINDE A SUA SAÚDE

6 sintomas que não deve ignorar P70

VISTA-SE MELHOR

Egaste menos! P106

Fonte: Mens Health. Lisboa: Editora Motorpress. Ano 14, ed. 177, 2016.

Junior, igualmente, ao elaborar sentidos sobre a masculinidade, atua em uma posição que, assim como a revista *Men's Health Portugal*, eleva a sexualidade e a prática sexual a um importante espaço naquilo que se refere a sua constituição.

Sócrates Nolasco (1993), ao abordar o mito da masculinidade, aponta que, além de uma busca pelo prazer em si, naquilo que se refere à construção da identidade masculina, a prática do sexo opera por um lugar que é o da dominação, da ascendência e do controle sobre o corpo do outro. A primeira relação sexual, nesse cenário, teria, portanto, um papel fundamental, tendo em vista que seria uma etapa necessária para a aquisição de uma virilidade que é essencial para tornar-se homem. Dar continuidade a isso, por conseguinte, ao longo de toda uma vida, também consiste em importante medida para que uma posição hegemônica de masculinidade possa ser buscada.

Para Nolasco (1993), ao invés de pretensa liberdade sexual, desde a sua socialização como menino, os homens seriam instigados, continuamente, a um discurso de estimulação sexual. “O controle da subjetividade dos homens é feito pela incitação e valorização do discurso sexual de aspecto eminentemente machista” (NOLASCO, 1993, p. 68). Ter muitas relações sexuais, ter um número grande de parceiras (em se tratando de um cenário heterossexual) e ser um excelente amante configuram-se como importantes elementos no que tange uma masculinidade ideal. E claro que há mais.

Outro aspecto presente no contexto do desempenho sexual é a preocupação com uma suposta normalidade, que fica referida ao folclore de que um homem deve ter inúmeras relações sexuais em reduzidos intervalos de tempo, chegando ao orgasmo em todas elas. Também nas relações sexuais estão embutidas noções de produtividade e eficiência a serem apresentadas ao outro. Para tanto, o tamanho dos genitais define ou não o sucesso dessa empreitada que se inicia com diferentes rituais afrodisíacos, mantenedores da potência masculina, uma verdadeira odisséia [...] (NOLASCO, 1993, p. 70).

Em *Men's Health Portugal*, entretanto, a sexualidade formada é a heterossexual, e outras possibilidades, em específico a homossexualidade, são apagadas em *Junior*, ainda que, tal qual visto em *Cópia da Cópia*, o desejo seja orientado àqueles sujeitos que mais se aproximam de uma *performance* viril e máscula, a prática abordada é a do sexo entre homens.

Uma peculiaridade que convém ser destacada aqui diz respeito ao modo de produção e ao caráter participativo dos repórteres, tal qual já mencionado na seção anterior deste texto, em muitas reportagens da *Junior*.

Imagem 13 – Repórter safado...

{ TEST DRIVE }

1999 Felipe Diaz

Quer uma mãozinha?

Repórter safado se joga em clube de masturbação no Rio de Janeiro onde todo mundo oferece aquela mão amiga e gostosa

Masturbação, bronha, descascar banana, descabelar o palhaço, quebrar o azulejo (que pressão, hein?), bater uma, estrangular o careca, 5 contra 1... Cada uma tem a sua forma simpática de se referir à boa e velha punheta. Alguns a criticam dizendo que é coisa de adolescente, ou que não satisfaz. Outros alegam que mais vale uma boa punheta do que um sexo meia boca. Já os sexólogos afirmam que a prática é uma forma de autocomhecimento. Que atire a primeira pedra quem nunca curtiu um sexo solitário!

O carioca C., 49 anos, professor da rede pública, é tão fascinado pela masturbação que adotou o apelido Negão Nabronha, e organiza desde 2011 encontros regulares para aqueles que partilham do mesmo prazer, além de manter o blog Tocadores Oficiais de Punheta (www.topr.blogspot.com.br).

Negão Nabronha é gay, ativo e tem predileção pelo gouinage e voyeurismo, além, claro, de ser punheteiro convicto. "Uma boa punheta com toques íntimos pode ser melhor que penetração. Mas não digo com isso que tenha abolido completamente a penetração. Apenas a coloco em segundo plano", explica Negão, que quase toda noite se masturba de duas a três vezes. "Mas se estiver com o tesão alto, pode ser mais. Conheço caras que se masturbam muito mais vezes que eu. Me considero dentro de um padrão "normal" (risos)".

42 JUNIOR revista junior.com.br

Fonte: *Junior*. São Paulo: Editora Mix Brasil. Ano 08, ed. 63, 2014, p. 42.

Quer uma mãozinha? Matéria cuja primeira página está reproduzida acima, dá o tom de como, em muitos casos, a apuração jornalística empreendida requer uma participação mais intensa por parte do repórter.

Da mesma maneira, naquilo que diz respeito à constituição de uma masculinidade, tendo em vista o público leitor, parece existir uma concepção inquestionável de que, por serem *gays*, os leitores deveriam estar interessados em ter, fundamentalmente, dentre os assuntos abordados na revista, “aventuras” sexuais e/ou discussões que apontem para uma vivência sexual intensa e, mais que isso, para indicações das formas possíveis de obtê-la.

Quanto vale, reportagem em que, ao se passarem por garotos de programa, três repórteres da *Junior* encarnam a personagem em uma sauna, em um parque e em uma sala de bate-papo virtual; *Bichas do Mato*, matéria realizada, por três repórteres, em três diferentes parques do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Salvador, acerca da “pegação” nesses lugares e *No banheiro dos estádios*, em que novamente três repórteres vão a jogos de futebol no Pacaembu, no Morumbi e no Engenhão, a fim de confirmar as lendas que cercam banheiros de estádios de futebol, apontam alguns desses elementos mencionados.

Um Citroen C3 de cor escura para, e nós dois nos aproximamos para ver um homem de uns 45 anos, inicialmente calvo e com braços peludos. Bem charmoso e educado, supergentil na hora de dizer as coisas. Eu queria mesmo era dizer que eu não era michê coisa nenhuma e que a gente deveria namorar, casar e ter uma casa e um cachorro. Mas Júnior deu aquela retraída nos músculos dos braços e o que era o meu namorado por dois segundos não viu mais nada dali adiante (FILHO; OLIVEIRA; ALVES, 2010, p. 56).

Assim que a porta do banheiro fechou corri como nunca tinha feito antes. Peguei minhas roupas, saí de cueca pelo corredor, coloquei a calça e a camiseta nas escadas. Limpando o suor do rosto, passei pelo recepcionista e usei a mesma desculpa “Tô indo buscar um negócio e já volto”. Paranoico, suando e tremendo, saí do hotel. Corri durante uns cinco quarteirões. Nessa hora, dei-me conta do perigo que corri. Cheguei em casa me sentindo um lixo. A obrigação de aceitar quem não te agrada é humilhante. Que ninguém pense que esta vida é fácil (FILHO; OLIVEIRA; ALVES, 2010, p. 57).

Enquanto fazia caminhada, reparava na movimentação local. Aos poucos a terceira idade e alguns atletas foram sumindo.

Daí comecei a perceber que os caras começavam a ficar com olhares nervosos. Além disso, vez ou outra eu passava por um atleta mais interessante e, ao virar a cabeça para conferir, via que ele fazia o mesmo. Sinal clássico de pegação. Como eu era o novato ali, teria que esperar alguma alma caridosa disposta a me apresentar às quebradas do bosque. E não demorou muito para que um cara encharcado de suor e com coxas grossas me desse o sinal (leia-se olhar para mim). E lá fui eu! (FILHO; DIAS; COUTINHO, 2012, p. 46)

Se você está na área, o povo parte para a decisão. Foi assim que aconteceu com Jonas, um estudante que se dizia hétero, mas que gostava de ir ali, pois adorava ser chupado por homens. E com uma voz safada me provocava: “Está sentindo? Imagina ela toda em sua boca”. Dei um bom ninja com a desculpa “Vou sair daqui, pois o vento frio está atacando minha garganta”. Fui saindo quando ele me puxou pelo braço e disse que eu não sabia o que estava perdendo (FILHO; DIAS; COUTINHO, 2012, p. 47)

Na fila de espera para usar o banheiro químico, me deparei com vários tipos que povoam nossas fantasias e desejos. O local estava completamente lotado e caótico. Um empurra e esfrega que me deixou assustado e, ao mesmo tempo, mais excitado. Durante a espera, percebi que um morenã o me olhava com cara de safado, retribuí o olhar e ele se aproximou. Ficou bem atrás de mim e começou a se encostar discretamente, e eu que já estava animado com as latas de cerveja que havia ingerido, permiti que ele se encostasse mais. Percebi que o volume em sua calça aumentava e não me fiz de rogado e pus minhas mãos para trás para poder comprovar a grandiosidade do fato. Infelizmente tudo aconteceu muito rapidamente, pois logo chegou minha vez de entrar no banheiro. Quando saí, ele não estava mais ali (DIAS; OLIVEIRA; ALVES, 2012, p. 46).

Três homens estavam no banheiro. Um dos rapazes era meio feioso, mas o outro era super “fazível”: negro, uns 25 anos no máximo, calça de moletom e boné. Me coloquei no mic-tório em frente ao reservado do bonitinho. Sempre de olho no gato do reservado. Ele parecia tímido ou inseguro com a possibilidade de alguém aparecer e ver toda aquela ação. Foi quando resolvi mandar tudo às favas e praticamente entrei no reservado junto com ele, com as calças até o Joelho.

“Fica esperto para ver se vê alguém”, me pediu. Os outros dois que estavam no banheiro obviamente assistiam a tudo. Quando eu já estava completamente envolvido na carícia que estava recebendo, tomamos um baita susto, todos os quatro: do nada, a torcida solta um daqueles “uhhhhhh” típicos de quando um gol é perdido. Mas foi tão alto e parecia ter sido tão perto de nós que cortou todo o clima. O cara não levou mais do que uma fração de segundo para levantar, puxar as calças para cima e deixar o banheiro. Os outros dois também acharam melhor sair dali e eu fiquei só (DIAS; OLIVEIRA; ALVES, 2012, p. 47).

Sobre o nível de envolvimento ao longo da produção dessas reportagens, em geral veiculadas nas editorias *Test Drive* e *Sex Drive*, os repórteres Irving Alves (2014), Felype Falcão (2014) e Nelson Neto (2014) dizem dos modos como encaravam o trabalho. Para o editor Hélio Filho (2014), o importante, para a revista, era a entrega do texto, cabendo ao repórter saber como, em cada contexto, deveria agir.

Nessa matéria sobre sauna, por exemplo, eu tinha que me aproximar das pessoas, saber como elas eram. Eu não disse que era repórter. Vivi essas experiências como um participante daquilo, eu queria ser visto como mais um homem que estava lá, querendo fazer alguma coisa. Eu tentava criar aquela mesma personagem que eu falava antes, para que também o leitor não personificasse, em nós, aqueles sujeitos. Eu nunca problematizei, por exemplo, que não poderia me aproximar do cara da sauna, que não poderia tocar no peito dele, entender o modo de operação daquele espaço, de seduzir, sensualizar, enfim, por estar namorando, por exemplo. Apaga! Quem está ali é uma personagem (FALCÃO, 2014).

Na *Festa Fetiche*, eu conheço um cara, menciono esse cara. Ele some do texto e vai aparecer lá no final. Então eu deixo o leitor pensar no que aconteceu, se a gente foi para um motel ou não. Nas pautas mais densas que fiz, indo para sauna, por exemplo, eu não afirmo se fiz sexo ou não. [e em alguns momentos você fez?] Fiz? [não sei, tô perguntando] Ah, se eu fiz de fato? Fiz sim, em todos. Mas enfim, eu indico o caminho para o leitor, mas a responsabilidade é toda dele [...] Na pauta da *Festa Luxúria*, por exemplo, o objetivo da pauta era saber sobre uma festa fetichista, o importante não era saber

se eu havia ido ou não com o cara para um motel, mas, né, acho importante mostrar para o leitor que você pode pegar alguém lá e ter a sorte na noite. (NETO, 2014).

Lembro bem desta matéria. Aliás, os *Test Drive*, seção na qual testávamos produtos ou situações, era o que mais me encantava na *Junior*. A pauta foi ideia do editor na época, e eu a comprei na hora. Confesso que fiquei bastante nervoso na hora de procurar alguém para pegação em pleno estádio, achei que poderia apanhar. E poderia mesmo, se a pessoa errada tivesse me flagrado com a mão na massa. Surpreendentemente, não vi nenhuma diferença entre o banheiro do estádio com qualquer banheiro de shopping conhecido pela pegação. Talvez a única diferença é que, no estádio, a coisa rola ainda mais discretamente do que em outros lugares. Foi preciso atenção para identificar os códigos, que começavam a surgir ainda na arquibancada. No intervalo do jogo, que pelo que me recordo, era entre São Paulo e Vasco da Gama, foi fácil perceber que os últimos mictórios, os mais escondidos, eram usados para uma brincadeira rápida e sem maiores envolvimento. Tesão no nível máximo. Outras matérias de formato parecido: a das igrejas, na qual eu e um amigo fingimos ser um casal em plena missa numa igreja católica e tradicional de São Paulo; e a do beijo *gay* em balada hétero. Em comum, todas elas têm o fato de que foi necessário superar o medo de enfrentar uma atitude homofóbica. Ao mesmo tempo, no entanto, foram elas que me permitiram me colocar numa situação que eu não viveria, e essas experiências eu vou levar para sempre, pois as reações a que eu assisti ajudaram a formar minha identidade como *gay* e como cidadão. Elas reforçaram em mim a ideia do quanto veículos *gays* são importantes para uma comunidade, sobretudo em um país como o nosso, que ainda tem tanto a evoluir no que se refere à integração do homossexual na sociedade. (ALVES, 2014).

Eu não estou fazendo um jornalismo de cobertura de guerra, um jornalismo que pode causar um incidente diplomático, um jornalismo que mexe com as finanças públicas. Eu estou fazendo um jornalismo de *life style*. Claro que temos política, estamos de olho em questões bem importantes, mas eu não tenho esse compromisso de ser uma parede sem sentimentos que só escreve. Pelo contrário, quando eu deixo isso de lado, meu leitor me responde melhor. [Então não é um problema que o repórter goze enquanto apura a matéria?]

Não, eu só falo para eles: quer fazer, faça, mas a matéria antes. É como sexo antes do casamento: pode, desde que não atrase a cerimônia. Sexo em pauta? Pode, desde que não caia a matéria. Se me entregar a matéria, tudo bem fazer sexo com a pessoa. E pode ficar explícito no texto, sem problemas (FILHO, 2014).

Sob a editoria *Test Drive* ou, ainda, sob a editoria *Minha Primeira Vez*, então, de modo mais específico, os repórteres vivenciavam experiências muitas vezes inéditas para si. Como apontam Nelson Neto (2014) e Gean Gonçalves (2014), a partir de dado momento, tais seções passam a ser encargo dos estagiários, os *focas* da redação, posto que ambos ocuparam em suas trajetórias na revista. Foi assim, por exemplo, que Gonçalves foi, pela primeira vez, a uma festa voltada à comunidade ursina; que esteve em uma sauna *gay* e que em uma festa de descamisados, ainda que “franzino”, tal qual é dito no texto, ficou sem camisa.

A maior surpresa da noite se deu por volta das 2h30: vestidos de *cowboys*, quatro *bears dancers* apareceram no palco do clube e iniciaram uma *performance* sedutora ao som do puro *country* dançante. O delírio da plateia foi contagiante. A festa virou uma *The Week*, só que ao contrário. Os *bears* na pista começaram a abrir suas próprias camisas, revelando seus peitorais repletos de pelos e com barrigas salientes. A festa terminou para mim por volta das 3h30. Já “desvirginado”, deixei os ursos se divertindo. Parti dali para outra festa onde me encaixava melhor e tinha reais chances na paquera (GONÇALVES, 2012, p. 58)

Nesse cenário de buscas e de realizações de fantasias sexuais, igualmente, além da relação direta com um projeto de masculinidade dominante (ainda que, especificamente, aqui se esteja falando de homossexualidade), há que se ponderar sobre a relação que, aí, se estabelece com a juventude e com seus ideais. *Junior*, jovem desde o seu título, inscreve os corpos que então mobiliza na máxima que Edgar Morin (1997, p. 157) aponta como sendo a tônica da cultura de massa: “Sejam belos, sejam amorosos, sejam jovens”. Ao contribuir para o rejuvenescimento de uma sociedade, tal lógica

retarda continuamente a velhice, causando um prolongamento da infância e da juventude junto ao adulto.

Richard Miskolci (*on-line*), em *Reflexões Queer sobre a Revista Junior*, ao comentar a pesquisa realizada sob sua orientação por Flavia Azevedo (2010), discorre sobre os apontamentos surgidos no instante da arguição. Miskolci (*on-line*), em posição que coaduna com aquilo que se observa aqui, percebe, em *Junior*, uma revista que, ainda que não voltada apenas para adolescentes, dirigir-se-ia a homens que adotariam “modelos corporais e comportamentais aprisionados em um culto da juventude-imaturidade” (MISKOLCI, *on-line*). Mesmo que voltada em grande medida para adultos, portanto, uma certa lógica juvenil, perceptível ao longo de algumas reportagens, tais como aquelas inseridas nas editoras acima mencionadas, expõe ainda mais sobre o público ao qual a revista se dirige.

Daí sua abertura a referências “fora de época” e a uma problemática afetivo-sexual que se mistura, inevitavelmente, com a busca por formas de encontrar uma nova inserção social na sempre ameaçada condição da homossexualidade (MISKOLCI, *on-line*).

Em um movimento de delimitação daqueles corpos que importam, bem como daqueles espaços permitidos ou interditados ao trânsito dos sujeitos, os outros, os que estão para além das margens, são extremamente necessários. Ainda que silenciados e muitas vezes totalmente apagados, sobre eles, quando questionados, os profissionais envolvidos na produção de *Men's Health Portugal* e de *Junior* têm muito a dizer, ou, em alguns casos, pouco a dizer. E, pouco dizendo, dão a ver os sentidos que ali se manifestam. Isso será discutido na quarta e última categoria proposta.

4.4 Vidas para além do centro: possibilidades e impossibilidades da existência e da compreensão dos outros corpos

No matter gay, straight or bi
Lesbian, transgendered life
I'm on the right track, baby
I was born to survive
No matter black, white or beige
Chola or orient made
I'm on the right track, baby
I was born to be brave
I'm beautiful in my way
Cause God makes no mistakes
I'm on the right track, baby
I was born this way

(GAGA, Lady. Born this way.)

A condição precária da vida nos impõe uma obrigação. Devemos nos perguntar em que condições torna-se possível apreender uma vida, ou um conjunto de vidas, como precária, e em que condições isso se torna menos possível ou mesmo impossível [...] quero demonstrar que, se queremos ampliar as reivindicações sociais e políticas sobre os direitos à proteção e o exercício do direito à sobrevivência e à prosperidade, temos antes que nos apoiar em uma nova ontologia corporal que implique repensar a precariedade, a vulnerabilidade, a dor, a interdependência, a exposição, a subsistência corporal, o desejo, o trabalho e as reivindicações sobre a linguagem e o pertencimento social.

(BUTLER, Judith. Quadros de guerra.)

Conforme já apontado, Judith Butler (1993; 2000; 2012; 2015), ao empreender sua discussão acerca dos sexos e dos gêneros, dos corpos e das vidas, chama a atenção para um movimento que, ao delimitar quem está dentro da norma, sendo englobado por um invólucro que segrega os

integrados e excluídos, e quem não está define quais vidas são dignas de pranto e quais não são.

O peso dos corpos, nesse cenário, será conferido, proporcionalmente, mediante distanciamento das bordas que separam as vidas que importam daquelas tidas como abjetas. Igualmente, nesse sentido, Butler (1993) lembra que, ao mesmo tempo em que daquele lugar o indivíduo deve manter distância, para efetivamente ser compreendido como um cidadão, esse exterior repulsivo tem um papel constitutivo da identidade que é dominante, afinal, assim como lembram Hall (2000) e Silva (2000), a identidade é estabelecida também pela diferença. Para saber aquilo que se é, há que definir do mesmo modo aquilo que não se é ou aquilo que não se deseja ser.

No que tange as masculinidades, Connell (2003) sugere que se pense o “outro” desta maneira: ao falar em uma masculinidade subordinada, o autor faz referência a uma dominação que se dá, especificamente, entre homens. De modo verticalizado, tendo em vista as posições então ocupadas pelos sujeitos, ele argumenta que, nesse lugar de subalternidade, sejam percebidos os homossexuais que, por uma série de práticas, estariam relegados a um lugar inferior.

Ao mencionar todo um conjunto de exclusões, dentre o qual salientam a cultural e a simbólica, a legal e a econômica, Connell (2003) assevera como, sob uma visada patriarcal - ao que se acrescenta heteronormativa (WARNER, 1991) -, os homossexuais, distanciando-se do masculino e aproximando-se do feminino, assimilariam em suas identidades tudo aquilo que é desprezado por uma masculinidade hegemônica.

Welzer-Lang (2001), coadunando com essa perspectiva, ressalta que, além do controle sobre as mulheres, a masculinidade dominante ascende a essa posição por meio da homofobia. Ao abordar a saída dos meninos do mundo das mulheres, e o ingresso destes na casa dos homens, Welzer-Lang (2001) diz como, desde essa integração primeira, mesmo que em face de diversas experiências de homosocialização, cria-se uma repulsa a tudo aquilo que gere uma aproximação com o feminino e com aquele lugar. Para Kimmel (1998, p. 116), igualmente, pois,

[...] desde a virada do século até hoje em dia, são as mulheres e os homens *gays* que têm servido como as visões clássicas da identidade de gênero subalterna. As mulheres e os homens *gays* são os outros clássicos, o pano de fundo contra o qual os homens brancos heterossexuais projetam as suas ansiedades de gênero [...] As mulheres emasculam os homens representando o lar, a vida doméstica, a obrigação familiar, assim como uma carnalidade insaciável. Os homens *gays* são bichinhas passivas e efeminadas assim como são sexualmente insaciáveis e predatórios.

Outrossim acredita-se que seja relevante que se percebam os homens transexuais. Em uma lógica cisgenerificada e heterossexista, que opera de um lugar em que se estabelece uma relação “natural” entre aquilo que se define como um sexo e um gênero, os sujeitos que não compreendem a si mesmos como enquadrados nas designações que lhes foram impostas, são alvos de sanções sociais e políticas ainda mais intensas.

Henry Rubin (2003), em pesquisa acerca de homens transexuais, ressalta as dificuldades impostas, tendo em vista as repressões familiares, as imposições econômicas e as restrições institucionais, ao processo de aquisição de uma identidade de gênero vivenciado pelos sujeitos acessados. Ao entrevistar vinte e dois homens transexuais, Rubin (2003) diz da busca de seus interlocutores pela invisibilidade, tendo em vista o caráter considerado “perigoso” de suas identidades, bem como destaca a importância que há em considerar suas narrativas sobre si mesmo, tendo em vista toda uma ordem discursiva que relega seus corpos ao espaço do abjeto.

João W. Nery, ao descrever sua viagem solitária em busca da aquisição da identidade masculina que lhe era condizente, conta, no capítulo sobre a sua infância, sobre a sua não compreensão acerca do fato de lhe tratarem como se fosse uma menina. “Faziam questão de me ver como nunca fui!” (NERY, 2011, p. 32). Ao passo que descreve seu interesse por atividades culturalmente tomadas como masculinas, bem como que narra seu desinteresse pelas roupas femininas que tentavam lhe impor, Nery (2001, p. 33) destaca a incongruência com um corpo que se desenvolvia a revelia de seu gênero. “Aos poucos fui sentindo vergonha do meu corpo. Não ficava nu diante de ninguém. Era como se tivesse um defeito físico, um aleijão”.

Connell (2003), também, aponta uma masculinidade que percebe como marginalizada, tendo em vista elementos como questões étnicas e socioeconômicas. Além da orientação sexual e de uma vivência de gênero asseverada pela virilidade, naturalmente, questões como etnia e classe social são componentes relevantes naquilo que tange a posição hierárquica possível de ser experimentada por um homem.

Trabalhos produzidos por intelectuais feministas negras, tais como Angela Davis (2016) e Bell Hooks (1995; 2000), por exemplo, geraram uma importante ruptura, justamente, ao expor que, além do gênero, a interseccionalidade desse com elementos como etnia e classe social são fatores essenciais que atravessam e que constituem os indivíduos. Na esteira dessas reflexões, a discussão acerca da masculinidade em relação à etnia, presente em obras como as de Robert Staples (1982), Michael Awkward (2000) e Anthony J Lemelle (2010), mostra-se igualmente relevante, uma vez que propiciaram novos lugares para que se pudesse pensar sobre o masculino.

Em se tratando daquilo que pode ser constatado no campo empreendido às revistas *Men's Health Portugal* e *Junior*, observou-se que ambas as publicações relegam determinados espaços àqueles que tomam como sendo os “outros” ou, em outras situações, apenas os apagam de seu discurso.

Spivak (2010), ao questionar se poderia o subalterno falar, diz como a sua fala, para existir, deve passar pelo discurso hegemônico. Eni Orlandi (2007), estudiosa da linguagem e do discurso, ao refletir sobre os movimentos dos sentidos no contexto dos silêncios, ressalta como os não ditos, na verdade, dizem muito sobre as possibilidades de construção de significados.

Ao calar e ao não dar voz/visibilidade a determinadas configurações de masculinidades, as revistas hétero e homossexual estudadas dizem quais corpos, em seus discursos e práticas, importam e quais não importam. Ao produzir essa visibilidade, sob determinadas circunstâncias, da mesma maneira, elas apontam como esses sujeitos devem ser percebidos e englobados em uma lógica social e política que é hierárquica e verticalizada.

Assim como vem sendo exposta desde a descrição do ingresso em campo, a revista *Men's Health Portugal* é partícipe de um processo de constituição de uma masculinidade hegemônica. Com base nas falas de

seus agentes e nas edições veiculadas durante a estada em Lisboa, constatou-se que, para a constituição daquele homem que lhe soaria como ideal, da mesma forma, fazia-se necessário falar sobre aqueles homens que, nos termos de Connell (2003), ocupariam posições subordinadas e/ou marginais em relação a ele.

No que se refere à orientação sexual, como já discutido, *Men's Health Portugal* opera por uma visada heterossexista. As relações possíveis, descritas em suas páginas, são aquelas que envolvem homens e mulheres cisgêneros que ocupariam lugares bem delimitados.

Os leitores homossexuais, para o editor Pedro Lucas (2015), poderiam, uma vez que ele os considerava suficientemente inteligentes para tanto, perceberem que a revista era voltada para homens em geral e, assim sendo, frente aos textos sobre relacionamento heterossexual, eles conseguiriam, ao lê-los, fazerem as “adaptações” necessárias. Quando questionados se haveria, por exemplo, alguma pesquisa que apontasse a percentagem de leitores homossexuais, bem como quando perguntados sobre a abordagem da homossexualidade na revista, Pedro Lucas (2015), Ana Dória (2016) e João Parreira (2016) deram as seguintes respostas:

Sinceramente não tem e é um tema que, usando um termo diferente, estou nas tintas mesmo, não quero nem saber. Cada um faz o que quer, tem o direito de escolher e de comprar o que quiser. Os gays são pessoas fantásticas que compram a revista MH, como compram a revista Visão, que assistem a SIC e a TVI e que tem o direito de fazer o que quiserem. Em termos editoriais opto por não ter uma seção específica para eles porque não me faz sentido. A revista fala para todos (LUCAS, 2015).

Não sei dizer se há uma quota homossexual que compra a MH. Nós não temos problemas nenhum com isso, aliás, já pensamos em abordar o tema de vários ângulos. Ele não está esquecido [...] pois, ainda não abordamos a questão. Mas não temos, de todo, nenhum artigo que vá contra, isso é que não. Mas andamos a pensar todos os meses “o pá, temos que abordar de alguma forma, até para mostrarmos que não temos problemas com isso” (DÓRIA, 2016).

Pesquisas assim, em termos de números, não temos. Mas certamente que eles também compram [mas, por exemplo, matérias específicas não são escritas?] Matérias específicas não, ainda não abordamos esse tema, pensamos sobre, mais ainda não abordamos [e foi pensado em que sentido?] bom, é um tema cada vez mais em voga, é que cada vez mais normal, não há problema nenhum, nem complexos ou tabus. (PARREIRA, 2016).

Nos meses de outubro de 2015 e de março de 2016, em dois momentos, apesar das falas de seus produtores, de formas distintas, a homossexualidade foi discutida em *Men's Health Portugal*. Sob a editoria *Sexo + Fantasias*, o texto *6 coisas a não dizer ao seu amigo gay*, trazia afirmações “comuns” que não deveriam voltar a ser ditas, uma vez que tornariam quem as dissesse “o inconveniente do grupo”.

As seis afirmações a serem evitadas seriam: *Então, qual de vocês é o homem da relação?; Deve ser bom poder estar com qualquer pessoa, a qualquer altura; Aposto que te vais dar bem com o meu amigo. Ele também é gay!; Tem a certeza de que és gay? Ainda não te vi com uma mulher; Não fazia ideia de que eras gay! É que não pareces nada desse tipo; Como pode ser gay se tu és...* As reproduções abaixo dão o tom do texto.

Então, qual de vocês é o homem da relação? Surpresa: são ambos! Mas quando faz esta pergunta está geralmente curioso em relação aos papéis de cada um no sexo, certo? A resposta não é assim tão simples. Segundo o estudo *Archives of Sexual Behavior Study* cerca de 40% dos gays são versáteis, sendo que cada um é, à determinada altura, ativo ou passivo. A Universidade de Yale demonstrou num inquérito que há mesmo quem mostre desagrado face à possibilidade de os homossexuais gostarem de trocar de papéis. Se não está preparado para ouvir a resposta, é melhor nem perguntar. Mas lembre-se de uma coisa: também gosta de inovar na cama, certo? (TEIXEIRA; JUZWIAK, 2015, p. 56)

Não fazia ideia de que eras gay! É que não pareces nada desse tipo. Seguimos determinados estereótipos para identificar a orientação sexual das pessoas, mas esses fatores são exatamente isto: estereótipos. O que é parecer gay? Envolve pente-

ar as sobrancelhas ou gostar de música pop? Pode ser difícil ter a certeza da orientação sexual de uma pessoa só de olhar para ela. A verdade é que pode estar perante alguém que dá para os dois lados ou que apenas goste de cuidar de si. Já estive com uma mulher que à primeira vista parecia uma santa, mas que acabou por se revelar o contrário. A verdade é que nem tudo é o que parece e com a orientação sexual acontece o mesmo TEIXEIRA; JUZWIAK, 2015, p. 56).

Na mesma editoria, mas em março de 2016, *Mariquinhas pé de salsa*, texto do cronista e humorista Luís Coelho (2016, p. 62), discute como os homens têm se tornado “maricas”. “Na minha turma do liceu, havia um gajo que só fazia o que a mamã e o papá lhe diziam [...] a única vez que apalpou uma miúda foi porque o empurraram. No meu tempo, um tipo assim era um mariquinha. E o remédio era um xarope à base de calduços”. Uma série de elementos desqualificadores, associados a um “maricas”, é elencada no texto e está reproduzida aqui.

Os homens estão cada vez mais maricas. O que é muito diferente de ser homossexual. Aliás, há homossexuais muito menos mariquinhas do que alguns heterossexuais. O que, por si só, é um forte indicador de que estamos perante uma crise de masculinidade. Estamos entregues aos mariquinhas, aos medricas, aos atadinhos, aos choninhas e aos pannonhas (COELHO, 2016, p. 62).

E viver em um mundo onde nos tentam impingir cada vez mais mariquices também não ajuda nada. Tentativas que vão longe demais, quando até com a barba rija de um homem se metem. É impossível fazer uma barba de homem com uma máquina de barbear que vem numa caixa que diz que é para fazer *grooming* e *styling* e *trimming* da barba. Uma vez experimentei uma dessas no pelo e andei uma semana com vontade de ver uma novela (e das portuguesas) (COELHO, 2016, p. 62).

Se, por um lado, no primeiro texto, há um movimento que visa a esclarecer questões sobre o “universo” homossexual, dizendo ao leitor da revista coisas que não devem ser perguntadas ao “amigo gay”, uma vez que seriam

grosseiras, mas explicando-as, para sanar sua curiosidade, no segundo, há uma desqualificação de indivíduos que adotariam, fossem heterossexuais ou homossexuais, comportamentos “maricas”. “Maricas”, nesse sentido, não faria referência específica ao homossexual. O termo, forjado com base na nomeação de *gays* e de sua relativa desqualificação, é reiterado com essa intencionalidade: diminuir aquele ao qual se refere. Seria uma injúria, nos termos de Eribon (2008). O “maricas”, aí, seria aquele sujeito que, ao adotar comportamentos e práticas consideradas inadequadas sob uma visada hegemônica de masculinidade, mereceria o desprezo. Em ambos os textos, entretanto, o homossexual seria sempre o outro, seria aquele com o qual não deve haver identificação.

Em 2015, a versão estado-unidense da revista *Men's Health* promoveu um concurso que, assim como aquele realizado em Portugal, ao escolher um leitor para ser a capa de uma de suas edições, diria quem seria o seu “homem definitivo”.

Aydian Dowling, que possuía um corpo que coadunava com o modelo estético promovido pela revista e, mais do que isso, que parecia inscrever-se no padrão de masculinidade hegemônica constituído em *Men's Health*, era um dos concorrentes.

Em uma das etapas da competição, na qual os candidatos receberiam votos *on-line* do público em geral, Aydian estava em primeiro lugar, com uma grande margem de diferença em relação ao segundo candidato. Conforme as etapas avançavam, contudo, Aydian perdeu a colocação e não foi o vencedor. A especificidade da questão, e inclusive propulsora da intensa campanha virtual pró-Dowling, refere-se ao fato de ele ser o único homem transgênero da seletiva. Em outubro de 2015, em face da não vitória, ele fez a seguinte declaração em sua página oficial no *Facebook*.

Como alguns de vocês já devem saber, eu não ganhei o título de *Men's Health Ultimate Guy 2015*. É claro que eu tenho sentimentos de desapontamento pelo que poderia ter sido uma oportunidade incrível para a nossa visibilidade enquanto comunidade. O trabalho que nós investimos nos últimos 6 meses foi e ainda é completamente relevante para nosso movimento por plenos Direitos e Igualdade de Transgêne-

ros. Eu gostaria de parabenizar o vencedor – Tim, e TODOS os outros caras que compartilharam essa jornada incrível comigo! Por sua dedicação a suas comunidades e pela nova família que criamos. Eu também gostaria de agradecer cada uma das 72 MIL pessoas que votaram em um homem trans e o colocaram no topo da Lista da Escolha do Leitor! Por favor, lembrem-se que essa luta por direitos, inclusividade e visibilidade de transgêneros não acabou! Nossa comunidade, junto de nossos aliados, deixou uma marca grande nas mentes e corações da mídia hegemônica. Nós nos unimos e mostramos que temos uma voz ALTA e ORGULHOSA. Vamos continuar essa luta e juntos estaremos todos unidos em nossa jornada rumo à autenticidade (DOWLING, 2015, *on-line*) (tradução livre).

Aydian, que obteve o segundo lugar, teve sua fotografia publicada nessa edição específica, nas páginas internas, assim como os demais finalistas. Em uma edição especial, voltada a colecionadores, ele e os demais candidatos que obtiveram as cinco primeiras posições estavam presentes em uma capa¹⁹.

No momento da entrevista com Pedro Lucas (2015), ao mencionar esse concurso, que na ocasião ainda estava em andamento, perguntei ao editor da versão lusa de *Men's Health* sua opinião sobre o fato, que seria algo inédito para a revista. Lucas (2015), então, afirmou que

[...] não há nenhum preconceito. Se ganhar eu acho muito bem. Ano passado foi um militar amputado quem ganhou. Portanto acho que também é uma resposta da MH. Falar para todos, sem preconceitos. E aí, se ganhar, acho muito bem. Se for o corpo ideal, se estiver preparado fisicamente, se tiver a beleza do homem, se reunir os parâmetros da revista, estou nas tintas se é hétero, se é *gay*. Eu próprio já tive pessoas na capa que são assumidamente *gays* e não tive qualquer problema com isso.

Tendo em vista a presente resposta, a qual dava a ver uma confusão naquilo que se refere às identidades de gênero e à orientação sexual, tentei ex-

¹⁹ Outras informações sobre a questão, bem como a fotografia interna e as capas supracitadas, podem ser conferidas em: <http://ladobi.uol.com.br/2015/10/aydian-dowling-segundo-lugar/>

plicar ao entrevistado o que seria um homem transgênero e o que seria um homossexual. A resposta de Lucas (2015), mais uma vez, apesar de negar qualquer forma de preconceito, expõe o que, com base em Eve Kosofsky Sedgwick (2007), de Débora Britzman (1996) e de Guacira Lopes Louro (s/d), pode ser percebido como ignorância. Não ignorância como um sinônimo de falta de conhecimento, conforme se falará adiante, mas ignorância como uma das formas possíveis de se conhecer algo. “Lá está. A revista de cada país faz o que quiser. Eu, da minha parte, não tenho qualquer preconceito. Preto, branco, chinês, transexual ou não” (LUCAS, 2015).

Ainda na entrevista com o editor de *Men's Health Portugal*, abordou-se o apagamento de homens negros nas capas da revista. Entre os 12 meses em que estive em Lisboa e, portanto, período em que acompanhei a versão portuguesa de MH, apenas em uma edição um homem negro foi capa da revista. O atleta português Nelson Évora foi capa da edição de outubro de 2015. As falas de Pedro Lucas (2015), entrevistado em março de 2015 (ou seja antes da capa de Évora), e as de Gonçalo Claro (2016), fotógrafo que fez o ensaio do atleta, são então relevantes de serem acionadas. Cabe mencionar, igualmente, que, na entrevista que acompanha as fotografias, a questão étnica não é em nenhum momento mencionada.

Isso porque há um rótulo, que é mundial, de que negros na capa não vende. Das duas vezes em que fizemos isso, aqui, se calhar apenas duas vezes porque não achei que tivesse alguém mais que fosse inspirador, a revista vendeu normalmente. Um deles foi Nani, jogador do *Sporting* e do *Manchester* [certo, mas ele era famoso, né?] Mas já fizemos também com negros anônimos [...] (LUCAS, 2015).

Não podemos ser hipócritas e dizer que o racismo não existe, porque ele existe [...] É muito raro ver pessoas de cor em capas de revista. E foi uma medida inteligente do Pedro colocar o Nelson Évora na capa [...] Foi o que disse ao Pedro: “Foi ótima tua ideia”. Foi uma recompensa para um atleta português, uma forma de quebrar as barreiras com as pessoas que tem essa mentalidade quadrada. Se calhar, é o que dizia ao Lucas. “Está certo, façamos isso mesmo”. Ele vai

ocupar esse lugar de inspiração, vai mostrar isso às pessoas preconceituosas [...] falamos sobre isso, claro, toda gente sabe, existem estudos que apontam [ausência de negro nas capas de revistas] [...] É uma recompensa, ele merece, merece mais do que ninguém. Está representando Portugal há anos. Faz todo o sentido. É um atleta, tem bom corpo, tem um estilo de vida saudável, faz todo sentido que esteja ali.

Ainda sobre a pequena quantidade de negros na capa da edição portuguesa de *Men's Health* (três vezes, em quinze anos de revista, segundo seu editor), Lucas (2015) sugere, como argumento válido, que talvez essa disparidade se devesse ao fato de que haveria “muito mais brancos do que negros no mundo” e que, em Portugal, haveria “poucos negros”.

Ao não perceber as diferenças que existem entre identidade de gênero e orientação sexual, ao horizontalizá-las em sua fala, realizando aproximação dessas com a questão étnica como se isso fosse possível, e ao falar sobre o apagamento de homens negros na capa de *Men's Health Portugal*, atribuindo isso ao fato de haver mais brancos do que negros no mundo, Lucas (2015) explicita que ignora toda uma realidade que se distancia daquela com a qual ele está familiarizado.

Uma ignorância que deve ser compreendida como efeito de conhecimento (BRITZMAN, 1996). Sedgwick (APUD BRITZMAN, 1996, p. 91), então, dirá que “essas ignorâncias, longe de serem segmentos da escuridão original, são produzidas por conhecimentos particulares, correspondem a conhecimentos particulares e circulam como parte de regimes particulares de verdade”.

Para Louro (2004), ao perceber a ignorância como uma espécie de resíduo do conhecimento e como sendo o resultado de uma produção de determinada verdade, é possível, ao questionar a resistência pela busca de “outras” verdades, executar um movimento que avance para além de seu ponto limite.

Existem, por certo, conhecimentos em relação aos quais há uma “recusa” em se aproximar; conhecimentos aos quais se nega acesso, aos quais se resiste. Não discuto, aqui, tal recu-

sa em termos individuais ou psicológicos, embora isso também possa ser importante, mas quero enfatizar essa recusa ou resistência ao conhecimento em termos culturais, ou seja, aquilo que uma dada cultura não se permite conhecer. Há coisas e há sujeitos que são impensáveis no interior de uma determinada cultura, conforme ensinou Foucault. Eles não se enquadram numa lógica ou num quadro admissíveis àquela cultura, naquele momento. Essas práticas e esses sujeitos transgridem a imaginação, são incompreensíveis e então são recusados, são ignorados (LOURO, 2004).

Imagem 14 – Capa de Nelson Évora.



Fonte: Men's Health. Lisboa: Editora Motorpress. Ano 14, ed. 172, 2015.

Em *Junior*, igualmente, ao passo em que são ensinados os modos de se ser e de se estar no mundo sendo *gay*, criam-se bordas dentro das quais os corpos devem estar circunscritos. No discurso da única revista homossexual impressa, de caráter jornalístico, produzida e veiculada no Brasil, os corpos mais valorados, aqueles que reuniriam em si as condições necessárias para que o desejo fosse estabelecido, deveriam ser aqueles assinalados por uma *performance* de gênero viril. Nesse sentido, vivências de gênero pouco másculas, ainda que, tal qual se percebeu em campo, fossem a realidade de alguns dos sujeitos produtores desses discursos, eram então aquilo que se deveria evitar. O ponto não seria não ser homossexual, tendo em vista que era esse o público para o qual a revista se direcionava, mas, especialmente, naquilo que se refere aos sentidos produzidos nos ensaios fotográficos, não parecer sê-lo.

Tal qual ensina Gayle Rubin (2003), a cultura popular seria constituída por ideias que diriam de como a variedade sexual representaria um perigo, uma ameaça. Em um modelo diagramático circular proposto, Rubin (2003) sugere que, no centro, ou seja, no escopo daquilo que mais seria valorado, estaria aquela sexualidade hegemônica e, portanto, compreendida como normal. Ao passo que a heterossexualidade monogâmica, com fins reprodutivos, não comercial, praticada por pares e entre cônjuges da mesma geração, representaria o padrão legítimo, a homossexualidade, o sexo grupal, as práticas sadomasoquistas, o sexo com finalidades monetárias, as relações intergeracionais e a utilização de objetos externos, como dildos por exemplo, estariam mais e mais para além das bordas do aceitável, do respeitável e do inteligível.

Em um segundo diagrama, dessa vez linear, Rubin (2003), ao abordar o “bom sexo” e o “mau sexo”, ressalta como, na extremidade positiva da linha, estaria a heterossexualidade (vivenciada sob determinadas condições) enquanto que, na extremidade negativa da linha, estaria a homossexualidade (também vivenciada sob determinadas condições). Se, por um lado, portanto, um casal heterossexual, monogâmico e branco, por exemplo, tenderia a estar na extremidade valorada, ao ser inserido em uma lógica homoafetiva (RIOS, 2013), um casal homossexual, da mesma geração e classe social, com filhos e bens materiais, poderia estar em uma posição de respeitabilidade maior do que, talvez, a de uma mulher, heterossexual, solteira, com filhos e vida sexualmente ativa.

Silva (2014), nesse mesmo sentido, ao ponderar sobre as relações que se estabelecem, hierarquicamente entre os gêneros e as sexualidades, sugere

que se perceba a questão por meio de uma estrutura piramidal, na qual, no topo, estariam atributos relativos ao masculino (e ao heteronormativo) e, na base, tudo aquilo que dali se distanciaria.

Em um cenário no qual se reflita acerca das masculinidades, é possível constatar que, à medida que, no polo positivo de uma representação linear, estaria o homem cisgênero, heterossexual, branco, de uma classe social superior, jovem e másculo, a tendência é que os corpos avaliados, progressivamente, tornem-se estranhos e abjetos, conforme for existindo um afastamento desse ponto. Em se tratando de *Junior*, ainda que não se possa, como já dito, ocorrer uma integração a uma masculinidade hegemônica, ao coadunar com uma lógica heteronormativa (WARNER, 1991), a revista é cúmplice desse projeto. A bicha afeminada será um dos muitos outros que precisa ser evitada.

O gay afeminado não é uma personagem que normalmente estampe as páginas de *Junior*. Uma das situações em que isso ocorre, na qual, igualmente, há um recorte de classe fortemente marcado, convém, portanto, ser mencionada.

Em seu segundo número, *Junior* traz, ao longo de quatro páginas rosa-choque, a matéria intitulada *Fundamento pão com ovo*, texto pretensamente satírico, com o intuito de “fundamentar o termo e explicar como vive uma autêntica” (ÂNGELO, 2007, p. 98). Ao passo que disfare adjetivos (sempre no feminino) para se referir a essa “casta da população gay”, a reportagem é acompanhada por imagens (de um homem com o rosto pintado de azul, cabelos louros e com um vestido amarelo, sempre comendo pão ou ovos fritos) e pelo “Diário de um Pão com Ovo”.

Não existe prova maior que a luta de classes entre a burguesia e o proletariado ainda está viva e forte entre as gays do que a existência da bicha pão com ovo. E não precisa de marxismo e nem de show da Silvetty Montilla para fritar em óleo quente tal criatura nessa luta de estilos, onde ela é adjetivo bem pejorativo para veado pobre, sem dinheiro, o oposto da bicha fina. A única semelhança entre esses pontos é que ambas são odiadas pela maioria dos homossexuais. O mito do pão-com-ovo surgiu quando alguma quá-quá achou por bem não passar fome no longo percurso de sua casa até a boate e teve a calórica ideia de unir carboidratos e proteína com um pouco de colesterol em um delicioso sanduíche. Quase sempre mui-

to magro, esses problemas de sobrepeso nunca afetaram o metabolismo faceiro do pão-com-ovo. Essa refeição poderia ser feita tranquilamente durante a viagem se não fossem as mágoas de caboclo. Tal apelido foi dado por uma futura pão-com-ovo invejosa, pois quem mais veria a fofa se esbaldar em um banquete no trem ou no metrô se não outra bicha com as mesmas condições financeiras? A partir daí, estava criada e estrelada a bicha pão-com-ovo (ÂNGELO, 2007, p. 98).

Imagem 15 – Bicha pão-com-ovo.



Fonte: Junior. São Paulo: Editora Sapucaia. Ano 01, ed. 02, p. 99, 2007.

Dentre os diferentes elementos que saltam à vista, pode-se salientar as dicotomias que se reforçam nessa matéria, especificamente. Ao longo

de toda essa edição, o homem que se constrói em nada tem a ver com a “casta” que então é exposta. Em outros textos que, nesse número versam sobre casamento/relacionamento (*Casa, Comida e Roupa Louvada; Amor e Vida Real*), sobre beleza (*Pelos, melhor mantê-los*) ou sobre fitness (*Sexy Back*), ou mesmo nos variados ensaios fotográficos exibidos, os homens constituídos não são magros, não são pobres e não são afeminados. Ou ao menos não parecem ser. Definitivamente não são tratados por pronomes femininos ou por gírias como bofe ou *bee*, e, seguramente, não aparecem de forma caricata.

A fala de Gean Gonçalves (2014), sobre essa matéria em específico, contém ser retomada, justamente com o intuito de se verificar que, apesar desse discurso hegemônico, há tensões e há outros sentidos em trânsito.

Hoje provavelmente isso não aconteceria. Acho que *Junior* pecou em vários momentos e acho que ainda vai pecar em vários outros, vai errar em vários outros, mas ela foi se readequando a novos discursos, a novas formas de respeito entre as diferentes comunidades e eu acho que ela tenta, aos poucos, passar isso para o leitor. Hoje não é interessante, para esse leitor da *Junior* desqualificar a bichinha pão-com-ovo. Ela é igual, semelhante e, num momento de luta, eles devem estar juntos. Não precisa voltar o seu desejo para essas pessoas, mas você não pode desqualificá-las. Acho que é isso que estamos tentando fazer. Não sei se estamos conseguindo, mas estamos tentando. Eu tento. Nelson [Neto, outro repórter e também amigo] tenta. Temos trajetórias muito parecidas. Somos pobres, não nascemos nos Jardins, não nascemos na capital, então isso tenciona a revista também.

Nelson Neto, em reportagem para a editoria *Test Drive* sobre uma festa específica da noite paulistana, comenta sobre como, ao deixar-se fotografar e ter sua imagem veiculada naquela edição, o faz de modo consciente para que seu corpo, destoante dos demais, pudesse gerar rupturas e produzir outros significados sobre o masculino e sobre a homossexualidade constituídos em *Junior*. Vestindo um macacão vermelho, de luta greco-romana, e sendo veementemente “abraçado” por uma mulher gorda, vestindo um corpete, a imagem rompe com todo um discurso estético (e cúmplice de uma masculinidade hegemônica) que se materializa ao longo de outras

tantas páginas do veículo. Um trecho da reportagem veiculada, bem como a imagem e uma fala de Neto (2014), sobre ela, em entrevista concedida, mostram-se importantes.

Aí que está. Eu somente autorizei a foto porque era uma mulher gorda, obesa, e eu era extremamente magro. [Talvez a sua seja a única foto de um homem, de fato, magro na *Junior*]. Esse que é o sentido. E estando, ainda, com uma mulher, achei que seria menos agressivo do que se fosse com um homem. Eu recebi um monte de e-mail de gente falando que me achava uma gracinha. E eu respondia: Leiam o texto! (NETO, 2014).

Imagem 16 – Fetiches.



Fonte: *Junior*. São Paulo: Editora Mix Brasil. Ano 07, ed. 55, p. 50, 2013.

A princípio tirei a camiseta e a calça, fiquei de camisa. Mas logo a casa fica cheia e todos os frequentadores seguem rigorosamente a regra *dresscode*. Você vai se sentir um peixe fora d'água se não se sentir no clima “luxúria”. Boa música, bons boys, pista cheia, drinques bem feitos e gente bacana. Tudo corre bem, troco alguns olhares com o pessoal que passa por mim, até que estou no bar pedindo minha cerveja e vejo um índio, meio cowboy, com adereços que incluíam franjas de couro no antebraço que me lembrava o estilo Ney Matogrosso. Dei aquela erguida de sobancelha, fixei os lábios fazendo um biquinho labial, pisquei, disse um: “Oi”. Ok, paquerar com uma cueca estilo macacão de luta greco-romana não é tão sexy, ainda mais quando o pretendente ainda está meio cowboy, meio índio, com franjas no antebraço que me lembravam o Ney Matogrosso, mas eu curti o boy. Bonito, pega forte, enfim, meu número (NETO, 2013, p. 51).

Em alguns de seus números e, em geral, quando decidiam “arriscar” com uma capa que, pelos seus produtores, fosse percebida como potencialmente de pouco sucesso em termos de vendas, *Junior* produzia duas capas. Em um delas, a principal, o *cover-boy* da edição seguia a linha de corpo jovem, malhado e viril que dizia, conforme já exposto, de um modelo de masculinidade desejado. Na capa “alternativa”, por outro lado, outras discussões e corpos vinham à tona. A edição 49, veiculada em março de 2013, além de trazer o “estonteante moreno, forte e jovem Beto Malfacini” (FISCHER, 2013, p. 06), o qual daria a ver as razões pelas quais os homens com aquela “estampa” fariam tanto sucesso, trazia também aquilo que foi considerado como belezas plurais. Um trecho da carta ao leitor, chamada *Quase uma mea culpa. Ou não*, escrita pelo *publisher* André Fischer (2003, p. 06), é aí ilustrativa.

Desde 2007, a *Junior* vem estampando em suas capas homens que materializam um ideal de beleza que não é muito diferente das revistas de todo mundo. Com raras exceções, todos jovens, magros, musculosos, brancos, morenos e de aparência máscula estão nas capas de revistas masculinas

gays e não gays da Alemanha ao México, da Austrália a Portugal [...] Atendendo a pedidos dos leitores e assumindo a maturidade e a confiabilidade adquirida nesses anos, temos buscado desafiar o *status quo* e assumir o papel de agente transformador, quase militante, muito além dos apenas homens bonitos que se tornaram nossa marca. Beijo gay, travesti – e até um casal de roupa! – se tornaram capa das nossas capas, nos últimos meses. Dessa vez, colocamos de uma vez só várias belezas ditas alternativas, mas que são, no fundo, absolutamente brasileiras. Vamos ver se realmente o leitor quer ver tipos não habituais. Como somos uma editora pequena – e que não pode correr riscos tão grandes assim – publicamos mais uma vez duas opções de capa, uma delas no bom e conhecido estilo *Junior*.

A capa “alternativa”, da edição sobre a verdadeira beleza, traz cinco homens, sendo quatro deles brancos e um negro. Todos têm aparência jovial e máscula e, com exceção de um que é gordo (ou urso, pensando em agrupamentos dentro do universo *gay*), todos possuem músculos visivelmente aparentes. Conforme lembra Neto (2014), que estava presente nas reuniões de pauta que marcaram essa edição, ao ver as fotos, ele teria questionado: “Cadê o magro?”. A resposta teria sido que o magro seria o ruivo. “Não, eu não me sinto representado aí [...] Eles têm tanquinho [...] Então assim, até na concepção do que editorialmente é entendido como diversidade das homossexualidades ou a diversidade dos *gays*, ela não é completa” (NETO, 2014).

Justin Jedlica, ou, com quatro, caso do brasileiro Airys Cury) falam da busca por uma perfeição estética imaginada, e profissionais (como editores e psicóloga) lamentam a pouca diversidade de corpos na mídia e a busca desenfreada atrelada a esse hedonismo. Em seu fecho, o texto afirma que a bandeira da inclusão dos tipos não consagrados como perfeitos estaria apenas começando a tremular, podendo levar décadas para que os “alternativos” deixassem de ser assim identificados.

Conforme aponta Nelson Neto (2014), a dificuldade de perceber o outro e de empreender um exercício de alteridade no jornalismo talvez seja advinda de uma própria matriz que é fundante da área. “O jornalismo por essência é uma profissão burguesa [...] o que a gente tem hoje, de jornalistas formados, são sujeitos brancos e burgueses [...] quem é jornalista hoje no país? Não há diversidade nas redações”.

Sobre a presença pouco expressiva de negros nas capas de *Junior*, Hélio Filho (2014) salienta que ela se inscreve, na verdade, em um padrão estético dominante que é o eurocêntrico. Irving Alves (2014), repórter negro entrevistado, afirma de como o homem brasileiro se vê pouco identificado com os homens construídos em *Junior*. A capa da edição que trouxe um beijo gay, entre um homem branco e um homem negro, mencionada por Filho (2014), está também reproduzida.

Meu namorado é mulato [sim, mas eu não quis acusar você de racismo] sim, sim, quis dizer que estou cercado por negros [...] as capas da *Junior* têm um “quê” atrás delas. Já convidamos o Jonathan Haagensen, ator da *Globo*, que é uma delícia, é lindo [...] Já convidamos o Hulk, jogador da seleção brasileira [...] mas eles não topam, a gente não paga o modelo, né. Você vai encontrar modelo negro na capa do beijo que por si só já é uma capa transgressora [...], a gente tem negro aqui, na capa dos variados tipos de beleza [...] Mas acontece uma coisa que é o fato de que o padrão de beleza dominante é branco, é malhado [...] é a mesma justificativa, por exemplo, para não ter uma pessoa muito gorda na capa [...] a gente segue um padrão de consumo e de beleza, que é eurocêntrico. Mas estamos falando de capa. [...] Ausência na capa não significa ausência na revista (FILHO, 2014)

Imagem 18 – Beijo.



Fonte: *Junior*. São Paulo: Editora Mix Brasil. Ano 06, ed. 45, 2012.

Acredito que a *Junior* peca um pouco na questão étnica. Desde que a revista nasceu, há pedidos e comentários recorrentes sobre o baixo número de modelos negros ou de outras etnias. Supostamente, o homem branco vende mais que o negro, o asiático ou o índio, mas pessoalmente eu acredito que essa é

uma daquelas máximas do mercado editorial que as pessoas repetem feito papagaio, sem ao menos se arriscar para ver se tal máxima realmente se aplica. Eu entendo que deve existir a preocupação em vender e em conquistar anunciantes, mas, por outro lado, pensar fora da caixa e assumir riscos também deve fazer parte de um veículo que, por estar atualmente sozinho no país falando para homens *gays*, poderia ser mais subversiva nesse aspecto. Acho que o homem brasileiro, aquele do mundo real, se viu nas capas e ensaios da *Junior* pouquíssimas vezes (ALVES, 2014).

Meu mundo em azul, reportagem escrita por Neto Lucon (2010), discute a transexualidade com base, principalmente, em Samy, homem transgênero, de 19 anos. *Parada Trans*, texto de Gean Gonçalves (2014), sinaliza como, mediante pressão do movimento transgênero, a parada LGBT de São Paulo mudou o tema daquele ano para identidade de gênero. Um box explicativo (*dilemas de quem é trans em uma sociedade cisnormativa*) e histórias de mulheres e homens trans compõem, do mesmo modo, a reportagem.

Diferente de outras nações, o Brasil identifica a sigla T como a população de travestis e transexuais, porém, dentro do universo transgênero, há diversas identidades de gênero transgressoras que fogem às regras de definição de gênero impostas pela anatomia ou pelo modo de se vestir e de se comportar convencionalizado para homens e mulheres (GONÇALVES, 2014, p. 40).

No que se refere à discussão de outros corpos em *Junior*, a edição 46 da revista, em sua capa “alternativa”, traz uma charge da travesti Laerte, representando a si mesma. A fala de Felype Falcão (2014), sobre a veiculação dessa capa pela revista, é interessante de ser retomada.

A capa de Laerte foi uma pela qual eu mais me apaixonei [...] É uma capa linda, mas havia a capa do modelo e, novamente, a do modelo foi a que mais vendeu. E eu acho que a capa com a charge de Laerte é uma das capas mais maravilhosas que *Junior* fez, mais arriscadas. Chegamos nesse ponto, criamos uma revista com essa charge na capa. Fiquei

muito feliz. Mas é aquele velho ponto: para termos a segurança de que vamos vender, não podemos ter apenas a capa da charge, precisamos da outra (FALCÃO, 2014).

Ainda no editorial dessa edição, Fischer (2012, p. 6) comenta que o leitor de *Junior* teria subsídios para entender melhor o universo trans e, portanto, formar uma opinião menos preconceituosa sobre isso. Diz, nesse sentido, que, anteriormente, sempre que a revista trazia transgêneros, havia reclamação por parte de alguns leitores que queriam “apenas homens machos” ali. De acordo com Fischer (2012, p.6), essa resistência vinha diminuindo, ao passo que esses leitores compreendiam que essas personagens “não representam uma ameaça à masculinidade dos homens *gays*”. Terminando seu editorial, e também fazendo referência à capa anterior, que havia trazido um beijo *gay* aqui exposto, Fischer (2012) diz para o leitor contar com a *Junior*, que estaria sempre “cutucando os incomodados”, mostrando que o caminho natural da humanidade, que seria seguir em frente, não seria retido.

De cara lavada é uma entrevista com Laerte, feita por André Fischer. Dentre as perguntas, questões plurais como a militância, a atual autoidentificação como travesti e viagens para realizar palestras foram abordadas. Sobre essa entrevista, em específico, há que se salientar alguns elementos. Apesar de Laerte se definir como travesti, o texto que precede à conversa é iniciado por uma grande capitular “O”. “O Laerte”, como é tratada, diz muito da forma como a entrevista é conduzida. Grande parte das perguntas, apesar da revista se propor a diminuir o preconceito em relação aos sujeitos transgêneros, fica refém de essencialismos, de dicotomias, que dizem do grande estranhamento, aparentemente, do próprio entrevistador sobre aqueles quem borram a fronteira do par homem/mulher. E aquele “o” capitular, nesse cenário, apenas corrobora para que todo esse estranhamento se reitere.

Teve uma mudança nesse sentido? De você em uma relação com um homem ou uma mulher, se ver como a parte feminina de uma relação?

Já sim, mas eu não gostaria de ficar descrevendo a intimidade...

Não estou falando sexualmente. Por exemplo, já tive namorados em que eu disse 'você está me tratando como a uma mulher. E eu não gosto'. Tô falando de sensibilidade.

Eu entendo, mas eu também acho, tenho tendido a achar, que é uma aparência. Não é mais do que uma construção cultural de uma força fodida, é algo que é muito relativo.

Digo no sentido de você esperar que puxem a cadeira para você.

Tipo o ativo e o passivo, coisa assim?

Não estou falando de sexo, mas de puxar a cadeira, abrir a porta, um tipo de gentileza.

Eu não sei. Quando eu era pré-adolescente, quando começou aqueles jogos de busca de afeto, os homens buscam, atacam, e as mulheres se defendem, se fazem de difícil, eu sempre me senti confuso nessa história, eu detestava a ideia de ter de assediar, atacar, investir.

Se você for a um churrasco, vai ficar conversando com os homens ou com as mulheres?

Ah bom! É que sou vegetariano. Mas vamos dizer que vá a um churrasco de couve-flor. Depende do grupo. O que acontece é que agora tenho temas. Antes de você chegar, encontrei duas amigas e ficamos conversando. Do que? De esmalte, de unhas, que cor linda! De usar hipoalergênicos, uma massagem com um indiano que veio de Salvador, essas coisas. Mas esses assuntos são completamente partilháveis por homens (FISCHER, 2012, p. 22).

Imagem 19 – Quem tem medo de (uma charge de) Laerte?



Fonte: *Junior*. São Paulo: Editora Mix Brasil. Ano 06, ed. 46, 2012.

Assumindo inclusive um tom didático, *Quem tem medo de travesti?* traz um box explicativo, comentando que as travestis e as transexuais (então precedidas pelo artigo definido feminino, plural), inseridas na cate-

goria de gênero, seriam pessoas que teriam nascido com o sexo biológico diferente do gênero com o qual se identificam, enquanto que os *gays*, por outro lado, estariam na categoria sexualidade, que diz das relações amorosas e sexuais. Ao discutir a transfobia e o preconceito sofrido dentro da comunidade LGBT, a reportagem é ilustrada com diferentes tipos de depoimento, que corroboram com a ideia de que é preciso desconstruir uma visão segregacionista e transfóbica que, tendo em vista o editorial supracitado, o leitor de *Junior* talvez possuísse.

Com mesclas de desinformação, machismo, armário e medo, a sopa de letrinhas derramou-se no chão. E o *gay*, de vítima, passa a carrasco, perpetuando o ciclo de desentendimento. É *gay* que tem preconceito contra travesti, é travesti que tem preconceito contra lésbica, é lésbica que não gosta de *gay*, tudo misturado. Não tem jeito: preconceito sempre gera preconceito (LUCON, p. 34, 2012).

É prioritariamente nas reportagens, entretanto, que o outro pode aparecer, e inclusive de uma forma a gerar empatia, nas páginas da revista. A presença de diferentes matérias sobre política e cidadania, tais como *Agora o 122 vai*; *Aos Poucos*; *Depende de nós* e *Política fora do Armário*²⁰, por exemplo, dizem de como a revista se envolve em questões que ultrapassam o rosto bonito (e viril) da capa. Refletindo acerca da criminalização da homofobia, das coordenadorias LGBT, da morosidade de projetos legislativos que versam sobre a comunidade LGBT (e a necessidade de essa comunidade manifestar-se, lutando para que eles tramitem e sejam aprovados) e daquilo que diziam as plataformas dos candidatos à presidência sobre questões envolvendo diversidade de gênero e sexualidade, *Junior*, inclusive, mostra como a causa *gay* (g) não existe sozinha, mas em relação às demais letras (l, b e t).

Polêmico e necessário, o PLC 122/06 – projeto de lei que criminaliza a homofobia no Brasil – tramita entre a Câmara e o Senado a cerca de uma década. Nesse tempo, já foi esqueci-

²⁰ Edição 49, p. 62; Edição 55, p. 36; Edição 58, p. 34; Edição 62, p. 34.

do e ressuscitado, comemorado por ativistas e “demonizado” pelos seus opositores e virou munição para um sem fim de discussões que, até o momento, não chegaram a lugar algum (FALCÃO, 2013, p. 62).

É importante ficar atento à proposta de governo dos candidatos, pois é assim que será possível a cobrança por parte da população LGBT ao futuro ou à futura presidente da república. Não basta colocar no papel e sonorizar palavras lindas e levantar uma bandeira colorida e posar para fotos ao lado de *gays*, lésbicas, bissexuais e trans. Esta população está carente de outra coisa que afeto, está carente de cidadania (NETO, 2014, p. 34).

Igualmente, textos que dão a ver distintas realidades, dizem de como a vivência *gay* (ou LGBT) pode ser plural. A seção intitulada “dossiê”, aí percebida, serve de ilustração para que se perceba o diferente tom desses discursos. Nas matérias *Fora do armário, dentro da cela; À margem da margem; O horror; Cedo demais; Em busca da luz e Quem é veado pode subir*²¹, discutem-se, de modo geral, a homossexualidade em cárcere, os homossexuais que vivem nas ruas, os assassinatos por motivações homofóbicas, os homossexuais que, ainda muito jovens, contraíram HIV, os indivíduos que se refugiaram no Brasil, porque, em seus países, a homossexualidade é crime passível de prisão e morte, e as lembranças e marcas de homossexuais perseguidos pela ditadura militar.

Nas ruas das grandes cidades, uma população que não tem onde dormir, nem morar. Nem nada. Vários homossexuais. Alguns (maioria) expulsos de casa. Outros tantos cheios de dificuldades para conseguir trabalho, mas nem por isso entregues à situação. Que julgam temporária. Passageira. Em albergues, esquinas e praças, ouvimos histórias de homossexuais em situação de vulnerabilidade social. Não são mendigos, não pedem esmolas, não vivem de pequenos furtos e nem traficam. Estão à margem, mas não são marginais. São altivos. Conhecem a própria realidade e sabem viver nela. Sem autopiedade, sem pieguismos, mas esperançosos. Estão

²¹ Edição 04, p. 102; Edição 06, p. 38; Edição 10, p. 82; Edição 44, p. 42; Edição 54, p. 34; Edição 62, p. 28.

logo ali para quem quiser ver. Frequentam clubes, saunas e Parada Gay. Por estarem em uma situação limite, o preconceito emerge ainda mais duro e bruto. A violência – comum a todos nós – se faz muito mais presente em quem não dispõe de muros para se proteger (SILVA; SIMONETTI, 2007, p. 39).

No ano em que o Brasil lembra dos 50 anos do golpe militar, a *Junior* procurou entender qual era o papel e o cotidiano da comunidade LGBT brasileira durante os 21 anos em que os generais estiveram no comando do país [...] Por vezes a Rua Vieira de Carvalho era fechada da Praça da República até o Largo do Arouche, no centro de São Paulo, por policiais militares. O delegado José Wilson Richetti descia de seu camburão e entoava “quem é viado pode subir” (NETO, 2014, p. 29).

Mesmo com diversas campanhas de conscientização sobre o HIV promovidas pelo governo brasileiro e também por organizações não governamentais, o número de infecção entre jovens gays tem aumentado bastante no Brasil. Segundo o Ministério da Saúde, números recentes mostram que, entre homossexuais com idade entre 13 e 19 anos, a taxa de contaminação passou de 24,3 casos por 100 mil habitantes para 26,9 casos em apenas um ano [...] Os dados são preocupantes, mas é válido dizer que, por trás das estatísticas, existem pessoas. Gente muito jovem que vê a própria vida levar um “chacoalhão”, diante de algo que gera angústias, inseguranças e medo. Eles estão na idade em que nada parece ser para sempre, mas de repente precisam encarar algo que será levado para o resto da vida. A *Junior* buscou meninos que descobriram ser soropositivos no início da vida sexual. Seus depoimentos, a seguir, são de extrema coragem e também servem de alerta para você, leitor (FALCÃO, 2012b, p. 42).

Perceber uma realidade que não é a sua, bem como buscar compreender como o outro vive essa realidade, foi o que motivou Nelson Neto a escrever *Bela da tarde*. No texto, veiculado sob a editoria *Test Drive*, na edição 54, de 2013, Neto constrói-se Ana Clara, a fim de buscar saber o que é ser trans por um dia.

Sobre a reportagem, conforme destaca Neto (2014), vale ressaltar que ela recebeu críticas positivas, por um lado, naquilo que se refere à tentativa de realizar um exercício de alteridade, e negativas, por outro, por parte do movimento transgênero, em função da matéria ter sido produzida por um sujeito cisgênero, o qual, ainda que “experimentando” ser travesti por um dia, não teria acesso a uma experiência total de uma mulher trans.

Para Neto, contudo, uma das questões relevantes a se destacar, no que tange a produção desse texto, teria sido mudança no que se refere a uma autopercepção. Neto (2014), que sempre teve a si mesmo como afeminado, ao vestir-se de Ana, passou a perceber uma série de aspectos, de sua aparência, em geral não notados. “Quando eu me olho no espelho, como Ana Clara, eu nunca havia me sentido tão masculino. Pela primeira vez, na minha vida, me senti masculino”.

Resolvi dar uma olhada em alguns sapatos e vestidos, parei na frente de uma vitrine e, rapidamente, a atendente sai do fundo da loja, sorridente para atender mais uma cliente. A única coisa que nos separava era a vitrine e quando ela observa sobre os ombros dos manequins que a moça está presa em um corpo masculino, imediatamente retorna e faz uma ligação no caixa. Em instantes chega um segurança e pergunta para a vendedora: “Está tudo bem por aqui?”. Ela simplesmente olha em minha direção e o rapaz diz: “Você não pode ficar aqui”. Eu quis questionar o motivo pelo qual eu não poderia estar naquele estabelecimento, pensei: “Você não tem meu número de sapatos? Não tem o tamanho de vestido que me caiba? Ou vocês não vendem para uma travesti?”. A pauta não era ir até as últimas consequências, como chamar a polícia, então simplesmente pedi desculpas e saí da loja, sem sapatos, sem roupa e sem ser respeitada (NETO, 2013, p. 41).



Bela da TARDE

Você se garante em um salto 15 e em um vestido acima do joelho no meio da Avenida Paulista? Nosso repórter enfrentou o tabu e aceitou o desafio



Dentro do banheiro da loja de maquiagem Adóoogo Make Up, do Dicesar, o Nelson Neto transcendeu para outra esfera da realidade enquanto tirava a calça, a camiseta, a camisa e a boina. Naquela tarde, olhei pela última vez no espelho e me vi como Nelson. Coloquei a meia-calça, o vestido vermelho bordeaux e preto e fui em direção ao Dicesar, que me esperava com toda a sua linha

de produtos para me transformar em uma mulher. Elogios de quem entrava na loja não faltavam para o trabalho impecável do artista que dava vida ao meu lado feminino. Até que depois de cerca de 45 minutos a cadeira se levanta. Olho para o espelho e não me reconheço, vejo apenas "Ana Clara! Acho legal um nome feminino", diz Dicesar, me batizando. Toda minha confiança e dignidade estavam em cima de um salto quinze e vestido curto.

“Gozar na frente do espelho”, “Cópia da cópia”, “Porque tamanho e quantidade importam” e “Vidas para além do centro” representam um movimento teórico, metodológico e conceitual que objetivou perceber, com base nos discursos e nas práticas, nas revistas *Junior* e *Men’s Health Portugal*, quais sentidos sobre as masculinidades eram então movidos e constituídos.

Não se acredita que tais categorias sejam totalizantes e tampouco apreendam tudo aquilo que li, observei e estudei com base em meus fenômenos. Acredita-se, contudo, que foi por meio delas e de um referencial teórico constituído, que a leitura desses materiais, tendo em vista os objetivos desta pesquisa, pôde ser desenvolvida e, até aqui, concluída.

Um fecho, ainda que seja difícil pensar em uma pesquisa que possa ser dita completamente encerrada, é o que resta e será abordado na próxima (e última) seção.

CAPÍTULO 5

PARA FINALIZAR

Eu começo aqui e meço aqui este começo e recomeço: VIDA. Aqui se vive sob a espécie da viagem. Isso é o que importa: não o início, não o fim, mas a viagem, o meio da...

Por isso meço, por isso começo a viver mil e uma vidas em uma para acabar com a penitência imposta, para começar com a vida posta, para acabar/começar com a vida. Nossa!

Pois a viagem é volta e revolta, pois nas voltas vários recomeços. Eu reconheço.

Reconheça!

Recomeça e refina e se afina o fim no funil do começo. Afunila o começo no fuzil do fim.

(David Maurity. Ser: experimento para tempos sombrios.)

SER: experimento para tempos sombrios consiste em um espetáculo “poético-performático sobre o corpo e suas possibilidades” produzido pelo coletivo *Toda Deseo*, o qual leva aos palcos discussões relacionadas às identidades de gênero²².

Tive o privilégio de assistir a apresentações do coletivo aqui em Belo Horizonte, de onde escrevo essas últimas linhas que visam a encerrar (encerrar?) esses quatro anos de leituras, de aprendizados, de experiências. E de vida.

Vida. Que vida? Quais vidas?

É que de tanto repetirem para mim que não estou viva, aceito o fato de as pessoas não me considerarem. Mas eu vou te dizer: eu agito e faço vibrar. Meu corpo é uma galáxia inteira que, talvez, você não possa acessar.

Meu corpo é festa! Meu corpo está à disposição do exagero.

Na boa, na minha,

Eu vou viver dez

[...]

Eu vou existir independente de você.

²² A página oficial do coletivo pode ser acessada em: https://www.facebook.com/pg/TodaDeseo/about/?ref=page_internal. Cabe aqui o agradecimento à *David Maurity*, autor do texto interpretado em *Ser: experimento para tempos sombrios*, que gentilmente o disponibilizou para que pudéssemos aqui reproduzi-lo.

Eu vou, eu estou, eu sou!
[...]
Não sou Narciso sorvido pela água primordial.
Não sou Dioniso com seu corpo dilacerado.
Nem o crucificado com o seu corpo torturado.
Tampouco, sou uma BICHA disfarçada de poeta.
Não preciso de disfarces.
Aqui está a minha cara! Falo por minhas diferenças e defendo o que sou.
E eu não sou tão raro assim.
Sou estranha para você?
Esquisita?
Digo:
Sou carne
vermelha
consciente
viva
pulsante!
Existência irremediavelmente interessante,
indefinida,
sem contornos ou formas...

A MINHA vida tua ignorância jamais conseguirá enxergar.

Eu sou pés, coxas, pau, barriga, peito, garganta, boca, nariz, olhos e cu.
Eu uso meu cu.
Essa é a minha vingança.
Esta sou eu.
Isso diz que sou humana.
Não sou coluna de concreto.
Cimento duro, áspero, seco, inviolável, intransponível.
Sou carne vermelha consciente viva pulsante.
(David Maturity. *Ser*: experimento para tempos sombrios.)

Viver é deslocar-se. Ser é ocupar diferentes espaços. Compreender-se é, não raras vezes, desafiar o que já está estabelecido. Vive-se e move-se dentro de mapas, aproximando-se ou afastando-se das bordas, equilibrando-se dentro, ou fora, daquilo que se julga necessário integrar ou questionar.

Sob a égide de uma lógica heteronormativa (WARNER, 1991), é esta-

belecida uma relação indissociável entre sexo, gênero e desejo. E delimita-se, dentro de um panorama deveras circunscrito, o que seriam exatamente, e sem sombra de dúvida, essas categorias.

Seccionando os corpos em um binarismo “inquestionável”, faz-se crer que, a um órgão genital/sexual (a saber, necessariamente – e exclusivamente – pênis e vagina) e a um conjunto de hormônios, determinada vivência é a natural, é a esperada, ao passo que a todas as outras seria designado o lugar do estranhamento, da ruptura, do equívoco.

Os sexos. Os gêneros. As marcas. As categorias.

A integração. A hegemonia. A dominação. A força.

O não ser. O não existir. O precisar resistir. Os outros. O *Queer*.

O corpo representa aquilo que sou. Aquilo que quero ser. Aquilo que consigo, que desejo, que penso. O corpo como sensação. O corpo como acontecimento inteligível, já absorvido pela mídia. O corpo como lugar de constituição de poder. Dos poderes.

A identidade é estabelecida com base, também, na diferença. Para dizer aquilo que sou, preciso dizer aquilo que não sou, aquilo que não desejo ser, aquilo que não posso ser.

Os corpos pesam. Ou não pesam. As vidas importam. Ou então não importam.

A injúria. A violência simbólica. A agressão física. A morte.

Sanções que objetivam mostrar aos desviantes das normas quais são os seus lugares. Qual é o seu lugar. Frente a isso, qual é o seu lugar?

Eu não vou mudar!

Não preciso de mudanças.

Sou subversivo o suficiente para lidar com transformações,
Mas sinto a dificuldade do todo.

Aguentar um pai que te ODEIA,

Homens que te ODEIAM, uma sociedade que te ODEIA

Porque você desmunheca, requebra e quebra.

Porque falo fino, falo alto, falo no seu ouvido!

FALO FALO FALO!

Ah! Eu sei que te excito quando passo com a minha bunda marcada na legging...

Mas você se reprime, se oprime.
Você se corta ao meio,
Se trucida,
Se esmaga
E sua vida só retoma o sentido quando mata o seu desejo ma-
tando a mim.
Se depender de você,
Não haverá uma TRANSBICHAFEMININA E FEMINADA
sequer na esquina desequilibrando o futuro do HOMEM.
(David Maurity. *Ser*: experimento para tempos sombrios.)

Formalmente esse seria um lugar de conclusão. Formalmente. Mas a pesquisa, assim como as perguntas, não cessa. Zygmunt Bauman (2008), no fecho de *Vidas para consumo*, afirmava que “inevitavelmente, a história que se pretende contar aqui será inconclusa – na verdade, com final em aberto – como tende a ser qualquer reportagem enviada do campo de batalha”.

Os quarenta e oito meses que separam o início e o fim dessa pesquisa de doutorado que resultou nesse livro representaram um período de auto-descoberta, de autoconhecimento e de autorrevelação. A pesquisa tomou forma e consistência à medida que, como sujeito e como cientista, eu igualmente crescia, percebia, aprendia.

A questão a que finalmente se chegou não é a mesma com a qual essa trajetória teve início. O objetivo desse livro, ao final, foi perceber, tendo em vista o discurso de seus agentes, os instantes os quais se conseguiu acompanhar e o produto final veiculado, quais sentidos sobre masculinidades são movimentados e constituídos em *Junior* e em *Men's Health Portugal*.

Jesús Martín-Barbero (2002), em *Ofício de cartógrafo*, diz de caminhos e de travessias e, mais do que de chegadas, de percursos possíveis. Questionando a ideia de que o mapa seria apenas uma redução daquilo que representa e uma mentira ainda que por simplificação e omissão, Martín-Barbero (2002, p. 04, 05) sugere que ele seja pensado como algo que pode construir “imagens das relações e dos entrelaçamentos, dos caminhos em fuga e dos labirintos”.

Uma cartografia movente e que pode ser inovadora pelas rupturas proporcionadas. Martín-Barbero (2002), ainda sobre o ofício do cartógrafo, e ao ampliar essa imagem para pensar a ciência e, mais especificamente, o

campo da comunicação, pondera acerca dos três modos de relação do trabalho acadêmico com concepções e modelos de comunicação hegemônicos: dependência, apropriação e invenção.

A dependência diria de uma aplicação de um conhecimento já produzido, de um comprometimento em estar atualizado em relação a ele. A apropriação, em contrapartida, seria um movimento que se referiria, para além de uma mera ligação, à reconfiguração de modelos e de conceitos, em uma leitura fora de lugar capaz de propiciar um redesenho daquilo que, a partir de outro contexto, foi desenvolvido. A invenção, finalmente, referir-se-ia à possibilidade de “indisciplinar os saberes frente às fronteiras e aos cânones” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 11), tornando a escrita uma forma de expressividade conceitual e mobilizando aquilo que pode ser pensado como uma imaginação categorial.

Foi em diálogo com Martín-Barbero (2002), portanto, e tendo em vista todo um conjunto de perspectivas teóricas, metodológicas e políticas acionadas e rearticuladas, que se concebeu, ao longo do desenvolvimento desse livro, quatro categorias analíticas capazes de, frente a diferentes elementos, materiais empíricos e dados obtidos em campo, buscar compreender como se configuram os sentidos sobre as masculinidades em *Junior* e em *Men's Health Portugal*.

Gozando em frente ao espelho: chegou a sua vez de pavonear um corpo espetacular!, categoria percebida em *Men's Health Portugal*, aproxima-se, conforme já exposto, de um projeto de consolidação de uma masculinidade hegemônica (CONNELL, 2003). Sob a lógica que diz da premência de se adquirir um corpo espetacular (COSTA, 2005), promove-se um discurso que incita os sujeitos leitores a compreenderem que, para se alçar a uma posição de poder dominante, há se ser/se ter determinado tipo de corpo. Um corpo que seja jovem. Um corpo que seja marcado por músculos. Um corpo cuja gordura não faça parte. As plenas possibilidades de se transformar em outro (e em outro melhor) são continuamente reiteradas ao passo que a revista assume a voz de especialista, de conselheira, de autoridade legitimada para ensinar aos homens que a tiverem em mãos como viver e como se portar.

Cópia da cópia: performando o masculino como um eterno Drag King, categoria proposta pela pesquisa desenvolvida em *Junior*, diz da constituição de um desejo erótico e de uma valorização de um corpo masculino que, ainda que voltado para leitores homossexuais, não trouxesse, em si, marcas que pudessem afastá-lo de um lugar marcado pela virilidade. Assim como o *Drag King* (HALBERSTAM, 2008) que, nos palcos, dá vida a uma *performance* de gênero que visa ao apagamento do feminino e a uma exacerbação do masculino, os corpos percebidos em *Junior*, igualmente em uma lógica que é a da imitação, buscam nos músculos, nos pelos e nos cenários elementos que os definam como machos. Não integrando uma masculinidade hegemônica, mas sendo cúmplice de sua legitimação (CONNELL, 2003), aquela que era a única revista jornalística, impressa e periódica voltada ao público *gay* em circulação no Brasil, era, em partes, conivente com uma lógica que era sua própria algóz.

Porque o tamanho e a quantidade importam: sobre como ser um verdadeiro predador sexual, reunindo ambas as revistas, refere-se à perspectiva de que, para ser valorizado, para ser respeitado e para ser digno, há que se estabelecer um jogo de poder em que, também na esfera sexual, seja de uma ordem dominante. Em se tratando de *Men's Health Portugal*, inserida em uma lógica heterossexual e cisgenerificada, trata-se de mostrar aos homens que a acompanham como uma vida sexual ativa e intensa, seja solteiro ou seja casado, é uma condição essencial para que o prazer de ser homem seja, de fato, vivenciado. Naquilo que tange *Junior*, já em uma cena *gay*, diz de apontar aos leitores os caminhos e as possibilidades de, em diferentes espaços e contextos, obter intensa e continuada satisfação sexual, igualmente considerando que tal questão é uma prerrogativa.

Vidas para além do centro: possibilidades e impossibilidades da existência e da compreensão dos outros corpos, finalmente, diz dos outros, bem como das formas de exposição e de silenciamento daqueles sujeitos que, ao romperem com uma lógica dominante, mostram outras formas de ser/de estar no mundo. Ao passo que, em *Men's Health Portugal*, as masculinidades então subordinadas e/ou marginais (CONNELL, 2003) poderiam ser pensadas por uma visão heteronormativa, igualmente, aspectos

como as questões étnicas mostraram-se relevantes. Em *Junior*, por outro lado, os outros, igualmente, referir-se-iam àqueles que rompem com uma vivência e *performance* de gênero masculino que não seja a marcada pela virilidade. A bichinha, então, é um exemplo. As identidades étnicas que não sejam a branca bem como a identidade transgênero podem então ser igualmente percebidas.

Vale ressaltar, entretanto, algo que já foi destacado ao longo do texto. *Junior*, de forma que desto a daquilo que se pode observar em *Men's Health Portugal*, expõe disputas em relação à constituição daquilo que se compreende como corpos válidos. Ao passo que, em seus ensaios fotográficos, majoritariamente, é cúmplice um projeto de masculinidade hegemônica. Em contrapartida, em alguns de seus textos e reportagens, vê-se que outros corpos podem, e devem, importar. Movimento semelhante é perceptível em diferentes falas, de diferentes agentes acessados. Aqui, nesses casos, a fala dos sujeitos entrevistados mostrou-se um dado ainda mais relevante. Ouvi-los e perceber, em seu discurso, ecos daquilo que se manifesta na revista, aliás, constituía-se, também, em um dos objetivos dessa pesquisa.

Compreendidas como dispositivos discursivos das masculinidades, as revistas *Junior e Men's Health Portugal*, mais do que informar, dizem aos seus leitores as formas pelas quais os sujeitos podem viver e formatam os mapas dentro dos quais eles podem se mover (FISCHER, 2002; PRADO, 2009). À medida que delimitam quais corpos pesam e quais vidas importam, elas dizem o que se deve fazer para serem integradas dentro dessa lógica. Bem como aquilo que se deve evitar.

Ao silenciar diferentes possibilidades ou ao mostrá-las sob determinados prismas, as revistas apontam com quem a identificação é desejada e com quem ela deve ser evitada. Diferentes elementos entrecruzam-se, pois, como que em uma receita, para que um ideal de masculinidade se desenhe, se legitime e se espalhe.

Para ser um homem (ou um *gay* que seja englobado por uma lógica heteronormativa e dominante), alguns elementos são essenciais, tal qual se observou. Ser musculoso. Não ser gordo. Não ser muito magro. Ser jo-

vem. Ser viril. Ser um predador sexual. Ser ativo (e aqui não se está falando apenas sobre penetração sexual). Ser ativo. Conquistar. Dominar. Ganhar. Para ser um homem um mínimo de elementos há que se ter. Um mínimo de elementos há que se ser. E, caso não se seja, sempre se está em tempo de dar a volta, de correr atrás do tempo perdido, de buscar ajuda com quem entende do assunto. Comprar. E ler. E olhar. E seguir. E aprender. Para então ser. Para então pesar. Para então viver.

Eu estou viva!

*Tudo isso, essas palavras todas, são um caminho,
Propõem uma rota espiral em direção ao desconhecido,
Porque você provavelmente não entendeu nada do que foi dito
aqui.*

*Mas isso é uma dinâmica de acesso à vida,
Que a gente precisa estar disposto a entrar.
É um mapa que podemos usar para traçar nossa própria
trajetória,
Para se fazer o que bem entender,
Para chegar até mim, até nós.
Porque eu estou viva! Só eu penso e posso decidir se vivo ou
morro!*

*E o amor? Você me pergunta.
O amor está na possibilidade. E eu transito.*

Amar sem temer, viver sem temer.

(David Maurity. Ser: experimento para tempos sombrios.)

POSFÁCIO

Nos últimos anos, recrudescer em várias regiões do planeta uma onda conservadora de tonalidades muito preocupantes. Especialmente no Brasil, essa onda propagada por milícias fascistas destila ódio feroz a toda possibilidade de diferença. Sobretudo no campo dos corpos, das várias possibilidades de gêneros e das múltiplas sexualidades, as ações odiosas atingem de forma atordoante produções estéticas e acadêmicas. Uma das situações mais esdrúxulas dessas movimentações sinistras aconteceu contra a filósofa Judith Butler quando esteve em São Paulo, em novembro de 2017, para participar do seminário *Os fins da democracia*. Redes de intolerância imbecilizante formaram-se por sites de redes sociais com o objetivo de impedir sua presença nesse evento. Como contraponto, uma rede de resistência, cada vez mais necessária e urgente, também formou-se, perplexa, para garantir a integridade e a fala de Butler.

Não por acaso, Judith Butler é uma das referências basilares do trabalho de Felipe Viero Kolinski Machado. Sua complexa pesquisa toca em pontos nevrálgicos das corporeidades masculinas, sufocadas por séculos de contenções heteronormativas. Lançadas em novos regimes de visibilidade, a partir da emergência dos medias, essas corporeidades trazem um conjunto significativo de problematizações em que olhares burilados pelos estudos de gênero e, dentre eles, os advindos dos ambientes teóricos e políticos designados como *queer* são capazes de desconstruir e oferecer, para a produção de conhecimento, possibilidades instigantes de compreensão e de novas potencialidades de ação.

Nesse sentido, o trabalho de Kolinski Machado é exemplar. Utilizando-se de metodologia pautada por movimentos múltiplos, como, também, transversais, as navegações que faz pelas páginas e pelos ambientes de produção das revistas *Júnior* e *Men's Health Portugal* proporcionam uma gama de inferências que nos falam dos caracteres disciplinares, performativos, condicionantes, mercantis e enclausurantes dos corpos masculinos. Ao

mesmo tempo, sua pesquisa também nos diz de determinadas bordas do jornalismo, que não se assume integralmente como tal, mas que, dentro de um mercado editorial, como o das revistas, aciona práticas e enquadramentos que reiteram dispositivos meméticos inoculados nesse campo desde, pelo menos, o século XIX.

A perspectiva adotada por Kolinski Machado lembra-nos de que as linguagens são pontos de passagem entre o corpo e a cultura: quem não dinamiza um, imobiliza o outro. Considero fundamental que, nos processos de produção e semioses, seja sempre instaurada uma crise entre o que se oferece e o que se espera, para que de um vazio instalem-se leituras novas. Pesquisas como essa têm a possibilidade de oferecer-nos exatamente isso. Entrelaçando conceitos, que se energizam pelos dados oriundos do campo, os corpos capturados na investigação revelam-se outros e nos falam das profundas contradições dos momentos contemporâneos: o esvaziamento mercantil de gestos antes transgressores, a visibilidade crescente, mas ainda marginal, dos até então invisibilizados corpos sem peso e a força da performatividade heteronormativa que se contorce.

O livro de Kolinski Machado, por essas e outras razões, além da importante peça acadêmica que significa, é também um gesto político. Necessariamente político: por mais que queiram de forma simplória a dissociação desses campos, essa disjunção é impossível. Ao lançar as questões na forma como são abordadas, o autor produz um documento de defesa daquilo que chamo de semiodiversidade: ela é parte fundamental da resistência que se configura.

Professor Doutor Ronaldo César Henn
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)
Porto Alegre, Brasil

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é um dispositivo?* Outra travessia, n. 5, p. 9-16, 2005.

ALI, Fatima. *A arte de editar revistas*. Companhia Editora Nacional, 2009.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. *Apresentando Spivak*. In. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar*, p. 7-18, Editora UFMG, 2010.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do estado*. Lisboa. Editorial Presença/Martins Fontes. 1970.

AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do. *Representação do corpo masculino: relações de imagem, identidade e cultura sobre o corpo masculino no Jornal Lampião da Esquina e na Revista Junior*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho 2013.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Corpo: novos poemas*. Rio de Janeiro, 1984.

AUSTIN, John Langshaw; *How to Do Things with Words*. The William James Lectures Delivered at Harvard University in 1955. [Edited by James O. Urmson.]. Clarendon Press, 1962.

BARBERO, Jesús Martín. *Oficio de cartógrafo*. Santiago. FCE, 2002.

BAUBÉROT, Arnaud. *Não se nasce viril, torna-se viril*. CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. História da sexualidade: virilidade em crise—séculos XX-XXI. Petrópolis: Vozes, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 3, 1990.

_____. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do livro. 1967.

_____. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do livro. 1970.

BENETTI, Marcia. Revista e jornalismo: conceitos e particularidades. In: TAVARES, Frederico de Mello Brandão; SCHWAAB, Reges. *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre: Penso, p. 44-47, 2013.

BERGER, Christa. *Do jornalismo: toda notícia que couber, o leitor apreciar e o anunciante aprovar, a gente publica*. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell. *O jornal: da forma ao sentido*. 3. ed. Brasília: Universidade de Brasília, p. 273-283, 2012.

BERLANT, Laurent; WARNER, Michael. Sexo em Público. In: Jiménez, Rafael M. M (editor) *Sexualidades Transgressoras*. Barcelona, Içaria, p. 229-257, 2002.

BOAS, Franz. *Antropologia cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya. *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRITZMAN, Deborah. *O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo*. Educação & Realidade, v. 21, n. 1, p. 71-96, 1996.

BUITONI, Dulcilia Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

_____. Revista e segmentação: dividir para reunir. In: TAVARES, Frederico de Mello Brandão; SCHWAAB, Reges. *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre: Penso, p. 107-118, 2013.

BUTLER, Judith. *Bodies that matter: On the discourse limits of sex*. New York and London: Routledge, 1993.

_____. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 151-172, 2000.

_____. *Los problemas del sujeto*. Helder Editorial, 2016.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. São Paulo: Editora Record, 2012.

_____. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CAPUTO, Stela Guedes. *Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências*. Vozes, 2006.

CASTELLANO, Mayka. *Cultura da autoajuda: o “surto do aconselhamento” e a bioascese na mídia*. In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-Compós, Brasília, v.15, n.1, jan./abr. 2012. p. 1-13.

COLLING, Leandro. *Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer*. EDFUBA, 2015.

CONNEL, Robert W. *Masculinidades*. Universidad Nacional Autónoma de México, Coordinación de Humanidades, Programa Universitario de Estudios de Género, 2003.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: Versos, 2015.

CONNELL, Raewyn. *Gênero em termos reais*. São Paulo: Versos, 2016.

CONNELL, Robert W; MESSERSCHMIDT, James W. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 424, p. 241-282, janeiro-abril/2013.

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*, v. 20, n 2. Porto Alegre, jul./dez. 1995.

CORBIN, Alain. *A influência da religião*. CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. História do corpo: da revolução à grande guerra. Petrópolis: Vozes, v. 2, p. 57-100, 2008.

COSTA, Jurandir Freire. *Notas sobre a cultura somática*. In: *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, p. 203-242, 2005.

COURTINE, Jean-Jacques. *Os stakhanovistas do narcisismo: body-bulding e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo*.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

_____. *Robustez na cultura: mito viril e potência muscular*. CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. História da virilidade, v. 3, p. 554-577, 2013.

COUTO, Edvaldo Souza. *Corpos voláteis, corpos perfeitos: estudos sobre estéticas, pedagogias e políticas do pós-humano*. Salvador: EDUFBA, 2012.

DA MATTA, Roberto. *O ofício do etnólogo ou como ter anthropological blues*. Publicações do Programa de Antropologia Social do Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1974.

DARTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Boitempo Editorial, 2016.

DE LAURETIS, Teresa. *Queer theory: Lesbian and gay sexualities*. Indiana University Press, 1991.

DE MORAES, Dênis. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. *Revista Debates*, v. 4, n. 1, p. 54, 2010.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. Edusp, 1999.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*, São Paulo: Ed. 34, 2010.

DOS SANTOS, Filipe Bordinhão; DE OLIVEIRA, Milena Carvalho Bezerra Freire. *Masculinidade (em) revista: apropriações, negociações e resistências entre leitores da Men's Health*. *Verso e Reverso*, v. 26, n. 61, p. 34-45, 2012.

DUARTE, Josimar Faria. Representações dos corpos masculinos na revista Men's Health. *Ciências Sociais Unisinos*, v. 48, n. 3, p. 235-247, 2012.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa* (tradução de Paulo Neves). São Paulo: Martins Fontes. 1996.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FEITOSA, Ricardo Augusto de Sabóia. *Linhas e entrelinhas: homossexualidades, categorias e políticas sexuais e de gênero nos discursos da imprensa gay brasileira*. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2014.

FERREIRA, Thiago Filipe. *Cabral segue sua nau: as representações da homossexualidade masculina luso-brasileira nas revistas Junior e Com'Out*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho. 2014.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *O dispositivo pedagógico da mídia: modos de se educar na (e pela) TV*. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

FONE, Byrne. *Homophobia: A history*. Macmillan, 2000.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1984.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2011.

_____. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. Márcio Alves da Fonseca. Salma Tannus Muchail. 2006.

_____. *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Tradução de Irley Franco. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

_____. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2015.

_____. *Vigiar e punir*. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GARCÍA, David Córdoba. *Teoría queer: reflexiones sobre sexo, sexualidad e identidad. Hacia una politización de la sexualidad*. In: CÓRDOBA, David; SÁEZ, Javier; VIDARTE, Paco. *Teoría queer. Políticas bolleras, maricas, trans, mestizas*. Madrid. Editorial Egales, p. 21-66, 2005.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GÉLIS, Jacques. *O corpo, a Igreja e o sagrado*. CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do Corpo*, v. 1, p. 19-130, 2008.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 2004.

GRUPO GAY DA BAHIA (GGB). *Assassinato de homossexuais (LGBT) no Brasil: relatório 2016*. Salvador, 2017. Disponível em: <https://grupogay-dabahia.com.br> Acesso em: 30 jan. 2017.

HALBERSTAM, Judith. *Masculinidad femenina*. Egales, 2008.

HALL, Stuart. *Quem precisa da identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103 – 133.

HALPERIN, David. *San Foucault: para una hagiografía gay*. El cuenco de Plata, 2007.

HARAWAY, Donna. *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. *Antropologia do ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 33-118, 2009.

HOCQUENGHEM, Guy. *El deseo homosexual*. Melusina, 2009.

HOOKS, Bell. *Feminism is for everybody: Passionate politics*. Pluto Press, 2000.

_____. Intelectuais Negras. *Estudos Feministas*, p. 464-478, 1995.

JANUÁRIO, Soraya Maria Bernardino Barreto. *As masculinidades contemporâneas e a sua representação nos media: as revistas de estilo de vida masculina Men's Health com edição em Portugal e no Brasil*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, Universidade Nova de Lisboa, 2009.

KIMMEL, Michael S. *A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas*. *Horizontes antropológicos*, v. 4, n. 9, p. 103-117, 1998.

KOLINSKI MACHADO, Felipe Viero. *Entre o público e o privado: dos sentidos historicamente movimentados e construídos por Veja sobre a velhice*. Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, RS, 2013.

KRISTEVA, Julia. *Powers of horror*. New York: Columbia University Press, 1982.

KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LAGO, Claudia. Antropologia e Jornalismo: uma questão de método. In LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. (Org.) *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, p. 48-66, 2008.

LANDOWSKI, Eric. *A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: EDUC/ Pontes, 1992.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a*

Freud. Tradução de Vera Whately – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. *Adeus ao corpo: Antropologia e Sociologia*. 2003.

_____. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. *Síndrome de Frankenstein*. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

LEENHARDT, Maurice et al. *Do Kamo: la persona y el mito en el mundo melanesio*. Paidós, 1997.

LEMELLE JR, Anthony J. *Black masculinity and sexual politics*. Routledge, 2010.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. *Velhice na contemporaneidade*. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers. *Família e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 13-23, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri, SP: Manole, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. *Pedagogias da sexualidade* In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 7-34, 2000.

_____. *Um corpo estranho*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria *queer* como políticas de conhecimento. *Labrys*, estudos feministas, n. 6, p. 23-28, 2004.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do pacífico ocidental*. São Paulo: Abril, 1978.

_____. *Um diário no sentido estrito do termo*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MALUF, Sônia Weidner. *Corporalidade e desejo: tudo sobre minha mãe e o gênero na margem*. Estudos Feministas, v. 143, p. 1, 2002.

MAROCCO, Beatriz. *O jornalista e a prática: entrevistas*. Unisinos, 2012A.

_____. *Entrevista na prática jornalística e na pesquisa*. Porto Alegre: Libretos, 2012B.

MCINTOSH, Mary. *The homosexual role*. Social problems, v. 16, n. 2, p. 182-192, 1968.

MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento em três sociedades primitivas*. Autêntica, 2000.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 2008.

MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. *Body on Track*. Mimeo. 2016.

_____. *E o verbo se fez homem: corpo e mídia*. 1. ed. São Paulo: Intermeios. Casa de artes e livros, 2012.

MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d'Água/ Fapesp, 2001.

MISKOLCI, Richard. *A teoria queer e a questão das diferenças: por uma analítica da normalização*. In: 16 Congresso de Leitura do Brasil, Campinas, 2007.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. *Aquele não mais obscuro negócio do desejo*. In: PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, p. 9-32, 2008.

MISKOLCI, Richard. *Machos e brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line*. Estudos Feministas, p. 301-324, 2013.

_____. *Reflexões sobre a revista Junior*. Página online do Queres – Núcleo de Pesquisa em Diferenças, Gênero e Sexualidade, 2010. Disponível em: <http://www.ufscar.br/cis/2010/06/reflexoe-queer-sobre-a-revista-junior/>. Acesso em 03/03/2015.

_____. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

MOORE, Henrietta. *Compreendendo sexo e gênero*. Tradução de Júlio Assis Simões, exclusivamente para uso didático. 1997.

MORAES, Fabiana. *O nascimento de Joicy*. Transexualidade, jornalismo e os limites entre, 2015.

MORIN, Edgar. *Cultura de massa do século XX: o espírito do tempo - volume 1: neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1997.

_____. *Sociologia*. Madrid: Tecnos, 2000.

MOSSE, George L. *La imagen del hombre*. La creación de la moderna masculinidad, 2000.

NERY, João W. *Viagem solitária*: memórias de um transexual trinta anos depois. Rio de Janeiro: Leya, 2011.

NICHOLSON, Linda. Interpretando gênero. In: *Estudos Feministas*. Estudos Feministas, Florianópolis, 8(2), p. 9-41, 2000.

NOLASCO, Sócrates Alvares. *O mito da masculinidade*. Rocco, 1993.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio*: no movimento dos sentidos, 2007.

ORTEGA, Francisco. *O corpo incerto*. Editora Garamond, 2008.

PELÚCIO, Larissa. “No salto”: Trilhas e percalços de uma etnografia entre travestis que se prostituem. In: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya. *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, p. 93-124, 2007.

PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos *queer* no Brasil? In: *Revista Periodicus*. Ed. 01, 2014.

PÉREZ NAVARRO, Pablo. *Del texto al sexo*. Judith Butler y la performatividad, 2008.

PERLONGHER, Néstor. *O que é AIDS?* Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

_____. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2008.

PRADO, José Luiz Aidar. *Experiência e receituário performativo na mídia impressa*. In: InTexto. Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 20, p. 34-47, 2009.

PRECIADO, Beatriz. *Terror anal*. In: HOCQUENGHEM, Guy. *El deseo homosexual*. Madri: Melusina, p. 133-174, 2009.

_____. *Testo Yonqui: sexo, drogas e biopolítica*. Madrid: Espasa-Calpe, 2008.

_____. *Manifesto Contrassexual*. São Paulo: N-1 Edições, 2014

RAVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Trad. Maria do Rosário Gregolin, 2005.

RICH, A. *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*. Bagoas Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, p. 17-44, 2010.

RIOS, Roger Raupp. *As uniões homossexuais e a “família homoafetiva”*: o direito de família como instrumento de adaptação e conservadorismo ou a possibilidade de sua transformação e inovação. *Civilística* a. 2. n. 2. p. 1-21, 2013.

RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres. Notas sobre a “Economia Política” do sexo*. Tradução de Christine Rufino Dabat. Recife: SOS Corpo, 1993.

_____. *Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade*. *Cadernos Pagu*, p. 01-88, 2003.

RUBIN, Henry. *Self-made men: Identity and embodiment among transsexual men*. Vanderbilt University Press, 2003.

SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. *Por el culo*. *Políticas anales*, 2014.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SARTRE, Jean Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 2011.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto, 2008.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: *Educação & realidade*, v. 20, n. 2 (jul./dez.). Porto Alegre, p. 71-99, 1995.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. In: *Cadernos Pagu*. Tradução de Plínio Dentzien. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, p. 19-54, 2007.

SEFFNER, Fernando. *Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual*. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2003.

SEIXAS, Rebeca Bruno da Silva. “*Seja homem!*”: construção de masculinidade na revista Men’s Health Brasil. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Santa Maria, RS, 2012.

SHELLEY, Mary. W. Frankenstein / STOCKER, Bram. Drácula / STEVENSON, R. L. O médico e o monstro. Trad. Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

SIBILIA, Paula. O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo -imagem contemporâneo. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, Brasil, v. 1, n. 25, p. 68-84, 2006. Disponível em <http://200.144.189.42/ojs/index.php/famecos/article/view/404/332>. Acessado em 30 jan. 2017.

SILVA, Juremir Machado da. *Apresentação-Vazio e comunicação na era "pós-tudo"*. LIPOVETSKY, G. A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Trad. Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri, SP: Manole. p. IX-XIV, 2005.

SILVA, Marcia Veiga da. *Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção de notícias*. Série Jornalismo a rigor. v.8. Florianópolis: Insular, 2014.

SILVA, Tomas Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 73-102, 2000.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Editora UFMG, 2010.

STAPLES, Robert. *Black masculinity: The Black male's role in American society*. Black Scholar Press, 1982.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão; SCHWAAB, Reges. *Revista e Comunicação: percursos, lógicas e circuitos*. In: TAVARES, Frederico de Mello Brandão; SCHWAAB, Reges. *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre: Penso, p. 27-43, 2013.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAVANCAS, Isabel. *Fazendo etnografia no mundo da comunicação*. In BARROS, A. e DUARTE, J. (orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, p. 98-109, 2006.

_____. *A entrevista no jornalismo e na antropologia: pesquisando jornalistas*. In: MAROCCO, Beatriz. Entrevista: na prática jornalística e na pesquisa. Porto Alegre: Libretos, p. 15-30, 2012.

TUCHMAN, Gaye. *La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad*. Barcelona: Gili, 1983.

VALANTASIS, Richard. *Constructions of Power in Asceticism*. Journal of the American Academy of Religion, v. 63, n. 4, p. 775-821, 1995.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal*. In: Anuário Antropológico, p. 161-190, 1995A
_____, Miguel. *Senhores de si. Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995B.

VESCESLAU, Pedro. *O (super) mercado gay*. São Paulo, Revista Imprensa, n.237, 2007.

VENCATO, Anna Paula. *“Fervendo com as drags”*: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, SC, 2002.

VIGARELLO, Georges. *As metamorfoses do gordo: história da obesidade no Ocidente; da Idade Média ao século XX*. Editora Vozes, 2012.

VIZEU JR, Alfredo. *Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo*. Edipucrs, 2014.

WARNER, Michael (editor). *Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory*. Minneapolis/London, University of Minnesota Press, 1991.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOPES, Guacira (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 35-82, 2000.

WELZER-LANG, Daniel. *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*. Revista Estudos Feministas, 2001.

WESTPHAL, Carl. “*Contrary Sexual Feeling*”. In: *Archiv für Psychiatrie und Nervenkrankheiten*, vol. 2, Berlin, 1870. Disponível em: <http://www.well.com/~aquarius/westphal.htm> Acesso em 03/03/2015.

WITTIG, Monique. *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*, Egales, Barcelona, 2010.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Editora Presença. 1999.

ZELIZER, Barbie. *Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa*. Revista de Comunicação e Linguagens, v. 27, p. 33-61, 2000.

APÊNDICE – *CORPUS* DE REFERÊNCIA

ALVES, Irving. Entrevista concedida ao pesquisador. São Paulo, 2014.

ALVES, Irving. Muito macho. Junior. São Paulo. Editora Mix Brasil. Ano 03, n. 15, p. 58-61, 2010.

ÂNGELO, Vitor. Fundamento pão-com-ovo. Junior. São Paulo Editora Sapucaia. Ano 01, n. 02, p. 98-101, 2007.

BARRADAS, Miguel Ângelo. Entrevista concedida ao pesquisador. Lisboa, 2015.

BRAÇO FORTE. Junior. São Paulo. Editora Mix Brasil. Ano 06, n. 46, p. 24-33, 2012.

CLARO, Gonçalo. Entrevista concedida ao pesquisador. Lisboa, 2016.

COELHO, Luis. Sabujos e farejadores. Men's Health Portugal. Editora Motorpress. Ano 14, n.173, p. 42-43, 2015 A.

COELHO, Luis. Gentleman. Men's Health Portugal. Editora Motorpress. Ano 14, n.166, p. 64-65, 2015 B.

COELHO, Luis. Declaração particular dos direitos do homem. Men's Health Portugal. Editora Motorpress. Ano 14, n.172, p. 54-55, 2015 C.

COELHO, Luis. Gatinhas de companhia. Men's Health Portugal. Editora Motorpress. Ano 15, n.176, p. 38, 2016 A.

COELHO, Luis. Mariquinhas pé de salsa. Men's Health Portugal. Editora Motorpress. Ano 15, n.177, p. 62-63, 2016 B.

COMA a gordura. Men's Health Portugal. Editora Motorpress. Ano 14, n.169, p.124, 2015.

CUIDE-SE como um homem. Men's Health Portugal. Editora Motorpress. Ano 14, n.168, p. 4, 2015.

DIAS, Felipe; OLIVEIRA, Eduardo; ALVES, Irving. No banheiro dos estádios. Junior. São Paulo. Editora Mix Brasil. Ano 05, n. 42, p. 46-48, 2012.

DINIS, Miguel. Entrevista concedida ao pesquisador. Lisboa, 2015.

DÓRIA, ANA. #EuSouMH. Men's Health Portugal. Editora Motorpress. Ano 14, n.169, p. 98-103, 2015.

DÓRIA, ANA. Entrevista concedida ao pesquisador. Lisboa, 2016.

EQUAÇÃO perfeita. Men's Health Portugal. Editora Motorpress. Ano 14, n.174, p. 110-111, 2015.

FALCÃO, Felype. Cedo demais. Junior. São Paulo. Editora Mix Brasil. Ano 05, n. 44, p. 42-44, 2012.

FALCÃO, Felype. Agora o 122 vai. Junior. São Paulo. Editora Mix Brasil. Ano 06, n. 49, p. 62, 2013.

FALCÃO, Felype. Entrevista concedida ao pesquisador. São Paulo, 2014.

FERNANDES, Pedro. Entrevista concedida ao pesquisador. Lisboa, 2016.

FILHO, Hélio. Entrevista concedida ao pesquisador. São Paulo, 2014.

FILHO, Hélio. Tá bombando. São Paulo. Editora Mix Brasil. Ano 03, n. 13, p. 86-87, 2009.

FILHO, Hélio; DIAS, Felipe; COUTINHO, Genilson. Bichas do mato. Junior. São Paulo. Editora Mix Brasil. Ano 05, n. 40, p. 46-47, 2012.

FILHO, Hélio; OLIVEIRA, Nelson; ALVES, Irving. Quanto vale. Junior. São Paulo. Editora Mix Brasil. Ano 03, n. 18, p. 54-57, 2010.

FISCHER, André. Chegou a hora. Junior. São Paulo. Editora Sapucaia. Ano 01, n. 01, p. 11, 2007.

FISCHER, André. De cara lavada. Junior. São Paulo. Editora Mix Brasil. Ano 06, n. 46, p. 20-23, 2012 B.

FISCHER, André. Quase um mea culpa. Ou não. Junior. São Paulo. Editora Mix Brasil. Ano 07, n. 49, p. 6, 2013.

FISCHER, André. Sempre em frente. Junior. São Paulo. Editora Mix Brasil. Ano 06, n. 46, p. 6, 2012 A.

FRAGOSO, Igor. Entrevista concedida ao pesquisador. Lisboa, 2015.

GAMA, Nuno. Entrevista concedida ao pesquisador. Lisboa, 2015.

GAUDÊNCIO, Hugo. Entrevista concedida ao pesquisador. Lisboa, 2015.

GERVÁSIO, Elsa. Entrevista concedida ao pesquisador. Lisboa, 2015.

GONÇALVES, Gean. Entrevista concedida ao pesquisador. São Paulo, 2014.

GONÇALVES, Gean. Woof Boy. Junior. São Paulo. Editora Mix Brasil. Ano 06, n. 43, p. 58, 2012.

GONÇALVES, Gean. Parada Trans. Junior. São Paulo. Editora Mix Brasil. Ano 07, n. 60, p. 40-41, 2014.

ICASSATTI, Miguel. Entrevista concedida ao pesquisador. São Paulo, 2014.

LOUREIRO, Sofia. Entrevista concedida ao pesquisador. Lisboa, 2016.

LOPES, Sofia. 21 segredos para sua verdadeira satisfação. Men's Health Portugal. Editora Motorpress. Ano 15, n. 177, p. 91-97, 2016.

LUCAS, Gabriel. Entrevista concedida ao pesquisador. São Paulo, 2014.

LUCAS, Pedro. #Geração Saúde. Men's Health Portugal. Editora Motorpress. Ano 14, n. 171, p. 10, 2015 B.

LUCAS, Pedro. Chega de Desculpas. Men's Health Portugal. Editora Motorpress. Ano 14, n. 166, p. 10-10, 2015 A.

LUCAS, Pedro. Entrevista concedida ao pesquisador. Lisboa, 2015.

LUCAS, Pedro. Sucesso (IN)Esperado. Men's Health Portugal. Editora Motorpress. Ano 15, n. 178, p. 67-68, 2016.

LUCAS, Pedro. Você sem barriga. Men's Health Portugal. Editora Motorpress. Ano 14, n. 168, p. 62-65, 2015 C.

LUCON, Neto. Quem tem medo de travesti? Júnior. São Paulo. Editora Mix Brasil. Ano 06, n. 46, p. 34-38, 2012.

LUCON, Neto. Dieta Popeye. Júnior. São Paulo. Editora Mix Brasil. Ano 03, n. 12, 2010.

MEDIA KIT Men's Health Portugal. p. 68-69, 2010.

MEDIA KIT Men's Health. 2016. Disponível em: https://menshealthmediakit.s3.amazonaws.com/MH_MEDIA%20KIT_103116.pdf Acesso em 31/01/2017. s/p.

MÚSCULOS vs volume. Men's Health Portugal. Editora Motorpress. Ano 14, n. 174, p. 125, 2015.

NETO, Nelson. Bela da Tarde. Júnior. São Paulo. Editora Mix Brasil. Ano 07, n. 54, p. 40-41, 2013 B.

NETO, Nelson. Entrevista concedida ao pesquisador. São Paulo, 2014.

NETO, Nelson. Política fora do armário. Júnior. São Paulo. Editora Mix Brasil. Ano 07, n. 62, p. 34-36, 2014 B.

NETO, Nelson. Quem é viado pode subir. Júnior. São Paulo. Editora Mix Brasil. Ano 07, n. 62, p. 28-31, 2014 C.

NETO, Nelson. Primeiro Fetiche. Júnior. São Paulo. Editora Mix Brasil. Ano 07, n. 55, p. 50-51, 2013 A.

OLIVEIRA, Carlos. Entrevista concedida ao pesquisador. Lisboa, 2015.

PARREIRA, João. Entrevista concedida ao pesquisador. Lisboa, 2016.

PARREIRA, João. Melhor que nunca. Men's Health Portugal. Editora Motor Press. Ano 12, ed. 147, p. 90-93, 2013.

PARREIRA, João. Casar ou não casar? Men's Health Portugal. Editora Motor Press. Ano 14, ed. 166, p. 94-97, 2015 A.

PARREIRA, João. Escolha sua aventura. Men's Health Portugal. Editora Motor Press. Ano 14, ed. 172, p. 62-65, 2015 B.

RAMINHOS, António. Entrevista concedida ao pesquisador. Lisboa, 2016.

SIEGL, Stefan. Músculos à mão de semear. Men's Health Portugal. Editora Motorpress. Ano 15, n. 175, p. 76-82, 2016.

SILVA, Hélio; SIMONETTI, Paulo. À margem da margem. São Paulo. Editora Mix Brasil. Ano 02, n. 06, p. 38-43, 2008.

SOARES, Guilherme. Em busca do tanquinho. Junior. São Paulo. Editora Mix Brasil. Ano 02, n. 10, p. 104-107, 2008.

TEIXEIRA, Beatriz. 25 formas de salvar seu casamento. Men's Health Portugal. Editora Motorpress. Ano 15, n. 175, p. 96-103, 2016.

TEIXEIRA, Beatriz; JUZWIAK, Rich. 6 coisas a não dizer ao seu amigo gay. Men's Health Portugal. Editora Motorpress. Ano 14, n. 172, p. 56, 2015.

TREINE como um super-herói. Men's Health Portugal. Editora Motorpress. Ano 14, n. 170, p. 54-55, 2015.

VARZIM, Tiago. Entrevista concedida ao pesquisador. Lisboa, 2016.

SOBRE O AUTOR

Felipe Viero Kolinski Machado é bolsista de Pós-Doutorado (PDJ/CNPq) junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais e Professor Substituto do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. É jornalista pela Universidade Federal de Santa Maria e Mestre e Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Realizou estágio doutoral (bolsa Capes PDSE) junto ao Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), em Lisboa, Portugal. Em suas pesquisas, interessa-se, principalmente, pela mobilização e pela produção de sentidos sobre geração, gênero e sexualidade nas mídias e no jornalismo.

Este livro foi desenvolvido com as fontes *Berkeley Oldstyle*
e *Pill Gothic*, conforme Projeto Gráfico aprovado pela
Diretoria da Editora UFOP em 2014.



VER OS HOMENS

Quando falamos de gênero, muitos associam, de imediato, a questões em torno do tornar-se mulher. Pouco e quase nada é dito sobre o tornar-se homem e os processos de construção da masculinidade. Com foco nestas duas revistas - uma brasileira, voltada para o público *gay*, e outra portuguesa, destinada ao público heterossexual, este livro de Felipe Viero Kolinski Machado traz uma pesquisa e um conjunto de reflexões que alcançam variadas formas de masculinidade e do ser homem. Um movimento provocativo de olhar a masculinidade permite ao pesquisador abrir uma diversidade de questões e dimensões que se encontram ou naturalizadas no cotidiano ou deixadas à espera no mundo acadêmico. Em seu percurso, este livro discute temas como corpo, identidades, imagem, prazer, violência e hierarquias que surpreendem pela amplitude de sua abordagem e pelo respeito à complexidade que envolvem. De quebra, traz à reflexão aspectos importantes do que aproxima, diferencia e faz dialogar as realidades brasileira e portuguesa.

Bruno Souza Leal

Junior e Men'sHealth PORTUGAL

Perceber que sentidos sobre masculinidades se constituem em *Junior* e em *MH Portugal*, tendo em vista o discurso dos agentes envolvidos em sua produção, os instantes então acompanhados e o produto final veiculado, é o objetivo central da pesquisa contada neste livro. O trabalho é inspirado nos referenciais teóricos e metodológicos de pesquisas etnográficas, bem como em textos científicos/políticos dos estudos de gênero, de sexualidade e da teoria *queer* e, ao final, representa, justamente pelos modos como se dá e pelas conclusões às quais chega, uma importante fonte para que se pense como, ao constituir-se em jornalismo, o discurso analisado corrobora para que determinados corpos e vidas possam ou não importar.

